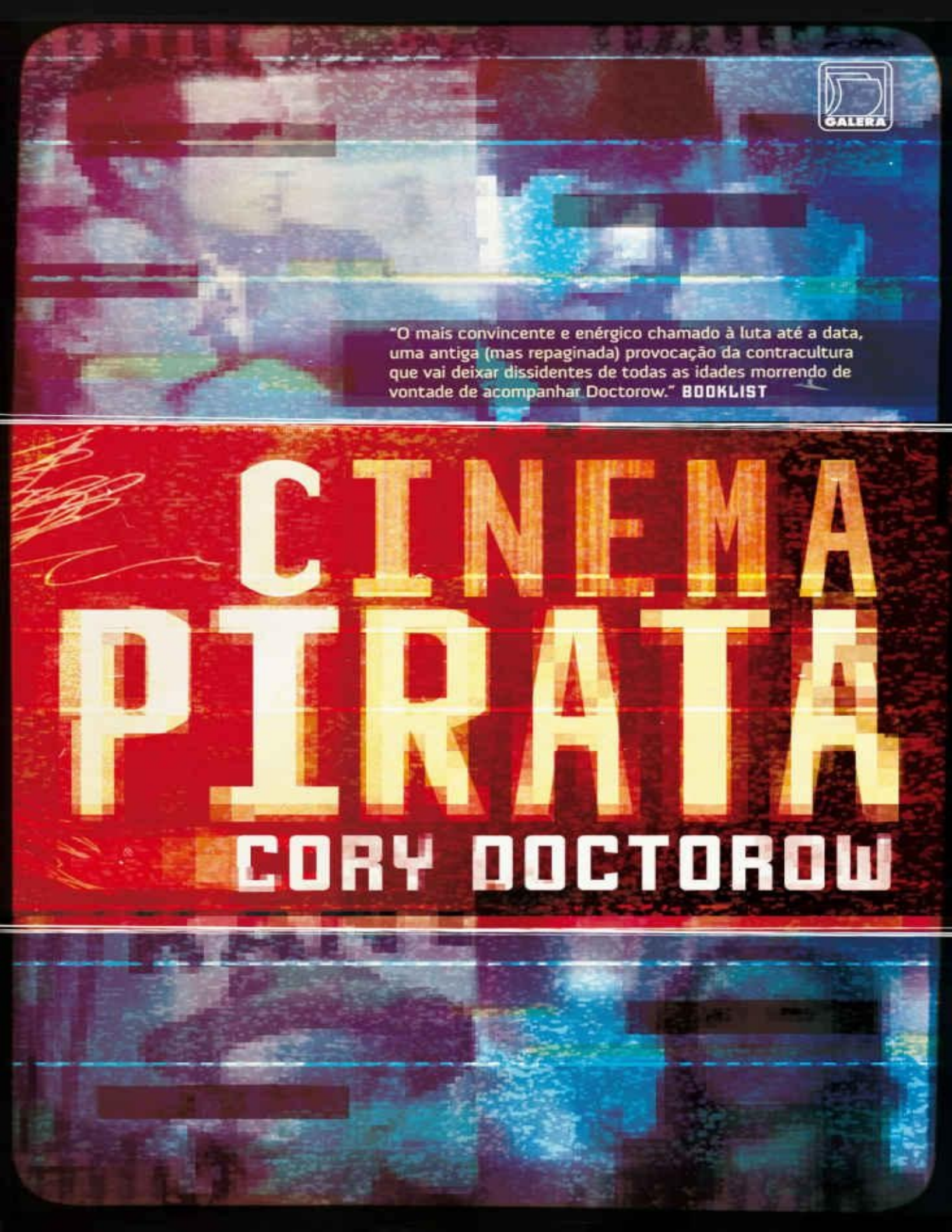

GALERA
"O mais convincente e enérgico chamado à luta até a data, uma antiga (mas repaginada) provocação da contracultura que vai deixar dissidentes de todas as idades morrendo de vontade de acompanhar Doctorow." BOOKLIST
CINEMA PIRATA
CORY DOCTOROW

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***Epubr.club*** e baixar livros exclusivos neste link.



OBRAS DO AUTOR PUBLICADAS PELA GALERA RECORD

Pequeno irmão
Cinema pirata

CINEMA PIRATA

CORY DOCTOROW

1ª edição

Tradução de
Mariana Kohnert

GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2012

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Doctorow, Cory
D666c
Cinema pirata [recurso eletrônico] / Cory Doctorow ; tradução Mariana Kohnert.- 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2013.
recurso digital : il.
Tradução de: Pirate Cinema
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-01-40520-3 (recurso eletrônico)
1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Kohnert, Mariana. II. Título.
13-02441

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:
Pirate Cinema

Copyright © 2012 CorDoc-Co, Ltd

Publicado mediante acordo com autor, c/o BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, New York, U.S.A.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Editoração eletrônica: Abreu's System

Design de capa: Igor Campos

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-40520-3

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos

e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Agradecimentos

A inspiração inicial para este livro veio do movimento Cinema Pirata de verdade, por todo o mundo, e agradeço a eles, muito sinceramente, por me deixarem cortar, mixar e gravar seu mundo real extraordinário. Agradeço também a Jamie King, do Vodo.com, o cara para quem corri em busca de ajuda com as partes sobre ocupação. Simon Bradshaw foi indispensável em relação aos direitos legais. Sarah Hodgson foi de enorme ajuda com os assuntos nortistas, e Jo Roach foi o melhor de todos os tempos no que diz respeito a melhorar meu dialeto. Como sempre, minha mãe, Roz Doctorow, foi uma revisora e subeditora estelar — queria apenas ter herdado mais da aptidão dela para detalhes.

Obrigado ao Reino Unido, minha pátria adotiva, por ter me tornado um Britânico Oficial em 2011. Obrigado aos parlamentares que se opuseram à terrível Lei de Economia Digital, principalmente o infatigável Tom Watson, que desafiou a pauta de importância máxima do *whip* do Partido dos Trabalhadores. Um obrigado às avessas para os puxa-sacos de corporativistas no Parlamento e para os Lordes cuja covardia e corrupção inspiraram este livro. Vocês sabem quem são, assim como o resto de nós. Não esqueceremos também. Apostar contra a internet no século XXI é

estupidez criminal, e vou me certificar pessoalmente de que essa gigantesca falha profissional persiga o que restar de suas carreiras políticas para sempre.

Obrigado aos opositores de leis de direitos autorais que protestaram tão brilhantemente contra SOPA, PIPA e ACTA em 2012 e fizeram com que eu sentisse, por um momento, como se parte de meu livro estivesse se tornando realidade.

Finalmente, obrigado, como sempre, aos meus britânicos preferidos: minha esposa, Alice, e minha filha, Poesy, que aturaram todo tipo de mau comportamento até que este livro estivesse terminado.

Prólogo:

Uma estrela conhece o verdadeiro amor/Uma batida à porta/Uma família arruinada/Na estrada/Sozinho

Jamais esquecerei o dia em que minha família foi expulsa da internet. Eu estava escondido no quarto, como costumava ficar depois das aulas, enterrado em um laptop de terceira mão que comprei, cuja saúde restaurei com peças de um lugar e outro e muito xingamento e suor.

Mas, naquele dia, meu pequeno laptop estava murmurando, e eu estava murmurando com ele, porque estava prestes a tirar a virgindade de Seth Watson.

Você conhece Seth Watson, é claro. Ele está na televisão e no cinema desde que minha mãe era menina, e naquela época ele estava morto havia um ano. Mas, morto ou não, eu ainda tiraria a virgindade do pobrezinho do Sethy e usaria Monalisa Fiore-Oglethorpe para fazer isso.

Você provavelmente não sabe que Seth e Monalisa fizeram uma cena de amor juntos, ou sabia? Foi há mais de cinquenta anos, quando os dois arrancavam suspiros de adolescentes e coestrelaram um filme genuinamente horrível, que foi direto para a web, chamado *Sem esperança*, sobre um casal de jovens caretas que se apaixonam apesar da diferença de classe entre os dois. Era um dramalhão; e os coadjuvantes nos papéis de

pai, mãe, melhor amigo, pastor, professor, etc. foram tão pouco memoráveis que provavelmente poderiam ser usados como tratamento para apagar lembranças traumáticas.

Mas Seth e Monalisa, os dois tinham *química* (e, para dizer a verdade, Monalisa tinha *geografia* também — montanhas e vales e tal). Eles se provocavam do jeito que apenas adolescentes conseguem fazer, transbordando hormônios e ansiando para colocar as partes recém-cobertas de pelos em ação. Adultos gostam de fingir que sexo é algo que começa aos 18 anos, mas Romeu e Julieta tinham, tipo, *13* anos.

E eis outro fato sobre Seth e Monalisa: os dois usavam dublês de corpo para outros papéis naquela época (Seth não queria mostrar o pau em uma produção em 3D da peça *Equus* enquanto Monalisa tinha paranoia com as espinhas nas costas e exigiu um dublê para o papel em *Encrenca de biquíni em Little Blackpool*). Esses dublês de corpo — Dan Cohen e Alana Dinova — estrelaram outro filme, ainda mais idiota do que *Encrenca de biquíni*, chamado *Calor de verão*. E em *Calor de verão* eles colocaram as partes cabeludas em uma ação *séria*.

Eu sabia da situação *Sem esperança*/*Equus*/*Encrenca de biquíni*/*Calor de verão* fazia, tipo, um ano e sempre achei que seria divertido editar uma cenazinha criativa de perda de virgindade entre Seth e Monalisa, visto que os dois estavam obviamente ansiosos por isso naquela época (e, quem sabe, talvez tenham escapado dos tutores para um breve rala e rola em um trailer vazio!).

Mas o que me motivou foi a descoberta acidental de que Seth e Monalisa fizeram outro trabalho juntos, dez anos antes, quando tinham *6 anos* — um comercial para um bufê de festas de aniversário no qual correm um atrás do outro em um quintal de subúrbio com armas de água, os rostos cobertos de bolo e sorvete. Achei esse vídeo lindo, lindo em um *tracker* de *torrent* de algum lugar da Europa Oriental (o Google Tradutor disse que estava escrito em ucraniano, mas ele também não conseguiu

traduzir metade das palavras, então, quem sabe?).

Foi esse pedaço de comercial que me inspirou a decupar a cena. Veja bem, agora eu tinha o ingrediente perdido, a coisa que transformava minha mixagem de algo chato e óbvio em algo *comovente* de verdade — um flashback para tempos mais felizes e despreocupados, antes que todas as partes cabeludas ficassem cabeludas, antes que a provocação começasse de verdade etc. e tal. O fato de a filmagem do comercial estar em resolução muito, muito, muito mais baixa do que o resto dos vídeos a tornava *melhor*, pois pareceria vinda de uma época mais antiga, uma sensação de vídeo caseiro com a câmera trêmula que eu acrescentei usando um aplicativo de efeitos visuais que encontrei em outro site duvidoso da Europa Oriental. Adoro esses europeus orientais!

Então, lá estava eu, no meu quarto/armário de vassouras, os fones de ouvido atochados para abafar os latidos dos cachorros do apartamento dos Albertson, ao lado, os punhos doendo devido ao exercício épico com o mouse, avisos de dever de casa se acumulando ao redor das bordas da tela, quando a Batida surgiu à porta.

Era definitivamente uma Batida com "b" maiúsculo, o tipo de batida que o sonoplasta cria para policiais, com muita reverberação ameaçadora que se interrompe de repente: bang, bang, bang. O estampido da autoridade sobre duas pernas. Chegou até a penetrar os fones de ouvido, estremeceram até minhas bolas, com a premonição de algo terrível prestes a acontecer. Deslizei os fones para o pescoço, digitei o botão do pânico, o combo de senhas que colocava meu laptop em trava paranoica, desconectava os drives criptografados e reiniciava a máquina para um sistema operacional limpo, o qual continha um monte de deveres de casa plausíveis e algumas mensagens inocentes para meus amigos (todas geradas de modo aleatório).

Então fui de fininho até o corredor e esgueirei a cabeça pelo canto enquanto minha mãe atendia à porta.

— Posso ajudá-lo?

— Sra. McCauley?

— Sim?

— Sou Lawrence Foxton, Agente de Apoio à Polícia na Comunidade deste condomínio. Acho que não nos conhecemos antes, ou já?

Agente de Apoio à Polícia na Comunidade: um falso tira. Um policial voluntário que pode exercer um poder ínfimo e ridículo sobre os vizinhos, dando ordens, fazendo cumprir toques de recolher, arrastando você para que seja punido pelos policiais de verdade caso se recuse a obedecê-lo. *Eu* conhecia Larry Foxton, porque havia escapado de suas garras inúmeras vezes, disparando do parquinho deserto com meus amigos antes que conseguisse nos alcançar, ofegante, debaixo do colete à prova de faca e o cinto pesado carregado com *taser*, spray de pimenta e algemas de plástico.

— Acho que não, senhor Foxton. — Mamãe usava o tom de voz rigoroso que costumava usar quando pensava que Cora e eu a estávamos enganando, uma voz desprovida de *nonsense* que exigia que você fosse direto ao ponto.

— Bem, sinto muito por nos conhecermos sob estas circunstâncias. Estou aqui para notificá-la de que seu acesso à internet será cancelado a partir de... — Ele fez questão de mostrar que olhava para a tela do celular surrado de policial. — agora. Seu endereço foi utilizado para infringir direitos autorais por meio de diversas ações de downloads ilegais. A senhora foi notificada desses atos em outras ocasiões. A pena para uma terceira ofensa é a suspensão de um ano do acesso à rede. A senhora tem o direito de apelar. Se decidir apelar, deve se apresentar pessoalmente diante da Corte de Magistrados de Bradford nas próximas 48 horas. — Ele segurou uma pequena impressora térmica presa ao cinto, arrancou dela um pedaço de papel e o entregou à mamãe. — Leve isto. — O tom de Larry ficou ainda mais oficial e falso: — A senhora compreende e consente este ato? — Ele virou o tronco para ficar de frente para minha mãe,

posicionando-a, de modo ostentoso, bem na direção das câmeras de circuito fechado presas à bainha do quepe e sobre o bolso na altura do peito.

Mamãe recostou-se no batente da porta e estendeu a mão para se equilibrar. Os joelhos se dobraram do modo como faziam tão frequentemente, desde que ela começara a sentir as dores e precisara largar o emprego.

— Você está brincando — disse ela. — Não pode estar falando sério...

— Obrigado — respondeu Larry. — Tenha um bom dia. — Ele se virou sobre os calcanhares e foi embora, os passos emitindo cliques como um cachorro de brinquedo, distanciando-se conforme minha mãe permanecia de pé à porta, agarrada ao papel térmico enrolado, as pernas trêmulas.

E foi assim que perdemos a internet.

— Anthony! — gritou ela. — Anthony! — gritou de novo.

Papai, enfurnado no quarto, não respondeu.

— Anthony!

— Espere um pouco, está bem? A porcaria do telefone não está funcionando e vou ser descontado...

Mamãe caminhou trôpega pelo corredor e escancarou a porta do quarto.

— Anthony, eles cortaram a internet!

Eu me tranquei de volta no quarto e me escondi, contemplando a magnitude do poço de merda em que acabara de cair. Minha estúpida, estúpida obsessão com uma estrela de cinema morta acabara de destruir minha família.

Dava para ouvi-los gritando pela parede fina. Nenhuma palavra, apenas os tons. Mamãe quase em lágrimas, papai passando da incompreensão à incredulidade e, então, para o ódio homicida.

— *Trent!*

Era como a cena de *Homem no porão*, o terror *slasher* de Seth, assustador de sujar as calças. Seth está no armário, e o assassino acabou de matar o irmão de Seth, fugiu da garagem onde os dois o haviam aprisionado e está rugindo furioso conforme segue a passos fortes pelo corredor, e Seth está naquele armário, a respiração ofegante e os olhos tão arregalados que estão quase totalmente brancos, e o momento se alonga como chiclete quente sobre o asfalto...

— *Trent!*

A porta do meu quarto se abriu com um ruído tão forte que uma pilha de livros caiu da prateleira. Um deles quicou e acertou a maçã do meu rosto, o que me fez tombar para trás e bater com a cabeça na janela minúscula e imunda. Cobri a cabeça com as mãos e me ergui de volta para o canto.

As mãos enormes de meu pai me agarraram. Ele era briguento quando tinha a minha idade, um lutador lendário, bem conhecido pelos policiais de Bradford. Desde que começara a treinar sotaque e conseguira emprego trabalhando ao telefone, ficara um pouco gordo e perdera parte da habilidade, mas, para mim, era como se eu ainda batesse no joelho dele. Papai arrancou minhas mãos do rosto e as segurou na lateral do meu corpo, então olhou nos meus olhos.

Achei que ele estivesse com raiva, e estava, um pouco, mas, quando olhei naqueles olhos, vi que o que pensei ser raiva era, na verdade, *terror*. Papai estava ainda mais assustado do que eu. Com medo de que, sem a internet, fosse perder o emprego. Com medo de que, sem a internet, mamãe não conseguisse se inscrever toda semana para conseguir o auxílio. Sem a internet, minha irmã Cora não conseguiria fazer os trabalhos da escola.

— Trent — disse ele, o peito inflado. — Trent, o que você fez? — Havia lágrimas nos olhos de meu pai.

Tentei encontrar as palavras. *Todo mundo faz isso*, eu queria dizer.

Você faz isso, eu queria dizer. *Eu precisava fazer isso*, eu queria dizer. Mas o que saiu quando abri a boca foi *nada*. As mãos de papai espremeram meus braços por um momento, e tive certeza de que ele ia me dar uma surra, uma surra de verdade, como se vê alguns dos outros pais fazerem neste condomínio. Mas então ele me soltou, virou de costas e disparou para fora do apartamento. Mamãe ficou à porta do quarto, agarrando-se firme contra o batente, os olhos manchados de vermelho, os lábios para baixo, com mágoa e dor. Abri a boca de novo, mas, de novo, nenhuma palavra saiu.

Eu tinha 16 anos. Não tinha palavras para explicar por que tinha feito downloads e continuava a fazê-los. Por que fazer o filme que estava na minha cabeça era uma obsessão tão monopolizadora. Eu tinha lido histórias sobre os grandes diretores — Hitchcock, Lucas, Smith — e como eles trabalhavam até se acabarem, destruíam a própria saúde, destruíam as vidas familiares, apenas para conseguir tirar aquele filme da cabeça e colocá-lo na tela. Na minha mente, eu era um deles, alguém que *precisava* tirar aquela porcaria de filme de dentro do crânio, como se estivesse cheio de fogo divino, o qual me consumiria se não o enviasse para algum lugar.

Tudo isso parecia muito nobre e animador e heroico até o momento em que o policial falso foi ao apartamento e cortou a internet da minha família e arruinou nossas vidas. Depois disso, parecia uma vontade estúpida, infantil e egoísta.

Não voltei para casa naquela noite. Andei deprimido pelo condomínio, meio esperançoso de que meus pais iam me procurar, meio esperançoso de que não iam. Não conseguia suportar a ideia de encará-los de novo. Primeiro, sentei-me sob o escorrega no parquinho, onde havia apenas guimbas de cigarros de maconha e cocô de cachorro seco e esfarelado. Depois ficou frio, então fui para o centro comunitário e paguei uma libra para entrar e me esconder no fundo do salão, enquanto assistia crianças

jogando sinuca e pingue-pongue sem realmente vê-las. Quando fecharam o centro pela noite, tentei entrar em alguns pubs, do tipo que fica aberto a noite toda e não é muito exigente ao verificar o documento de identidade, mas eles não estavam muito a fim de receber jovens obviamente menores de idade que ocupariam um espaço valioso e não pediriam nada, então vi-me caminhando sem rumo pelas ruas de Bradford, pelo anel rodoviário no qual garotas e garotos bêbados gritavam uns com os outros em um tipo de paródia sombria de diversão, entornando suco de frutas com álcool e se metendo em brigas inúteis e dramáticas.

Passei a vida toda em Bradford e, à luz do dia, sentia como se a cidade inteira fosse minha propriedade, não havia um canto que eu não conhecesse, mas, sob a luz amarelada dos postes e o luar nauseante, sentia-me como um total estranho. Um estranho assustado, muito pequeno e indefeso.

Finalmente, enrosquei-me sobre um banco no Peel Park, escondido sob um jornal amassado, e dormi pelo que pareceram dez segundos até que um AAPC me acordou ao me sacudir com força e apontar uma luz brilhante para meus olhos e me mandou de volta à caminhada sem rumo pelas ruas. Estava amanhecendo nesse momento, e um calafrio percorria meus ossos enquanto uma gota de coriza insistia em voltar à ponta do meu nariz sempre que eu a limpava na manga da camisa. Sentia-me uma verdadeira ruína e deprimido quando finalmente arrastei a bunda de volta para casa, enfiei a chave na fechadura e esperei que a rede arcaica e temperamental do condomínio me deixasse entrar.

Segui na ponta dos pés pela sala de estar, na direção do meu quarto e da cama macia e extraordinária. Estava quase à porta quando alguém ciciou para mim do sofá, fazendo-me saltar tão alto que quase caí. Virei-me e encontrei minha irmã sentada ali. Cora era dois anos mais nova do que eu e, ao contrário de mim, era genial na escola. Levava para casa testes e trabalhos repletos de acertos e carinhas felizes, e os professores sempre a

chamavam para trabalhar com os alunos mais tapados, para ajudá-los a aumentar as notas. Eu a ensinara a usar meus programas de edição quando Cora tinha apenas 10 anos, e ela era uma editora quase tão boa quanto eu. Os trabalhos de casa em vídeo de minha irmã eram lendários.

Aos 13 anos, Cora costumava ser uma garota um pouco gordinha e esquisita, que se vestia como uma criança em camisetas anunciando as bandas preferidas. Mas agora estava com 14 anos e, da noite para o dia, transformara-se em um tipo de garota adolescente de verdade, com partes redondas e macias onde normalmente se espera, e roupas novas que ela e as amigas faziam nas máquinas de costura do centro de jovens, a partir das coisas que achavam no armário. Cora sempre tinha um ou dois garotos correndo atrás dela, espécimes cheios de espinhas que praticamente pingavam hormônios em minha irmã. Isso manifestava um tipo de sentimento fraternal em mim que eu não havia percebido que estava lá. Com isso quero dizer que eu tinha vontade de bater nos garotos e dizer que eu quebraria as pernas deles se não ficassem longe da minha irmãzinha.

A sós, Cora costumava me tratar com uma reverência ao irmão mais velho que suscitava nossas vidas como criancinhas, quando eu era o mais velho que não podia cometer erros. Em público, é claro, eu não estava nem perto de ser legal o bastante para ser notado, mas, tudo bem, eu entendia isso. Naquela manhã, não havia reverência na expressão dela: ao contrário, ela estava espumando de ódio.

— Imbecil — disse ela, cuspindo a palavra ao expirar o ar.

— Cora... — falei, erguendo as mãos, os braços parecendo sustentar pesos de chumbo. — Ouça...

— Esqueça — falou minha irmã com o mesmo sussurro selvagem e sibilante. — Não me importo. Você poderia ao menos ter sido inteligente, usado um *proxy*, invadido o wireless de outra pessoa. — Ela estava certa. Os vizinhos tinham mudado a senha do Wi-Fi, e meus *proxies* preferidos tinham sido bloqueados pelo Grande Firewall, e eu fora preguiçoso demais

para disfarçar minhas pegadas. — E *agora*, o que eu vou fazer? Como vou fazer meu dever de casa? Vou prestar os exames GCSE em breve, o que vou fazer, estudar na biblioteca? — Cora estudava em todos os momentos que podia, nas primeiras horas da manhã, antes de a família acordar, tarde da noite, depois de voltar do trabalho como babá. A biblioteca mais próxima de casa fechava às 17h30 e só abria durante quatro dias na semana, graças à última onda de cortes orçamentários.

— Eu sei — respondi. — Eu sei. Vou apenas... — sacudi as mãos. Tinha chegado àquele ponto uma centenas de vezes durante a noite, *ia apenas*... Apenas o quê? Apenas me desculpar com a Universal Pictures e a Warner Bros? Ligar para a telefonista e pedir para falar com o chefe de proteção de direitos autorais e implorar pela conexão de internet da minha família? Era ridículo. Um babaca corporativo da Califórnia não se importava nem um pouco com minha família ou com nosso acesso à internet.

— Você não vai fazer merda nenhuma — respondeu Cora. Ela se levantou e marchou até o quarto. Antes de fechar a porta, virou-se para mim e me fuzilou com o olhar: — Nunca.

Saí de casa duas semanas depois.

Não foi o olhar de desapontamento de meu pai, o desespero crescente nas conversas sussurradas que ele e mamãe tinham sempre que o assunto finanças surgia, as sujeiras detestáveis de minha querida irmãzinha.

Não, foi o filme.

Especificamente, foi o fato de que eu *ainda queria fazer meu filme*. Existe um limite de caminhadas entediantes que se pode fazer no quarto, e finalmente me vi ligando o laptop e voltando para meu complexo projeto de edição, o qual fora tão estupidamente interrompido. Em pouco tempo eu estava totalmente absorto em deflorar Seth Watson. E momentos depois *disso*, percebi que precisava de mais filmagem para concluir o projeto — uma cena do final de *Encrenca de biquíni*, quando Monalisa está comendo

sorvete de casquinha com um olhar triste e emburrado que seria perfeita para o momento pós-coito. Instintivamente, abri o gerenciador de downloads e me preparei para sair em busca da cena do sorvete de Monalisa.

É lógico que não funcionou. A rede não estava mais lá. Enquanto a mensagem de erro piscava na tela, toda minha desgraça e culpa me esmagavam. Era como um peso gigante fazendo pressão sobre meu peito e ombros e rosto, sufocando-me, fazendo-me sentir como a pessoa mais baixa e terrível do planeta. Literalmente parecia que eu estava sufocando em minhas próprias emoções horríveis, e fiquei sentado ali, desejando poder morrer.

Apertei os olhos o mais forte que consegui e sussurrei as palavras diversas vezes na mente: *quero morrer*, *quero morrer*. Se desejar pudesse fazer com que a gente batesse as botas, eu teria caído morto bem ali, no meu quarto, e ali eles teriam me encontrado, jogado sobre o teclado, os olhos fechados, o terrível cérebro rodopiante finalmente calado. Então teriam me perdoado e poderiam ir até a prefeitura pedir que reconectassem a internet, e papai teria o emprego de volta, e mamãe poderia receber o auxílio de novo, e a pobre Cora poderia se formar com notas máximas e entrar em Oxford ou Cambridge, para onde todos os cê-dê-efes e crânios passam e se unem aos outros futuros líderes da Grã-Bretanha.

Já me sentira deprimido antes, mas nunca daquela forma. Nunca desejei que cada célula no meu corpo morresse. Percebi que estava prendendo a respiração, inspirei com um engasgo e finalmente entendi que, mesmo que não morresse, não poderia continuar vivendo daquele jeito. E sabia o que precisava fazer.

Eu tinha quase 100 libras que juntara em um livro oco, feito a partir de um exemplar de *Drácula* que a biblioteca local jogara fora. Recortei um retângulo no centro de cada página à mão, usando nossa faca de cozinha mais afiada, colei as pontas das folhas e deixei o livro sob uma das pernas

da minha cama durante dois dias, para que não desse para perceber, de nenhum dos lados, que havia algo de estranho nele. Então peguei o livro e tirei a mochila da escola de debaixo da cama e cuidadosamente dobrei três pares de calças limpas, um par extra de jeans, um casaco de moletom quente, minha escova de dente e o creme que colocava nas espinhas, uma caixa de fio dental e um pequeno kit de costura que Cora me dera em um aniversário, junto com um bilhete bem-intencionado sobre aprender a costurar as porcarias dos meus botões de camisa. Incrível como foi fácil guardar tudo isso. Em algum lugar na minha mente, sempre soube, acho, que teria de arrumar uma mochila pequena e simplesmente *ir*. Alguma parte do meu subconsciente era honesta o bastante consigo mesma para saber que não havia lugar para mim na sociedade civilizada.

Ou talvez eu fosse apenas mais um adolescente dramático, às voltas com a própria tragédia. De qualquer forma, estava claro que minha consciência pesada se sentia feliz em calar a boca e parar de reclamar contanto que eu estivesse em movimento e em direção a meu destino.

Ninguém me viu ir embora. O jantar chegara e se fora e, como sempre, fiquei longe da família durante a refeição; saí de fininho, depois que toda a louça tinha sido guardada, para saquear algo do armário. Mamãe ainda insistia em cozinhar jantares, embora, cada vez mais, eles consistissem no que quer que estivesse na mais barata das promoções do Tesco, ou algo da cozinha de sopas da igreja local. Ela levara para casa um pote cheio de macarrão tipo lámen mortalmente salgado, embrulhado em uma embalagem reluzente do Camboja, e ficou tentando disfarçá-lo com fatias de ovo cozido e pedaços de carne moída modelados em almôndegas minguadas e gordurosas.

Se sentiram minha falta durante o jantar, não demonstraram. Eu ia ferver uma xícara de água e fazer macarrão simples no quarto, depois lavar a xícara e colocá-la sobre o escorredor enquanto todos assistiam televisão na sala de estar. Cora raramente jantava também — mas ela não estava se

escondendo no quarto, estava na casa de um amigo, filando internet gratuita por meio de uma ponte de rede instável (nenhum dos aparelhos da família tinha placas de rede registradas para funcionar na rede estadual, então o único modo de conseguir entrar na internet era instalando um software ilegal na máquina de um amigo, ligá-la por cabo à nossa e rezar para que os deuses da rede não descobrissem o que estávamos fazendo).

Assim, ninguém me ouviu ir embora quando disparei pela porta e segui para a estação de ônibus. Parei em uma banca de jornal próxima à estação, comprei um chip pré-pago de celular com dinheiro e joguei o antigo fora em três latas de lixo diferentes depois de picá-lo com a vigorosa tesourinha do kit de costura. Comprei uma passagem de classe econômica para a estação London Victoria. Eu conhecia um pouco Victoria, de um passeio de escola certa vez e de uma visita em família no verão anterior. Lembrava-me do lugar como lotado e ruidoso e enorme e emocionante, e era essa a imagem em minha mente conforme me ajustava no assento, ao lado de uma senhora que fungava e lia um exemplar impecável da *Bíblia* usando o dedo indicador para seguir as linhas enquanto movia os lábios e sussurrava as palavras.

A classe econômica tinha uma conexão wireless lenta, e havia saídas para conexão central sob os assentos. Liguei o laptop em uma dessas e entrei na rede usando um cartão Visa pré-pago que havia comprado na mesma banca de jornal, depois de dar meu nome de guerra preferido: *Cecil B DeVil*. É um tributo a Cecil B DeMille, um ótimo e péssimo diretor, o primeiro diretor superstar, um homem cujo nome já foi sinônimo do próprio cinema. A viagem para Londres passou rápido conforme eu me perdia deflorando o pobre e velho Seth, ao pegar a filmagem perdida de um *proxy* em Teerã que não era muito rigoroso com direitos autorais (embora fosse bem insistente a respeito de sites pornô e dissidentes fontes de informação iranianas).

Quando o trem parou em Victoria, minha cena tinha ficado *perfeita*.

Quero dizer *perfeita* com luzes piscando e uma canção P-E-R-F-E-I-T-A alegre. Todos os dois minutos e 25 segundos. Não tive tempo de subir o vídeo para nenhum dos YouTubes antes de o trem parar, mas tudo bem. Ele ainda estaria lá. Um brilho caloroso passava pelo meu corpo, como se eu tivesse acabado de beber chocolate quente espesso em um daqueles dias de ar tão frio que as melecas congelam no nariz.

Segui flutuando para fora do trem e para dentro da estação Victoria.

E me estatelei de volta à Terra.

Da última vez que tinha estado na estação, ela estava cheia de viajantes matinais, correndo de um lado para outro, crianças em blêizers escolares e chapéus gritando e correndo, alguns seguranças sisudos observando tudo com os capacetes enormes ridículos que sempre me faziam pensar em um gigantesco peru suspenso, arrepiado e de olhos minúsculos que encaravam todas as direções ao mesmo tempo.

Mas, conforme entramos, um pouco depois das 21 horas de uma quarta-feira, a chuva mijando sobre nós em gotas gordas e sujas, a estação Victoria era um lugar bem diferente. Estava quase vazia, e as pessoas ali pareciam muito mais... sombrias. Tinham expressões sinistras, daquelas que não são descaradamente hostis, como o esquisito barbudo de capa de chuva que me lançou um olhar de puro ódio e falou algo rancoroso para mim sem emitir som. Os policiais não pareciam amigáveis e ridículos — tinham olhos ríspidos e desconfiados, e, conforme passei por dois deles, ambos me seguiram com o olhar e o movimento do corpo.

E fiquei ali, naquele salão de pé-direito alto, cercado pelos resmungos e peidos do povo da noite e dos trens noturnos, e percebi que não tinha porra de ideia nenhuma do que fazer a seguir.

O que fazer a seguir. Caminhei sem rumo pela estação durante um tempo, comprei um chocolate quente (não fez a sensação calorosa voltar), encarei o celular sem motivo. O que *deveria* ter feito, eu sabia, era comprar um

bilhete de *volta* para casa e voltar na classe econômica e esquecer aquele negócio todo. Mas não foi o que eu fiz.

Em vez disso, parti para Londres. A Londres de *verdade*. A Londres agitada da noite, como eu vira em milhares de filmes e programas de TV e vídeos na internet, a Londres onde pessoas e luzes brilhantes passavam umas pelas outras conforme táxis pretos vasculhavam as ruas, perseguidos por rapazes bonitos e garotas lindas em motocicletas e scooters. *Aquela* Londres.

Comecei pela Leicester Square. O mapa do meu celular achava que conhecia um caminho muito bom para chegar lá em vinte minutos a pé, mas ele queria que eu caminhasse por todas as ruas principais, nas quais os carros que passavam sobre o asfalto molhado de chuva faziam tanto barulho que eu nem conseguia me ouvir pensar. Então peguei eu mesmo um caminho próprio, pelas ruelas de paralelepípedo e os becos que aparentavam ser do mesmo jeito desde a época do rei Eduardo e da rainha Vitória, exceto pela ascensão esquisita de antenas parabólicas toscamente presas às laterais, todas apontadas para a mesma direção, como uma multidão de rostos idiotas redondos, todos assombrados com o mesmo fenômeno distante no céu noturno.

Esse momento, nas ruelas estreitas e molhadas, com minhas botas de solado com mola fazendo-me quicar sobre a calçada, o pulsar de Londres ecoando pelas ruas principais próximas, tudo que eu possuía nas costas — parecia os créditos de abertura de um filme. O filme sobre a vida de Trent McCauley, estrelando Trent McCauley como Trent McCauley, e participação especial de Trent McCauley e Trent McCauley, e talvez uma aparição surpresa de Seth Watson como o respeitável coadjuvante. E, então, veio a grande cena de abertura, seguindo minha subida em uma rua suja, através da Trafalgar Square e na direção de Leicester Square em alta velocidade.

Todas as luzes estavam acesas. Cada metro quadrado de chão tinha

pelo menos quatro ocupantes, e quase todo mundo estava rindo, fumando um baseado gigante, gritando embriagado ou segurando uma placa que anunciava algo dúbio, gratuito e urgente. Algumas pessoas faziam todas essas coisas. Os homens estavam vestidos como gângsteres de um filme. As mulheres pareciam estrelas de filmes *soft porn* ou modelos de passarela, com muito tecido molhado agarrado a curvas que envergonhariam Monalisa.

Fiquei de pé à beira da calçada por um momento, como um nadador prestes a pular em uma piscina, e pulei.

Simplesmente abri caminho empurrando, quicando para a frente e para trás como uma bola de borracha em um salão cheio de cantos e trampolins. Alguém me entregou um baseado — um cara mais velho com olhos que pareciam a bunda de um babuíno, unhas pontiagudas amarelas e espessas — e eu traguei duas vezes profundamente a maconha aromática, o estalar do papel de alguma forma pareceu alto por cima do som de um milhão de conversas e gotas de chuva. A ponta estava úmida com a saliva de diversos estranhos, então passei o baseado para duas garotas usando chapéus-coco rosa com brilho e asas de anjo, com enormes bottons onde se lia "Despedida de Solteira" em um dos lados do decote profundo. Uma delas me beijou na bochecha, odores ébrios e um pouco de língua, e eu aproveitei, inebriado da gloriosa Londres!

Um cinema terminou a exibição e derramou mais oitocentas pessoas na noite, segurando enormes copos de refrigerante, lançando cheiro de colônia e perfume na escuridão. Os pedintes as cercaram como moscas, e as pessoas espalharam moedas como a realeza na presença de camponeses. Estavam todas falando de filmes, filmes, filmes. O letreiro dizia que tinham assistido *Aquela vez em que todos ficamos burros e como foi divertido, não foi?* (o mais recente, e mais radical, exemplo da tendência ridícula a títulos extralongos para filmes). Eu tinha ouvido críticas boas a respeito, baixei os primeiros vinte minutos depois que foi exibido no circuito do

festival, no ano passado, e teria dado *qualquer coisa* para seguir aquelas pessoas tagarelas de perto e me juntar à conversa.

Mas a noite estava molhada, e as pessoas estavam correndo para as ruas, apressadas para pegar táxis e sair da chuva, então a sessão seguinte abriu, e logo a praça estava quase vazia — havia apenas pedintes, policiais, homens com placas... e eu.

Os créditos de abertura tinham passado, a primeira grande cena estava concluída, a câmera fechava em um zoom do herói, e ele estava prestes a fazer algo heroico e decisivo, algo que o levaria ao primeiro passo na direção do destino.

Mas eu não tinha a mínima ideia de que porra de passo seria.

Não dormi a noite toda. Consegui chegar ao Soho, onde as boates ainda estavam fervilhando e lançando pessoas felizes às ruas, e fiquei ali no entorno até 3 horas da manhã. Entrei em alguns cafés 24 horas para usar o banheiro e me aquecer, fingindo fazer parte de grupos maiores, de forma que ninguém me pediu para comprar nada. Então as multidões do Soho se dissiparam. Eu sabia que em algum lugar de Londres havia festas que durariam a noite toda, mas não fazia ideia de como encontrá-las. Sem as multidões para me camuflar, era como se eu estivesse usando uma placa de neon que dizia "Sou novo na cidade, menor, estou com dinheiro, sou fisicamente indefeso e facilmente enganado. Por favor, tire vantagem de mim".

Conforme caminhei pelas ruas, rostos saíram do escuro para me olhar, sussurrando ofertas de drogas ou sexo ou apenas sussurrando.

— Venha, venha aqui, veja o que tenho.

Eu não queria ver o que tinham. Para ser totalmente sincero, eu queria minha mamãe.

Finalmente, o sol nasceu, e corredores matinais e pessoas passeando com cachorros começaram a surgir nas calçadas. Pais com olheiras

passavam por mim com carrinhos que emitiam os gritos de bebês acordados. Tive uma sensação inebriada ao caminhar pela Oxford Street, na direção do oeste, com o sol nascendo atrás de mim e minha sombra se esticando à frente, tão esguia quanto um boneco palito.

Vi-me em Hyde Park, na ponta do Marble Arch, e agora havia mais corredores e ciclistas, e criancinhas chutando uma bola de futebol e vestindo camisas de jérsei e shorts e exalando nuvens de condensação na manhã gélida. Sentei-me no limite do campo de futebol, sobre a grama encharcada, ao lado de um grupo de pais atentos, e assisti à bola passando de criança em criança, ouvi os sons alegres da exaustão física e da brincadeira. O sol ficou mais alto e aqueceu meu rosto, então moldei um travesseiro com meu casaco e a mochila, recostei-me e deixei os olhos se fecharem, tentando descobrir para onde iria e o que faria, agora que tinha chegado à cidade grande. Mas o sono não se deixou vencer pelo pânico, e meu corpo, muito cansado, insistiu em descansar, e, antes que eu percebesse, tinha dormido.

Foi um sono maravilhoso, de cheiro adocicado, marcado pelo som de pessoas felizes passando e brincando, cachorros latindo e correndo atrás de bolas, crianças rolando na grama, ônibus e táxis buzinando a distância. E, quando acordei, apenas fiquei ali, aproveitando a maravilha e a beleza de tudo aquilo. Eu estava em Londres, eu era jovem, não representava mais um perigo para minha família. Eu estava vivendo a aventura da minha vida. Tudo ficaria bem.

Então notei que alguém havia roubado a mochila de debaixo da minha cabeça enquanto eu dormia. Levaram meu laptop, minhas roupas extras, minha escova de dente — tudo.

Capítulo 1

Não mais sozinho/Os Jammie Dodgers/ Achados chiques/Abstração de eletricidade

Minha "aventura" não foi tão divertida depois daquilo. Tive a esperteza de encontrar um abrigo para fugitivos gerenciado por uma igreja, em Shoreditch, e me hospedei naquela noite, mentindo ao dizer que tinha 18 anos. Tive medo de que me mandassem para casa se dissesse que tinha 16. Tenho quase certeza de que a velhinha atrás do balcão sabia que eu estava mentindo, mas ela não pareceu se importar. Tinha um sotaque forte de Yorkshire que conseguia ser rígido e carinhoso ao mesmo tempo.

Meus colegas de cama no abrigo — todos garotos, as garotas ficavam em um lugar separado — variavam de aterrorizantes a aterrorizados. Alguns eram verdadeiros homens valentões, ficavam falando de facas e surras. Alguns pareciam ainda mais jovens do que eu, com olhos assombrados, e que encolhiam depressa sempre que alguém falava muito alto. Dormimos oito em um quarto, em beliches que quase não eram largos o suficiente para abrigar meus ombros magricelas, e, no dia seguinte, uma velhinha diferente me deixou escolher algumas roupas e uma mochila nas pilhas de coisas doadas. As roupas eram muito boas, na verdade. Melhores, até, do que as roupas com as quais eu havia chegado a Londres;

Bradford estava uns bons cinco anos atrasada em relação à última moda que se via nas ruas de Shoreditch, então aquelas roupas rejeitadas do ano anterior tinham mais estilo do que qualquer coisa que eu já havia possuído.

Eles me deram um café da manhã sem gosto, mas consistente, de mingau de aveia e bacon gorduroso, que ficou no meu estômago como uma pedra depois de me jogarem na rua. Eram 8 horas, e todo mundo marchava até o metrô para trabalhar ou fazia fila à espera dos ônibus, e parecia que eu era o único sem lugar para ir. Ainda tinha umas 40 libras no bolso, mas isso não duraria muito nos cafés chiques de Shoreditch, nos quais mesmo um café coado simples custava 3 libras. E eu não tinha mais o laptop (sempre que pensava no vídeo perdido, que jamais subiria a um YouTube, meu coração se apertava no peito).

Observei as pessoas afluindo para dentro da Old Street Station, passos ruidosos escada abaixo, desviando dos homens que tentavam lhes entregar jornais de graça (peguei um de cada para ler mais tarde) e desviando dos pedintes, que chacoalhavam os copos com moedas na direção delas, esforçando-se para penetrar a solidão dos óculos e dos headphones e afetar suas consciências. Em sua maioria, eram malsucedidos.

Pensei, deprimido, que provavelmente me juntaria a eles em breve. Jamais tinha tido um emprego de verdade e não achava que as pessoas legais das companhias cinematográficas chiques do Soho estavam a fim de contratar um editor de vídeo audacioso e menor de idade com um sotaque forte do norte e as roupas de outra pessoa na mochila. Como as porcarias daqueles mendigos ganhavam a vida? Centenas de pessoas tinham passado e nenhuma dera um centavo, até onde vi.

Então, sem aviso, eles se espalharam, dissolvendo-se na multidão e sumindo pelas ruas. Um momento depois, um bando de Agentes de Apoio à Polícia na Comunidade, vestindo coletes refletores amarelo-fluorescentes, surgiram, arrogantes, de cada uma das saídas das estações, cada um deles

se movendo devagar, de modo que as câmeras presas ao redor do corpo pudessem ter uma boa visão da rua.

Suspirei e desabei no chão. Pedir dinheiro era algo difícil o bastante de contemplar. Mas pedir dinheiro *e* fugir de tiras o tempo todo? Eu estava arrasado demais para sequer pensar nisso.

Os AAPCs desapareceram a distância, entraram no Starbucks ou pegaram ônibus, e os mendigos voltaram de onde haviam se escondido. Um novo garoto se posicionou ao fim da escada onde eu estava de pé, um sorriso enorme estampado no rosto, emoldurado por uma barba de três dias que de alguma forma parecia arrumada, em vez de triste. Segurava um cartaz desenhado em uma folha grande de papelão branco, com diversos itens colados ou presos com fita adesiva: uma caixa de lenços, uma embalagem de pressão de antisséptico para mãos, uma bandeja de pastilhas de menta com uma alavanca que soltava uma bala por vez. Acima das coisas estava escrito, em letras de pichação grandes e amigáveis, LENÇOS/ANTISSÉPTICOS/PASTILHAS DE GRAÇA — AJUDE OS SEM-TETO — BRGD, PATRÃO! e, ao lado disso, um copo que chacoalhava com todas as moedas ali dentro.

Conforme os viajantes saíam da estação e se direcionavam para as escadas, paravam e liam o cartaz, gargalhavam e deixavam uma moeda no copo, pegavam um esguicho de antisséptico, ou um lenço, ou uma pastilha (o garoto insistia para que o fizessem, caso parecesse que eles passariam sem se servirem), gargalhavam de novo e seguiam para cima.

Achei que estivesse sendo sutil e quase invisível, deprimido no topo da escada e observando, mas, quando chegou a próxima pausa no trânsito dos viajantes, ele olhou diretamente para mim e fez um gesto de "venha cá". Intrigado, fui até ele. O garoto estendeu a mão.

— Jem Dodger — disse ele. — Cavalheiro de lazer e amante de comida refinada e gargalhadas. Um prazer conhecê-lo, patrão. — Ele falava em um dialeto *cockney* prolongado e cômico, e até mesmo tocou em um quepe

invisível enquanto falava. Gargalhei.

— Trent McCauley — respondi. Tentei pensar em algo tão legal quanto "cavalheiro de lazer" para acrescentar, mas tudo que saiu foi: — Aficionado por cinema e pirata inveterado —, o que pareceu muito melhor na minha cabeça do que sob o ar de Londres, mas ele sorriu de volta para mim.

— Trent — falou Jem. — Vi você no abrigo ontem à noite. Deixe-me adivinhar. Primeira noite, hein?

— No abrigo? Sim.

— No *mundo*, filho. Perdoe-me por dizer, mas você tem o aspecto de alguém que acaba de sair de um ônibus vindo do fundo da bunda de East Shitshire, com o chapéu cheio de sonhos, o bolso cheio de esperança e a cabeça cheia de geleia de uva. Acertei?

Senti uma pontada de ressentimento, mas tive de dar a mão à palmatória.

— Tecnicamente, estou aqui há *dois* dias — respondi. — A noite passada foi minha primeira no abrigo.

Ele piscou.

— Passou a primeira noite vagando pelas ruas brilhantes de Londres, não foi?

Sacudi a cabeça.

— Você parece mesmo saber muito sobre mim.

— Amigo — falou Jem, então perdeu o dialeto *cockney* e falou com um puro sotaque do norte, como se tivesse sido criado no estado vizinho. — Eu *sou* você. Eu fui você, na verdade. Alguns anos atrás. Agora sou o Jammie Dodger, Príncipe das Vielas de Londres, Conde das Ruas do Canal, Escudeiro da Ocupação e por aí vai.

Mais um trem chegou, e mais pessoas saíram da estação. Ele me enxotou para o lado e deu início às boas-vindas sorridentes para os recém-chegados. Um minuto depois, tinha conseguido mais 12 libras e acenou

para que eu voltasse.

— Agora, Mestre McCauley, pode estar imaginando por que o chamei aqui.

Achei o modo bem-humorado com que ele falava impossível de resistir, então o acompanhei.

— De fato estou, Sr. Dodger. Imaginando justamente isso estava eu.

Ele assentiu com encorajamento, satisfeito por eu estar seguindo a brincadeira.

— Certo. Bem, você viu todos os outros pobres coitados segurando cartazes nesta estação, imagino?

Assenti.

— Nenhum deles está ganhando um centavo. Nenhum deles sabe *como* ganhar um centavo. Isso é porque a maioria das pessoas que acaba aqui chegou aqui porque algo de terrível aconteceu com elas, e não têm a esperteza ou a força para lidar com isso. Em geral, as pessoas acabam segurando um cartaz e chacoalhando um copo porque alguém as maltratou horrivelmente, estuprou, espancou, lhes deu drogas terríveis para a cabeça, e não têm a educação, as habilidades ou a sanidade para entender como melhorar.

"Agora, eu, eu estou aqui porque sou um cavalheiro de lazer, conforme acredito que já lhe informei. O que quer que tenha acontecido no meu passado, fui esperto e rápido e ardiloso o bastante para lidar com isso. Então, quando acabei segurando um cartaz em uma estação de metrô esperando que o londrino comum abrisse a carteira e o coração para pagar meu jantar, não achei simplesmente qualquer pedaço velho de papelão marrom, rabisquei uma mensagem patética nele e torci pelo melhor.

"Não, eu saí e comprei todo tipo de papelão, amarelo-fluorescente, rosa, azul, branco simples, e testei cada um. Entende? — Ele colocou a mão no bolso traseiro da calça jeans e tirou de dentro um caderninho surrado. Então o abriu na primeira página e o enfiou debaixo do meu

nariz. Estava intitulado ‘Cores: (ajude os sem-teto)’ e havia duas colunas ao longo da folha, uma listando papelões de cores diferentes, a outra mostrando quantias diferentes.

— Veja isto, sim? Está vendo como o marrom tem um desempenho ruim? É o fundo do poço. As pessoas simplesmente não querem abrir suas carteiras para um homem segurando um cartaz que parece que foi feito de uma caixa de papelão velha. Você pensaria que sim, não é? Parece merecer esmola e tal? Mas não querem. Elas gostam de praticamente qualquer cor, *menos* marrom. E a melhor de todas, bem, é o bom e velho branco. — Ele chacoalhou o cartaz. — Muito contraste, parece limpo. Eu compro um novo todo dia na loja de produtos de artes em Shoreditch High Street. Os pagantes gostam de um homem que se *orgulha* de seu cartaz.

Mais uma enxurrada de passageiros subiu e ele me enxotou de novo, conseguindo mais umas 20 libras em apenas alguns minutos.

— Agora, quanto às palavras, olhe aqui. — Ele me mostrou as páginas subsequentes do caderno. Cada uma tinha um título diferente: SEM-TETO/AJUDE. FAMINTO/AJUDE. AJUDE OS FAMINTOS. AJUDE OS SEM-TETO. DESESPERADOS. DESESPERADOS/AJUDE. — O que eu percebi foi que as pessoas *reagem* de verdade a um chamado para agir. Não basta dizer “sem-teto, miseráveis, famintos” e por aí vai. Você precisa encabeçar isso com algum tipo de pedido, assim sabem o que você quer. AJUDE OS SEM-TETO supera o desempenho de tudo que já tentei. Simples, direto.

Virou mais algumas páginas, e agora eu olhava para tabelas que mostravam todas as coisas diferentes que ele oferecera com a placa, e as combinações que tentara.

— Você deu linguiça de fígado? — Encarei a página.

— Bem, não — respondeu Jem. — Mas tentei. Parece que ninguém quer aceitar uma torrada e um embutido de fígado de um pedinte em uma estação de metrô. — Ele deu de ombros. — Não foi uma grande ideia.

Acabei comendo linguiça de fígado durante três dias. Mas não me custou muito tentar e fracassar. Se quiser dobrar a taxa de sucesso, triplique a taxa de fracasso. É o que sempre digo. E, às vezes, simplesmente precisa aloprar. Sempre que entro em uma loja, estou em busca de outra coisa para fazer. Está vendo isto? — Ele ergueu uma chave de fenda minúscula. — Para apertar lentes de óculos. Espere até a estação dos óculos escuros, vou ficar *cheio da grana*. CONSERTO DE ÓCULOS FAÇA VC MSM GRÁTIS. AJUDE OS SEM-TETO.

— Por que está me contando tudo isso?

O garoto deu de ombros de novo.

— Eu conto a qualquer um que queira ouvir, para ser sincero. Parte meu coração ver esses pobres coitados com fome. E você parecia recém-chegado, como se provavelmente precisasse de uma ajudinha.

— Então acha que eu deveria fazer um cartaz como o seu?

Ele assentiu.

— Por que não? Mas isto é apenas um jeito de ganhar um dinheirinho rápido quando preciso. — Ele enrolou o cartaz com cuidado e esvaziou o copo no bolso da frente, o qual se estufou com o peso grande de uma quantidade impensável de moedas de uma e duas libras. — Venha, eu compro um café para você.

Ele nos levou para além da Starbucks e para cima da Old Street, na direção da Shoreditch High Street, então desceu por um beco pequeno, até uma barraca minúscula de *espresso* montada à porta de um prédio comercial. O homem que trabalhava nela era idoso, com dedos arredondados pela artrite e nós dos dedos que pareciam avelãs. Ele aceitou duas moedas de uma libra de Jem e se ocupou em fazer dois *lattes* para nós, tirando as doses de *espresso* da máquina desbotada que parecia ainda mais velha do que ele. O *espresso* escorreu do bico da máquina para dentro do copo de papel como um veio dourado, e o velho arejou o leite com um gesto de redemoinho meio homogêneo e inconsciente, então

combinou os líquidos com a mão firme. Ele nos entregou os cafés, em silêncio, e nos enxotou.

— Fyodor faz o melhor *espresso* do leste de Londres — disse Jem, quando levou o copo aos lábios e tomou um gole. Ele fechou os olhos por um segundo, engoliu e os abriu, limpando a espuma sobre os lábios com o dorso da mão. — Tinha uma loja própria há muitos anos, se aposentou, ficou entediado, montou essa barraquinha. Gosta de se manter ocupado. Praticamente ninguém sabe sobre ele. É meio que um segredo. Não saia contando para seus amigos, está bem? Quando a *Time Out* souber desse lugar, vai ficar lotado com os seguidores de moda horrorosos de Shoreditch. Já vi isso acontecer. Fyodor não aguentaria. Isso o mataria. Prometa-me.

— Prometo. — Eu estava começando a gostar de verdade do modo de falar exagerado e dramático dele. — Por minha vida, devera eu jurar — falei.

— Você está exagerando — falou Jem. — Estava indo bem até chegar ao "devera".

— Anotado — respondi. Pessoalmente, eu gostava do "devera".

— A questão é a seguinte — disse ele. — A maioria dos pobres desgraçados que acabam nas ruas jamais pensa realmente nisso. Não é de surpreender, na verdade. Como eu falei, as pessoas costumam chegar aqui como resultado de algum trauma horrível, e, depois que caem nessa vida, fica difícil recuperar o fôlego e olhar com alguma perspectiva. Então, nada contra elas, mas existe um jeito inteligente de ser sem-teto e um jeito idiota. Quer aprender qual é o jeito inteligente?

Senti uma pontada de desconfiança bem ali. Não conhecia aquela pessoa. Nem mesmo reparara nele no abrigo (no entanto, passei meu tempo lá tentando não provocar acidentalmente nenhum dos garotos com contato visual, principalmente aqueles que falavam sobre facas e brigas). Tudo que eu sabia sobre ser sem-teto tinha aprendido com matérias de

capa sensacionalistas do *Daily Mail* sobre vagabundos pobres e crianças fugidas de casa que tinham sido retalhados, violados e deixados em pedaços em latas de lixo por toda a Inglaterra.

Uma palavra ficava ecoando em minha mente: "Aliciador." Supostamente, havia um exército de aliciadores por aí, homens e mulheres, e mesmo crianças, que tentavam fazer com que adolescentes vulneráveis (como eu, imagino) se envolvessem em algum esquema pedófilo sujo e nojento. Esses também apareciam em profusão nas manchetes chamativas do *Daily Mail* e do *Sun*, e tínhamos uma palestra anual obrigatória sobre "segurança na rede" que era toda sobre esses personagens. Eu não acreditava neles de verdade, é claro... Tentar encontrar crianças aleatórias para abusar na internet fazia tanto sentido quanto ligar para números de telefone aleatórios até conseguir achar uma criança de sexo e idade da sua preferência e perguntar se ela gostaria de ir até sua casa tocar no seu palhaço.

Fiz essa observação em sala de aula uma vez, logo depois de o professor terminar de nos mostrar um slide que dizia que praticamente todas as crianças que sofriam abuso eram molestadas por alguém da família, um professor ou outro adulto de confiança.

— Esse slide não está dizendo que devemos passar o tempo todo preocupados com você, e não com um estranho na internet? — Peguei uma semana de detenção.

Mas uma coisa é ser corajoso e atento na aula; outra coisa é ser tão esperto e corajoso enquanto se está de pé em uma rua de Londres com menos de 30 libras no bolso, um fugitivo em uma cidade estranha com um espertinho oferecendo mostrar-lhe o caminho da esperança.

— Você não vai me cortar e me deixar em um monte de lixeiras por toda a Inglaterra, vai? — perguntei.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, faz muita sujeira. Sou mais do tipo "bloco de cimento nas

canelas e deixe afundar no Tâmisa". As enguias devoram você em um mês. Guardarei seus dentes para que não façam aquela coisa com a ficha dentária.

— Confesso que não sei como responder a isso.

Ele me deu um tapa no ombro.

— Não seja doido, filho. Olhe, prometo que não levo você para dentro de nenhum dos lugares que assassinos em potencial possam estar escondidos. Este é o tour de Londres de Jammie Dodger, a entrada é grátis. É melhor do que o tour de Jack, o Estripador, melhor do que aqueles tours a pé do disco azul, melhor do que os de paradas em pubs. Quando tiver terminado o tour de Jammie Dodger, terá conhecimento útil. O que me diz, sujeito destemido?

— Está exagerando — respondi. — Estava indo bem até chegar ao "sujeito destemido".

— É uma observação justa — disse ele. — Vamos.

Nossa primeira parada foi em um mercado Waitrose, em Barbican. Era um lugar enorme, transbordando requinte até a rua. Mães com carrinhos de alta tecnologia e velhinhas bem-conservadas entravam e saíam, junto com um eventual sujeito bem-apessoado de terno. Jem me conduziu pela porta de entrada e me disse para pegar um carrinho. Eu o fiz e reparei que trazia uma tela de compras funcional — todas as de onde eu morava estavam eternamente quebradas.

Conforme empurrei o carrinho até Jem, na seção de vegetais, um dos seguranças — terno barato, cabelo ruim, fone de ouvido chamativo — desencostou da parede e caminhou até nós. Ele ficou atrás, em vez de nos abordar, mas não escondeu o fato de que estava nos observando. Jem não pareceu se importar. Ele nos levou diretamente à seção de frutas, onde havia prateleiras de frutas vermelhas e delícias suculentas do mundo todo, as embalagens exibindo cada uma cuidadosamente, para causar o melhor

dos efeitos. Eu nunca tinha visto frutas daquele jeito: eram como hiperfrutas, como as frutas dos filmes. A caixa de amoras-pretas não tinha uma única amassada ou de formato esquisito. Os morangos eram tão perfeitos que pareciam ter sido esculpidos em PVC.

Jem pegou uma de cada e agitou na frente do carrinho, para que um dos milhares de sensores ópticos pudesse identificá-las e somar o total para que fosse exibido na tela colocada no puxador. Eu me espantei. Só os morangos custavam 12 libras! O puxador sugeriu creme chantili e pãezinhos para combinar. Ofereceu mandar por e-mail uma receita de bolinho de morango. Eu apenas olhei o preço com olhos arregalados. Jem não se importou. Ele caminhou alegre pela loja, pegando um patê de vesícula de porco ("Um Clássico do Patrimônio de Miúdos da Inglaterra") por 15 libras; um *fondant* de chocolate da Meltingly Lovely (12 libras por uma simples porção); salsichas de tofu estilo *hunnerwurst* (6 libras); Swiss Luxury Bircher Museli (22 libras! Por um saquinho de cereal de café da manhã!). A tela entre minhas mãos estava em mais de 200 libras quando Jem levou um dedo curto, dramático e pensativo ao queixo.

Tive uma sensação pesarosa. Ele ia roubar alguma coisa. Eu sabia que ele ia roubar alguma coisa. É *claro* que ele ia roubar alguma coisa — todo mundo sabia. Os outros clientes sabiam. O segurança *com certeza* sabia. Havia centenas de câmeras no carrinho para facilitar o escaneamento das compras, cada uma não era maior do que a cabeça de um fósforo. Eu não me importava com o quanto aquele cara fosse experiente ou sofisticado, ele estava prestes a mandar nós dois para a cadeia.

Mas então Jem bateu nos bolsos e falou, em uma voz extravagante:

— Minha nossa, esqueci a carteira. — Ele tirou o carrinho das minhas mãos e o empurrou para o segurança. — Fique com isso, sim, amigo?

Então saiu tão rápido que quase não o alcancei. Estava gargalhando de modo maníaco. Agarrei o ombro de Jem.

— O que diabo foi aquilo? — perguntei.

Ele tirou minha mão.

— Calma aí, meu filho. Observe e aprenda.

Ele me levou até os fundos da loja, onde duas lixeiras grandes — dos tipos que se chamam "Caçamba" em filmes norte-americanos — estavam cobertas de avisos de segurança e parecendo levemente assustadoras. Sem parar, Jem abriu a tampa da primeira. Ele esgueirou os olhos para dentro. Um cheiro esquisito, quase estragado, chegou até mim, como a gaveta de vegetais da geladeira na qual um pepino foi esquecido por tempo demais.

— Lá vamos nós — falou Jem. — Vá pegar algumas daquelas caixas para nós, está bem? — Havia pilhas de caixas de papelão dobradas ao lado das caçambas. Levei uma pilha para ele, e Jem as livrou da armadilha de aço que as mantinha amarradas. — Monte algumas delas — disse ele.

Fiz o que foi pedido, e Jem começou a me passar pacotes de comida cuidadosamente embalados, quase item a item das coisas que tínhamos encontrado na loja. Algumas delas tinham algo molhado ou pegajoso por cima, mas estava tudo na embalagem, não na própria comida.

— Por que tudo isso está na lixeira? — perguntei enquanto guardava as coisas na caixa.

— Tudo fora da validade — disse ele.

— Quer dizer que está estragado? — Eu tinha enchido uma caixa inteira e começava a trabalhar em outra. Tive um pouco de ânsia ao pensar em comer comida estragada do lixo e tinha quase certeza de que era isso que Jem tinha em mente.

— Não — respondeu ele, a voz ecoando de modo esquisito pelas paredes de metal da caçamba. — Os fabricantes imprimem datas de validade nos pacotes porque não querem ser processados se alguém comer comida estragada, então são muito cuidadosos. E é claro que ninguém vai comprar nada que passou da data de validade em uma loja. Mas, se pensar nisso logicamente, não existe um evento mágico que acontece à meia-noite da data de validade que faz o queijo estragar. — Jem me passou um pacote

muito bem embalado de queijo Jarlsberg. — Quero dizer, queijo já é basicamente leite estragado. Iogurte também!

Ele seguiu para a próxima caçamba, fechando cuidadosamente a tampa.

— Aah! — exclamou Jem, e me passou uma caixa de barras de chocolate gourmet, ainda fechada. Um dos lados tinha sido amassado. — Provavelmente caiu da prateleira do estoque ou foi amassada durante o transporte. Esses são muito bons também, eu gosto dos que têm pimenta chili.

"Aah — disse ele de novo. — Traga-me caixas, sim? Mais caixas. — Saí e briguei com outra pilha de caixas dobradas, então as arranquei das amarras. Jem saltou por cima da beirada da caçamba e estendeu a mão para fora. Eu lhe passei uma caixa e ouvi o ruído de coisas sendo movidas do lado de dentro. A mão dele saiu de novo, e eu lhe passei outra caixa. Depois outra. — Venha ver — disse ele, e eu fiquei na ponta dos pés para olhar por cima da beirada.

Jem tinha usado as caixas para criar um tipo de corredor entre a comida e outras porcarias, como um túnel de mineração, e estava revirando o conteúdo da caçamba e construindo uma torre de latas no canto.

— Estava esperando por isso — disse ele. — Ah, isso. — Ele empilhou mais latas. Olhei para as embalagens. LEITE DE COCO, dizia a mais próxima. CARNE DE CERVO, dizia outra. SARDINHAS FILIPINAS. FEIJÕES REFRITOS.

— O que é tudo isso?

— Isso — respondeu Jem —, são os restos da Global Tradewinds, Ltda. Eles costumavam enlatar as melhores guloseimas gourmet do mundo e vendê-las aqui. Mas faliram no mês passado, e todas as lojas Waitrose as estão tirando das prateleiras. Eu sabia que encontraria uma caçamba cheia se esperasse tempo bastante! — Ele esfregou as palmas das mãos.

— Não vamos carregar tudo isso para fora daqui? — perguntei. Havia

dezenas de latas.

— Com certeza vamos — respondeu Jem. — Nossa, amigo, acha realmente que eu desperdiçaria esta carga? Seria pecado. Vamos, mais caixas. — Ele estalou os dedos.

Sacudindo a cabeça, fui pegar mais caixas. Ele me jogou um rolo de fita para embrulhar.

— Sele as bases, não vão aguentar apenas com as dobras, não com todo esse peso.

— Onde diabo você vai *guardar* todo esse lixo? — perguntei. Quando comecei a encaixotar a comida, tive uma visão em que me refestelava com ela, talvez colocando o resto na mochila para um ou dois dias. Mas aquilo era um estoque de *um mês* de comida, facilmente.

— Ah, não vamos guardar, não tema.

No final, havia oito caixas cheias de comida, o que dava seis a mais do que poderíamos carregar com facilidade.

— Não se preocupe — falou Jem. — É só formar uma linha de montagem. — E foi exatamente o que fizemos. Empilhei sete caixas, e Jem levou uma até o fim do quarteirão. Peguei mais uma caixa e andei na direção dele enquanto Jem caminhava de volta até mim. Quando nos cruzamos, passei a caixa para ele, que se virou e andou de volta até a outra ponta, empilhando a caixa no topo da que acabara de apoiar. Enquanto isso, me virei e voltei para a minha pilha e peguei outra caixa. Era um jeito muito eficiente de fazer as coisas, pois nenhum de nós ficava sentado à toa, esperando pelo outro.

Eu me preocupei rapidamente se alguém roubaria uma das caixas das pilhas enquanto estavam sem supervisão, mas depois percebi como fui idiota. Aquelas eram caixas de lixo, afinal de contas. Nós as tínhamos conseguido de graça, de uma lixeira. Presumivelmente, sempre poderíamos encontrar outra lixeira, se precisássemos.

Movemos as caixas por um quarteirão inteiro em apenas alguns

minutos e nos reunimos. Eu estava levemente ofegante e suado. Jem sorriu e girou os braços.

— Melhor do que entrar em uma academia — disse ele. — Só mais dez quarteirões!

Resmunguei.

— Para onde vamos levar essas porcarias?

Ele já estava se movendo, carregando mais uma caixa pela calçada.

— De volta para a estação — gritou Jem por cima do ombro.

Quando chegamos à Old Street Station, Jem imediatamente se aproximou de dois dos mendigos, um casal de idosos vestindo casacos pesados (pesados demais para o tempo que fazia) e vigiando carrinhos de feira cheios de lixo e roupas. Não cheiravam muito bem, mas, pensando bem, nem eu àquela altura, pois havia me esquecido de colocar desodorante na mochila de fugitivo.

— Bom dia, Lucy; bom dia, Fred — disse Jem, soltando uma caixa aos pés deles. — Vocês estão bem?

— Não posso reclamar — falou a velhinha. Quando olhei mais de perto, vi que ela não era tão velha assim, mas tinha envelhecido prematuramente, a pele se tornara uma couraça devido à vida nas ruas. Faltava-lhe um dente, mas ainda tinha um sorriso reluzente. — Quem é o garoto novo, Jem?

— Um aprendiz em treinamento — respondeu ele. — Este é Trent. Trent, estes são meus amigos, Lucy e Fred. — Apertei as mãos ásperas e velhas dos dois. O aperto de mão de Lucy era tão frágil que parecia que eu estava segurando uma borboleta. Fred resmungou e não me olhou nos olhos. Havia algo de errado com ele, dava para ver naquele momento, aquela falha estranha e inexplicável que você sente quando está perto de alguém que, de alguma forma, é doente da cabeça. Ele não parecia perigoso, o oposto, na verdade. Mais... simples. Ou tímido. — Trouxe uma

gororoba — falou Jem e deu um chute na caixa.

Lucy bateu palmas e disse:

— Você é um garoto tão bom, Jem. — Ela se ajoelhou e abriu a caixa, começou a vasculhar o conteúdo com cuidado, puxou algumas latas, algumas das frutas e dos legumes. Exclamou quando viu uma rodela de cheddar e ergueu o rosto para Jem com uma pergunta nos olhos.

— Vá, vá em frente — disse ele. — Pegue quanto quiser. Tem mais de onde isso veio.

No final, os dois nos aliviaram de uma caixa inteira de comida. Conforme guardavam tudo nos carrinhos, senti algo enorme e bom e quente crescer dentro do meu peito. Era a sensação de ter feito algo... bom. Algo muito, muito bom — de ter ajudado pessoas que precisavam.

Eles nos agradeceram com bondade, e nós caminhamos pela estação.

— Eles sabem que a comida vem de uma lixeira? — perguntei, baixinho.

Jem deu de ombros.

— Provavelmente. Nunca perguntaram.

— Você não os levou para ver todas as coisas atrás do Waitrose?

Ele riu com escárnio.

— Fred e Rose são duas das pessoas quebradas de que falei com você. Tentei ajudá-los com os cartazes, tentei ajudá-los a aprender a pegar comida melhor, uma abóbora decente. Mas é como conversar com uma parede. Lucy passou um ano no hospital antes de acabar aqui. O marido dela surrou-a bem feio. E Fred... Bem, deu para ver que Fred não estava totalmente lá. — Ele deu de ombros de novo. — Nem todos conseguem se ajudar. — Jem me deu um soco no ombro. — Que sorte que nós existimos, não é?

Chegamos a outro vagabundo. Esse era bem mais novo e mais magricela, como os viciados que eu tinha visto pela rodoviária em Bradford. Suas mãos tremiam enquanto o homem escolhia a comida, e ele

murmurava consigo mesmo, mas nos agradeceu com muita sinceridade e apertou minha mão com as duas mãos.

Uma por uma, cobrimos as saídas da estação e os mendigos. Jem jamais tentou evitar que alguém pegasse demais, nem guardou as melhores coisas para si mesmo. Quando terminamos, havia somente uma caixa de comida, a maioria das coisas era a comida enlatada estrangeira esquisita. Eram os itens mais pesados da carga, é claro.

— Vamos lá, então — disse ele. — Vamos fazer um piquenique. — Caminhamos para fora da estação e por uma rua durante um tempo, depois atravessamos os portões de um lindo cemitério antigo.

— Bunhill — falou Jem. — Originalmente, "Bone Hill". Costumava ser local de desova da praga, sabe. — O cemitério ficava um bom metro mais alto do que a calçada à frente dele. — Multidões de pessoas mortas durante a praga, todas enterradas sob a terra. Faz bem à grama, como pode ver. — Ele indicou os rolinhos de gramado de um dos lados das lápides antigas, cobertas de musgo e cercadas. — Cemitério não conformista — continuou Jem, levando-me mais para dentro. — Solo profano. Muita gente interessante enterrada aqui. Tem os escritores: John Bunyan, que escreveu *O peregrino*, e Robert Louis Stevenson, que escreveu *A ilha do tesouro*. Tem os velhos filósofos, como Thomas Hardy. E alguns verdadeiros gênios da matemática, como o velho Thomas Bayes... — Jem apontou para uma sepultura baixa e cheia de musgo. — Ele inventou um ramo da estatística que foi acrescentado a todos os filtros de spam, duzentos anos depois de ele ter sido enterrado.

Jem sentou-se em um banco. Passava do meio-dia, e somente algumas pessoas estavam almoçando a nossa volta, nenhuma próxima o bastante para nos ouvir.

— A vida de cavalheiro aventureiro é grandiosa — disse ele. — Nada para fazer o dia todo além de tirar morcelas de dentro da lixeira e ler cartazes que a sociedade histórica local coloca no cemitério. — Ele tirou

um abridor de lata de dentro do bolso do casaco. — Aqui — falou Jem. — Gosta de feijões mexicanos refritos?

— Tipo Taco Bell?

Ele sacudiu a cabeça.

— Muito melhor do que aquela porcaria. — Remexendo mais os bolsos, Jem encontrou uma pequena garrafa de vidro de Tabasco. Ele abriu os feijões, jogou o molho picante sobre eles e os amassou com um garfo feito de bambu que extraiu de uma bolsa de náilon organizada. Então pegou outro garfo e o entregou a mim. — Coma — disse ele. — Estamos fazendo um tour culinário do mundo!

Não foi a melhor refeição que já comi, mas foi a mais esquisita e a mais divertida. Jem narrou o conteúdo de cada lata como o anunciante de um programa de culinária. O mingau insípido do café da manhã tinha finalmente se dissolvido no meu estômago, deixando-me terrivelmente faminto, e os sabores nada familiares percorreram um longo caminho até preencherem os vazios. Quando terminamos, haviam sobrado apenas duas ou três latas, as quais Jem ofereceu a mim. Peguei uma lata de palmitos em conserva de água doce e deixei as outras duas para ele.

Jem ficou de pé e alongou os braços acima da cabeça, depois se abaixou e tocou os dedos dos pés, esticou o corpo e girou de um lado para o outro.

— Certo, então — falou ele. — As lições básicas terminaram. O que você aprendeu, pupilo meu?

Fiquei de pé e me alonguei também. Meus músculos, já doloridos de carregar toda aquela comida, tinham esfriado e enrijecido enquanto comíamos, então gemi conforme eles se alongavam relutantemente.

— Hã — falei. — Tudo bem, nada de cartazes marrons. — Jem assentiu. — Não confie em datas de validade. — Ele assentiu de novo. — Caçambas dão boa comida. — Jem assentiu. — Bem — disse eu. — Isso é muito legal.

— Está se esquecendo da lição mais importante — falou Jem. — E

estava indo tão bem.

Concentrei-me.

— Não sei — respondi. — O que é?

— Você precisa descobrir sozinho — falou Jem. — Agora, o que vai fazer a seguir?

Dei de ombros.

— Acho que farei um cartaz. Vou achar um ponto que não seja tão próximo do seu, é claro. Não quero atrapalhar seus negócios.

— Não me incomodo. Mas, além disso, o que vai fazer? Onde vai dormir esta noite?

— De volta ao abrigo, acho. Melhor do que dormir sob a marquise.

Ele assentiu.

— É melhor do que a marquise, verdade. Mas há lugares melhores. Estou de olho em um pub muito legal em Bow. Todo coberto por tapumes, ninguém entra lá há meses. Parece aconchegante, também. Quer vir comigo dar uma olhada?

— Você vai invadir?

— Não — respondeu Jem. — Isso é ilegal. Vou *entrar*. A porta da frente está com as treliças soltas. — Ele emitiu um *tsc*. — Vândalos. Onde este mundo vai parar?

— Não é ilegal entrar?

— Direito de ocupante, amigo — respondeu Jem. — Vou ocupar aquela estrutura abandonada e torná-la bonita, elevando assim o ar geral da vizinhança. Trabalho pelo bem social.

— Mas você vai ser preso?

— Não é *ilegal* — falou ele. — Não se preocupe, amigo. Não precisa vir se não quiser. É que não gosto daquele abrigo. É bom para pessoas que não conseguem nada melhor, mas eu sempre fico com medo de existir alguém mais desesperado do que eu que não consegue uma cama porque estou ali.

"Além disso, esses pubs antigos são lindos, piso de madeira, peças de latão, o velho revestimento de madeira. O sonho de um corretor imobiliário. Os azulejos do lado de fora já são suficientes para partir seu coração. — Jem estendeu a mão. — Foi um prazer conhecê-lo, amigo. Espero que nos esbarremos de novo em breve.

— Espere! — falei. — Eu não disse que não ia!

— Então, venha!

Pegamos o ônibus 55 em Old Street. Ele pagou minha passagem, entregando um punhado de moedas de uma libra de dentro do bolso tilintante. Subimos para o segundo andar e encontramos um assento, logo na frente, ao lado da enorme janela panorâmica.

— O canal de Londres — falou Jem, indicando as janelas e as ruas de Londres passando rápido por nós. — Em alta definição. Não há nada igual. Amo este lugar.

Passamos pelas ruas de Shoreditch e entramos em Bow, que era muito mais selvagem e menos rico. Mesclados às lojas chiques estavam antigos mercados familiares, lojas de apostas, lojas decadentes de produtos baratos e muitas fachadas cobertas por tapumes. As pessoas eram uma mistura de jovens descolados, como aqueles de Shoreditch, idosos caminhando lentamente pela rua carregando as compras, mulheres em véus muçulmanos com crianças ao lado, africanos em cores vibrantes conversando animados enquanto andavam pelas ruas. Parecia muito mais com Bradford, com todos os indianos e paquistaneses, do que com Londres.

Adentramos mais em Bow, passando por diversas propriedades, incluindo alguns arranha-céus residenciais que eram muito mais altos do que qualquer prédio de apartamentos que eu já tinha visto, alguns deles cobertos por tapumes até o céu. Ali era bem menos legal do que a rua principal pela qual tínhamos acabado de passar, definitivamente perigoso.

Como minha casa. Mas não me deixou com saudades de casa.

— Ficamos aqui — falou Jem e pressionou o botão de Parada no balaústre, ao lado do banco. Não havia quase mais ninguém no ônibus, e nos desequilibramos nos degraus quando ele freou em um ponto no qual todo o vidro havia sido quebrado, e recentemente, a julgar pelas peças reluzentes do vidro de segurança que cobriam a calçada conforme descemos.

Passamos por cima do vidro, esmagando-o, e ouvi um arrulho — como o de uma coruja, mas eu tinha quase certeza de que vinha de uma garganta humana — a distância. Houve um assobio em resposta.

— Olheiros de traficantes — falou Jem. — Acham que podemos ser fregueses. Não se preocupe, não vão nos incomodar depois que virem que não estamos aqui atrás de cocaína. Apenas continue andando.

Jem seguiu na direção de um estacionamento vazio que estava cheio de colchões velhos, peças de carros, carrinhos de compras e sacolas plásticas em decomposição voando. Do outro lado do estacionamento ficava um prédio de tijolos solitário, de três andares. O lado que estava de frente para nós tinha uma escada fantasma — os alicerces de tijolo para uma escadaria que, algum dia, se estendeu parede acima quando fazia parte do prédio ao lado. Ao olhar em volta, pude ver mais fantasmas: formas retangulares de pedras enterradas no chão, as antigas fundações de uma fileira de prédios que em algum momento se erguia ali. O pub — pois era isso que era — era o último prédio de pé, o único sobrevivente de uma rua inteira que sucumbira à esfera dos demolidores.

Conforme nos aproximamos, Jem parou e levou as mãos aos quadris.

— Lindo, não é? Espere até ver o lado de dentro. Um lixo total, mas depois de limpo vai ficar ótimo.

Atravessamos até o prédio, e Jem entrou sem parar. Eu segui, e meu nariz foi tomado pelo fedor de mijo velho e bebida e cigarro e merda. Não era um cheiro bom. Engasguei um pouco, então passei a respirar pela boca.

Jem, enquanto isso, tirara a mochila das costas e pegara de dentro algumas máscaras de pintor. Ele colocou uma por cima da cabeça e entregou outra a mim.

— Aqui — disse ele, a voz um pouco abafada. — Vamos cuidar do cheiro logo, logo, não se preocupe. Mas primeiro precisamos fazer algo em relação a essa porta.

Ele tirou de dentro da mochila uma lanterna de cabeça própria para trilhas e colocou-a, acendendo-a e projetando um feixe branco que cortou o ar poeirento e fedido. Jem fechou a porta com força, e a lanterna virou a única fonte de luz no pub trancado, exceto por algumas frestas ao redor das tábuas nas janelas. Senti medo por um momento. *É agora que ele vai me retalhar e me jogar em uma lixeira.* Mas Jem não mostrou interesse algum em me retalhar. Em vez disso, observava a fechadura com atenção. Ele enfiou uma chave de fenda nela e começou a remover o mecanismo trabalhosamente. Dava para ver que tinha sido empenada e quebrada por algum vândalo antigo.

— As porcarias dos parafusos enferrujaram nos buracos — murmurou Jem, enfiando as mãos na mochila em busca de uma garrafa plástica pequena com um bico longo e fino. Ele pingou um líquido nos parafusos. — Óleo lubrificante — falou. — Isso vai soltá-los.

— Jem — disse eu. — Que diabo você está fazendo?

— Trocando a fechadura. Preciso estabelecer residência, se quiser reivindicar este lugar para mim. — Ele recolocou a chave de fenda na porta.

— Você o quê? — exclamei. — Você vai reivindicar este lugar? Como pretende fazer isso?

— Com um destes — respondeu Jem e me entregou uma folha de papel dobrada. Eu a desdobrei no escuro e segurei-a sob a luz da lanterna para ler.

AVISO LEGAL

Seção 6, Ato de Lei Criminal de 1977

Conforme emenda do Ato de Justiça Criminal e Ordem Pública de 1994

FAZ-SE SABER

QUE moramos nesta propriedade, é nosso domicílio e pretendemos ficar aqui.

QUE a todo momento há pelo menos uma pessoa nesta propriedade.

QUE qualquer entrada ou tentativa de entrar nesta propriedade sem nossa permissão constitui ofensa criminal, pois qualquer de nós que detém a posse física se opõe à entrada sem nossa permissão.

QUE, se você tentar entrar de modo violento ou sob ameaça violenta, nós o processaremos. Você pode receber uma sentença de até seis meses de prisão e/ou uma multa de até £5.000.

QUE, se você quiser nos retirar, precisará registrar uma queixa na Corte Municipal ou na Corte Suprema, ou apresentar-nos uma declaração por escrito ou certificado nos termos do Ato da Lei Criminal de 1977, S.12A (conforme emendado pelo Ato de Justiça Criminal e Ordem Pública de 1994).

QUE é uma ofensa, de acordo com o Ato da Lei Criminal de 1977, S.12A (8) (conforme emendado), conscientemente, prestar falso testemunho para obter declaração por escrito ou certidão para os propósitos expressos na S.12A. Uma pessoa culpada de tal ofensa pode receber sentença de até seis meses de prisão e/ou multa de até £5.000.

Assinado

Os Ocupantes.

Apreendi o máximo que pude daquilo.

— Que porcaria é essa? — indaguei.

Jem resmungou enquanto torcia a chave de fenda, e ouvi o parafuso no qual ele trabalhava arranhar e começar a girar.

— O que parece?

— Parece — falei devagar —, que você está reivindicando ser agora o dono deste pub.

Ele terminou de trabalhar naquele parafuso e passou para o próximo.

— É isso mesmo — falou Jem. — Direito de ocupante.

— Você disse isso antes. O que é direito de ocupante?

— Bem, você sabe. Quando os prédios são abandonados, como este, o proprietário some e ninguém toma conta deles, é uma, sabe, uma praga

para a vizinhança. Atrai usuários de drogas, prostitutas, gangues. Torna-se desagradável aos olhos. Depois da Segunda Guerra Mundial, havia vários desses prédios, simplesmente vazios por aí, arrastando para baixo tudo à volta deles. Então, as famílias que não podiam pagar por moradia simplesmente se mudaram para eles. Não é um crime, é uma violação civil. Não pode ser preso por isso, então não se preocupe com essa parte. O pior que podem fazer é forçá-lo a se mudar, e para fazer isso eles precisam de ordem judicial. Isso pode levar meses, ou até anos.

— Parece que você já fez isso antes. — Parecia bom demais para ser verdade. Eu não fazia ideia de quanto valia um pub de vários andares, mas tinha de ser centenas de milhares de libras. Poderíamos realmente apenas nos mudar e tomá-lo?

— É — respondeu Jem. — Eu não durmo em abrigos se puder evitar. Estou entre ocupações no momento, mas não por muito tempo. Dormir em abrigos. — Ele deu de ombros, e a luz da lâmpada quicou pelo cômodo. — Bem, não é para mim, como falei.

Jem tinha tirado a tranca àquela altura, então pegou uma tranca nova e pesada na mochila, alinhou-a com os furos dos parafusos na porta para se certificar de que cabia, preencheu os buracos com algum tipo de cola e começou a parafusar essa tranca.

— Deve bastar por enquanto — disse ele. — Depois que essa madeira líquida secar, a fechadura não vai ceder. Terão de arrancá-la com uma alavanca. Depois colocarei alguns trincos.

— Jem — falei. — Que diabo está fazendo?

— Estou estabelecendo a ocupação — respondeu ele. — Tente acompanhar, por favor? Vou limpar este lugar, colocar aquele aviso na janela, trazer algumas camas e coisas assim, ligar a eletricidade e o gás e vou morar aqui por quanto tempo puder. Lembra-se do que falei sobre haver um jeito melhor de ser sem-teto? É este.

Engoli em seco.

— E o que estou fazendo aqui?

— Tem muito espaço — falou Jem. — E é difícil fazer isso sozinho. É preciso manter alguém na propriedade o tempo todo, para dizer às pessoas para caírem fora se aparecerem querendo retomar o lugar. Não podem entrar enquanto alguém estiver em casa, não sem um mandado. Ah, é claro que eu poderia deixar o rádio ligado e torcer para que isso os enganasse, mas...

Ele estava falando a quase 100 quilômetros por hora. De repente, percebi que Jem estava ainda mais nervoso do que eu. Tinha verificado o local e estava pronto para se mudar, mas não poderia ocupá-lo até que encontrasse um comparsa — eu. Alguém precisava ficar em casa enquanto ele estava na rua pegando comida e tal.

— Quer que eu me mude para cá? Jem...

Ele ergueu as duas mãos.

— Olhe, a pior coisa, a pior coisa *mesmo*, certo? A pior coisa que poderia acontecer seria conseguirem uma ordem judicial para nos despejar e voltarmos para o abrigo. De volta para onde começamos. Pode levar um dia, pode levar *anos*. Enquanto isso, o que mais você tem para fazer? Quer mesmo passar o resto da vida dormindo em um quarto com oito? Olhe, filho, esta é a chance de se tornar um cavalheiro de lazer em vez de, você sabe, um *vagabundo*. Não quer isso? É claro que quer. *É claro que quer!*

Recuei um passo para dentro da escuridão do pub fedido e trancado.

— Olhe, amigo — falei. — Tudo parece legal, mas isso é muito repentino...

Jem se levantou e limpou as mãos nas coxas.

— É, tudo bem, é justo. Mas você não teria vindo se eu tivesse dito que acabaríamos morando em um prédio ocupado, certo? Eu queria que você *visse* o lugar antes de se decidir. Apenas olhe para este lugar, filho, apenas olhe para ele! Pense no potencial! Conseguiremos sofás grandes e confortáveis, limparemos a cozinha e arrumaremos a água corrente,

colocaremos uma antena Freeview, encontraremos uma Wi-Fi para roubar, será uma porra de um palácio. A porra de um *palácio*! Apenas pense em como poderia ser! Arranjaremos cera para madeira e restauraremos o revestimento nas paredes e aqueles reservados velhos, poliremos o cromo da cozinha. Poderíamos *servir jantares*! Nossa, você deveria *ver* a geladeira e o freezer industrial que eles têm aqui, poderíamos guardar um ano de comida e ainda sobraria espaço.

Hesitei, dividido entre a ansiedade e a animação contagiosa de Jem.

— Não entendo — falei. — Como é possível não nos prenderem por isso? Não estamos invadindo?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, a não ser que haja uma ordem judicial. Até então, somos posseiros desbravadores na brecha confusa da lei de propriedade. É um ótimo lugar para ficar, amigo. Lugares como este, é de interesse público que os ocupemos. Os policiais podem aparecer, mas, contanto que não os deixe entrar e saiba o que dizer a eles, não farão nada a não ser barulho. Vamos, o que me diz? Quer ser um garoto de rua ou quer ser um aventureiro?

Olhei ao redor do pub escuro e fedido. Agora que meus olhos estavam se ajustando ao breu, pude ver todos os móveis destruídos espreitando à sombra. Tinha sido um ótimo lugar um dia, dava para perceber. Um trabalho legal com os azulejos. Pisos de madeira antigos e reservados e bancos. Um bar extenso de madeira com tocos, dos quais haviam sido arrancados os banquinhos, e um espelho quebrado ao fundo. Lembrei-me de como o prédio parecera grande do lado de fora, todos os cômodos a mais, e percebi que queria explorar todos, mapeá-los como uma fase de um jogo, descobrir todos os tesouros e consertá-los.

— Tudo bem — falei. — Fechado. Por enquanto, de qualquer forma. Mas você precisa me prometer que não vai fazer com que eu seja preso ou me retalhar e me deixar em lixeiras por todo o bairro de Bow.

Jem fez o um "X" na altura do coração.

— Prometo. Eu disse que fazia mais o tipo dos tijolos nas canelas, não disse?

Depois que Jem colocou as fechaduras na porta — três, incluindo duas trancas que precisaram ser trabalhosamente presas ao alizar e à porta com parafusos longos e afiados de aço, uma tarefa dificílima que nos custou uma hora em turnos alternados —, ele tirou uma carta de dentro da mochila, em um envelope fechado com um selo de correspondência simples.

— Certo — falou Jem. — Esta carta está endereçada a mim, neste endereço: o Three Crows Pub, Bow. Vou dar uma saída e encontrar uma caixa de correio de rua, então vou enviá-la. Isto será uma primeira prova de que moramos aqui, e será útil quando, e se, o judiciário surgir. Também vou conseguir um jantar para nós. Pizza está bom para você?

Fiquei espantado com sua engenhosidade.

— Você já fez isso antes.

— Nunca sozinho, sempre como parte do grupo de outra pessoa. Mas, sim, uma ou duas vezes. Vou lhe dizer, ocupação é para os reis, abrigos são para os pedintes. Depois que você decide ser rei, não tem como voltar. Então, pizza?

Meu estômago deu um salto ao ouvir a palavra *pizza*.

— Como disse Buda ao vendedor de kebab, "um com tudo".

Jem deu um riso debochado e saiu. Depois gritou:

— Tranque tudo e não deixe ninguém entrar até eu voltar, está bem?

— Certo! — gritei para a porta que se fechava.

Ele tinha me deixado com a lâmpada de cabeça, e eu a prendi. Esperava que ficasse silencioso no pub depois de ele ir embora, mas o lugar estava vivo com ruídos assustadores de prédio velho: estalos e sons misteriosos de roedores deslizando dentro das paredes. Nada de eufemismos: era um

lugar aterrorizante para estar. Em minha mente, o estalido das patas de camundongos sobre tábuas invisíveis era o raspar de unhas dos olheiros de traficantes locais — aqueles que tínhamos ouvido se comunicar enquanto seguíamos até o pub — tentando entrar por entre tábuas soltas secretas. E aquelas tábuas que estalavam — essas eram um vagabundo velho e monstruoso, de pele curtida, que tornara aquele lugar seu covil, enroscado em algum canto úmido do qual agora se erguia, preparando-se para retalhar e devorar os intrusos que haviam invadido seu território.

Tenho uma imaginação hiperativa. Pelo menos sou homem o bastante para admitir. Quero dizer, parte de mim sabia que não havia mais ninguém naquele prédio apodrecido. E eu tinha passado a manhã inteira conhecendo e alimentando um monte de vagabundos, e, à exceção de um, eles tinham sido educados, amigáveis e tinham mais medo de mim (e das próprias sombras) do que eu deles.

Então, recoloquei a lâmpada na testa e, devagar, comecei a explorar o pub, fazendo um esforço consciente para manter a respiração tranquila e impedir que meus ombros se apertassem de encontro às orelhas.

Deixe-me dizer apenas isto: há modos melhores de explorar um prédio abandonado assustador do que com uma lanterna. O feixe de luz estreito se balança como doido toda vez que você move a cabeça um pouquinho de nada. O feixe que passa bem na frente do seu rosto significa que você tem visão periférica *zero*. Sempre que você projeta o feixe em algum objeto refletor e acaba cegando a si mesmo, isso cria um enxame de pontinhos de luz verdes que se parecem *exatamente* com as mãos de fantasmas saindo das paredes, determinados a estrangular você. É a recriação perfeita de todos os filmes de zumbi que você já assistiu, nos quais a respiração do herói faz um ruído quando inspira e expira conforme ele caminha com cuidado pelos corredores de alguma base militar banhada em sangue, esperando que o bando de mordedores mortos-vivos irrompa rosnando de uma das portas e o dilacere até se tornar pedaços e gosma.

Só há uma coisa pior: apagar a lanterna.

Caminhei devagar e com cuidado, determinado a me convencer de que eu não estava louco de medo. Havia uma cozinha grande e, de fato, continha um freezer industrial enorme, o qual tinha um cheiro um pouco ruim, mas não totalmente horrível. O encanamento chacoalhou e gemeu quando liguei as torneiras, mas então a água começou a correr, primeiro em jatos irregulares de uma coisa marrom e enferrujada, depois em uma corrente boa e contínua de água limpa das torneiras de Londres, o Tâmisa depois de filtrado pelos rins de 20 milhões de pessoas, processado e jogado de volta ao Tâmisa, depois enviado de novo àqueles rins sedentos. É o ciclo da porcaria da vida. Reconfortante.

Àquele momento, eu tinha contraído um caso genuíno de pavor e me ocorreu que talvez algumas das janelas do andar de cima não tivessem sido totalmente fechadas com tábuas, então poderia haver alguns cômodos iluminados pela luz do dia e espantando o bicho-papão. Encontrei as escadas — as quais estalavam como um daqueles ruídos de sonoplastia que se usam nos efeitos sonoros de filmes de terror — e subi, barulhento, até o primeiro andar. Não me demorei muito. Não estava apenas um breu, mas cheirava ainda pior do que o térreo. Alguém morara ali e deixara para trás um quarto cheio de cocô seco e o fedor de amônia de mijo velho e entranhado.

Quer ouvir algo engraçado? Depois que superei o nojo inicial, o que senti foi o ressentimento de um proprietário diante dos maus-tratos que recebera "meu" lar. Algum invasor tinha se instalado ali e feito aquela coisa terrível com o *meu* amado lar. Não importava que tivesse estado lá primeiro, e que eu não soubesse que o lugar existia até aquela tarde, nem que eu essencialmente o tivesse invadido e reivindicado como meu. Eu *merecia* aquele lugar, cuidaria dele de uma forma que o animal que havia cagado o chão inteiro jamais entenderia.

É, esquisito como passei rapidamente de ocupante para dono em minha

cabeça. Mas, por outro lado, lembro-me da primeira vez que montei uma edição própria de um clipe de Seth Watson e o observei espalhar-se por toda a internet, e como eu sentira que aquele clipe era *meu*, mesmo que eu o tivesse pegado de outra pessoa sem pedir. É um mundo engraçado, como dizia a vovó de *Lar, lar desconhecido* (a primeira e melhor comédia romântica de Seth).

No segundo andar, as coisas estavam tão escuras quanto no primeiro, mas menos horríveis. Havia cera no chão, no lugar onde alguém acendera velas, e eu chutei algumas guimbas. Tinha um colchão bem surrado e algumas latinhas de cerveja no que parecia ser um escritório velho — o esconderijo romântico dos adolescentes locais, supus — e outro quarto empilhado de cadeiras e mesas até em cima, todas lascadas e parecendo bambas. Guardei essa informação para referências futuras.

No terceiro e último andar, encontrei mesmo alguns quartos cujas janelas não estavam com tábuas. Deixavam passar uma luz fraca, cinzenta, mas era um grande alívio depois da escuridão profunda dos quartos abaixo. Decidi esperar ali até que Jem voltasse. Quanto tempo poderia levar para postar uma carta e comprar uma pizza? Embora, pelo que eu tinha visto de Jem, não me surpreendesse se o método de postagem escolhido envolvesse invadir o escritório central de distribuição, roubar um selo e depois jogar o envelope dentro da bolsa de um carteiro.

O terceiro andar era um enorme espaço aberto: empoeirado e sombrio, mas quase todo livre de evidências de habitação humana. Tinha janelas em todas as paredes, e eu conseguia imaginá-lo como uma linda cobertura algum dia, depois que terminássemos de reformar o lugar. Mas, por enquanto, eu estava mais interessado no fato de que as janelas a oeste não estavam com tábuas. Desliguei a lanterna e as examinei. Estavam imundas, mas parecia que se abririam, permitindo a entrada de ainda mais luz. Eu me concentrei nas alavancas de ferro pintadas que as trancavam e comecei a empurrar e bater e resmungar e gritar com elas até que as janelas, em um

grito esganiçado, ganharam vida, soltando uma enxurrada de tinta seca e cocô de rato fossilizado e poeira da cor da ferrugem. Devagar, dolorosamente, escancarei as janelas, inundando o quarto com a própria luz cinza encardida de Londres. O ar fresco era incrível, refrescava e reconfortava, assim como a claridade no quarto. Com a ajuda dela, reparei que havia uma caixa de velas e uma pilha de cadeiras em um canto.

Olhei pela janela para o condomínio deprimente. Parecia que tinha sido atingido por uma bomba: detonado e parcialmente em ruínas, com muretas de tijolos podres e corrimões pendurados. Diversos dos apartamentos pareciam estar totalmente interditados, com as janelas fechadas com tábuas. Tínhamos alguns como aqueles no meu condomínio em Bradford: lugares onde o teto havia cedido ou o encanamento havia estourado e o conselho decidira simplesmente deixá-los vazios, em vez de conseguir dinheiro para consertar. Eu não acompanhava a política local muito de perto, mas sabia que o conselho não tinha dinheiro nenhum e estava sempre cortando uma coisa ou outra para fazer tudo funcionar.

Se você fizesse um filme biográfico da minha vida àquela altura, poderia chamá-lo de *Falta de dinheiro* e contratar alguém para compor a música-tema alegrinha chamada "Ele é duro (Sim, ele é)". Seria um sucesso de bilheteria.

Enfim, aquele local da explosão da bomba me era muito familiar. E, droga, ao que tudo indicava, talvez Jem fosse a primeira pessoa que eu conhecia para quem a falta de dinheiro não era um problema. Pelo visto, tinha entendido como viver sem ele. Um truque bem legal.

Olhei pela janela de novo, procurando Jem. Não o vi (será que tinha ido à Itália buscar a porcaria da pizza?), mas vi os olheiros dos traficantes de quem ele falou mais cedo. Apenas crianças, tinham uns 8 ou 9 anos, brincavam de uns jogos bobinhos ou conversavam nas varandas do condomínio, sentadas às portas comendo batatas fritas, fazendo coisas bem infantis. Mas, sempre que alguém novo surgia no condomínio, elas

começavam com os chamados de pássaros, ecoando os ruídos pelos prédios altos.

Elas começaram a arrulhar e gritar, então pensei *Deve ser Jem. Já estava na hora.* Mas, quando olhei para fora, não era Jem: era um homem enorme e cambaleante com dreadlocks longos e uma mala preta de lona que carregava como se pesasse duzentos quilos. O homem vestia botas surradas, jeans azul gorduroso, um casaco corta-vento detonado — parecia um vagabundo. Ou talvez um assassino que caçasse vagabundos e os esquartejasse, depois os carregasse por aí em uma mala de lona.

Ele seguia direto para o pub.

Quero dizer, não é como se ele pudesse se dirigir a qualquer outro lugar. O pub estava sozinho na terra desperdiçada, como o dente solitário em um crânio embranquecido. O homem quicava conforme andava, os dreadlocks se sacudiam, o braço se balançava como um pêndulo, para a frente e para trás, com aquela mala pesada.

Meu primeiro pensamento foi que aquele era algum tipo de brutamontes enviado pelo proprietário para me encher de porrada e me jogar para fora. Mas de maneira alguma o proprietário poderia saber o que estávamos fazendo. Jem nem mesmo colocara o cartaz ainda.

Então achei que pudesse ser um traficante, alertado pelo olheiro. Talvez uma daquelas tábuas soltas no chão escondesse milhões em cocaína ou heroína ou algo ainda mais exótico — um esconderijo de armas?

Então achei que podia simplesmente ser alguém que havia chegado ali antes de nós, alguém que morava ali e conseguia encobrir isso tão bem quando estava fora que eu não consegui encontrar seu quarto.

Então parei de pensar, porque ele estava parado à porta, batendo ritmicamente com um punho gordo, fazendo o prédio inteiro tremer. Minhas entranhas se reviraram de terror. Achei que tinha sentido medo antes, mas fora o medo inominável, quase delicioso, de algo no escuro. Agora eu sentia o terror bem objetivo e específico de um homem gigante e

com aparência tosca esmurrando minha porta. Eu não sabia o que fazer.

Por vontade própria, meus pés me impulsionaram até o térreo, ao salão principal do pub, onde a lanterna de cabeça era a única fonte de luz. Fazia sentido, certo? Afinal de contas, quando alguém bate à porta, você atende.

Ele ainda estava batendo, mas parou.

— Abra, vamos! — gritou o homem com uma voz grossa. — Não tenho a porcaria da noite inteira.

Eu me encolhi em um dos reservados.

— Jem, droga, sou eu, abra a porra da porta!

Ele sabia o nome de Jem. Aquilo era estranho.

— Jem não está — respondi com meu tom de voz mais corajoso, mas saiu como um gritinho agudo aterrorizado.

Houve silêncio do outro lado da porta.

— Como assim não está? Acabei de cruzar a porcaria da cidade inteira. Jem, é você? Olhe, amigo, não estou a fim de joguinhos idiotas. Abra a droga da porta ou...

Minhas bolas se encolheram e subiram até a cavidade abdominal. Era uma sensação curiosa e nada agradável.

— Não é Jem. Ele deve voltar logo. Sinto muito — falei com o gritinho agudo.

— Olha, eu sou a fagulha, certo? Jem me pediu para vir aqui ligar vocês. Tem um monte de outras coisas que eu poderia estar fazendo, então, se quiser ficar sentado no escuro, cabe a você. A escolha é sua.

A fagulha... Um eletricista! Jem não mencionara aquilo, mas ele *tinha* falado algo sobre ligar a eletricidade. Presumi que estava falando de convencer a companhia elétrica a nos conectar, mas não era muito o estilo de Jem, era?

Cautelosamente, caminhei até a porta, abri todas as trancas e depois a fechadura.

O homem era bem mais alto do que eu, com no mínimo 2 metros, e os

olhos estavam vermelhos. Ele não era branco e não era negro — mas não era indiano ou paquistanês também. Tinha cheiro de óleo de máquina e maconha adocicada, e a mão livre era grande, os nós dos dedos protuberantes, e estava manchada de óleo. Ele passou direto por mim sem dizer uma palavra e caminhou com determinação até o meio do pub.

O homem inspirou com reprovação.

— Fedor é pouco, não é? Meu conselho: espalhe alguns grãos frescos de café imediatamente, isso cobre praticamente tudo. Mas aposto que este lugar tem uma porcaria de um exaustor enorme na cozinha; ligue aquilo por alguns dias e vai ficar cheirando melhor. — Ele se virou para me olhar. — É bom fechar essa porta, raio de sol. Nunca se sabe que tipo de vilão está espreitando no velho e malvado leste de Londres.

Fechei a porta. Ainda usava a lanterna na cabeça, e o feixe de luz mostrava minhas mãos trêmulas conforme eu fechava as trancas.

— Sou Dodger — disse ele, ao acender uma lanterna grande e seguir para trás do bar, iluminando sob o balcão. — A fagulha. — Ele ficou de pé e foi até a cozinha. — Você não viu o disjuntor deste lugar, viu?

— Não — respondi com dificuldade, ainda esganiçado. — Sou Trent — falei. — Amigo de Jem.

— Isso é legal — respondeu ele. O homem estava na cozinha agora, e eu conseguia ouvi-lo movendo as coisas, olhando atrás de coisas. — Você é sortudo. Deve ficar no porão. Onde está a porta?

— Não sei — respondi. — Acabei de chegar aqui.

— Não importa, achei. Venha aqui, amigo. — Ele estava ajoelhado no meio do chão da cozinha, a lanterna em uma das mãos, com a outra agarrava o anel de um alçapão localizado no chão. Eu acidentalmente o ceguei com minha lanterna, e ele soltou a argola e cobriu o rosto. — Cuidado, está bem? Nossa, essas lâmpadas de cabeça são um lixo completo. — Ele me entregou a lanterna, pesada com todas as pilhas dentro. — Aponte isso para onde eu estiver trabalhando, e não para meus

olhos. Apague essa coisa ridícula na sua cachola.

Fiz como ordenado e observei, com fascinação, conforme ele urrava e puxava o anel, erguendo o alçapão e soltando-o, aberto, com um estampido de estourar os tímpanos. Uma escada descia até a escuridão do porão.

— Tudo bem — disse ele. — Missão cumprida, hora de uma pausa. — O homem enfiou a mão no bolso e tirou de dentro um pacote de papéis de seda e um saquinho de alguma coisa. Erva, no fim das contas, pungente o bastante para tirar o fedor do pub assim que ele abriu o saco. — Vamos melhorar a qualidade do ar, certo? Segure a lâmpada, isso aí. — Ele apoiou o papel na coxa, sobre as calças jeans, alisou-o, pegou outro e, cuidadosamente, prendeu-o ao primeiro, fazendo um papel de largura dupla. Salpicou uma porção generosa de maconha no centro e, depois, rapidamente enrolou um baseado tão perfeito que parecia ter sido feito em uma fábrica. Depois torceu as pontas, enfiou na boca e riscou um fósforo no chão para acender.

Ele tragava forte e exalava uma nuvem enorme de fumaça cheirosa.

— Quer um pouco? — perguntou o homem, esticando o baseado e soltando mais fumaça pelas narinas.

Como um daqueles garotos de comerciais sobre os perigos da pressão do grupo, eu peguei e fumei. Conforme inalava, minha cabeça se enchia de fantasias paranoicas sobre todas as coisas às quais a erva poderia estar misturada: tranquilizantes para cavalos, veneno de rato, alucinógenos exóticos, heroína sintética. Mas senti o gosto e ela desceu como a erva que eu fumava de vez em quando na escola. Traguei mais um pouco de fumaça, com cuidado para não deixar o papel babado, e devolvi o baseado.

Ele tirou mais um trago gigante, depois outro. E passou de volta para mim. Parecia que eu não estava sentindo efeito nenhum, então dei uma tragada dupla e profunda, devolvi e depois peguei de volta quando ele

terminou. Tínhamos fumado até a metade quando Dodger gesticulou para mim e falou, com a respiração presa:

— Fique com ele, amigo, preciso trabalhar.

Eu ainda não estava sentindo, o que era estranho, porque normalmente eu era o primeiro a ficar todo bobalhão quando havia um baseado passando. Dei de ombros, traguei mais um pouco e ergui a lanterna enquanto ele descia pela escada bamba. Eu me senti bem legal, preciso admitir, todo moderno e "das ruas", fumando o baseado daquele marmanjo em um lugar ocupado e escuro como breu. Apenas alguns dias antes eu era um cara provinciano e, agora, lá estava eu, na grande metrópole, cometendo crimes, fazendo besteira e passando o tempo com novos colegas que tinham nomes como "Dodger".

Era *épico*.

Dodger estava lá embaixo, no porão, e gritou para que eu virasse a lanterna para o painel que havia encontrado. Ele coçou o queixo, pensativo, enquanto o contemplava, e percebi que o feixe de luz que eu segurava estava piscando um pouco e serpenteando nas bordas. Talvez fosse a poeira no ar. Dodger não reclamou, então não falei nada.

Trabalhando com a mesma eficiência perfeccionista que aplicara ao enrolar o baseado, Dodger começou a retirar ferramentas da bolsa. Primeiro, uma espécie de medidor com um par de pinças tipo boca de jacaré que ele prendeu em pontos de contato diferentes no painel, trabalhando com movimentos curtos e precisos. Depois, ele assentiu consigo mesmo e puxou um cinto de ferramentas, o qual lhe pendia da cintura, selecionando uma variedade de chaves de fenda e usando-as, uma por vez, até que o disjuntor inteiro se desprendeu da parede de tijolos áspera e úmida. Depois Dodger pegou um fio de um carretel e o puxou até o comprimento de 1 metro, desencapando as pontas. Ele voltou a trabalhar com as chaves de fenda, e eu apertei os olhos para ver o que estava fazendo.

— Eca — exclamou Dodger, depois esticou a mão enluvada no espaço atrás do disjuntor e tirou um punhado de coisas peludas e secas como papel. — Ratos mumificados — gritou ele. — Os pequenos desgraçados deram uma mordida no fio e tiveram uma surpresa. Que sorte que os vi antes de ligar a força de novo. Secos como estão, não me surpreenderia se pegassem fogo.

Ele jogou os roedores mumificados no chão sujo do porão e voltou ao trabalho, resmungando consigo mesmo e gritando para que eu mudasse a lanterna para uma ou outra direção. Havia algo engraçado na voz de Dodger, uma característica esquisita imposta a ela pelo espaço morto do porão ou algo assim, então soltei uma risadinha.

— Certo — falou Dodger —, preparar, apontar eeee... — Ele virou uma alavanca enorme, e as luzes por todo o pub se acenderam. — *Fogo!* — Soltei a lanterna e semicerrei os olhos contra a iluminação repentina. Houve um *pop* alto e o pub voltou ao breu. Senti cheiro de plástico derretido, como se viesse de uma fogueira.

— Certo — falou Dodger de novo. — Certo. Então é assim que vai ser, não é? Coloque aquela luz de volta sobre mim, amigo, esse aqui vai precisar de um trabalho sério.

Tateei em busca da lanterna, a qual tinha ficado acesa quando a soltei, e descobri que não conseguia manter o equilíbrio. Tropecei e caí no chão imundo, por pouco não mergulhei de cabeça pelo alçapão e caí na escada. Sentei-me com cuidado, a cabeça zonza, e encontrei a lanterna.

— Acho — falei com a língua enrolada. — Acho que talvez eu tenha fumado um pouco demais. Só um pouco... — Deixei a frase no ar. Minhas mãos pareciam fechadas em luvas de boxe, e eu mal conseguia sentir o rosto, e tudo era um pouco hilariante.

Dodger fez um ruído grosseiro.

— Cruzes, você não é meio viadinho, é? Achei que vocês do norte eram duros como tijolos. Apenas fique aí e segure a lanterna, está bem?

Foi o que fiz, e, por mais três vezes, Dodger ligou a energia e, por mais três vezes, houve um estalo alto, fumaça e escuridão repentina. Na terceira vez, saiu até um pouco de fogo do fio, e ele o apagou com um extintor químico pequeno. Esse fogo pareceu indicar que o trabalho seria muito maior do que ele havia suspeitado, então Dodger começou a trabalhar sério, usando uma marreta para soltar vários tijolos e cavar mais fundo para dentro do conduíte que levava ao porão.

A maconha pressionava meus braços e minhas pernas como pesos de chumbo, e percebi que minha cabeça estava caindo até o peito, as pálpebras se fechando por vontade própria. Cochilei diversas vezes em um estupor chapado, lento e tonto. As luzes se acendiam e apagavam em um ritmo irregular conforme Dodger progredia de modo errático, cada evento me animando momentaneamente. Fui acordado de vez por Dodger batendo na sola do meu sapato com o cabo da chave de fenda, esticando o braço de dentro do porão e gritando.

— Ei! Ei! Atenda à porta, filho!

Pisquei e ouvi. Alguém estava batendo à porta com um rá-tá-tá-tá-tá-tá animado, usando alguma coisa metálica, como um chaveiro, para formar uma melodia apressada.

Caminhei até a porta sobre pés que pareciam ter crescido três tamanhos, tentando afastar a erva da mente e do corpo.

— Quem é? — gritei.

— O príncipe Charles — respondeu Jem. — Vim lhe entregar uma medalha real pelos serviços prestados à Inglaterra. Abra a porra da porta, filho!

Mexi nas trancas com dedos idiotas e abri a porta. Estava tudo escuro do lado de fora, e, em contraste, a iluminação interior dos tubos fluorescentes era tão clara quanto o sol. Jem recuou um passo, quase derrubando as caixas de pizza que segurava à frente do corpo.

— Desculpe-me — disse ele. — Tive umas coisas para resolver. Levei

um pouco mais de tempo do que imaginei. Parece que Dodger encontrou o lugar sem problemas, no entanto? — Ele afastou o rosto das luzes e me entregou as caixas de pizza. Elas exalavam um cheiro tão intoxicante quanto o de qualquer perfume, cheias de queijo, gordura e sal, e estavam quentes, então minha boca se inundou com tanta saliva que quase pingou pelo meu peito.

— Você não me disse que alguém viria — falei, ouvindo um tom acusatório na voz. — Ele me matou de susto. Achei que estivesse aqui para me matar!

Jem riu e fechou e passou as trancas na porta, tirou a parca enorme e a jogou em uma cadeira. Sem ela, ele era tão franzino quanto um cabo de vassoura, os braços pareciam palitos de dentes e as pernas, piteiras.

— Eu pedi desculpas, não pedi? Achei que voltaria antes de Dodger chegar. Mas não precisa ficar com medo dele, amigo, é como um gatinho abandonado, esse Dodger.

— Eu ouvi isso — gritou Dodger da cozinha. — Não me faça espancá-lo pelo cachorro que é, Jem. — Ele voltou para o pub e olhou ao redor, franzindo o nariz de novo. — Nossa, o fedor deste lugar fica voltando como se fosse uma onda. É um fedor *texturizado*.

Jem gesticulou com a mão.

— Vamos cuidar disso logo. Enquanto isso, trouxe café.

Dodger assentiu.

— É, isso é um bom começo, dê-me aqui.

Jem abriu a mochila e entregou-lhe um saco de papel com grãos de café. Dodger o abriu, o selamento a vácuo soltou um assobio, e o cheiro de café parecia escuro e aconchegante ao mesmo tempo, interrompendo o fedor de mijo e mofo. Dodger derramou um pouco na mão e salpicou pelo pub, dando atenção especial aos cantos e rodapés. Enquanto ele fazia isso, Jem abriu as caixas de pizza, limpou os dedos com alguns lenços antissépticos e começou a cortar as fatias, que pingavam queijo gorduroso.

Ele me ofereceu um lenço, e percebi o quanto minhas mãos estavam encardidas, como se eu as tivesse enfiado na bunda de uma vaca ou pior, então, meticulosamente, esfreguei por todo canto, até a altura dos cotovelos e sob as unhas. Finalmente, Jem arrancou o lenço de meus dedos — estava estropiado.

— Você andou fumando a erva de Dodgers — disse ele.

Assenti.

— Faz coisas engraçadas com a gente, aquele produto. Se fumar demais, vai ficar como Dodger. Ninguém quer isso. — Dodger terminou de salpicar o café, fez uma bola com o saco vazio e jogou na cabeça de Jem, acertando em cheio.

Jem apontou para as pizzas que estavam esfriando. Uma estava coberta de cogumelos, pimenta e milho. A outra tinha pepperoni, carne moída, camarão e anchovas. Normalmente, eu odiava milho *e* anchovas, mas, entre a erva e os eventos estranhos do dia, eu sentia como se pudesse experimentar qualquer coisa naquela noite.

Provei a fatia vegetariana primeiro e achei que o milho a tornava perfeita, com uma textura quase crocante nos grãos, que tornava a pizza muito boa de mastigar. Estava temperada com tomate, alho e especiarias — identifiquei orégano e manjericão e muitas mais que não consegui nomear. Era a coisa mais saborosa que eu já tinha comido, porque estava comendo no meio de uma aventura. Experimentei uma fatia da de carne e estava *ainda melhor*, a anchova salgada e com sabor de peixe, forte como uma boa sopa e perfeita em milhões de maneiras. Eu era um adolescente inglês normal e tinha crescido comendo pizza a vida inteira, mas jamais tinha comido uma pizza como aquela.

— Onde você conseguiu isso? — perguntei. — É... é... é uma *loucura*.

Jem sorriu por trás da própria fatia.

— Boa, não é? Um lugar que conheço, eles usam forno a lenha, fazem a própria massa. Prefiro passar fome a comer na Domino's. Guardo dinheiro

para essa coisa. Não é barato, mas esta é uma ocasião especial.

Dodger enrolou uma fatia, formando um canudo, e enfiou na boca como se fosse um rolinho primavera. Ele mastigou vorazmente e engoliu de uma vez só.

— Meus mamilos explodem de satisfação! — gritou ele, fazendo com que todos nós nos acabássemos em risadas idiotas.

A partir de então, começou um concurso para ver quem conseguia dizer a coisa mais ridícula sobre a pizza. Tentei "Vou casar com esta pizza e torná-la minha rainha!" E Jem me superou com "Você é o rosto que lançou ao mar mil pavios!"

Em pouco tempo, a comida havia acabado, e nós raspamos os últimos fiapos de queijo do papelão gorduroso. Eu estava me sentindo mais normal àquela altura, e, quando Jem surgiu com três latas de cerveja da mochila, recusei e lavei uma caneca de vidro e enchi-a com água da bica, a qual tinha um gosto maravilhoso, ainda que houvesse um sabor metálico dos canos velhos ao fundo. Não tinha percebido como estava com sede.

Jem e Dodger beberam a cerveja devagar, conversaram sobre pessoas de outros lugares ocupados que eu não conhecia. Pelo que pude compreender, os dois haviam morado juntos em algum outro canto, mas Jem saíra — talvez depois de uma briga com os outros residentes — e acabara no abrigo, e foi assim que o conheci. Parecia que tudo aquilo tinha acontecido havia um bom tempo, e a mágoa dos desentendimentos antigos tinha passado.

Nenhum dos dois pareceu se importar por eu não estar participando da conversa, então peguei mais um copo d'água e explorei o pub de novo, desta vez com as luzes acesas. Muitas das lâmpadas estavam queimadas ou ausentes, mas ainda estava claro o suficiente para enxergar, e, sem o show de horrores insano que era a lanterna de cabeça, tudo parecia bem menos sinistro. Era também muito menos promissor: havia tábuas faltando no chão de alguns cômodos (como eu escapara por pouco de quebrar a

perna?), e as escadas estavam cedendo e soltando farpas.

Ainda assim, dava para ver como o lugar ficaria depois de muita pintura e polimento. O pub passara por muitos desgastes ao longo dos anos, mas tinha sido construído com amor, de tijolos sólidos e madeira, e tinha sido bem mantido antes de cair em ruínas.

Sentei-me em um dos quartos no segundo andar, recostado em uma das paredes, e tentei imaginar como seria se eu pudesse instalar prateleiras de livros e uma escrivaninha e um grande estúdio de edição com telas gigantes ali. Então, pela segunda vez naquele dia, caí no sono sentado, com o queixo sobre o peito.

Aquele foi meu primeiro dia no Diazero, como chamamos nosso lar-pub. Nas duas semanas seguintes, Jem e eu catamos comida, conseguimos alguns móveis, pedimos um pouco de dinheiro no metrô e nos entregamos vigorosamente à pintura, ao polimento e à restauração do Diazero, do telhado ao porão.

Jem tinha muitos amigos que passavam por ali, e ficou claro que alguns planejavam ficar. Eu não me importei a princípio — a maioria deles era mais velha do que nós e sabia muito sobre polir e pintar e desentupir o encanamento. É difícil negar acomodações a alguém que está disposto a ajudar você a raspar cocô velho de mendigo e carregá-lo até uma lixeira distante para jogar fora. Além disso, ter todas essas pessoas por perto significava que Jem e eu podíamos nos aventurar juntos do lado de fora sem deixar o pub sozinho, e isso era uma vantagem enorme.

Mas alguns deles eram um pouco *sem noção*. Tinha Ryan, um cara mais velho que sempre queria escolher primeiro a comida que levávamos para casa de lixeiras de mercados chiques e pegava as melhores coisas e guardava na mochila, mas nunca ajudava a pegar comida ou levá-la para casa. Ele gostava de ficar acordado até tarde, bebendo e fumando cigarros intermináveis que enchiam o pub com uma fumaça irritante, e depois

reclamava do barulho quando acordávamos de manhã.

Alguns dos mais novos eram tão ruins quanto: Sally tinha fugido de Glasgow e odiava tudo em Londres. Dizia ter 17 anos, mas eu achei que estava mais para 15. Reclamava do ar, do tempo, da comida, dos sotaques, dos garotos, das garotas, da recepção do celular, de tudo. Quando ela apareceu — foi à nossa comemoração de mudança, uma semana depois de nos mudarmos, junto com um bando de gente que conhecia gente que conhecia Jem —, fiquei um pouco animado. Ela era muito bonita, pálida e de rosto redondo, com grandes olhos castanhos, e gostei de seu sotaque. Mas, quando o jantar tinha acabado, eu estava pronto para voar em cima dela. E, é claro, Sally era uma das pessoas que estava sempre aparecendo para ficar na nossa casa, filando o sofá ou até mesmo ocupando uma ou outra de nossas camas sem pedir. Então acordava de manhã e reclamava da pressão da água e do mofo no chuveiro. Jem cansou disso e foi até ela quando Sally estava a caminho do banheiro um dia com uma escova de dentes velha e um frasco de limpador de azulejos e disse que era a vez dela de limpar o chuveiro. Ela não falou com nenhum de nós durante uma semana, o que foi bom.

— Vamos, raio de sol — disse Jem para mim certa manhã enquanto eu vagava pelo salão grande do pub à procura de café. Jem improvisara o filtro em um tipo de meia, que ficava pendurada em um suporte de madeira, na qual ele coava o café mortalmente forte da manhã, feito com grãos que comprava, sem reclamar, do mago do *espresso*, Fyodor, e pagava quatro vezes o que o mercado Co-Op local cobrava.

Aceitei uma xícara com um aceno silencioso de cabeça em agradecimento e bebi com reverência, fechando os olhos enquanto a cafeína encontrava o caminho até minha corrente sanguínea e começava a arrasar.

— O que está na agenda hoje, hein? — perguntou ele.

Dei de ombros.

— Não há muito que fazer por aqui — respondi. — O que quero mesmo é voltar a trabalhar com internet, mas... — Espreguicei as mãos. — Nada de laptop, certo?

Para dizer a verdade, eu tinha deliberadamente evitado conseguir um computador novo ou pegar um emprestado com outra pessoa. Sempre que pensava em entrar na internet, duas sensações horríveis esmagavam esse pensamento: primeiro, que meus pais teriam encontrado um computador no centro comunitário e lotado minhas caixas de entrada com mensagens coléricas sobre minha fuga, e segundo, que eu tinha perdido meu maravilhoso clipe que tiraria a virgindade de Seth. É claro que, quanto mais eu esperasse, mais irritadas as mensagens ficariam, e mais difícil seria para eu me lembrar das escolhas feitas durante a edição. Eu tinha resolvido perfeitamente esses dois problemas ao simplesmente ignorá-los, e estava funcionando.

— Bem, vamos resolver isso, então?

— O quê? Você conhece uma caçamba na qual jogam laptops velhos?

Jem fez um biquinho emburrado.

— Trent, você ficaria assombrado com o que se pode encontrar em caçambas.

Mas não era uma caçamba — era um paraíso.

Entramos em um ônibus que seguia para o leste e ficamos nele até o fim do caminho, durante uma hora inteira, cada vez mais para fora, para além do lugar em que as casas começavam a escassear, dando lugar a propriedades industriais deprimentes e aos pedaços, com portões empenados e muros descascados. Elas me lembravam das usinas e fábricas antigas espalhadas por Bradford, relíquias há muito fechadas, cujo telhado cedia ou havia sumido.

Éramos os últimos no ônibus quando descemos. O ponto ficava em uma ilha de calçada entre duas ruas de mão única, nas quais os carros chacoalhavam e buzinavam. Não havia pedestres nem lojas. Jem levou a

mão aos quadris.

— Pronto para ir às compras? — perguntou.

— Acho que sim. Onde diabo nós estamos?

— No paraíso — disse ele. — Vamos.

Jem desviou ao atravessar a rua, saltando por cima da grade antes do meio-fio. Eu o segui, dançando por entre os carros que não paravam. Ao fim de uma rua sinuosa e rachada, chegamos a um armazém abaixo do nível da rua com janelas pequenas e altas. Jem bateu à porta com os dois punhos.

— Espero que esteja em casa — falou ele.

Revirei os olhos.

— Quer dizer que viemos até aqui e você nem sabe se a pessoa que viemos ver está em casa? — O mais frustrante traço de personalidade de Jem era a recusa em ter um telefone celular. Devia ser o último londrino a usar as cabines telefônicas vermelhas para o propósito a que se destinavam (em sua maioria, os orelhões de Londres parecem existir para servir de veículo para um tapete espesso de cartões anunciando o serviço de prostitutas). Sempre que eu lhe perguntava a respeito, ele simplesmente dava de ombros.

— Deve estar em casa — falou Jem. — Quase sempre está em casa. — Ele bateu à porta de novo. — Aziz! — gritou, pressionando a boca na rachadura entre as portas duplas. — Aziz! É Jem! — Então, levou os olhos à fissura. — As luzes estão acesas. Ele está em casa. Não se preocupe.

Um momento depois, a porta chacoalhou e se abriu, revelando um asiático barrigudo, de cerca de 20 anos, com a barba por fazer e enfiado em uma camiseta suja e um par de shorts jeans desfiados.

— Jem? — disse ele. — Nossa, garoto, quando vai arrumar um telefone? — Então o homem se virou para mim. — Quem é esse?

— Cara novo — respondeu Jem. — Trent, conheça Aziz, o Reparador. Este homem sabe mais de computadores do que quaisquer dez nerds que

você encontre em Tottenham Court Road, juntos. É um artista. Aziz, este é Trent, que está precisando de um kit novo.

Aziz apertou minha mão. Seus dedos eram longos e flexíveis, com pontas calejadas que pareceram ásperas na palma da minha mão.

— Entrem, então — falou ele. E se virou sem esperar uma resposta e seguiu para o armazém, deixando que Jem e eu corrêssemos atrás.

O prédio era enorme, do tamanho de dois campos de futebol juntos, com prateleiras de metal que se estendiam até o infinito, empilhadas bem alto com aparelhos eletrônicos, como o armazém do final do remake de *Caçadores da arca perdida*. Cheirava a ozônio, isolamento elétrico de plástico queimado e mijo de rato (este último um cheiro com o qual eu tinha me familiarizado bastante enquanto deixava o Diazero em forma). Aziz nos levou por um labirinto de estantes cada vez mais fundo, sem dizer nada, mas ocasionalmente resmungando e apontando um indicador longo na direção das prateleiras pelas quais passávamos, evidentemente ressaltando algo interessante. Jem assentia e fazia ruídos de entusiasmo quando Aziz fazia isso, então, pelo visto, ele estava vendo algo que eu não estava.

Tenho um conhecimento considerável de tecnologia, se é que posso afirmar. Ensinei-me a editar, ensinei-me a configurar *dual boots* e *proxies* seguros para escapar dos xeretas. Mas jamais tinha chegado mesmo às entranhas da máquina, os eletrônicos e outras porcarias. Eram um completo mistério para mim. Estar perto de tantos computadores desmembrados e eviscerados fez eu me sentir como se estivesse lidando com muito mais do que conseguiria. Gostei da sensação.

— Que lugar é este? — perguntei.

— A casa de Aziz — respondeu Jem. Aziz olhou por cima do ombro para nós e sorriu como um pirata. — Aziz é o melhor escavador de toda a Londres. Tem as coisas boas, amigo.

Chegamos a nosso destino, um espaço aberto com diversas mesas que

serviam como estação de trabalho, lotadas de computadores semimontados (ou desmontados?). Em um canto havia uma cama grande com cabeceira, tão incongruente quanto um sofá no meio de uma estrada. Estava empilhada com travesseiros encardidos e roupa de cama e ainda mais computadores. Ao lado havia uma arara de roupas com rodinha, do tipo que eu só tinha visto em grandes lojas de departamentos, cheia de roupas em cabides e ainda mais roupas jogadas por cima dela.

— Certo — falou Aziz. — O que você quer? Jogar? Aposto que é jogar. Você parece um cara que tem tique nervoso. — Ele parecia estar se divertindo, não havia nada ameaçador ou hostil nos modos grosseiros. Imaginei que não tivesse muita companhia e estava feliz em nos receber.

— Faço edição de vídeo — respondi, sentindo-me um pouco estranho em relação a isso. Uma coisa era subir uma montagem e *mostrar* às pessoas como você era bom, outra coisa era esperar que acreditassem.

— Certo — disse Aziz. — Sem problemas. Quanto quer gastar?

Jem sorriu.

— Nadica — respondeu ele. — O que você tem?

Aziz fez uma expressão falsa de desgosto.

— Jem, garoto, está tomando liberdades de novo.

— Vamos lá, Aziz — exclamou Jem. — Você tem mais lixo aqui do que pode vender. E eu não achei alguns dos seus melhores kits?

Aziz fez a careta de novo.

— Ah, você é um oportunista. Certo, tudo bem. Que tal isto: 12 GHz, 16 gigas de RAM, disco de 4 teras, 2 gigas de VRAM, monitor de 25 polegadas?

Meu queixo caiu. Eu estava literalmente salivando, sob o perigo de estar com baba descendo pelo queixo.

— Isso parece bem fantástico — respondi gaguejando.

— Uma coisa — disse Aziz —, antes de começarmos. Está planejando fazer algo escuso na área dos direitos autorais? Sem querer ofender, mas

você é amigo de Jem, então presumo que seja um pirata depravado.

Olhei para Jem, imaginando o que pensar daquilo. Ele estava sorrindo e erguia os dedos do meio às costas de Aziz, mas de uma forma amigável.

Então falei:

— Você me pegou. Sou um pirata depravado. Incorrigível. — Usei um tom de voz medieval e dramático. — Não me culpe: culpe a sociedade, pois ela me tornou a alma desgraçada que você vê diante de si.

Aziz abriu um sorriso largo.

— Está exagerando. Estava indo bem até chegar ao "que você vê diante de si".

— Todos são críticos.

— Tem um motivo para eu perguntar — falou Aziz. — E é porque imagino que você gostaria de manter essa sua bunda magra fora da cadeia.

— Boa suposição.

— Certo. Bem, se vai atingir esse objetivo, precisa tomar cuidado com o tipo de kit que usa. A porcaria comprada na rua tem todo tipo de delatorzinho embutido para acusar você, caso seja descoberto. Então, o que você quer é ser *altamente seletivo* quando montar o equipamento.

Sacudi a cabeça.

— Não estou entendendo — falei.

— Ele está falando de computação confiável — disse Jem.

— Ah — exclamei. — Isso. — Eu sabia sobre CC, um pouco. Todas as peças no computador tinham um chip pequeno e seguro que os usuários não podiam alterar. Seu computador e sistema operacional poderiam usar esses chips para saber quais componentes estavam instalados e se certificar de que não fossem falsificados. Alguns sistemas operacionais se recusavam a usar peças suspeitas.

— Você provavelmente acha que a computação confiável está aí para impedir que você acidentalmente utilize componentes falsificados e coisas assim no computador, certo? — perguntou Aziz.

— É — respondi. — Tenho a sensação de que você vai me contar que é mais do que isso.

— Aluno exemplar — disse Aziz. — Sente-se, vou contar algo que pode até salvar sua pele.

Puxei uma cadeira com rodinhas até a estação de trabalho de Aziz. Jem acenou para nós.

— Já ouvi isso. Vou dar uma olhada nas prateleiras, está bem?

— Não bagunce meu sistema de arquivamento — falou Aziz.

Jem olhou com determinação para a loucura das prateleiras abarrotadas e sacudiu a cabeça.

— Naturalmente — respondeu ele. — Nem sonharia com isso.

Aziz sentou-se à minha frente e pegou uma placa de vídeo da estação de trabalho. Era uma coisa grande e volumosa, com dois coolers adicionais e um dissipador de calor enorme. Ele pegou uma luminária flexível com uma lente de aumento embutida e a projetou sobre a placa, abaixando-a para que eu pudesse olhar pela lupa. Com a ponta de uma chave de fenda, Aziz sinalizou um local da placa.

— Está vendo aquilo? — perguntou ele.

— Sim — respondi. Parecia qualquer outro componente da placa-mãe: achatado, preto, menor do que a unha do meu dedo mindinho. Olhei mais de perto. Havia algo esquisito a respeito dele. Não tinha nenhuma marca impressa. Não estava apenas soldado na placa tampouco, algo cobria os lugares onde os pinos entravam na superfície, era transparente e parecia duro, como se tivesse sido mergulhado em plástico. — Algo estranho nesse aí, não?

— Ah, sim — falou Aziz. — Esse é o delator da Computação Confiável. É uma bela peça de engenharia: espessura tripla de epóxi alternada com ácidos corrosivos que destruirão o chip se você tentar removê-lo. Tem o próprio processador embutido também, e alguma memória, a qual usa para armazenar um certificado criptográfico.

Sacudi a cabeça.

— Parece coisa de espião — falei. — Não fazia ideia.

Ele apoiou a placa e empurrou a luminária.

— Eis o que ninguém entende de verdade. Dez anos atrás, um monte de grandes empresas e governos decidiu que seria útil se os computadores pudessem ser reprogramados para desobedecer aos donos, esconder segredos deles. Se houvesse segredos armazenados em computadores que os donos não pudessem ver, você poderia fazer todo tipo de travessura. Poderia se certificar de que os computadores jamais copiassem quando não deveriam. Poderia espiar as comunicações pessoais dos cidadãos. Poderia embutir códigos secretos em vídeos e fotos e nos pacotes de dados que eles constituíssem e rastrear sua origem a computadores individuais.

"Mas manter segredos de um dono de computador é uma ideia muito improvável: imagine que eu quisesse vender um gaveteiro para você, mas quisesse encher uma das gavetas com um monte de papéis secretos. Eu poderia fechar essa gaveta com cola, pregos e cimento, mas, ao fim do dia, depois que estivesse na sua casa, você poderia usar uma furadeira, uma serra, fogo, você ia querer abrir essa gaveta!

"Então temos essa corrida armamentista invisível na última década, usuários *versus* fabricantes, tentando esconder e recuperar segredos de eletrônicos. Às vezes, muitas vezes, os usuários ganham. Este chip — Aziz indicou a placa de vídeo — é praticamente imune a ataques físicos. Mas existe um bug no software embutido nele, e, se você conhece esse bug, pode conseguir que ele vomite o certificado secreto. Depois que conseguir isso, pode forjar os números secretos que ele embute no vídeo que processa. Pode conseguir que ele finja ser um modelo de placa diferente. Pode conseguir armazenar vídeos que não deveria poder armazenar.

"Quando uma placa como esta é crackeada, o fabricante precisa parar de vendê-la, precisa voltar ao quadro-negro e descobrir um modo de consertar a falha. Versões novas dos sistemas operacionais são lançadas

para tentar bloquear o uso de placas que não são seguras no futuro, mas isso não funciona muito bem, pois alguém com uma placa desbloqueada sempre pode conseguir que ela se passe por um modelo mais recente e mais seguro. Ainda assim, os fabricantes regularmente precisam jogar fora montanhas de lixo que algum babaca inteligente se empenhou em comprometer.

Sacudi a cabeça.

— Está brincando. Eles simplesmente jogam fora porque alguém descobriu como chegar a esse chip estúpido?

Aziz assentiu.

— É verdade. Estranho, mas verdade. Veja bem, para conseguir que o equipamento seja certificado para uso com o material protegido dos grandes estúdios de Hollywood, é preciso assinar um acordo que diz que o kit não vai vazar filmes na internet. Depois que vaza, e *sempre* vaza, você precisa consertar. Mas, como o chip está soldado à placa com uma supercola autodestruidora, não dá para tirá-lo, consertá-lo e colocá-lo de volta depois. Então é preciso jogar fora. Ruim para o planeta. — Ele piscou um olho. — Mas bom para nós.

Uma luz acendeu.

— Você tira tudo da lixeira depois que eles jogam fora?

— Ah, quem dera. Não, a maioria dessas coisas é descartada na China e no Vietnã, lugares assim. Mas o que quer que o distribuidor local consiga, eu pego. O que significa que eu tenho o maior estoque mundial de equipamentos cujos chips espiões são notadamente hackeáveis. Esta placa aqui. — Ele pegou a placa de novo. Era linda e enorme, o tipo de placa gráfica que é feita para ficar bonita na loja, cheia de cores vibrantes e coolers que pareciam pertencer a uma aeronave militar. — Esta placa é rápida como um raio. Fantástica para jogos, fantástica para decupar vídeo e gerar os próprios efeitos.

"E mais, as pessoas inteligentes que a projetaram se esqueceram de tirar

a suíte de testes antes de a enviarem. Então, há um monte de códigos aqui que deixam você contornar as medidas de segurança, sequestrar o chip delator e fazê-lo entregar seus segredos, sobras de quando estavam trabalhando com ela como protótipo e fazendo-a funcionar. É um erro imbecil, mas você ficaria surpreso ao descobrir como é comum. De qualquer forma, um mês atrás esta coisa valia 800 libras e agora encontro dezenas delas em lixeiras por todo canto.

Era estranho demais para ser verdade.

— Não entendo: por que uma loja ou um distribuidor a jogaria fora? As pessoas não iam *querer* comprar uma placa que pudessem hackear para fazer mais coisas? Isso não a tornaria mais valiosa? — perguntei.

— Ah — disse Aziz. — Certo... Não, desculpe-me, eu expliquei mal. Eis o que acontece: você encontra um código de crackeamento para uma placa e o coloca na rede. Os chefes do entretenimento descobrem e têm um filho. Então eles acrescentam algo chamado "mensagem de revogação segura" a todos os filmes e programas de TV e tal, e da próxima vez que você tentar carregar um vídeo ou programa no seu computador, ele se recusa a rodar, e você recebe uma mensagem de erro que diz que sua placa de vídeo não é capaz de exibir aquele filme. Você a leva para a loja e eles tiram a placa, então o fabricante paga a conta e carrega sua placa antiga.

— Mas achei que você tinha dito que podia hackear a placa para que eles não soubessem que modelo está usando.

— Ah, *eu* posso fazer isso. E posso mostrar a você como fazer também. Mas uma pessoa normal não sabe ou não se importa em hackear a placa. Assim, os vilões e piratas e afins podem seguir felizes usando seus computadores de maneiras que deixam Hollywood furiosa, mas os clientes e cidadãos honestos têm o equipamento desativado. É um mundo louco, mas aí está.

Eu me lembrava das vezes em que meus pais tiveram de trocar algum hardware por causa de problemas técnicos, mas sempre presumi que era

porque eles não entendiam de verdade a tecnologia. Pelo visto, era *eu* quem não entendia. É claro que tudo ao que eu assistia era pirateado, o que significava que não enviaria nenhuma dessas "mensagens de revogação".

— Nossa — exclamei. — Por que as pessoas não estão putas com isso?

— Muitas pessoas estão. Mas é tão fácil vencer isso se você sabe o que está fazendo que todo mundo que fica irritado simplesmente resolve o problema e para de sentir raiva. Como eu disse, apenas os cidadãos honestos, que nem sabem que estão sendo ferrados, são atingidos de verdade por isso.

Imaginei quantos números secretos delatores meu computador tinha enfiado nos vídeos que eu lancei. Talvez não fosse tão ruim que alguém tivesse roubado meu laptop. Fazia com que eu me sentisse violado e claustrofóbico pensar que, durante anos, eu estava praticamente morando dentro de um computador que estava recebendo ordens de outro lugar, fazendo coisas pelas minhas costas que poderiam me trazer problemas.

— Certo — falei. — Vamos montar um computador.

Não trabalhei a princípio. Usar peças sucateadas e sistemas operacionais esquisitos de marcas desconhecidas era muito mais difícil do que simplesmente usar um computador da biblioteca que tinha sido remontado para ser doado às crianças locais. Mas, conforme as horas se passaram, descobri que estava entendendo coisas que nunca tinha entendido de verdade, olhando dentro do "capô" da máquina que havia usado todos os dias da minha vida, o dia inteiro, removendo camadas de artifícios e metáforas para, de fato, tocar no metal cru e sentir a eletricidade correndo por ele.

Havia algo de libertador em trabalhar com um kit que, fundamentalmente, não valia nada — coisas que a princípio eram lixo. Diversas vezes desconectei um fio e queimei um componente, criando

espirais de fumaça de encher os olhos d'água e com cheiro de plástico derretido. Mas Aziz jamais pareceu ficar chateado, apenas pegava qualquer coisa que parecia derretida e jogava em um enorme barril de metal na ponta da estação de trabalho e pegava peças de reposição das prateleiras infinitas.

— É apenas lixo, amigo, não se preocupe.

Jem ajudou também, embora não entendesse muito mais de computadores do que eu. Mas tinha uma boa noção de espaço e deu muitas sugestões úteis para apertar todas as partes e peças que escolhemos dentro da estrutura de laptop que Aziz separou para mim. Era um pouco maior e mais abrutalhada do que eu teria gostado, mas isso significava lugar de sobra para porcarias do lado de dentro, e significava que eu poderia levar mais tempo e me empenhar seriamente em procurar as melhores peças para turbinar minha nova estação.

Depois de ter reunido todos os componentes e conseguido ligar o computador sem que ele pegasse fogo ou explodisse, era hora de instalar e configurar o sistema operacional.

— Você diz que não tem problemas com Linux? — perguntou Aziz.

Assenti. Eu fazia *dual boots* no meu computador com Linux desde que era pequeno. Na maioria das vezes, simplesmente dava certo — pegava um computador velho, colocava um drive com Linux dentro, ligava e deixava que fizesse o que fosse preciso. Às vezes ele agia de modo estranho e eu tinha de procurar algum encantamento arcano para digitar e fazê-lo funcionar de novo, então sabia que havia muitas coisas acontecendo debaixo do capô nas quais eu estava longe de ser perito. Por outro lado, pensando bem, não sabia muito sobre as coisas de hardware também, mas não tinha sido tão difícil quanto eu temia. Tudo tinha se encaixado, como Lego.

Mas a coisa do software estava longe da minha compreensão. Eu tinha construído um frankencomputador de estranheza absurda. E mais, eu

queria que o sistema operacional funcionasse em consonância com drivers ilegais e adulterados obedecendo a todas as placas e componentes que os fariam mentir sobre quais placas eram, que vazasse vídeos protegidos pelas portas dos fundos que eu toscamente hackeara neles, que fingisse inserir marcas-d'água mesmo que não fizesse tal coisa. Aquilo não era uma questão de enfiar o drive e apertar INICIAR.

— Quer um conselho? — perguntou Aziz, por volta da meia-noite, enquanto eu xingava e esfregava os olhos e reiniciava o computador pela milionésima vez.

Desabei. Jem sabia ainda menos de software do que eu e havia ocupado a cama de Aziz, tirado os sapatos e se aninhado, roncando alto.

— Sim — falei. — Conselho seria bom.

— Seu problema é que está tentando entender. Precisa apenas *fazer*.

— Bem, obrigado, Buda, pela charada zen. Deveria considerar colocar isso em um pôster motivacional. Talvez com um pequeno Yoda: "Tentar não deve, o caminho fazer é."

— Ah, criança ingrata. Não estou falando em metáfora, estou sendo literal. Você está sentado aqui com todas essas abas abertas no navegador, tentando entender cada aspecto da troca de mensagens entre o *microkernel* do Linux, compatibilidade binária entre distribuições e, veja só, está até mesmo tentando ler sobre compiladores ao mesmo tempo? Amigo, você está tentando tirar um diploma de quatro anos em ciência da computação, sozinho, em uma noite. Não vai conseguir.

"Não porque não seja um jovem esperto e ágil. Posso ver que é. É porque isso é impossível.

"O que está tentando fazer agora, está tentando aprender algo tão complicado quanto um idioma. Já aprendeu um idioma, esse no qual estamos falando. Mas você não esperou até ter memorizado todas as regras de gramática e um vocabulário de 20 mil palavras para abrir a boca, esperou? Não, você aprendeu a falar começando por gu-gu e dá-dá e 'fiz

pipi-popô'. Cometeu erros, voltou atrás, pegou caminhos desconhecidos. Você pronunciou palavras errado e ignorou a gramática. Mas as pessoas ao redor entendiam, e, quando não entendiam o que você queria dizer, você ficava melhor nessa parte do discurso. Deixou o mundo lhe dizer para que lado precisava voltar sua atenção, e aos poucos se tornou um falante especializado, fluente em inglês do modo como a língua é falada no mundo todo.

"Então, foi isso que eu quis dizer quando falei que você precisava parar de tentar entender e simplesmente fazer. Olhe, o que está tentando com essa placa de rede?

— Bem, coloquei o número da peça no Google para ver por que a tinham descontinuado. Imaginei que, o que quer não devesse estar fazendo, era isso o que eu ia querer que fizesse. Parece que o motivo pelo qual a Cisco tirou ela do mercado foi a possibilidade de abrir um *raw socket* e mudar um endereço MAC. Não sei bem o que é nenhuma dessas coisas, então estou lendo sobre isso aqui, o que me fez ler sobre cadeias de IPs e...

— Pare, pare! Tudo bem, *raw sockets*... isso simplesmente significa que você pode rodar programas para fazer as próprias coisas na internet sem se comunicar com o sistema operacional. Muito útil se você quiser tentar, digamos, inserir tráfego falso em uma rede wireless. E é ótimo para disfarçar seu sistema operacional: cada OS tem idiossincrasias próprias no modo como trabalha em rede, então é possível alguém com quem está conversando saber se você está usando linguagem Linux ou Windows ou um telefone, ou qualquer coisa. Então, se alguma coisa não conversa com você a não ser que você esteja em um telefone de sistema fechado, pode usar os *raw sockets* para fingir ser um iPhone deficiente em vez de uma frankencaixa gloriosamente livre como esta.

"Endereços MAC: são números de série atribuídos fisicamente a cada placa. Eles identificam o fabricante, o modelo e por aí vai. São enviados juntos com suas requisições. Então, se eles tomam seu computador, podem

puxar o endereço MAC e visualizar todo o log de tráfego para um site pirata e juntar as peças desse quebra-cabeça. Você não quer isso.

"Mas, com os drivers certos, esta placa pode gerar um endereço MAC novo aleatório a cada dois minutos, o que significa que os logs vão enxergar uma série de novas conexões de exóticos estranhos que jamais estiveram ali. É isso que você quer. É tudo que precisa saber por enquanto. Apenas siga as receitas para configurar os drivers e procure mais detalhes conforme necessário. Não é difícil aprender novos fatos sobre trabalhar em rede, apenas use uma ferramenta de busca. Enquanto isso, simplesmente faça.

Soltei uma gargalhada curta. Entre a privação de sono e o entusiasmo sarcástico de Aziz, eu estava mesmo ficando muito animado.

A partir daí, tudo foi *bem* mais rápido. Aprendi a não me preocupar com as partes que não entendia, mas, por insistência de Aziz, criei um arquivo enorme de anotações, no qual mantinha um registro de todos os meus passos. Isso acabou salvando minha vida: sempre que ficava empacado ou alguma coisa saía incrivelmente errada, eu relia os comentários e encontrava o lugar em que tinha me enganado. Durante toda minha vida os professores ficavam em cima de mim para tomar notas, mas aquela era a primeira vez em que eu entendia o motivo. Decidi fazer isso mais vezes. Quem diria que professores eram tão inteligentes?

* * *

A partir daquele momento, a vida realmente deslanchou no prédio ocupado. Na semana seguinte, encontramos a rede wireless do conselho do condomínio e apontamos uma antena para um dos pontos de acesso. Estava criptografada, é claro, e conectada a dispositivos registrados para que pudessem afastar malfeitores cujo acesso à internet havia sido bloqueado por terem sido piratas de direitos autorais muito travessos.

Mas, depois que montamos a antena, foi pura simplicidade conseguir a senha da internet: estava escrita em uma folha de papel colada ao quadro de avisos dentro do centro de lazer do condomínio: LEMBREM-SE: A PARTIR DESTE MÊS, A SENHA DE REDE MUDOU PARA "RUMPLE34PETER12ALBERT". Afinal de contas, quando é preciso que umas duas mil pessoas conheçam um segredo, é difícil mantê-lo secreto.

Depois de decodificarmos o tráfego de rede, conseguimos usar o Ethereal para puxar e analisar todo o tráfego e rapidamente montamos uma lista de todos os endereços MAC em uso no sistema. Havia milhares deles, é claro: todo telefone tinha um, todo computador, todo videogame, todos os aparelhos que gravavam a programação da TV. Armados com os endereços, pudemos usar nossas placas de rede proibidas para nos passar por dezenas de dispositivos ao mesmo tempo, saltando de um endereço MAC para outro.

Era tudo muito glorioso, estávamos sentados em nosso salão do pub aconchegante e iluminado por velas, tocando as mais recentes regravações de música *dubstep* que baixamos do site de uma rádio pirata, assistindo a vídeos em sites de rede fechada *darknet*, mostrando nossas telas um ao outro. Aziz me dera um projetor de bolso com placa wireless, e nos revezamos para utilizá-lo e lançar o conteúdo do monitor na parede branca atrás do bar (tínhamos tirado o vidro quebrado).

Ficou até mais fácil lidar com os colegas de casa. Ryan e Sally se pegaram, o que era revoltante, mas não durou muito, terminou em uma discussão espetacular que mandou Sally de volta para casa em Glasgow (finalmente!) e convenceu Ryan de que ele precisava de um "tempo sozinho" para superar o coração partido. Com os dois fora, a energia no Diazero mudou, e ele se tornou um lugar onde sempre havia alguém cozinhando alguma coisa, fazendo alguma coisa, escrevendo uma história ou uma música. Comíamos tanta comida quanto podíamos e estávamos nos dando bem com os vizinhos também — até os traficantes e os olheiros

passavam por lá para ver o que estávamos fazendo e pareciam achar a coisa toda hilária, mística e, no todo, positiva.

Dodger revelou-se um chef de cozinha magnífico, capaz de cozinhar qualquer coisa com qualquer coisa. Ele preparava refeições épicas, das quais até hoje consigo sentir o gosto: alho-poró caramelizado com pimentões recheados grelhados, batatas assadas na gordura de pato e escorrendo molho. E teve o dia em que ele fez uma receita própria de enguias gelatinadas, e ao pensar nisso meu estômago se revirou a princípio, mas isso não me impediu de comer 16 delas depois de provar!

Jamais entendi o que aconteceu entre Jem e Dodger e a ocupação que os dois compartilhavam antes. Estava claro que eram os melhores amigos, embora Dodger fosse uns bons cinco anos mais velho do que nós. Do que pude entender, a antiga ocupação — Dodger ainda morava lá — tinha passado por algum tipo de esvaziamento depois de uma discussão acalorada sobre tarefas ou algo igualmente estúpido. Dodger passava tanto tempo na nossa que eu não entendia por que ele simplesmente não se mudava. Estávamos bem confortáveis, com 15 bons quartos, para os quais havíamos garimpado móveis, uma fachada linda e toda a internet que conseguíamos usar.

Não cheguei a conhecer Dodger tão bem, mas Jem parecia me incluir quando falava dos Jammie Dodgers, que era a gangue de jovens imaginária à qual todos pertencíamos. Era também o nome do biscoito preferido de Jem: um redondo, recheado com geleia de amora. Eu não gostava muito dos biscoitos, mas sentia orgulho de ser um JD, de verdade. Era legal pertencer a um grupo.

Não víamos Dodger havia alguns dias. O verão estava no auge, e o pub estava uma estufa. Ainda não tínhamos coragem de tirar os tapumes das janelas de baixo, mas tínhamos tirado dos andares superiores e direcionamos alguns ventiladores para fora das janelas de cima, soprando o ar quente que subia de dentro do prédio, circulando o ar frio de baixo.

Isso tornava o Diazero um pouco mais fresco, quase habitável. Como ficar próximo de um forno de pizzas uma hora depois de o restaurante ter fechado.

Eram 15 horas de uma terça-feira. Eu estava sentado, vestindo bermudas jeans desfiadas e sem camisa, encarando o laptop e tentando não pensar na montanha de mensagens que papai e mamãe e minha irmã tinham acumulado na minha caixa de entrada e em mensagens instantâneas. Ainda precisava abri-las, e, é claro, quanto mais esperasse, mais irritante, triste e horrível seria quando o fizesse.

Jem ergueu o pescoço.

— Ouviu isso? — disse ele. O cooler do meu computador estava trabalhando três vezes mais com o calor, tentando jogar o máximo de ar frio sobre a imensa placa gráfica que eu enfiara no chassi na casa de Aziz antes que a coisa toda derretesse até virar plástico fundido. Era incrivelmente alto e emitia uma lufada de ar quente que era visível à meia-luz.

— O quê? — perguntei. Cobri o exaustor do cooler com um dos dedos, estava escaldante, e ouvi com atenção. Então escutei, o som de centenas de pássaros tropicais enlouquecendo de medo. Eram os olheiros dos traficantes, e estavam eriçados com alguma coisa. — Talvez os tiras estejam fazendo uma batida naquele depósito de cocaína no oitavo andar — falei. — Quer subir e dar uma olhada pela janela?

Jem não disse nada. Estava pálido.

— Pegue suas calças, ponha os sapatos, vamos — disse ele.

Eu o encarei com expressão de idiota.

— Jem? — falei. — O que...

— Faça isso — disparou Jem e correu escada acima, sacudindo maçanetas e esmurrando portas e gritando: — Mexam-se, mexam-se, tiras!

Senti como se estivesse em um sonho. Durante o primeiro mês que reivindicamos o Diazero como nosso, vivi com medo constante de uma

batida à porta: a polícia ou os proprietários chegando para nos chutar para fora. Jem me assegurou de que não poderíamos ser presos por ocupação, que seria necessário um processo demorado em tribunal para nos expulsar. Mas isso não me impediu de ficar preocupado. De acordo com Dodger, às vezes os proprietários escolhiam o caminho mais fácil e mandavam uns valentões com tacos ou sacolas cheias de moedas que podiam estilhaçar todos os delicados ossos do nosso rosto, nossas mãos, nossos pés.

Mas não se pode ter medo para sempre. Eu tinha me permitido ser apaziguado até a complacência, esquecera-me de que o Diazero era tudo menos um palácio utópico em Bow, nosso próprio lar. Naquele momento, todo o medo que eu deixara para trás voltava em uma torrente. Eu estava tão assustado, sentia como se me movesse em câmera lenta, como um pesadelo em que era perseguido. Corri escada acima atrás de Jem, segui para meu quarto. Todas as roupas que eu possuía vieram de lojas de caridade ou lixeiras. Puxei uma calça jeans. Tinha um bom par de tênis de corrida que comprara em uma loja de caridade, então enfiei os pés neles e meti as meias em um bolso. Ainda estava com o laptop debaixo do braço e dei meia-volta e me encaminhei para a porta de entrada.

Quando entrei no salão, ouvi uma batida retumbante à porta e o grito de barítono.

— POLÍCIA!

Congelei onde estava. No andar de cima, dava para ouvir o barulho de Jem enxotando o resto dos moradores pela janela do último andar em direção à escada de incêndio nos fundos, insistindo para que saíssem. As batidas ficaram mais altas.

Subi de novo, vi Jem de pé ao lado da janela, o rosto ainda pálido, mas contido e calmo.

— Jem! — falei. — Por que o pânico? Você disse que a polícia não podia fazer nada conosco, simplesmente ordenar que comparecêssemos a uma audiência...

Ele sacudiu a cabeça.

— Isso era até esta semana. Eles têm novos poderes para nos prender por "subtração de eletricidade". Prisão e detenção imediatas. Dodger me contou a respeito, ele sumiu do mapa. Acredita que gostariam da cabeça dele a prêmio.

Subtração de eletricidade?

— O que é subtração de...

— Roubo de energia elétrica — respondeu ele. — Tipo o que nós temos feito aqui durante meses. *Vai*!

Saí pela janela. Do térreo, ouvi a porta rachar e abrir com um estrondo. Jem estava logo atrás de mim na escada de incêndio. Do lado de fora, fazia um dia de verão ensolarado, quente e abafado, e os chamados de pássaros dos meninos do tráfico faziam parecer uma selva. Os degraus eram velhos e enferrujados, cobertos de merda de aves. Corri para baixo na ponta dos pés, consciente dos ruídos de cocô seco e poeira estalando sob mim, certo de que a qualquer momento ouviria a voz de um policial gritar "Lá estão eles!" e o staccato das botas. Mas cheguei ao chão rachado e olhei para cima para checar Jem, que estava saltando pela escada, cinco degraus por vez, agarrado ao corrimão que chacoalhava e torcendo o corpo como um ginasta sobre o cavalo. Os demais residentes do Diazero já tinham partido, desaparecido no condomínio ou estavam mantendo-se atrás do pub e fora da visão dos homens à porta.

Jem chegou ao chão um momento depois e sibilou um "Corre!". Ele disparou na direção do prédio mais próximo. Segui seus passos. Atrás de nós, finalmente ouvi o grito:

— Ali! — E depois: — Parem!

Jem parou um dos pés, virou-se, mudou de direção e correu em zigue-zague, em direção à rua distante, do outro lado do campo aberto. Jamais o tinha visto correndo antes, mal o via no momento, pelo canto do olho, mas, mesmo assim, percebi que ele podia *correr*, com a propulsão de um

personagem de desenho animado.

Ele levava a perseguição para longe de mim. Que amigo. Que idiota. Sentindo-me o maior covarde do mundo, continuei, na direção do condomínio, para a porta que estava com a fechadura quebrada, até o labirinto de corredores e prédios no qual eu poderia desaparecer.

Capítulo 2

Errante/Um novo lar/Varredura pelo cemitério/Os anarquistas!

Jem não respondeu aos meus e-mails, não apareceu de novo na Old Street Station, não ressurgiu nas caçambas onde costumávamos garimpar. O telefone de Dodger estava fora de área — ou tinha sido preso ou realmente sumira do mapa. O resto dos meus colegas de casa se dissipara na tarde e desaparecera como se jamais tivesse existido.

Voltei ao abrigo, sentindo-me um verdadeiro fracasso, dormi em um quarto com mais sete garotos, consegui roupas de graça e uma sacola na pilha, comi as refeições pesadas e lembrei-me do gosto das enguias gelatinadas e vi-me, de novo, sozinho nas ruas de Londres. Havia quase seis meses desde que eu deixara Bradford, então comecei a morrer de saudade de casa, de meus pais e minha irmã e de meus antigos amigos. Fiz uma placa como a de Jem, com lenços e antisséptico e chiclete e pequenos lencinhos para engraxar sapatos, e consegui dinheiro suficiente para uma passagem de volta em menos de um dia.

Mas não comprei o bilhete. Dei todo o dinheiro para os outros mendigos na estação, os verdadeiramente duros, dos quais Jem e eu sempre cuidamos, e voltei para o abrigo.

Não que a vida fosse fácil no abrigo, mas era, sabe, *automática*. Eu mal precisava pensar o dia todo. Tomava café da manhã e jantava lá e, entre uma refeição e outra, só precisava evitar o tédio e as dúvidas que espreitavam, fingir que não era o garoto mais solitário de Londres, que eu estava vivendo a história de Trent MacCauley, o segundo ato em que tudo ficava mais lento e triste, logo antes de o herói encontrar o caminho de novo.

Mas, se houvesse um novo caminho, eu não sabia qual era. Um dia, enquanto estava sentado no Cemitério Bunhill, observando os pombos voarem pelas antigas sepulturas — a preferida deles era a de Mary Page: "Em 67 meses, foi costurada 66 vezes — Levara consigo 240 galões de água — Sem jamais repensar seu caso — Nem temer a operação" (eu não tinha certeza do que isso significava, mas parecia bem doloroso) — e não aguentei mais. Pode me chamar de criança, de bebê, mas eu precisava falar com minha mamãe.

Observei as mãos se moverem como se pertencessem a outra pessoa. Elas pegaram o celular, desbloquearam-no, discaram o número de minha mãe de cabeça e levaram o aparelho ao ouvido. Estava tocando.

— Alô? — A última vez que ouvi aquela voz, ela estava fria e com raiva e medo. Agora parecia abatida e triste. Mas, mesmo assim, fez meu coração bater tão forte que minha pulsação parecia uma bateria nos ouvidos.

— Mãe? — falei, com um sussurro tão baixo que parecia a voz de uma criança pequena. Primeiro minhas mãos, agora minha voz. Era como se meu corpo inteiro declarasse independência de mim.

— Trent? — Ela inspirou. — *Trent*?

— Oi, mãe — respondi, tão casualmente quanto pude. — Como está?

— Trent, Deus, Trent! Você está vivo? Está bem? Está com problemas? Jesus, Trent, onde diabo você está? Por onde esteve? Trent, droga — E gritou *Anthony! É Trent!* Ouvi os ruídos espantados de papai ficarem mais

altos.

— Olhe, mãe — falei. — Aguente firme, está bem? Eu estou bem. Estou muito bem. Sinto saudades de vocês como se fosse morrer. Mas estou bem. Saudável, indo bem. Mãe, ligarei de volta depois. — Ligar, naquele momento, me pareceu uma ideia muito estúpida. Eu nem mesmo fora esperto o suficiente para bloquear o número. Agora teria de conseguir outro cartão pré-pago. Que idiota eu era.

— Trent, não *ouse* desligar o telefone. Volte para casa *imediatamente*, está me ouvindo? Não, espere. Fique onde está. Vou buscar você. Trent...

Desliguei. O telefone tocou. Eu o desliguei, tirei a tampa, removi o cartão SIM e o enfiei no bolso. Sentia falta de mamãe, papai e Cora, mas não estava pronto para voltar. Não sabia se algum dia estaria. Os poucos segundos que passara ao telefone me fizeram sentir como se eu tivesse 6 anos. Isso não tinha sido bonito.

Deixei o cemitério e a pobre Mary Page, que jamais repensara seu caso, o que quer que isso significasse.

Sem perceber, meu subconsciente estava buscando um novo lugar para ocupar. Eu me pegava encarando prédios isolados e canteiros de obras abandonados, imaginando se haveria uma porta aberta nos fundos, imaginando se a energia elétrica estaria desligada. Havia muitos lugares vazios. A economia tinha acabado de ir por água abaixo de novo, algo que acontecia a cada poucos anos minha vida inteira. Aquela vez parecia pior do que as outras, e tinham até colocado o antigo chanceler do Exchequer na cadeia, junto com alguns banqueiros chiques. Eu não conseguia ver como isso ajudava. Havia mais mendigos por todo lugar que eu passava, e muitos deles exibiam o olhar espantado de pacientes mentais expulsos de hospícios ou a expressão aterrorizada de pensionistas que se viram incapazes de pagar o aluguel.

Era estranho pensar que a cidade estava cheia tanto de sem-teto *quanto*

de casas vazias. Era para se ponderar que o problema poderia ser simplesmente resolvido ao realocar os sem-teto para as casas. Esse era meu plano, de qualquer forma. Eu não era parte do problema, veja bem, era parte da porcaria da solução.

Eu era especialmente atraído por pubs velhos. O Diazero tinha sido um achado: bem espaçoso e com todo o conforto de um lar, praticamente. Encontrei um possível pub velho nas profundezas de Tower Hamlets, mas, quando verifiquei o registro de títulos — onde todas as vendas de propriedades eram registradas —, vi que tinha sido comprado na semana anterior e imaginei (corretamente, como pude verificar) que iam renovar o lugar.

Depois de duas semanas daquilo, mais ou menos por impulso, decidi pegar um ônibus até Bow e dar uma olhada no velho Diazero, ver o que tinha acontecido com a propriedade, checar se havia pistas do paradeiro de Jem. Além disso, onde havia um pub abandonado poderia haver outro. Por Deus, Bow estava em um estado econômico ainda pior do que a maioria dos lugares.

A distância, o Diazero parecia abandonado, os tapumes tinham voltado para os andares de cima. Os olheiros começaram o canto de pássaros quando me viram descer do ônibus, mas pararam assim que me reconheceram. Caminhei até o pub, cheio de uma mistura de medo e nostalgia. Meu coração afundou quando vi os recém-colocados cadeado e ferrolho na porta. Mas me animei de novo ao me aproximar e notar que a fechadura tinha sido cuidadosamente serrada e substituída. Abri-a e dei um empurrão na madeira.

Déjà-vu. O cheiro de açúcar e baseado e mijo e merda me informou que as crianças do tráfico local e o comércio do sexo tinham voltado a usar o lugar. Gritei oi algumas vezes, caso alguém estivesse lá, e deixei a porta meio aberta para me fornecer alguma luz. Encontrei velas derretidas por todo canto, até em "nosso" confortável sofá, o qual estava bem destruído,

o estofado saindo, as almofadas úmidas com alguma coisa que me fez querer encontrar um antisséptico para as mãos.

Na cozinha, quase quebrei o pescoço ao cair no porão aberto. Estava um breu lá embaixo, mas imaginei que talvez tivessem apenas desligado o enorme interruptor que Dodger havia instalado e apagado o lugar. O que significava que, se virasse para o outro lado...

Eu precisava retornar com uma lanterna. E alguns amigos.

Havia outros garotos no abrigo com os quais eu meio que me entendera. Um alto e magricela de Manchester que, no fim das contas, também saíra de casa por ter feito a família ser expulsa da internet. Era outro maluco por vídeos, obcecado por fazer mixagens de dança com os debates do parlamento, colocando a filmagem em loop para que os políticos gordos e inchados no vídeo parecessem estar dublando. Era um trabalho tedioso e dolorido, mas eu não podia criticar os resultados: ele fizera uma mixagem do primeiro-ministro, um velho mala e horroroso do partido Tory chamado Bullingham, o qual eu tinha sido criado para odiar à primeira vista, cantando uma versão apaixonada de uma música chamada "Sympathy for the Devil". Era uma beleza, principalmente quando ele cortou o corpo do primeiro-ministro das imagens originais e a colocou sobre uma filmagem cristã evangélica sangrenta do inferno, de uma série chamada *The left behinds*, exibida nas emissoras norte-americanas de TV a cabo o dia e a noite inteiros. Ele dizia ter conseguido 18 milhões de visualizações antes de o vídeo ter sido banido do YouTube e acrescentado à lista de "extinguir da face da Terra" que os *bots* de direitos autorais criavam.

Agora ele hospedava o vídeo, além de suas outras criações, no ZeroKTube, que não estava nem na web. Estava em um sistema alternativo complicado que usava uma coisa chamada "conhecimento zero". Não consegui entender exatamente, mas, de acordo com o que Chester — como

o garoto de Manchester insistia em ser chamado, com um sorriso — disse, funcionava mais ou menos assim: você cedia parte do seu disco rígido e da sua conexão de rede para o ZeroKTube. Outros membros do 0KT que tinham vídeos para compartilhar os codificavam e os quebravam em vários pedaços e escondiam os arquivos em nós de rede aleatórios do 0KT. Quando a pessoa queria assistir ao vídeo, inseria em algum nó do 0KT a chave para restaurá-lo e a rede encontrava pedaços suficientes para restaurá-lo, e lá estava. As pessoas que gerenciavam nós individuais não tinham como saber o que estavam hospedando — essa era a parte do "conhecimento zero" — e elas também trocavam partes entre si aleatoriamente, então um *bot* de direitos autorais jamais conseguiria descobrir onde estavam todos os pedaços. Chester mostrou a mim, e, embora parecesse um pouco lento, também era muito legal — o cliente 0KT tinha todas as porcarias que o YouTube tinha: comentários, críticas, vídeos relacionados, tudo realizado por algum tipo de mágica maligna que eu nem esperava conseguir entender.

Chester tinha um colega de rua, Cão Raivoso (ou "Cão" ou "CR"), o que era meio que uma piada como apelido, pois CR tinha cerca de 1,5 metro, usava óculos, tinha espinhas e era tão tímido que nem conseguia falar direito, apenas resmungava na direção da camiseta. Cão Raivoso era um londrino de verdade, nascido e criado, e só tinha uns 15 anos, mas saía e voltava para as ruas desde os 12 e jamais fora para a escola de fato. Mesmo assim, era um fanático completo por filmes de terror e tinha um conhecimento enciclopédico a respeito deles que começava em *Nosferatu* e se estendia até *Entranhas partidas XVII*, e esse era o único assunto que conseguia fazê-lo falar um tom acima de resmungo.

Cão Raivoso tinha conseguido fazer a família ser expulsa da internet devido à compulsão de refazer filmes de terror e transformá-los em comédias pastelão, comédias românticas, comédias de tortura e comédias normais. Ele acrescentava dublagens hilárias, música insana e cortava os

filmes perfeitamente, de modo que você juraria que Freddy Krueger tinha sido um ótimo comediante do século XX. Ele também gostava de usar o 0KT, mas não se contentava em apenas fazer filmes: ele fazia o pacote completo — cartazes para o saguão, pôsteres, trailers, até críticas ficcionais dos filmes imaginários. Havia uma dimensão paralela inteira na cabeça de Cão Raivoso, uma na qual todos os mestres de filmes de terror da história haviam optado por fazer comédias extremamente sanguinolentas e engraçadas.

Imaginei que Cão Raivoso e Chester estavam prontos para aprender algumas coisas que eu havia aprendido com Jem. Então, um dia, mostrei a eles como funcionava minha placa e os apresentei aos velhotes da Old Street Station. No dia seguinte, encontramos uma gororoba chique na caçamba atrás do Waitrose e a comemos no Bunhill, perto da pobre da Mary Page (Cão Raivoso, um especialista em deformidades, ferimentos e doenças humanas, sugeriu que ela teve algum tipo de cisto interno horroroso, do qual foram drenados galões de pus antes que Mary batesse as botas. E mais, ele fez essa observação no momento em que derramávamos potes de creme sobre os morangos levemente passados. E nem resmungou).

No dia seguinte, levei-os ao Diazero. Eu tinha catado algumas lâmpadas a pilha e umas luvas de borracha grossas, além de botas de segurança, um achado de sorte em um canteiro de obras que ninguém observava com muita atenção. Calcei-os depois que entramos, primeiro as luvas, e depois usei as mãos protegidas para me equilibrar no sofá nojento e esponjoso enquanto colocava um pé e depois o outro nas botas. Não fazia ideia se seria o bastante para me impedir de virar churrasco se tocasse no fio errado na porcaria elétrica, mas me fizeram sentir um pouco menos aterrorizado com o que eu ia fazer.

— Segurem estas — disse eu aos garotos, entreguei-lhes as lanternas e desci com dificuldade as escadas até o porão. O cheiro era terrível.

Alguém, talvez diversos alguéns, tinha usado o lugar como banheiro, e minhas botas de segurança afundaram em uma mistura nojenta de mijo e merda e sabe lá Deus o que mais. — Apontem para cá — falei, indicando o painel na parede. Dodger havia me mostrado o trabalho depois que o terminara: todos os fios que unira perfeitamente com tiras de plástico, todos entrando e saindo da caixa antiga do disjuntor, com a alavanca emborrachada. Havia fusíveis ridiculamente velhos, do tipo feito de um bloco de cerâmica com dois parafusos em cima, nos quais era preciso estender com cuidado um pedaço fino de fio no meio e parafusar. Quando o circuito sobrecarregava, o fio literalmente queimava, deixando uma ponta chamuscada em cada parafuso. Dodger sempre dizia que montaria um painel decente, mas nunca chegou a fazê-lo, e todos ficamos bons em fazer essa coisa com o fio, pois a instalação elétrica antiga do Diazero se revoltava sempre que tentávamos ligar, digamos, um secador de cabelo, um micro-ondas, um ventilador e dois laptops.

Os garotos apontaram as lanternas para o interruptor, e eu vi que estava na posição desligada, com a alavanca para cima. Prendi a respiração, segurei a alavanca e, com um movimento ágil, puxei-a para baixo, depois arranquei a mão dali assim que estava no lugar, como se meu sistema nervoso pudesse ser mais rápido do que a eletricidade.

Faça-se a luz.

As lâmpadas fluorescentes acima tremeluziram e voltaram à vida. As geladeiras começaram a murmurar. E, acima de mim, Cão Raivoso e Chester comemoraram. Abri um enorme sorriso. Eu estava em casa.

Colocar o Diazero em ordem pela segunda vez foi mais fácil. Arrastamos toda a mobília apodrecida para fora, instalamos fechaduras novas, desbloqueamos algumas das janelas de cima e catamos alguns ventiladores para tirar o ar abafado de verão do prédio. Esfregamos tudo com água sanitária, encontramos novas roupas de cama e nos acomodamos em casa.

Era um daqueles longos e quentes verões que só pareciam ficar mais quentes. Desde que eu havia chegado a Londres, passara a maior parte do tempo com uma suave (ou forte) chuva na cabeça e perdera a conta da quantidade de vezes que desejei que a chuva apenas acabasse e o sol saísse. Agora parecia que as preces coletivas de Londres pelo sol tinham sido ouvidas, e estávamos recebendo um ano inteiro de céus azuis límpidos, iluminados por um sol branco inchado e malévolo que parecia ocupar metade do Paraíso. Depois de meses reclamando da chuva, estávamos implorando por ela.

Isso levou os residentes do Diazero a uma existência noturna. Mas não era tão ruim. Era verão. Havia festas de idade liberada em que a galera dançava noite afora, com meninas bonitas, risadas, maconha e música tão alta que fazia os ouvidos zumbirem durante todo o dia seguinte. Acordávamos às 15 ou 16 horas, comíamos um café da manhã imenso, tomávamos banho, fumávamos maconha — alguém sempre tinha um pouco, e Chester jurou que encontraria algumas lâmpadas ultravioleta e um borrifador, e transformaria um dos quartos do andar de cima em uma plantação que nos forneceria maconha da melhor qualidade no inverno seguinte.

Eu não tinha muita certeza quanto àquilo. Ter apenas três pessoas na casa, e entrar e sair, na maioria das vezes, depois do jantar, significava que estávamos mantendo as coisas bem mais *low profile* do que nos dias dos Jammie Dodgers. Achei que toda a eletricidade que as lâmpadas ultravioleta requeriam poderia denunciar aos proprietários ou à lei que estávamos de volta à residência.

Depois do café da manhã, saltávamos para os laptops e começávamos a procurar uma festa. Para isso, usávamos o Pêssego Confuso da Floresta Beethoven Verde, o qual devia ser o melhor nome de site do mundo. O Pêssego Confuso parecia mais com uma cebola, com camadas sobre camadas sobre camadas. Você começava no mural principal de mensagens,

nos quais se falava de música e vida e tudo o mais. Se você fosse legal o suficiente — interessante, levasse bons links à conversa, fizesse vídeos e músicas irados —, podia brincar no círculo fechado, onde falavam sobre onde aconteciam as melhores festas, quais depósitos e mercados venderiam cerveja e drinques sem pedir identidade, aonde você poderia ir para desbloquear o telefone para que tocasse música pirateada.

Mas, no fim das contas, havia um círculo ainda mais fechado dentro do círculo fechado, um lugar onde falavam sobre festas melhores, onde tinham links exclusivos para download de música e filmes, onde passavam muito tempo sacaneando os buchas do círculo fechado de fora e do círculo aberto de fora. Chegamos ao fechado-fechado (por algum motivo, era chamado de "Placa Armada e o Abril Cínico") algumas semanas depois de termos descoberto o Pêssego Confuso. Não tínhamos muito que fazer a não ser postar no PC, e, entre os vídeos malucos do Chester com o Bullingham, as comédias de horror insanas de Cão Raivoso e algumas coisas do Seth que eu juntara toscamente (não trabalhava no Seth desde o dia em que meu laptop fora roubado no Hyde Park, no dia em que cheguei a Londres), éramos sensação. O círculo fechado se abriu para nós apenas dois dias depois de termos batido, e as festas épicas seguiram-se imediatamente. Pelas noites quentes, em armazéns estranhos, terraços de casas no centro de Londres, prédios abandonados equipados com alto-falantes e iluminação, íamos e dançávamos e fumávamos e entornávamos álcool e tentávamos com muito esforço pegar qualquer uma das garotas incríveis que apareciam por lá, sem um pingo de sucesso.

Mas devíamos ter deixado uma boa impressão, mesmo que não fosse boa o bastante para convencer qualquer uma das mocinhas a nos iniciar nos mistérios do romance (eu podia ter tirado a virgindade de Seth na suíte de edição, mas é triste admitir, ninguém retornara o favor). Em pouco tempo estávamos nos murais de mensagens do Abril Cínico, onde os vídeos eram mais engraçados, a música era melhor e as festas eram estelares.

— Cão — gritei, batendo à porta do banheiro. — Cão, vamos lá, cara, não tem tanto assim de você para limpar, seu gordo desgraçado! — Ele estava no banheiro tomando banho havia tanto tempo que eu estava começando a suspeitar que talvez estivesse batendo uma punheta secreta lá dentro. Era o desgraçado mais tarado que eu já tinha conhecido, e aprendi a nunca entrar no quarto dele sem bater, a não ser que quisesse ser traumatizado pelo espetáculo que eram os olhos arregalados de Cão e o braço esticado e a montanha de lenços sujos por todo o chão.

O chuveiro parou de correr. Cão Raivoso resmungou algo bem obsceno que eu fingi não ouvir, e um momento depois ele emergiu, com uma toalha ao redor da cintura. Tinha raspado os cabelos longos no início da onda de calor, e tinham crescido como uma penugem, fazendo-o parecer ainda mais novo. Agora estava vermelho como maçã do amor, e a tinta de cabelo manchara sua testa e orelhas, fazendo parecer que estava sangrando de um ferimento no crânio.

— O que acha? — murmurou ele, implorando silenciosamente com os olhos para que eu dissesse algo legal.

— Está bem ilustre — respondi. Ilustre era a palavra do dia no Abril Cínico. Cão Raivoso sorriu, tímido, e assentiu, depois disparou para o quarto.

Tomei banho e me vesti rapidamente, colocando bermuda desfiada, amputada de um terno risca de giz, e uma camisa social amarelo-canário da qual eu tinha removido o colarinho e as mangas. Era uma moda esquisita, mas eu tinha visto um cara vestido com quase a mesma coisa em uma festa, na semana anterior, e ele estava cheio de garotas em cima. Quando desci para o salão de entrada, Chester estava vestido e pronto também, com uma camiseta que brilhava um pouco, como escamas de peixe, e um kilt com a bainha rasgada, finalizado por um par de coturnos tão velhos e rasgados que eram quase sandálias de dedo. Eu me encolhi diante da visão, tentando entender como podia parecer legal, mas não

consegui.

— Hã — falei.

Ele ergueu os dedos do meio na minha direção e os sacudiu de modo sugestivo. Apontou para as minhas roupas e fez questão de revirar os olhos. Tudo bem, certo, todos achávamos que estávamos ridículos. Por que não? Éramos adolescentes. *Deveríamos* parecer ridículos.

— Qual é a festa, então? — perguntei. Chester fora encarregado de escolher e ficara rindo consigo mesmo o dia todo com ansiedade, impedindo-nos de olhar para a lista de festas no Abril Cínico.

— Vamos ao cinema — respondeu ele. — E vamos levar os filmes.

Àquela altura, o Bunhill era como meu segundo lar. Conhecia as tumbas, os pombos e os bancos e os vagabundos que comiam por lá, e o homem que aparava os enormes montes de turfa das laterais dos túmulos. Quando pensava em cemitérios, pensava em piqueniques, secretárias bonitas comendo juntas, mães e babás empurrando bebês em carrinhos. Nem um pouco assustador.

Mas eu nunca tinha estado em West Highgate.

Nós nos esgueiramos para dentro do cemitério por volta das 22 horas, Chester nos guiando pelos fundos da enorme cerca de metal até um ponto em que os arbustos eram grossos. Empurramos a vegetação e descobrimos o local em que as barras tinham enferrujado até se partirem, exatamente como o mapa que ele tinha baixado no celular havia prometido.

Ele sussurrava conforme seguíamos sob a noite de luar, movendo-nos pelas sombras em torno de tumbas irregulares malucas e lápides e árvores assustadoras que tinham ficado marrom e morrido durante a onda de calor implacável.

— Este lugar foi bombardeado até o fim durante a Segunda Guerra Mundial e nunca foi consertado. Ainda há crateras de bombas por aqui nas quais se pode quebrar uma perna. E o melhor de tudo, a instituição de

caridade que toma conta do espaço foi à falência, então não há seguranças à noite, apenas algumas câmeras no portão da frente.

Cinco minutos de caminhada nos levaram tão para o fundo do cemitério que tudo que conseguíamos ver em todas as direções eram silhuetas de pedras e mausoléus e anjos e estátuas quebrados. As pedras brilhavam com um cinza mofado sob o luar, as gravações estavam gastas e indiscerníveis devido ao tempo. Sons estranhos distantes — farfalhos, suspiros, pisadas — passavam por nós com a brisa lenta.

Era assustador demais.

Chester se perdeu quase imediatamente e começou a nos levar em círculos pela noite. Nossa navegação não foi ajudada pela falta de vontade de cruzar os túmulos; no entanto, se isso se devia ao respeito pelos mortos ou ao medo de que mãos surgissem do solo e agarrassem nossas canelas eu não sabia dizer.

Estava ficando aterrorizante quando uma sombra se soltou de uma das criptas e caminhou tranquilamente até nós. Conforme se aproximou, ela se revelou ser de uma garota, mais ou menos da minha idade, com cabelos na altura dos ombros emitindo cliques baixinhos por causa das miçangas presas a eles. Usava bermuda na altura dos joelhos, cheia de bolsos, e um colete militar com mais bolsos ainda por cima de uma camiseta branca que brilhava sob o luar.

A garota arrulhou para nós como uma coruja e levou os punhos à cintura.

— Bem, rapazes — disse ela. — Vocês certamente parecem perdidos. O cemitério está fechado, ou não viram o cadeado no portão?

Fiquei confuso por um momento. A garota parecia o tipo de pessoa que frequentaria as festas do Abril Cínico, mas agia como se fosse zeladora do cemitério, ou algo assim. Se eu dissesse que íamos a uma festa, e ela fosse alguma autoridade...

— Estamos aqui para a festa — disse Chester, decidindo o caso. —

Onde é?

— Que festa? — A voz da garota era firme.

— A festa do Abril Cínico — respondeu Chester, dando um passo à frente e mostrando à garota o mapa no celular. — Sabe onde é?

Ela riu com escárnio.

— Você daria um péssimo agente secreto. E se eu não soubesse, hein?

Chester deu de ombros.

— Vi você na última festa, aquela em Battersea. Estava fazendo alguma coisa interessante no canto com um laptop do qual não pude me aproximar o bastante para ver. E você tem duas latas de cerveja nesse bolso. — Ele bateu em uma das protuberâncias no colete da garota. Eu não tinha reparado, mas Chester tinha um detector de bebida muito afiado.

Ela gargalhou.

— Tudo bem, me pegou. Sim, posso levá-los até lá. Sou Hester.

Chester estendeu a mão.

— Chester. Nós rimamos! — No que dizia respeito a cantadas, não era a melhor que eu já tinha ouvido, mas a garota gargalhou de novo e apertou a mão dele. Cão Raivoso e eu nos apresentamos, e ela mencionou ter visto alguns dos nossos vídeos no Abril Cínico e falou coisas legais a meu respeito, e fiquei feliz por não ser possível saber se alguém está corando sob o luar. De perto, seu cheiro era incrível, como noites quentes de verão e folhas recém-esmagadas e cerveja e maconha. Meu coração começou a acelerar no peito ao pensar na festa para a qual nos dirigíamos.

Hester parecia saber andar pelo cemitério, mesmo no escuro, e em pouco tempo ouvíamos os sons distantes de gargalhadas e música baixa e conversas animadas.

Finalmente, chegamos a um pequeno pomar de árvores velhas com troncos grossos, bem espaçadas, de raízes protuberantes retorcidas. Elas levavam a uma parede de tijolos aos pedaços, os fundos de um prédio muito maior, algum tipo de mausoléu, cripta ou cofre gigante, um depósito

gigantesco para ex-humanos e seus restos mortais.

Alguém colocara bastões de luz no chão, entre as raízes das árvores e em alguns galhos mais baixos, enchendo o pomar de um arco-íris de luz química. Ouvi palavrões acima da minha cabeça e ergui o rosto, então vi mais pessoas nos galhos mais altos das árvores, trabalhando com lanternas de cabeça e resmungando para si mesmas. Chester apontou para elas e gargalhou, então peguei seu braço e exigi saber que negócio era aquele. Ele dera risadinhas maldosas para si mesmo durante toda a viagem até o cemitério e se recusava a responder a quaisquer perguntas sobre a festa que havia escolhido para nós.

— Ah, amigo, vai ser *ilustre*. Eles têm projetores pequenininhos lá em cima, certo? E vão passar filmes naquela parede a noite toda.

— Que filmes? — perguntei. Não tinha ido ao cinema o verão todo; entre o preço alto e as revistas obrigatórias e ter seu celular arrancado durante toda a sessão para o caso de você decidir usá-lo para filmar, simplesmente não me dera ao trabalho. Mas havia um monte de filmes *blockbuster* grandiosos e idiotas que eu queria muito ver; alguns eu tinha baixado, mas não era a mesma coisa. Quando um estúdio norte-americano gigante gasta centenas de milhões de dólares com robôs animados por computador que atiram prédios uns nos outros enquanto contam piadinhas machistas pretensiosas, você quer ver isso em uma tela gigante com centenas de pessoas, todas gargalhando e tal. Uma telinha de laptop não dá.

— *Nossos filmes*! — disse ele e deu um soco no ar. — Inscrevi clipes de todos nós, e a garota que está no comando de tudo os escolheu para encabeçar a noite. Sim! — Ele socou o ar de novo. — Vai ser ilustre, ilustre, i-porra-lus-porra-tre! Seremos heróis, amigo. — Ele passou um braço suado pelo meu pescoço e me deu um mata-leão carinhoso.

Lutei para me libertar e percebi que estava rindo e gargalhando também. Aquela seria uma noite fantástica!

Colocar os projetores no lugar certo no alto da árvore era difícil. Diversas vezes, os escaladores tinham de se reposicionar, então deixavam cair um projetor, que se partia em milhões de pedaços de plástico, e Hester ia para debaixo da árvore da qual ele tinha caído e passava um sermão no técnico descuidado com uma língua tão afiada e ofensiva que eu praticamente me apaixonei naquele instante. Ela era indiana ou talvez bengali e, sob a luz esquisita dos bastões de luz, era absolutamente maravilhosa. Tinha um exército inteiro de garotas tech, com coletes e shorts iguais, e elas pareciam estar à frente do show. Eu estava tentando descobrir como me apresentar quando alguém me derrubou pelas costas.

— Peguei você, seu meliantezinho! Para a prisão, pão e água pelos próximos dez anos! — Era uma voz que eu não ouvia fazia tanto tempo que desistira de ouvir de novo.

— Jem! — exclamei. — Nossa, amigo, saia de cima de mim!

Ele me deixou levantar e me deu um abraço monstruoso que quase me derrubou de novo.

— Trent, porra, o que está fazendo aqui?

— Por onde você *andou*? — Jem estava mais magro do que da última vez em que o vi e tinha raspado as laterais e a parte de trás da cabeça, deixando apenas uma cuia de cabelos. Agora que eu conseguia ver-lhe o rosto, também enxergava uma cicatriz sob um dos olhos.

— Ah — disse ele. Então deu de ombros. — Não fui tão rápido quanto achei que era. Acabei prestando alguns serviços para Sua Majestade. — Levei um tempo para entender que ele queria dizer que fora preso. Engoli em seco. — Não por muito tempo, pelo visto. Tudo que tinham contra mim era Resistência à Prisão, e o juiz foi bondoso com a sentença. Saí faz semanas. Mas por onde tem andado? Não vi você em nenhum dos pontos de sempre.

Revirei os olhos.

— Você poderia ter me *ligado* se não fosse um babaca teimoso que não quer ter celular.

Ele colocou a mão na camisa e tirou do bolso um celular pequeno preso em uma fita, uma coisa ridícula, parecida com um brinquedo que se dá a uma criança de 5 anos no primeiro dia do jardim de infância.

— Eu reconsiderei isso. Mas seu telefone está desconectado — disse ele.

Lembrei-me que havia jogado fora o SIM depois do telefonema desastroso para casa. Dãã. Eu era tão idiota.

— Bem — falei. — Você poderia ter enviado um e-mail.

— Sem laptop. Estou me mantendo *low-tech*. Mas onde você tem *ficado*? Verifiquei o abrigo, Old Street, todo lugar... Não encontrei nenhum vestígio seu, filho.

— Jem — respondi. — Estou no mesmo lugar em que estava desde que conheci você: no Diazero.

Ele deu um tapa na própria testa com a palma da mão.

— Como um cachorro que volta para o próprio vômito — comentou Jem. — É claro. E a imundície não lhe trouxe nenhum problema?

— Mantemos um *low profile* — falei. — Muito quente para sair durante o dia, de qualquer forma. Quase ninguém sabe que estamos lá.

Sem aviso, ele me deu mais um abraço forte de urso. Pelo cheiro, soube que já estava um pouco bêbado.

— Nossa, é bom ver você de novo!

— Onde *você* está morando? — perguntei.

— Ah — disse ele. — Aqui e ali. Ficando em sofás. No abrigo, quando não consigo encontrar um sofá. Sabe como é.

— Bem — falei. — Meu colega Chester está dormindo no seu quarto, mas tenho certeza de que sairia. E tem muitos outros quartos para ocupar. Somos apenas três, agora.

Ele abaixou o rosto.

— Isso seria ótimo — falou Jem. Ele estendeu a mão, e eu a apertei.

Fechado.

Então o apresentei a Chester e Cão Raivoso, que já tinham ouvido falar muito dele e pareceram bem felizes em conhecê-lo, embora Chester tenha ficado mais interessado em Hester e tentado ajudá-la, e Cão Raivoso, bem, era impossível dizer o que Cão estava pensando a qualquer momento, com todos aqueles resmungos. Mas não me importei: eu tinha meu melhor amigo de volta, tinha meus novos amigos, era uma noite quente, havia filmes, havia cerveja, havia garotas, havia um luar no céu e eu não estava na porcaria de Bradford. O que mais eu poderia querer?

Quando começaram a passar os filmes, devia ter uns cinquenta adolescentes em árvores e arbustos. Alguns já estavam dançando, alguns passavam caixas de frango frito ou enormes caixas de doces. Muitos estavam fumando substâncias interessantes, e mais de um estava disposto a compartilhar comigo. A noite tirara toda a asfixia do dia superquente, deixando uma brisa nem quente/nem fria que parecia se intensificar com toda a animação que sentíamos.

Uma das garotas no comando dos filmes desceu de uma árvore contra a qual eu estava recostado e assentiu para mim, depois me olhou com mais atenção.

— Você é o cara do Seth, certo?

Sentindo uma enorme onda de orgulho, abaixei o rosto na direção dos pés e respondi baixinho.

— É.

— Coisa boa — disse ela. E estendeu a mão. Eu a apertei. Estava grudenta com a seiva do galho da árvore no qual ela estava pendurada e era forte, mas a mão dela era fina e feminina de um modo que me fez derreter por dentro. Olhe, era verão, eu tinha 16 anos, e, sempre que deixava a mente divagar, ela divagava com pensamentos de garotas, comida e festas. Eu me apaixonava levemente por toda garota que

conhecia. Sempre que uma delas falava comigo, sentia como se tivesse ganhado um ponto em um jogo grande e muito importante que eu não entendia muito bem, mas queria desesperadamente vencer.

— Obrigado — respondi e consegui não gaguejar, estremecer ou falar esganiçado. Mais um ponto. — Sou... — estava prestes a dizer "Trent", mas em vez disso falei: — Cecil. — Todo mundo tinha um nome social engraçado... Por que eu tinha de ser o chato do Trent para sempre? — Cecil B DeVil.

Ela gargalhou. Tinha uma boquinha em formato de arco e uma covinha no queixo, e cabelo tipo moicano que estava preso em um rabo de cavalo. Os braços magricelas da garota eram definidos, com músculos suaves.

— Vinte e seis — falou ela.

A garota não parecia nada mais velha do que eu. Devo ter feito uma expressão desconfiada.

— Não, quero dizer que meu *nome* é 26. Como o número de letras do alfabeto. Pode me chamar de Vinte.

Tive de admitir que era o apelido mais legal que eu já tinha ouvido.

— Hester me mostrou você, você e seus amigos. Disse que você fez aqueles filmes do Seth Watson, certo?

— Fui eu — respondi. — Meus amigos fizeram os outros, os filmes de terror e aquela coisa do Bullingham.

— É, eram bons, mas a coisa do Seth foi genial. Eu amo aquele velho morto desgraçado. Amo como ele conseguia fazer as maiores merdas melosas em uma semana, depois dramas *sérios* na semana seguinte. Era totalmente vendido, só estava lá pelo dinheiro, mas era um artista.

Eu tinha escrito praticamente as mesmas palavras em um trabalho de estudos midiáticos, o único em toda minha carreira acadêmica a ganhar um A.

— Não poderia concordar mais — falei. — Então. — Não consegui encontrar mais palavras. Estava perdendo o jogo. — Então. Então, você

está fazendo essa coisa toda com os projetores, então?

Ela sorriu.

— Não é incrível? Minha ideia, é claro. Conseguimos os projetores de um cara em Okendon, que mora em um prédio gigantesco cheio de lixo eletrônico...

— Aziz! — falei.

— É, esse mesmo. O desgraçado parece conhecer todo mundo. Hester o conheceu por meio de uns caras que ocupavam uma residência, levou a gente para pegar os equipamentos. Ele certamente tem tudo de que você precisa. Depois disso, foi só catar alguns geradores e uma conexão wireless para não atirarmos cabos de um lado para outro e, *voilà*, festival de filmes instantâneo. Nada mal, não?

— É absolutamente brilhante! — falei. — Nossa, que ideia! O que mais vão exibir?

— Ah, só uns pedaços de outras coisas, na verdade. Preferimos, na maioria, coisas sem muito áudio. Não queríamos um sistema de transmissão pública completo aqui, poderia chamar atenção. A iluminação será protegida por aquela colina — indicou 26 —, mas há casas do outro lado da elevação, e não queremos que chamem a polícia. Então, são apenas alto-falantes pequenininhos e vídeos que podem ser assistidos com o som desligado. Seu material era perfeito para isso; aliás, Seth é tão *icônico*. De toda forma, tem tipo uma hora de filmes, e começaremos a exibir logo, antes que esse pessoal fique bêbado demais para apreciar.

Sacudi a cabeça. Percebi que tinha me apaixonado no espaço de cinco minutos. Queria desesperadamente dizer algo legal ou interessante ou sutil, ou pelo menos dar o número do meu celular a ela ou perguntar se eu poderia levá-la depois da festa para algum lugar que ficasse aberto a noite toda. Mas minha boca estava tão seca quanto uma fábrica de talco no meio do deserto.

— Isso é muito legal — consegui dizer. O que eu queria dizer era algo

como: *Acho que isto é o que estava querendo achar quando saí de casa. Acho que é isto que deveria fazer da vida. E acho que você é a pessoa com quem eu deveria fazer.*

A garota ergueu o rosto na direção dos galhos da árvore, viu algo e gritou.

— Não, não, assim não! Pare! *Pare*! — Sacudiu a cabeça com vigor e apontou uma lanterna fina para os galhos, acertando outra garota com o uniforme militar de shorts que estava prendendo um projetor de bolso a um galho com um emaranhado de ganchos com elásticos. Vinte xingou. — A garota vai quebrar o pescoço. Ou meu projetor. Nesse caso, *eu* vou quebrar o pescoço dela. — Com licença. — Vinte e seis subiu pelo tronco da árvore como um lenhador, xingando até chegar lá em cima. Percebi que eu estava de pé ali, como a vaca da vez no abatedouro, cambaleando levemente.

Jem passou o braço em volta do meu pescoço, deu um tapa na lateral do meu rosto com a mão livre e falou:

— Vamos, cara, o filme vai começar. Precisamos pegar um bom lugar!

Acho que jamais fiquei tão orgulhoso e feliz como nos dez minutos seguintes. Todos os projetores ganharam vida, projetando uma grade de quadrados luminosos de 3 x 3 metros, a partir das árvores, alinhados para formar uma única e enorme imagem. Aquilo era muito inteligente: os pequenos projetores não eram capazes de criar uma imagem grande e uniforme. Se tentassem pegar uma imagem tão grande quanto a de uma tela de cinema, ficaria pixelada e indiscernível, mesmo sob o luar pálido. Mas a distâncias próximas e com tamanhos pequenos, podiam arrasar de verdade, e era isso que as meninas tinham montado, novos projetores sincronizados, cada um com um quadradinho de tela, e utilizaram um software inteligente para corrigir os retângulos, de modo que tudo se alinhasse. Não consegui descobrir como aquilo funcionava, mas caminhei

até o posto de controle de Vinte e vi que ela estava com uma webcam montada para assistir ao filme em tempo real e corrigir os projetores conforme os galhos sopravam ao vento. *Aquilo* era inteligente.

E também: juro que só estava com a cabeça por cima do ombro de Vinte porque queria ver como o truque com todos os projetores era feito, e não, por exemplo, porque eu queria sentir o cheiro do cabelo dela ou observar as mãos se moverem sobre o teclado ou encarar, hipnotizado, os músculos suaves na parte de trás dos seus braços saltarem conforme ela direcionava a ação como um maestro. Não, essas são todas razões esquisitas para ficar perto de uma garota. Eu só tinha as mais honestas das intenções, patrão, eu juro.

Depois que a tela estava esticada e funcionando, os burburinhos diminuíram e todo mundo, gradualmente, se virou para a frente dela. Vinte estava com um *headphone* e desceu o microfone de modo a quase beijá-lo.

— Ilustres residentes do Placa Armada e Abril Cínico, agradeço pela presença em nome do Cinema Pirata Coletivo, do Círculo da Costura e da Escola de Tiros Feminina. A primeira obra do programa esta noite é uma deliciosa *fanfiction* de Seth Watson, dirigida pelo aclamado Cecil B DeVil. — Meus amigos comemoraram alto e gritaram coisas grosseiras, e Vinte ergueu o rosto e piscou um olho para mim. Eu quase desabei no chão.

Ela apertou um botão e o vídeo começou a rodar. Aquela era minha primeira grande obra com Seth desde que chegara a Londres, feita nas horas quentes e de ansiedade antes de irmos para as festas e nos momentos exaustos e suados depois de voltarmos, conforme o sol nascia e eu esperava até a agitação passar e me deixar dormir durante o dia como um vampiro.

Era mais uma peça que eu estava planejando na cabeça havia anos: Seth como o pior motorista do mundo. Seth bateu 83 carros, *no mínimo*. Quero dizer, apenas os que conheço. Às vezes, era parte de uma cena de ação. Às vezes, era um momento de comédia. Às vezes, era apenas estranho, como o

tanque experimental no qual ele invadiu um shopping em *Locus de intenção*. Mas minha ideia era que eu poderia, com um pouco de edição criativa, transformar cada um daqueles desastres de carro em uma única e gigantesca batida, com Seth por trás do volante de *todos* os carros. Só era preciso uma filmagem exterior dos mesmos carros — de planos médio e longo, nos quais não se podia distinguir quem estava dirigindo — entrecortada com as filmagens misturadas das câmeras chacoalhantes dos interiores dos veículos, conforme Seth batia e chacoalhava do lado de dentro, brigando com os airbags, gritando aterrorizado, lutando contra um vilão, qualquer coisa. Sincronize direito, adicione alguns efeitos especiais, corte alguns fundos e, *voilà*, o maior desastre automotivo do mundo, protagonizado inteiramente por Seth. Pura comédia.

Eu tinha feito as edições de teste em uma resolução minúscula, pequenos vídeos de 640x480, mas, depois de estar tudo ao meu gosto, eu rerrenderizei a 1080i completo, verificando quadro a quadro na maior resolução em busca de pequenas imperfeições que o vídeo menor tinha escondido. Encontrei várias e, pacientemente, consertei todas, cheguei até a abrir quadros individuais em um editor de imagens e os limpei, pixel por pixel, até a perfeição total. À época, parecia um exercício bobo: seria preciso assistir ao vídeo em uma tela imensa para ver as imperfeições que eu estava dolorosamente editando. Mas, agora que estava sendo exibido em uma parede gigantesca, senti-me totalmente *gênio*.

Eu não era o único. A princípio, o público apenas deu risadas. Mas, conforme a batida continuou e continuou e continuou, carro após carro, eles começaram a se jogar de gargalhar e a comemorar. Quando chegou à sequência final — uma série de cortes rápidos de vários Seth Watsons trêmulos se libertando de dentro dos carros e observando, horrorizados, ao que parecia, um ao outro — o público gritou de satisfação, e Cão Raivoso e Chester me deram tapinhas nas costas, e Jem brindou a mim com a lata de cerveja, e eu me senti com 30 metros de altura, feito de ouro maciço, e *à*

toda. Nenhuma vergonha, apenas satisfação pura e completa. Não é algo que os ingleses deveriam sentir: você deve ter uma leve vergonha de se sentir bem em relação ao próprio trabalho, mas, dane-se, eu era bom!

Virei o rosto para ver se Vinte estava, talvez, me encarando com adulação feminina. Mas ela estava olhando para a tela com seriedade e mexendo intensamente no mouse e preparando tudo para o próximo vídeo, que era a última criação de Chester com Bullingham, a qual ele fizera no estilo das antigas animações de Monty Python de Terry Gilliam, e tudo de que me lembro é como estava grosseira, de um modo muito engraçado, com Bullingham praticando diversos tipos improváveis de sexo com animais de fazenda, na maior parte das vezes do lado receptor. Houve gargalhadas e tudo, mas vinham de muito longe, de detrás do meu brilho de autossatisfação. O mesmo brilho abafou os elogios e as risadas que acompanharam a montagem terror/comédia de Cão Raivoso; o incrivelmente nojento *Acampamento de verão IV* se tornou uma comédia leviana sobre adolescentes malucos, o sangue e as entranhas lendários serviram somente para dar ânsia de vômito.

Então o primeiro ato acabou, e as telas escureceram e o som mais doce do mundo aumentou: uns cinquenta adolescentes batendo palmas o mais forte que podiam sem quebrar as mãos, comemorando e assobiando até que Hester mandou-os se calar, mas ela estava sorrindo também, e foram os melhores dez minutos da minha vida.

Se eu estivesse editando *A história de Cecil B DeVil*, inseriria aqui uma daquelas montagens preguiçosas, comigo fumando um pouco disso, bebendo um pouco daquilo, sorrindo confiante enquanto conversava com Vinte, dançando com ela em volta das raízes das árvores, assistindo à rodada seguinte de filmes com o braço sobre seu ombro, entrando em um ônibus noturno com Vinte e seguindo até o Diazero, depois mostrando a ela meu lar incrivelmente legal invadido, e ela estaria linda.

Mas, na verdade, a noite meio que seguiu uma espiral descendente depois daquilo. Teria sido muito difícil não seguir, depois de atingir um ponto tão alto. Bebi demais e acabei sentado, recostado contra uma árvore, as raízes entrando na minha bunda enquanto minha cabeça girava, e eu me esforçava para não vomitar. Quando virei o rosto para ver Vinte entre o segundo e o terceiro ato, ela estava conversando com outro cara que parecia, mesmo no escuro, umas cem vezes mais legal do que eu. Isso me fez desejar estar bebendo mais uma cerveja, mas, por sorte, não havia mais nenhuma a um engatinhar de mim, e ficar de pé estava fora de cogitação naquele momento.

Em algum momento, por volta das 3 horas da manhã, meus amigos me jogaram dentro de um ônibus noturno e aí vomitei de verdade e fui expulso, por isso andamos e cambaleamos por uma hora antes de eu me declarar sóbrio o bastante para subir em outro, então seguimos, chegando em casa bem na hora em que o dia raiava. Entramos no Diazero, e Jem dormiu no chão do meu quarto porque não tínhamos pensado em onde ele dormiria e o antigo quarto dele estava ocupado por Chester, o qual, por sua vez, não estava ansioso para sair.

Acordei um milhão de anos depois, com a cabeça parecendo uma caixa de areia e a boca como um banheiro de rodoviária. O quarto fedia a peidos de cerveja cozidos durante o longo, longo dia que eu dormira, e se tornara meio que um miasma tóxico que se agarrou a minhas roupas conforme tropecei para dentro do banheiro e bebi água da torneira até sentir que ia explodir.

Fui o último a acordar. Todo mundo estava lá embaixo, no pub, e, quando me juntei a eles, todos se olharam e soltaram pequenas gargalhadas à minha custa. Sim, eu aparentava estar tão mal quanto me sentia. Ergui os dedos do meio e, cuidadosamente, os agitei na direção dos meus amigos.

Jem apontou para o bar.

— A comida está servida — disse ele. Acompanhei o indicador de Jem. Alguém servira uma vasilha de salada de frutas, um pote de iogurte, alguns bagels tostados (congelávamos os dormidos e depois torrávamos para encobrir o leve ranço), um pote de cream cheese e uma tigela de ovos cozidos (ovos duravam muitos dias depois da data de validade). Minha boca se encheu de saliva. Caí dentro da comida, entupindo-me até saciar uma fome que não percebi que estava sentindo. Cão Raivoso fez chá, e tomei três xícaras com bastante açúcar, depois pisquei diversas vezes, me alonguei e voltei a ser um ser humano normal.

— Pô — falei. — Que noite. — Olhei ao redor, para meus três amigos. Cão Raivoso e Chester ocupavam o sofá murcho que arrastamos de uma caçamba, e Jem estava sentado o mais longe possível deles, do outro lado do salão. Ocorreu-me que, embora eu conhecesse Jem e conhecesse Cão e Chester, estes não conheciam Jem e vice-versa. Além disso, havia o fato de que Jem encontrara o Diazero, e agora ele era um recém-chegado em nosso lar feliz.

Olhei de um para outro.

— Vamos lá, gente — falei. — O que é isso? O lugar é *gigantesco*. Vocês são todos boas pessoas. Não fiquem como um bando de gatos tentando entender quem está no comando.

Eles fingiram não saber do que eu estava falando, mas também tiveram a decência de parecer um pouco envergonhados, o que interpretei como se os tivesse tocado.

— Que noite — murmurou Cão Raivoso. Ele estava com o laptop ligado e virou-o de modo que eu pudesse ver a tela, um slideshow de fotos do cemitério. Algumas delas tinham sido tiradas com um flash e haviam estourado, look animal-sob-holofote; o resto fora feito com um filtro noturno que fazia todos parecerem fantasmas pontiagudos, preto e branco, cujos olhos brilhavam sem pupilas. Mesmo assim, dava para ver mesmo àquela distância que tinha sido épico, exatamente como eu me lembrava.

O slideshow chegou a uma foto de Vinte, e meu coração fez um lub-dub-lub-dub. Mesmo com o branco ofuscante do flash, ela estava *magistral*; essa era a substituta de *ilustre* que fora passada na festa.

Jem riu com escárnio.

— Essa é problema, garo-oto — disse ele. — Inteligente demais para o próprio bem.

— O que isso quer dizer? — Senti uma descarga de ódio superprotetor voltada para Jem, o tipo de coisa que eu costumava ter quando garotos apareciam para farejar Cora.

Ele deu de ombros.

— Uma colega dela me levou à festa na noite passada. Uma daquelas meninas nas árvores. Ela disse que sua bonitinha aí anda com um bando de politizados, do tipo que preferiria invadir um banco a ir a uma festa. E Aziz falou que ela é simplesmente *maluca*, cheia de planos grandiosos.

Engoli a raiva.

— Nada disso parece um problema para mim — falei. — Tudo isso parece muito fantástico, na verdade — continuei, tão baixo e controlado quanto consegui.

Ele deu de ombros de novo.

— Sua vida — falou Jem. — Só estou avisando. E agora você sabe. Não falo mais no assunto. Então, é Cecil, agora?

Recusei-me a ficar envergonhado com aquilo.

— Como se Jem fosse seu nome de verdade. Você só o escolheu para que você e Dodger pudessem ser os Jammie Dodgers, certo? E a mãe de Cão Raivoso não o pegou no colo, chorando e coberto de gosma pós-parto, e falou "Quem é o Cão Raivoso da mamãe, hein?". E Chester de Manchester? Por favor. Por que eu deveria ser o único que não tem um nome engraçado?

Os garotos estavam olhando para mim como se tivesse crescido outra cabeça no meu pescoço. Percebi que eu tinha levantado e começado a

gritar em algum momento no meio do discurso. Devia ser a ressaca. Ou Jem falando besteira sobre Vinte.

Em silêncio, peguei mais um pouco de salada de frutas. Do lado de fora da porta trancada, das janelas escurecidas do pub, alguém gritava com outra pessoa. Motocicletas roncavam alto pela rua. Cachorros latiam. As crianças do tráfico arrulhavam.

— Desculpa — murmurei.

Jem jogou uma caixa vazia de suco (tínhamos encontrado dois engradados delas, as caixas estavam sujas de um mergulho em uma poça) na minha cabeça.

— Está perdoado. Vá pegar a porcaria do seu computador e mande um e-mail para a vaca louca chamando-a para sair. Depois tome um banho. Não, tome um banho *primeiro*.

Aquilo aliviou a tensão. Cão e Chester riram, e percebi que Jem estava certo: tudo que eu mais queria era pegar o laptop e ver se encontrava Vinte no Abril Cínico e tentar pensar em alguma coisa que não fosse totalmente estúpida para dizer.

E eu precisava mesmo de um banho.

Levei uma quantidade ridícula de tempo para perceber que deveria estar procurando por "26", e não "vinteeseis" ou "vinte e seis" no diretório de usuários do Abril Cínico, mas, depois que caiu a ficha, vi-me em meio a cliques intensos e duradouros conforme vasculhava todas as mensagens antigas de Vinte no mural, vídeos e todas as fotos em que ela aprecia. Vinte gostava de fazer coisas interessantes com o cabelo. Tinha um gato enormemente gordo. O quarto dela — no qual tinha se fotografado experimentando muitas cores e cortes — era bagunçado e minúsculo, e tinha uma janela que dava para uma parede de tijolos amarelos, o tipo de coisa que se via por toda parte em Londres. O cômodo era cheio de livros, em montanhas e pilhas tortas, e ela os criticava como doida; a maioria

eram obras políticas que me faziam ficar vesgo de tédio só de pensar.

Aha! Lá estava: Vinte trabalhava meio período em uma livraria anarquista nos arredores de Brick Lane, no meio de Banglatown, um bairro chique e detonado ao mesmo tempo. Era cheio de mercados, metade deles minúscula e esquisita, que vendiam artesanato e roupas feitas à mão, ou até mesmo porcaria que pessoas semissem-teto tinham garimpado e arrumado sobre lençóis. A outra metade dos mercados era totalmente refinada, cheia de roupas de designer caras e porcarias para bebês.

Eu já tinha caminhado pela loja em que ela trabalhava: tinha uns adesivos irados, mas cheirava um pouco mal, e os livros todos tinham um aspecto como se feitos à mão, como se tivessem saído da impressora do porão de alguém. Era meio como visitar a bibliotequinha da minha escola primária: um armário deprimente, cheio de livros surrados que alguém sempre tentava obrigar você a ler em vez de ficar na internet. Mas na biblioteca da minha escola não trabalhava uma garota linda, inteligente e incrível. Se trabalhasse, eu provavelmente teria entrado mais vezes.

Levei um momento para entender que dia da semana era — eu tinha ido dormir com o nascer do sol e dormira, e o quarto estava fechado, mas, depois de olhar para o relógio e expandi-lo para que mostrasse o calendário, entendi que era sábado, pouco antes das 16 horas. E, ei, olhe só, Vinte trabalhava no turno da tarde aos sábados na loja: dizia bem ali em um quadro de avisos para planejadores de festas que estivessem tentando marcar uma reunião. Mais uma busca rápida e eu soube que a loja fechava às 17h30 aos sábados. O que significava que eu talvez conseguisse, se pudesse sair da casa em menos de 15 minutos e o ônibus chegasse rápido. Ocorreu-me tentar ligar para a loja para ver se ela estava trabalhando e se esperaria até eu chegar, mas, por algum motivo, isso pareceu mais assustador do que apenas passar por lá “acidentalmente” alguns minutos antes de fechar e “descobrir” que por acaso ela estava trabalhando.

Sim, admito abertamente que, de maneira objetiva, isso não é nem um pouco menos assustador. Que eu estava entrando fundo no território dos perseguidores com aquilo. Que eu apenas a conhecera rapidamente, e, até onde sabia, ela estava saindo com outra pessoa, ou era lésbica, ou apenas não gostava de mim.

Mas era verão. Eu tinha 16 anos. Garotas, comida e festas. E filmes. Eu só ligava para isso. E, na maioria das vezes, era ou garotas ou comida. Tudo bem, filmes e comida. Mas garotas: garotas mais do que tudo. Era esquisito. Intelectualmente, eu sabia que não era grande coisa. As garotas eram garotas, garotos eram garotos, e eu provavelmente começaria a namorar uma menina em algum momento. Todo mundo parecia conseguir, até os piores perdedores e esquisitões. Mas a questão era que eu estava *desesperado*, cheio de desejo por algo que meus ossos e minha pele pareciam ter *certeza absoluta* de que seria a melhor coisa que aconteceria comigo, mesmo que eu não pudesse afirmar isso com certeza. Eu tinha visto inúmeras cenas de sexo na tela — até editado uma ou duas — e, objetivamente, podia ver que não eram nada demais. Mas havia um homenzinho no fundo da minha cabeça com os dedos enterrados profundamente no meu cérebro, e, sempre que meus pensamentos divagavam para longe demais de garotas, o homenzinho agarrava os neurônios e dava-lhes um puxão de volta ao assunto principal.

Então: banho mais rápido do mundo, escovar os dentes rápido, mas pensei em todas as coisas terríveis que poderiam estar apodrecendo na minha boca. Roupas, depois roupas de novo, ao perceber como eu parecia idiota na primeira vez. E, por falar em primeiras vezes, pela primeira vez desejei ter um perfume, embora não fizesse ideia do que era um cheiro bom de perfume. Eu tinha uma noção de que algo como pinho seria bom, mas talvez eu estivesse pensando naquelas arvorezinhas que as pessoas penduram no carro para esconder o fedor de cê-cê e de sacolas velhas do McDonald's.

Eu não tinha nenhum perfume.

— Alguém tem perfume? — gritei escada abaixo conforme brigava com os sapatos. Os urros de gargalhadas que subiram pelo pub foram seguidos de ruídos felinos, indecências e comentários sujos e depravados, os quais ignorei. Desci correndo os degraus e fiquei de pé no pub, olhando para meus amigos.

— Está bom? — perguntei.

— Aonde você vai? — falou Jem.

— Vou tentar encontrar com Vinte — respondi.

— Vinte o quê? — perguntou Cão Raivoso, tão confuso que se esqueceu de murmurar.

— O nome da garota é 26 — falei. — Mas é Vinte para os amigos.

Jem começou a dizer algo sarcástico e mostrei o dedo para ele.

— Nem comece, Jem!

— Era *disso* que você estava falando ontem à noite? — indagou Chester. — Porcaria de 26! Não calava a boca. Achei que estava tendo visões com um número de loteria vencedor ou algo assim. Deveria saber.

Não me lembrava de nada daquilo. Espere. Não, eu lembrava. Foi depois que o motorista nos expulsou do ônibus. O que foi depois que vomitei nele. E estávamos caminhando por algum lugar... Camden? King's Cross? E eu contando até 26, contando de trás para a frente, a partir de 26. Vinte e seis, 26, 26. Cerveja idiota. Se não tivesse ficado tão bêbado poderia ter conversado com 26 a noite toda, em vez de me fazer de otário pelas ruas de Londres. Cerveja idiota. Eu idiota.

— Estou bem? — perguntei de novo.

Jem inclinou a cabeça de modo observador. Achei que fosse dizer alguma coisa sarcástica, mas foi até mim e alisou meu colarinho, tirou a camisa de dentro das minhas calças, fez algo com os dedos no meu cabelo.

— Dá para passar — disse ele. Cão Raivoso e Chester assentiram. — Um perfeito cavalheiro de lazer agora — continuou Jem. — Não se

esqueça disso. Elas sentem o cheiro do medo. Entre lá, fique confiante, destemido, fique cheio de alegria. Ouça-a, isso é muito importante. Não tente beijá-la até ter certeza de que ela quer você. Lembre-se de que é um cavalheiro, e um cavalheiro de lazer. Tem a vida toda pela frente, nenhum compromisso e nenhuma preocupação no mundo. Depois que ela souber disso, pronto, você será escolhido. Certeza.

Pareciam bons conselhos, e possivelmente um pouco insultantes, mas eu já tinha tentado defender a honra de 26 e imaginava que ela provavelmente podia se defender sozinha dali em diante. E, além disso, eu estava sinceramente esperando ser "escolhido", o que quer que isso quisesse dizer na imaginação sórdida de Jem. Eu estava honestamente grato pelos conselhos.

Precisei de três tentativas para entrar na loja e, entre elas, parei e respirei fundo e disse a mim mesmo "Cavalheiro de lazer, cavalheiro de lazer, cavalheiro de lazer". Então alinhei os ombros, rebaguncei o cabelo como Jem tinha feito e entrei casualmente na lojinha.

Ela estava inclinada sobre o balcão, o moicano solto e na altura dos olhos, os quais encaravam algum tipo de *fatura* impressa ou lista de compras, uma pilha de livros sobre o balcão. Até o perfil dela era bonito: olhos castanho-escuros fluidos, a pele da cor de um café fraco, nariz arredondado, lábios como botões de rosa.

Vinte levantou o rosto quando entrei e começou a dizer:

— Nós já vamos fechar... — Então ergueu as sobrancelhas e disse: — Ah! — Estava obviamente surpresa, e prendi a respiração enquanto esperava para descobrir se era uma surpresa *boa*.

— Você! — falei, tentando bastante parecer sinceramente chocado, como se tivesse entrado por coincidência. — Uau!

— Estou surpresa em ver que você consegue andar — disse ela.

Nossa, eu era tão idiota. Ela me odiava. Tinha me visto estupidamente

bêbado e decidira que eu era um completo babaca, e agora eu a tinha seguido até o trabalho, e ela ia pensar que eu era um perseguidor também. Ai meu Deus, ai meu Deus, ai Deus, diga alguma coisa, Trent. Cavalheiro de lazer.

— Hã. — Tive mais de uma hora no ônibus, e aquilo era tudo em que eu pensara. Hã. — Bem. É. Senti-me uma porcaria total quando acordei. Mas estou melhor agora. Festa boa, não?

— Você pesquisou onde eu trabalhava, não foi?

Ops. Idiota, idiota, idiota.

— Droga — falei. — Eu, bem. — Cavalheiro de lazer. Destemido. Cheio de alegria. Estampei um sorriso. — Sim. Porque, você sabe, eu bebi muito ontem à noite e fiquei idiota, e tal, e queria vir até aqui e ver você de novo e tentar mais uma vez.

Ela olhou para o papel.

— Tudo bem, é um pouquinho esquisito, mas também é um pouco encantador e lisonjeiro. Mas que pena que a hora é horrível. Tenho uma reunião depois do trabalho, em... — Ela olhou para a tela sobre o balcão. — Dez minutos.

Senti-me como um balão que fora esvaziado. Ela não me odiava, mas também não tinha tempo para mim naquele momento. Claro que não. Tentei não deixar o desapontamento devastador transparecer, mas devo ter falhado.

— A não ser que... — disse ela — você queira vir junto. É logo na esquina.

— Sim! — respondi, rápido demais para um cavalheiro de lazer tranquilo, mas quem se importava? — Que tipo de reunião é?

— Acho que você vai gostar — respondeu ela. Vinte fez outra anotação no papel, enfiou-o na pilha de livros e saltou do banquinho. — Venha.

A reunião acontecia bem no final da rua, no porão de um restaurante

turco, o tipo de lugar que tem narguilé, tabaco de maçã e almofadas no chão.

— Eles são um grupo legal... — disse 26. — Alguns são da livraria, outros de grupos de protesto e de software livre e tal. O tipo de pessoa que se preocupa se será derrotado pela Lei de Roubo de Propriedade Intelectual. — Ela falou isso como se eu devesse saber o que era, e eu era legal demais para admitir que não fazia ideia, então assenti com a cabeça sabiamente e fiz sons de entusiasmo.

Quase todo mundo ali era mais velho do que nós pelo menos dez anos, e alguns eram *muito* velhos, com uns 50 ou 60 anos. Muitos dos caras eram mais velhos e meio gordos, usando barba e camisetas pretas cheias de slogans do Linux e coisas assim. Esses esquisitos barbados obviamente eram a galera do software livre; dava para ver a um quilômetro de distância. Então tinha os punks velhos, com piercings antigos e tatuagens e jaquetas de couro rachadas. E havia os mais sérios, arrumadinhos, de terno e tal, e um monte do tipo de gente que se espera encontrar em Brick Lane — cerca de 20 anos, vestido de modo estranho e na moda. A maioria deles era branca e asiática, e tinha uns dois negros. Parecia que alguém esvaziara alguns ônibus noturnos cheios de pessoas aleatórias dentro do porão de pé-direito baixo.

Tinha chá de menta, que era *fantástico*, e alguém tinha levado uma cesta grande de biscoitos de tofu com alfarroba, que eram *nojentos*, mas eu estava com fome o bastante para comer três deles.

— Gente, gente — disse um dos punks velhos. Era uma mulher muito alta e magra como um esqueleto, e tinha algum tipo de tatuagem de tentáculo elaborada que se enroscava pela garganta e espiralava ao redor dos braços, e estava com as pernas à mostra por fora de um vestido largo de verão, feito de algodão; as pernas sumiam dentro de Doc Martens de cano alto e surrados. — Hora de começar, certo? — Tinha um sotaque polonês e o ar de uma professora de escola carinhosa, o que era engraçado,

pois ela parecia uma rainha guerreira saída de um filme de ação pós-apocalíptico.

Todos nos sentamos e olhamos para ela. Vinte e seis fitou-a com um tipo de adoração, e imaginei o que seria preciso para que ela *me* encarasse daquele jeito.

— Sou Annika — falou a mulher. — Obrigada a todos por virem. Soubemos que a RPI será introduzida em algum momento do mês que vem, e vão tentar passá-la sem praticamente qualquer debate. O que significa que teremos de ser rápidos se quisermos fazer com que as pessoas se revoltem contra ela.

Annika pegou o celular, ligou o projetor nele e estampou uma página na porta do porão. Tinha bastante texto, mas partes haviam sido destacadas com iluminador e aumentadas para ficarem legíveis. Era intitulado Lei de Roubo de Propriedade Intelectual, e obviamente era algum tipo de lei chata, escrita em besteirol jurídico maluco. Olhei para as frases destacadas: "sanções criminais", "infração em escala comercial", "recomendações de sentença deixadas a critério do Secretário de Negócios...". Tentei entender, mas não consegui. Senti-me idiota, principalmente porque 26 pareceu entender imediatamente, pois sacudia a cabeça e apertava os punhos.

Annika nos deu um minuto para olhar o texto.

— Isso é um rascunho que vazou, então não sabemos quanto estará na lei quando for apresentada, mas, se mesmo uma pequena porção disso estiver na versão final, será muito ruim. Vejam isto: a seção 1.3 torna uma ofensa criminal incorrer em infrações de "escala comercial", mesmo que você não cobre ou não ganhe dinheiro. Isso significa que qualquer um pego com mais de cinco filmes piratas ou vinte músicas piratas pode ser *preso*. E aqui, a seção 2.4 deixa as características da sentença a critério da Secretária de Negócios: ela nem mesmo foi *eleita*, e costumava trabalhar para a Warner Music, e foi gravada dizendo que desejava que ainda

tivéssemos a *pena de morte* para que pudesse ser usada em piratas.

"E aqui, esta é a melhor parte, aqui embaixo, no fim da seção 10.4? Aqui diz que, se isso não resultar em redução de setenta por cento das infrações de direitos autorais em 18 meses, todo um novo aparato de poderes policiais entrará em vigor, incluindo o direito de 'buscar remotamente' computadores, com 'limitação de responsabilidade por perda incidental de dados ou de acesso'.

As pessoas ao meu redor assobiaram e olharam umas para as outras. Eu não sabia o que diabo aquilo queria dizer.

Vinte e seis reparou que eu estava confuso. Ela me deu um beliscão na bochecha.

— Burrinho — disse ela. — Isso quer dizer que eles têm o direito de invadir seu computador pela internet, fazer uma busca no drive, e não há penalidade se eles fizerem algo errado, arruinarem dados, invadirem sua privacidade, nada disso.

Sacudi a cabeça.

— Essa é a coisa mais idiota...

Todos estavam falando ao mesmo tempo. Annika ergueu a mão para pedir silêncio.

— Por favor, por favor. Sim, isso é terrível. Esta cláusula estúpida, essa coisa dos 18 meses, esteve em todas as leis de direitos autorais durante a última década, certo? Todas as vezes eles dizem "se essas novas penalidades não funcionarem, vamos implantar outras muito piores. Não queremos, é claro, nossa, não, quem ia querer colocar pessoas que prejudicam seus negócios na cadeia? Que lobby corporativo ia querer agir como policial, juiz ou executor? Ah, não. Mas, se esse plano não funcionar, simplesmente *teremos* de fazer isso. Suspiro." Isso é um monte de besteira. Mas o Parlamento dá à EMI, à Warner, à Sony e à Universal tanto poder há tanto tempo, ficaram tão acostumados a frequentar festas com artistas pop e a colocar os filhos nas áreas VIP e nos bastidores de

grandes shows que nem pensam nisso. Simplesmente pegam o carimbo e votam.

"Desta vez, queremos acabar com isso. Acho que a hora é esta. As pessoas estão de saco cheio das guerras contra a pirataria. Todo mundo conhece alguém que foi desconectado porque alguém na casa da pessoa foi acusado de compartilhar arquivos. Algumas famílias são arruinadas por isso, perdem o emprego, as crianças tiram notas baixas na escola...

Eu me mexi como se tivesse sido atingido por um *taser*. Vinte e seis olhou para mim com uma expressão inquisidora, mas eu estava a milhões de quilômetros dali, pensando em mamãe e papai e na pobre Cora, e todo o tempo que tinha se passado sem que eu os contatasse. Eu sabia que eles ainda estavam tentando se comunicar, não conseguia me impedir de ver e me encolher com os e-mails que me mandavam da biblioteca ou da casa de um vizinho. Mas todo dia que se passava sem que eu respondesse tornava mais difícil pensar em responder no dia seguinte. Annika disse "famílias arruinadas", e eu percebi que, sim, era isso que eu tinha feito: arruinado minha família.

Annika ainda estava falando, e fechei os olhos com força para tentar fazer as lágrimas que haviam brotado voltarem para dentro, para que eu não me humilhasse na frente de 26. E, sinceramente, também foi para conseguir espremer para longe a sensação enorme e terrível que tinha quando pensava em minha família. Eu conseguia ouvir minha pulsação e estava com as mãos trêmulas.

— Da última vez, cada parlamentar recebeu uma visita de vinte eleitores de seu distrito em casa em respeito à lei. Ainda assim, aprovaram-na. É claro que sim, foram totalmente coagidos pelo *whip*.

Vinte e seis se inclinou e sussurrou:

— *Whip* é o cara do partido que incentiva os integrantes a aprovar as leis. — Como se explicasse coisas para um idiota, supus, mas eu *era* um idiota em relação àquelas coisas. E, quando ela sussurrou no meu ouvido,

o hálito quente arrepiou os pelos do lugar e me deu uma ereção instantânea, que tive de cruzar as pernas para esconder.

— Desta vez, queremos que cem eleitores solicitem reuniões com seus parlamentares eleitos. Dez por dia, todos os dias, até a votação. É um número grande: 650 parlamentares, 6.500 ativistas. Mas estamos falando de colocar crianças na *cadeia* aqui. Acho que isso despertará até os zumbis complacentes que dizem que "é o mesmo que roubar, não é?".

Um monte de gente ergueu a mão. Annika começou a escutá-los. Todos tinham ideias sobre como conseguir que os eleitores aparecessem nas sessões abertas dos parlamentares armados com tridentes e tochas, exigindo justiça. Desejei ter uma ideia também, algo que me faria parecer menos retardado diante de 26. Então tive uma e ergui o braço.

Annika apontou para mim. De repente, senti-me envergonhado e com o rosto vermelho, mas me obriguei a falar.

— Então, tipo, eu tive aula de direitos autorais na escola e nos disseram que todo mundo tem direitos autorais, certo? Tipo, assim que você escreve ou grava no HD ou algo assim, aquilo é seu durante a vida e mais 70 anos, certo? Então, imagino, se todos somos detentores de direitos autorais, podemos perseguir todo mundo que tira nossos direitos. Tipo, se uma companhia cinematográfica pega sua pichação em uma cena, ou se um parlamentar coloca seu e-mail no site, ou algo assim. E se processarmos todos eles? E se colocarmos *eles* na cadeia?

Annika começou a sacudir a cabeça enquanto eu falava.

— Eu sei que parece uma boa ideia, mas creio que não funcionará. Do modo como a lei é escrita, você precisa demonstrar "potencial comercial significativo" antes de poder pedir uma ação judicial. E, para processar por danos, precisa ser capaz de gastar mais com advogados do que eles: a lei é feita de modo que pessoas ricas e poderosas possam usá-la, mas artistas pobres não. Uma gravadora pode usá-la para colocar você na cadeia por baixar músicas demais, mas, se for um cantor cuja gravadora detém seu

dinheiro, não pode usar isso para colocar um executivo ladrão na cadeia. Eles são perversos, mas não são burros: quando aprovam uma lei, certificam-se muito bem de que não pode ser usada contra eles.

Senti-me irracionalmente irritado com Annika. Achei que tinha tido uma ideia de gênio, uma que realmente impressionaria Vinte, e Annika me fez parecer um retardado. Eu era retardado. Deveria ter ficado de boca fechada. Mas 26 me deu um tapinha na mão, como se dissesse, tudo bem, e senti-me um nanômetro melhor.

Não tinha mais nada com que contribuir depois disso. Todo mundo parecia saber mais sobre aquelas coisas do que eu. E, no fim das contas, um dos caras de terno era um parlamentar do Partido Verde, e ele se levantou para dizer o quanto apreciava tudo aquilo e como sabia que havia liberal-democratas, trabalhistas e integrantes do Tory que adorariam poder votar contra a determinação do *whip*, mas tinham medo demais de serem expulsos dos partidos se não cooperassem. Aquilo era esquisito demais: achei que parlamentares fossem eleitos para representar os eleitores de onde vinham; como podiam fazer isso se outra pessoa podia lhes dizer como votar? Fez-me querer ter prestado mais atenção na escola, durante todas aquelas aulas de cidadania.

A reunião terminou com todos passando endereços de e-mail para Annika, o que achei hilário, pois ela deveria ser toda punk e alternativa, mas lá estava ela, usando e-mails como um velho. Achei que usaria o Facebook, como todo mundo, mas, quando perguntei a 26 sobre isso, ela sacudiu a cabeça de um modo que me disse que eu estava sendo burro de novo.

— O Facebook é espionado por todos os cantos — respondeu ela. — Tudo que você faz... Qualquer um que abra uma conta de anunciante pode pegar tudo, todas as suas informações pessoais e as informações públicas de seus amigos. Por que acha que usamos o Abril Cínico? Se alguém tentar organizar uma festa ilegal pelo Facebook, a Lei saberá antes mesmo de os

amigos dessa pessoa.

Lá estávamos nós, de pé na multidão de pessoas subindo e descendo Brick Lane, dando cotoveladas em vendedores que ofereciam vinho de graça com refeições indianas de uma das dezenas de restaurantes Balti, desviando de músicos de rua ou vendedores ambulantes com lençóis, parando em carrinhos de comida ou para gritar com um ciclista que se aproximava demais. O sol era uma bolha vermelha logo acima dos telhados, e o calor se dissipava em algo mais tolerável, e eu estava tão próximo de 26 que podia ver os fiapos de cabelo em sua cabeça e os furos nas orelhas, dos quais ela tirara os brincos.

— Hã — falei.

— Você é muito encantador, sabia? — disse ela. Meu coração desceu até o estômago, e meu estômago desceu até minha bunda, e fiquei parado ali, como um idiota. — Ah, vamos — disse ela, apertando meu nariz —, não precisa ficar tão desnorteado com isso. Eu gosto de você até agora. Vamos a algum lugar, está bem?

Eu quase a convidei para ir ao Diazero, mas isso teria sido demais. Então falei:

— Estou duro, mas sei onde podemos conseguir comida de graça.

— Nada de descontos de mão leve — respondeu Vinte. — Não acredito em ir para a cadeia por coisas idiotas como roubar.

— Acredita em ir para a cadeia *pelo quê*?

Ela assentiu.

— Boa pergunta. Imagino que descobrirei em breve.

Levar uma garota para uma caçamba para jantar é um primeiro encontro esquisito, mas admito que achei que poderia me fazer parecer perigoso e "das ruas", e, além disso, eu estava realmente sem dinheiro. Não estávamos muito longe das caçambas do Barbican e do Waitrose, mas eu estava de olho em butins (digamos) maiores. Depois do rio, o Borough

Market tinha acabado de fechar. Feirantes vendiam comida ali desde os anos 1200, e é um dos maiores mercados de comida do mundo. Na maior parte da semana, só vende por atacado, mas no sábado abre para o público, com barracas infinitas vendendo carnes e queijos refinados, cortes de carnes de caça exóticas, como faisão e coelho, chocolates feitos em casa, produtos de fazenda, sanduíches fartos, refrigerantes, pão fresco e alguns dos melhores cafés que já bebi. Só de pensar nisso minha boca aguava.

Mas, por mais que fosse bom durante o dia, era ainda melhor à noite. Era quando os feirantes jogavam fora tudo que não tinham conseguido vender, mas que não duraria até o sábado seguinte. No sábado à noite, as caçambas do Borough eram como um cemitério de elefantes de vegetais levemente desagradáveis, caixas pouco amassadas de trufas caseiras, pães quase mofados, recheados com nozes e frutas secas, e rodelas de queijo que tinham ficado um pouco verdes nos cantos. Como Jem diz, queijo é apenas leite que estragou de um modo muito específico, e o mofo é parte da embalagem. É só raspar e comer o resto.

Caminhamos até Borough sob uma noite mágica e brilhante, e 26 me contou sobre os colegas, que eram donos da livraria anarquista — chamava-se Emma Dançante —, e sobre como se divertia lendo todos os livros esquisitos que eles guardavam.

— Quero dizer, quando comecei a trabalhar lá, não fazia *ideia*. Eu literalmente jamais tinha pensado sobre como o sistema funcionava e tal. Jamais me ocorreu imaginar por que algumas pessoas têm tudo e outras não têm nada. Por que há chefes e pessoas que são chefiadas. Minha mãe não é muito politizada.

— Meus pais também não são politizados. Você vê seu pai?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não — respondeu 26. — Deixou minha mãe quando eu era pequena. É policial, acredite se quiser. Em Glasgow. Mamãe se casou de novo há anos, no entanto. É um cara legal.

Caminhamos um pouco. Reuni coragem para dizer:

— Então, por que *há* chefes? O que mais faríamos, simplesmente deixar todo mundo fazer o que quisesse?

— É isso mesmo. Qual é o problema?

Comecei a dizer algo, mas parei.

— E se alguém quiser sair e cometer assassinatos ou estupros?

Caminhamos mais um tempo, e arrisquei olhar para ela. Vinte parecia estar pensando a respeito.

— Isso é difícil de explicar. Sempre que perguntam isso a uma anarquista, ela costuma falar e falar sobre como a maioria desses crimes é cometida porque as pessoas são pobres e não têm poder, e por aí vai. Tipo, quando nos livrarmos de patrões e mestres, e todos tiverem o suficiente, não vai importar. Mas acho que algumas pessoas simplesmente são, tipo, *desgraçadas completas*, e não sei exatamente o que se faz com elas. Talvez depois de nos livrarmos do Estado, e quando todos puderem fazer o que quiserem, concordaremos em algumas regras, sabe, para alguns crimes que envolvem machucar as pessoas, e todos concordaremos em aplicá-las. — Ela deu de ombros. — Você vai direto na pergunta difícil, sabia? Não tenho a resposta de verdade. Mas olhe ao redor de Londres, todo o crime e violência que tudo isso... Não é como se ter todo tipo de regras e leis e prisões e poder nos deixasse seguros.

— Talvez estivéssemos bem menos seguros sem eles — falei. Eu gostava daquele tipo de discussão e não tinha muito disso com Cão Raivoso e Chester. Minha mente estava acelerada.

— Talvez. Mas não sei, não parece, sabe, *óbvio*, que pelo menos alguns crimes se devam ao fato de que há desgraçados ricos e pobres coitados? Talvez algum maluco roubasse mesmo se tivesse o bastante, mas a maioria dos crimes não se deve a não ter o suficiente?

Sacudi a cabeça.

— Talvez. Mas isso faz parecer que pobres são mais criminosos do que

ricos. Mas somos pobres, minha família, e não éramos delinquentes. Se conseguíamos viver sem infringir a lei...

Ela gargalhou.

— Amigo, está falando *sério*? Você é o maior criminoso que conheço! Ou obteve licença para todos aqueles clipes de bom gosto que editou para os vídeos da noite passada?

Gargalhei também.

— Certo, certo, tudo bem. Mas não fiz os vídeos porque sou *pobre*.

— Não exatamente, tudo bem. Mas você sabia que *noventa por cento* dos direitos autorais de filmes em toda a história do planeta pertencem a cinco estúdios? E que oito companhias controlam *oitenta e cinco por cento* de rádios, emissoras de TV, filmes, jornais, publicação de livros e internet do mundo? Então, se trabalhasse para uma *dessas* companhias, provavelmente poderia usar todos os clipes que decupa. Vejo coisas assim o tempo todo, anúncios idiotas para vender Coca-Cola ou Nike, ou qualquer coisa. Essas empresas detêm nossa cultura e podem fazer o que quiserem com ela. O resto de nós precisa infringir a lei para fazer o que eles fazem direto. Mas a cultura é de todo mundo... Essa é a intenção, não é? Depois que publica no mundo, é *do mundo*, é parte das histórias que contamos uns aos outros para dar sentido à vida.

Eu estava cerca de um quarto apaixonado por 26 até então. Naquele momento, senti como se fosse setenta e cinco por cento, e subindo. Era como se ela estivesse dizendo algo que eu sempre soube, mas jamais pude colocar em palavras — como se ela estivesse revelando uma verdade que estava dentro de mim, esperando que 26 a libertasse. Eu sentia vontade de dançar. Vontade de cantar. Também sentia vontade de beijá-la, mas esse pensamento também me fez querer vomitar de nervoso, então afastei-o.

— Você é uma menina esperta — falei. — Nossa, isso foi *brilhante*.

Ela parou no meio da calçada, e as pessoas atrás de nós tiveram de desviar, fazendo aquele ruído de *tsc* que os londrinos fazem quando você

viola o Código Não Escrito da Caminhada. Não me importei. Vinte estava sorrindo de forma tão radiante que praticamente iluminou a rua.

— Obrigada, Cecil. Isso significa muito, vindo de você. Achei seus vídeos geniais. Quando os vi, pensei comigo mesma: "Quem quer que os tenha feito, é alguém muito especial." Fico feliz em ver que estava certa.

Achei que deveria beijá-la naquele momento. Ela estava esperando que a beijasse? O rosto dela estava inclinado na direção do meu — era quase tão alta quanto eu. Eu conseguia sentir o hálito dela, um toque do chá de menta apimentado que tínhamos bebido. Jamais tinha beijado uma garota. E se estragasse tudo? E se 26 me desse um tapa e nunca mais quisesse me ver? E se...

Ela me beijou.

Nos filmes, eles dizem que você nunca esquece o primeiro beijo. Nos filmes, o primeiro beijo é sempre perfeito. Nos filmes, todo mundo que participa do beijo sabe o que fazer.

Na vida real, meu primeiro beijo foi totalmente imperfeito. Primeiro, tem o problema dos narizes. O dela, pequeno e redondo e adorável, como o de uma estrela de Bollywood em um pôster. O meu era um nariz inglês grande e disforme. Os dois tentaram ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo, e isso não funcionou muito bem.

Depois, os dentes. O som que os dentes fazem quando batem contra os de outra pessoa não é muito legal, e você ouve *bem dentro da cabeça*, como o som que ouve quando amassa um osso de galinha inesperado. E parecia que, onde quer que eu tentasse colocar os dentes, ela queria colocar os dela.

E línguas! Cruzes, línguas! Quero dizer, quando os vê mandando brasa nos filmes, estão fazendo coisas insanas com as línguas, serpenteando-as como enguias em um barril. Mas quando, hesitantemente, tentei arriscar uma linguinha, descobri que estava, surpreendentemente, lambendo os

dentes dela, então percebi que minha língua estava na *boca* de outra pessoa, o que era quase tão estranho quanto, digamos, colocar a mão no estômago de alguém, ou o pé nos pulmões de outra pessoa.

Aquela foi apenas a primeira percepção que me ocorreu. Dali em diante, foi um monólogo intenso, algo como: *Merda, estou beijando 26, estou realmente beijando 26! O que deveria fazer com as mãos? Deveria colocar as mãos no bumbum dela? Eu adoraria colocar as mãos ali. Provavelmente não deveria colocar as mãos ali. Ah, sim, deveria. Não. Espere, por que estou pensando nisso, será que o beijo deveria ser, tipo, totalmente obliterante e ocupar trezentos por cento da minha consciência total, transportando-me para a Galáxia do Primeiro Beijo? Será que isso quer dizer que ela agora é minha namorada? Será que já beijou outros caras? Aposto que sim. Será que sou melhor nisso que eles? Aposto que sou uma bosta. É claro que sou uma bosta. Estou passando o tempo todo pensando em vez de beijá-la. Pelo amor de Deus, Trent, pare de pensar e BEIJE. Ah, aí está essa língua de novo. Não é exatamente bom, mas também não é exatamente horrível. Estamos de pé bem aqui na calçada pública nos beijando! Todos podem ver. Estou tão envergonhado. Espere, não, não estou. Sou a porra do rei do mundo! Está vendo, Londres? Estou BEIJANDO! Ai, merdamerdamerda, acabei de ter uma ereção.*

A outra coisa em relação a beijar: quando você para? Quero dizer, se é apenas sua mãe dando um beijo de boa-noite em você, é fácil saber onde termina. Mas um beijo como aquele, um amasso de verdade, onde acaba? Nos filmes, eu a carregaria para o quarto ou um armário, ou algo assim. Mas estávamos no meio da rua, do lado norte da porcaria da London Bridge. Não tinha nenhum quarto ou armário por perto. Além disso, minha mente ainda estava acelerada, tomando rumos dementes: *Faz diferença eu ser branco? Será que ela já beijou mais asiáticos ou mais brancos? Ela é asiática? Talvez o pai dela seja branco? Ela não parece totalmente asiática. Talvez a mãe dela seja branca? Talvez seja*

inteiramente asiática. Talvez só tenha a pele escura. Será que acha que eu sou estranho porque sou branco? Quero dizer, isso era loucura. Eu não pensara duas vezes na ascendência de 26 até ela me beijar — metade das pessoas que eu conhecia em Bradford tinha famílias da Índia, de Bangladesh ou do Paquistão. E metade *delas* era mais inglesa do que eu, sabia mais de futebol e da realeza e tal.

E lá estava eu, de pé na rua, me agarrando loucamente com a garota pela qual estava me apaixonando, pensando em como meus vizinhos em Bradford estendiam a bandeira inglesa em toda copa do mundo e como ninguém da minha família inglesa dava a mínima para o jogo. Entende? Eu não estava pensando somente em futebol — estava pensando em como eu não me importava nem um pouco com futebol. Cérebro idiota.

Mas pelo menos isso me distraiu do pau duro dentro das calças, o qual se tornaria uma vergonha imensa depois que 26 me soltasse e eu virasse o rosto para a multidão. Ia parecer que alguém tinha armado uma barraca ali embaixo. Porcaria de pau.

E isso tudo faz parecer que o beijo foi uma droga. Não foi.

Por mais que eu estivesse mais distraído do que nunca, e nervoso e envergonhado, ainda me lembro de cada segundo, do modo como os lábios dela tocaram os meus, o modo como o sangue fluiu para minhas orelhas, o modo como meus pés e pernas formigaram, o modo como o peito pareceu apertado demais para meu coração palpitante. O que deve querer dizer que, por mais que eu estivesse pensando a mil quilômetros por segundo, também estava prestando muita atenção à linda garota em meus braços.

— Ei — disse ela, recuando um pouco, mas mantendo os braços ao redor do meu pescoço. — Isso foi um pouco legal, não foi?

Engoli em seco algumas vezes, então tentei falar. Saiu como um coaxar:

— Uau.

— Vamos, então — falou Vinte e pegou minha mão e me levou pela London Bridge.

* * *

No fim das contas, aquela não era a primeira experiência de Vinte em uma caçamba, mas era a primeira dela em busca de comida.

— Eu geralmente procuro eletrônicos. Sempre tem alguém que precisa, e agora que conheci seu amigo Aziz, tem um motivo ainda melhor para ir atrás dessas caçambas. Achei que comida estaria mais provavelmente, você sabe, podre e fedorenta e horrível.

Era a sensação mais esquisita, conversar com Vinte depois de termos nos agarrado. Eu queria beijá-la de novo, mas também sentia como se tivesse a obrigação de não agarrá-la e não beijá-la mais, como se tivéssemos de seguir fingindo que ainda éramos dois amigos a caminho de um estranho jantar de cortesia nas caçambas do Borough Market.

— Pode estar — respondi. — Mas muita coisa está simplesmente fantástica, e é uma pena desperdiçar tudo. — Peguei um enorme salame italiano defumado. A etiqueta dizia que era javali defumado, e o papel do embrulho, de um dos lados, tinha sido rasgado e amassado. — Você não é vegetariana, é?

Vinte e seis pegou o salame da minha mão e o avaliou, cheirou e sorriu.

— Esta noite não! Javali! Que medieval!

E a colheita começou. Havia montanhas de comida para escolher, e separamos os melhores pedaços para nossa degustação, fazendo uma pilha que, no final, tinha mais do que poderíamos comer. Mesmo assim, guardamos tudo em algumas caixas que encontramos atrás de uma das caçambas e partimos de novo.

— Daremos o que sobrar para os mendigos — falei, e, com certeza, antes de chegarmos à London Bridge de novo, tínhamos doado todas as sobras e guardado o resto nas mochilas.

Tentei mais um olhar na direção de Vinte quando entramos em um

ônibus e subimos as escadas até o andar de cima. Ela estava sorrindo de uma orelha à outra, e lembrei-me de como eu tinha me sentido quando Jem me levou à caçamba do Waitrose pela primeira vez. Como se houvesse um mundo secreto no qual eu tinha sido aceito: como se alguém tivesse acabado de me levar para dentro de um armário até Nárnia.

— Gostei da sua ideia — disse ela, conforme as ruas passavam, apressadas, por nós. — Sobre pegar todos os parlamentares e executivos de gravadoras e tal por pirataria? Achei que seria ótimo, uma peça teatral muito boa.

— Annika disse que não funcionaria — respondi, mas, por dentro, estava brilhando de orgulho.

— Ah — falou Vinte, sacudindo as mãos. — Acho que nada daquilo vai *funcionar*. Eles estão nessa mesmice há *anos*. Sempre que os desgraçados das companhias de filmes e gravadoras aprovam uma nova lei, todos saímos nas ruas, fazemos muito barulho, ligamos para nossos representantes no Parlamento, vamos até o escritório deles, escrevemos análises de especialistas sobre por que não vai funcionar, e eles aprovam a lei mesmo assim. O Parlamento não está lá para representar o povo, nem mesmo o país. O Parlamento está lá para representar os ricos e poderosos, os chefes e mandantes. Somos apenas os pequenos e inconvenientes *eleitores*, e você e eu nem *isso* somos pelos próximos dois anos. E mais, depois que colocam você na cadeia, não pode votar, então, quanto mais de nós trancafiarem, menos de nós haverá para votar contra eles.

— Isso é deprimente — falei. — Que tristeza.

Então ela me beijou de novo, não por muito tempo, só um beijinho nos lábios que, mesmo assim, fez meu coração bater forte de novo.

— Não fique tão deprimido. Isso só significa que teremos de, você sabe, desestabilizar o Parlamento para conseguir justiça. O que, pensando bem, é muito mais divertido do que escrever cartas para seu representante.

Capítulo 3

Família/Sentindo-me inútil/Um escândalo no Parlamento/Um escândalo em casa/Guerra!

Certa manhã, acordei e percebi que estava em *casa*. O Diazero estava silencioso — eram apenas 14 horas e fui o primeiro a levantar — e, conforme desci as escadas em um roupão que tinha encontrado em uma loja de caridade por apenas uma libra, vi por todo lado sinais da minha nova família. Jem era um artista muito bom e tinha começado a decorar nossas paredes com murais gigantescos e detalhados em carvão, trabalhando até tarde da noite e desenhando tudo que ele achava interessante, misturando as ruas de Londres com estudos anatômicos elaborados que copiava de livros de caricaturas de nós e das pessoas que levávamos para casa; eu, com o nariz enorme e os dentes tortos e encavalados; Cão, com as espinhas maiores e multiplicadas por todo o rosto; Chester, com uma cara de cavalo tão distinta que tinha orelhas pontudas e um rabo. Mas, mais do que tudo, ele caricaturava a si mesmo: ossudo, cara de rato, joelhos protuberantes, com um sorriso idiota e um fio de cuspe rolando pelo queixo, agarrado a um pedaço de carvão, ele se dava vida como desenho.

Tínhamos nos cansado de ficar com farpas do chão e entramos em uma

neura de pintura, com Chester liderando o trabalho — ele ajudara o pai, que era construtor, quando estava em casa. Polimos e pintamos o chão de azul-marinho, e parecia liso como azulejo sob meus pés descalços. As louças estavam secando no escorredor limpo, ao lado da pia, peguei minha xícara de café preferida — era uma miniatura de caneca de cerveja, decorada com estacas e machados elaborados, merchandising de algum RPG de fantasia, e encontramos oitocentas delas em uma caçamba, uma noite — e fiz café na meia-coador de Jem, exatamente como ele havia me mostrado. A geladeira estava cheia, o sofá tinha uma impressão em formato de Cecil, na qual me sentei com um suspiro, e o salão ainda cheirava levemente a orégano e alho do molho de espaguete épico que fizemos na noite anterior.

Ouvi os passos de outra pessoa nas escadas e virei o rosto para descobrir Vinte descendo-as, vestida em uma das minhas camisetas longas e sambas-canções, e parecendo tão incrivelmente sexy que senti como se minha língua fosse se desenrolar de dentro da boca pelo chão, como um lobo de desenho animado.

— CAFÉ — disse ela e pegou a xícara da minha mão e começou a beber ruidosamente.

— Bom dia, linda — falei, colocando o rosto por debaixo da bainha da camiseta e beijando a barriguinha dela. Vinte deu um gritinho e empurrou minha cabeça, depois me deu um beijo que tinha gosto de sono e calor e tudo de bom no meu mundo. Ela se sentou ao meu lado, pegou o laptop e abriu a tampa, passou o dedo pelo leitor digital até que ele a reconheceu.

— O que está acontecendo no mundo?

Dei de ombros.

— Não sei... Só estou aqui há cinco minutos. — Ela se aconchegou a mim e começou a cutucar o computador. E, bem ali, acariciando a mulher que eu amava, dentro do pub que eu tinha feito com as próprias mãos e com a ajuda de amigos que eram os melhores que já tive, percebi que

aquela era a família que eu sempre sonhei encontrar. Aquele era o lar no qual sempre tinha sonhado viver. Aquela era a vida que eu sempre desejei ter. Eu era a mais sortuda das coisas.

E, assim que essa sensação me encheu como um balão e me mandou até o teto, lembrei-me de meus pais e minha irmã e da vida que tinha deixado para trás, e o balão se esvaziou, me jogando no chão. Fiz um ruído baixinho no fundo da garganta, como um gato que é separado da mãe, e 26 olhou para mim.

— O que foi? — disse ela. — Nossa, pela sua expressão, parece que seu melhor amigo acabou de morrer.

Sacudi a cabeça e tentei dar um sorriso.

— Não é nada, amor, não se preocupe.

Vinte bateu de leve no meu nariz, mas forte o bastante para me fazer piscar.

— Não me venha com essa, Cec. Algo fez você parecer prestes a estourar os próprios miolos, e quando você está tão deprimido assim, o problema não é só seu... É problema de todo mundo que se importa com você. Tipo eu. Fale.

Virei o rosto, mas ela virou minha cabeça de volta de modo que eu olhasse dentro de seus olhos castanhos infinitos.

— Não é nada. É só. — Eu queria muito virar o rosto, mas ela não me deixou. — Tudo bem, sinto falta da minha mamãe. Está feliz?

Ela fez um *tsc*.

— Meninos são tão idiotas. É claro que você sente falta da sua família... Quanto tempo faz desde que os viu?

Fiz os cálculos de cabeça.

— Dez meses — respondi. Então pensei de novo. — Ei, faço 17 anos no mês que vem!

— Faremos um bolo para você, querido. Agora, quanto tempo faz desde que ligou para eles?

Sacudi a cabeça.

— Não liguei. Não de verdade. Uma vez, mas por poucos minutos. Não deu muito certo. — Tinha contado a Vinte por que saí de Bradford, é claro, mas não tinha contado muito mais sobre minha família. Não gostava de falar neles, porque falar neles levava a pensar neles, e pensar neles levava a depressão.

Ela arregalou os olhos.

— Isso é terrível! Como pôde ficar tanto tempo sem nem *ligar*? Seus pais devem estar loucos de preocupação! Até onde sabem, você está morto em uma vala ou está sendo forçado a vender seu corpinho lindo em um calabouço no Soho. — Vinte se levantou do sofá e me encarou, as mãos nos quadris. — Eu conheço você, moleque. Não é um babaca. Não deve se sentir bem sendo tão ruim com seus pais. Você deve a si mesmo ligar para eles.

Espalmei as mãos em um gesto de impotência.

— Eu sei que você está certa, mas como posso fazer isso? Faz tanto tempo! O que vou dizer?

— Diga *desculpem-me*, garoto idiota. Então diga *amo vocês* e *estou vivo e bem*. Acha que vai ficar mais fácil se continuar protelando? Ligue para eles. Agora.

— Mas — comecei e me interrompi. Estava procurando uma desculpa... qualquer desculpa. — Se ligar do meu celular, eles terão meu número e vão me rastrear. Só tenho 16 anos; uma ligação para a polícia e serei arrastado de volta para casa.

Vinte revirou os olhos com a maestria eloquente de uma garota adolescente.

— Diga-me que não consegue pensar em um modo de fazer uma ligação sem que ela seja rastreada até você.

Fiz uma careta. Ela me pegou. Havia somente uns vinte serviços gratuitos de telefonia pela internet. A maioria deles era bloqueada pelo

Grande Firewall da Grã-Bretanha, mas eu contornava o firewall desde antes de meus testículos crescerem.

— Certo — falei. — Eu ligo mais tarde.

— O quê? Quando todos os seus amigos estiverem acordados e perambulando e envergonhando você? Até parece. Não há hora melhor que o presente, moleque.

Então, encontrei um *headphone* e o limpei, prendi-o à orelha, emparelhei com o laptop e disquei o número de minha mãe. Tocou quatro vezes e caiu no correio de voz, e dei um suspiro enorme de alívio depois de desligar o telefone.

— Não atende — respondi. — Vou tentar de novo mais tarde.

— Não me diga que sua família inteira compartilha um celular? É do passado ou algo assim?

— Você é esperta demais para seu próprio bem, 26. Tudo bem, tudo bem. — Liguei para o número de meu pai. Quatro toques e... correio de voz. — Sem resposta — falei, animado. — Vamos tomar café da manhã...

— E quanto a sua irmã, qual é o nome dela, Nora?

— Cora — respondi. — Você prestou mesmo atenção quando lhe contei da minha família, não foi?

— Eu sempre presto atenção — respondeu Vinte. — Dessa forma, sei quando você está mentindo para mim, ou para si mesmo. Presto atenção a *tudo*. É meu superpoder.

Disquei o número de Cora com o coração pesaroso e segurei a respiração quando o telefone tocou: uma vez, duas, três...

— Alô?

— Cora?

— Quem é? — A voz dela estava grossa, como se estivesse dormindo. Mas era o meio da tarde. Imaginei que estaria na escola. Era uma quarta-feira, afinal de contas. A escola bloqueava os celulares de todos os alunos (embora professores e diretores tivessem aparelhos especiais que

funcionavam apesar dos bloqueadores).

— Cora, sou eu. — Não queria dizer meu nome de verdade. É bobo, mas não tinha me apresentado a 26 como Trent ainda. Não que fosse um grande segredo, tenho certeza de que meus colegas de quarto tinham me dedurado, mas parecia estranho ser qualquer pessoa diferente de Cecil na frente dela.

— *Trent*?

— É. — Silêncio. — Então, como está?

— Merda, não *acredito*! Trent, onde diabo você *esteve*? Mamãe e papai pensam que você está morto ou algo assim!

— Não — falei. — Estou vivo. Estou bem. Pode dizer isso a eles. — Houve um silêncio espantado do outro lado da linha. — Então — disse eu. — Então. Como está você?

Ela riu com sarcasmo.

— Ah, estamos todos muito bem aqui na velha Bradford. Papai ainda está desempregado, mamãe ainda está brigando para conseguir pegar a pensão sem ter de entrar na fila da agência de empregos, e eu acabei de ser reprovada em três matérias.

Foi como se uma estaca de gelo tivesse me perfurado o coração. Eu queria atirar o laptop do outro lado do salão. Em vez disso, respirei fundo e apertei as mãos em punho, depois as afrouxei.

— Como pode estar sendo reprovada na escola, Cor? Você é um supergênio.

— É que é difícil, está bem? Quantos dias consegui pular o café da manhã para estudar na biblioteca? Como eu deveria fazer meus trabalhos tarde da noite se a biblioteca está fechada? Além disso, quem se importa? Não é como se eu fosse sussurrar no meu leito de morte: "Se ao menos eu tivesse tirado uma nota melhor em geografia no exame GCSE."

A estaca de gelo se retorceu. Eu costumava falar aquilo sobre o leito de morte sempre que levava uma nota ruim para casa. Minha irmãzinha tinha

aprendido bem com meu exemplo.

— Diga algo — falou ela.

— Eu... — Fechei os olhos. — Cora, você precisa melhorar na escola. É inteligente demais para ser reprovada. Sei que é difícil, mas...

Ela me interrompeu.

— Ah, cale a boca, seu linguarudo hipócrita. Não faz *ideia* de como é difícil. Assim que as coisas ficaram ruins, você deu o fora para onde quer que esteja se escondendo. Não tem moral alguma para me passar um sermão sobre a vida. Está passeando pelo mundo, vivendo aventuras, e eu estou presa...

Ela parou de falar, e pude ouvir que estava chorando. Eu não sabia o que dizer. Olhei com um ódio inútil para 26, que tinha me obrigado a fazer aquela ligação. A expressão dela era de compaixão, e isso me acalmou, fez minha raiva se tornar tristeza, e achei que ia começar a chorar também.

— Sinto muito mesmo, Cora — falei. — Está certa, cem por cento certa. É tudo minha culpa. Não tenho o direito de passar um sermão sobre seu comportamento, não quando estou tão distante.

— Onde você *está*, Trent? Estamos todos tão preocupados. É tudo em que papai e mamãe falam, quando não estão brigando comigo sobre a escola ou gritando um com o outro por causa de dinheiro.

— Eu... — Calei a boca. — Não estou pronto para contar ainda. Sinto muito, Cora. Simplesmente não posso correr o risco. Mas que tal se eu lhe der um número de telefone no qual pode me deixar uma mensagem? — Enquanto falava, entrei em um serviço de correio de voz gratuito e abri uma conta, usando um *plugin* ardiloso do navegador que automaticamente gerou um nome e um endereço falsos na França, junto com um e-mail falso de acesso único que ele criou utilizando os mesmos detalhes. Alguns segundos depois, eu tinha um número de telefone em Gana.

— Você é um cara desconfiado — falou Cora. — Tudo bem, passe o

número.

Eu o li para minha irmã.

— Compre um cartão telefônico em uma banca para ligar, ou vai custar uma fortuna. Vou verificar uma vez por dia e ligo de volta, está bem?

Cora suspirou.

— É bom ouvir sua voz de novo, Trent.

Sorri.

— É bom ouvir a sua também, Cora. Senti sua falta. De todos vocês. Onde estão papai e mamãe mesmo?

— Ah, estão na escola. O diretor queria "dar uma palavrinha" com eles sobre mim. Parece que estou em uma descida vertiginosa em direção ao inferno.

Resmunguei. Aquilo era claramente minha culpa.

— Ah, pare com isso — disse Cora. — Você nos desestruturou quando fez com que a internet fosse cortada, mas *eles* cortaram a internet. Não é como se você tivesse cometido um assassinato. Nossa, o irmão da Tisha está na cadeia por assassinato e tem direito de usar a internet! Está tirando diploma em serviço social pela Open University. Eles são os *bullies* e os desgraçados. Você é só um idiota. — Ela pausou. — E sentimos sua falta.

Lágrimas escorriam pelos meus olhos e desciam até as bochechas. Tive vergonha de chorar na frente de 26, mas não conseguia parar. Engoli meleca e lágrimas, funguei para tomar fôlego.

— Sinto sua falta também, Cora. De todos vocês. Mas principalmente de você. Ligue para mim, está bem?

Ela fez um barulhinho de choro do outro lado da linha que interpretei como sim, então desliguei.

Encarei 26 de olhos arregalados, furioso com ela por ter me obrigado a passar por aquele transtorno. Mas 26 passou os braços em volta de mim e puxou minha cabeça para perto de seu pescoço e ombros e começou a fazer um ruído como um "shh, shh" que foi direto para o fundo do meu

cérebro, e parecia que eu tinha 5 anos de novo, com os joelhos ralados, sendo reconfortado por uma professora enquanto caía no choro. Não conseguia parar. Não *queria* parar. Era como se meu cérebro estivesse cheio de veneno e pus, e tudo estivesse finalmente saindo. Eu deixei.

O que Cora falou para mim — *Eles cortaram a internet. Eles são os* bullies *e os desgraçados.* — ressoou em minha cabeça pelo resto do dia. Quem eram *eles*? Eu não tinha de fato pensado nas pessoas que haviam aprovado as leis que tinham mudado minha vida para sempre — nem nos figurões dos estúdios cinematográficos e gravadoras, nem nos parlamentares que apareciam e votavam para atrapalhar ainda mais os eleitores que moravam no distrito deles.

Quando tentei imaginá-las, a imagem que fazia era toda distorcida por aqueles vídeos educacionais sobre direitos autorais que nos obrigavam a assistir na escola, nos quais famosos apareciam e nos diziam como éramos terríveis por baixar as coisas deles sem pagar, e então eles jogavam uns babacas trabalhando — um eletricista, um maquiador, um montador de set — que ficavam reclamando sobre como tinham ralado muito o dia todo e como precisavam alimentar os filhos. Ríamos desses vídeos — o roqueiro velho e muito bem conservado que víamos saindo de uma limusine e chorando pobreza; os trabalhadores, que diziam que estávamos roubando a comida da boca de seus filhos ao fazermos remixes de vídeos ou compartilharmos música, quando todos os garotos que eu conhecia gastavam cada centavo que ganhavam com música, além de baixar mais outras de graça.

Mas agora eu tentava imaginar os homens que compravam e vendiam os parlamentares como se fossem músicas pop, que produziam as leis como se fossem *blockbusters* de verão e tinham o poder de especificar exatamente o queriam que o estatuto dissesse sobre as pessoas de quem eles não gostavam. Percebi que, em algum lugar lá fora, havia torres de

escritórios reluzentes cheias de executivos chiques e bem pagos que andavam por aí de limusine e carros contratados, que moravam em casas enormes e cujos filhos tinham todo o dinheiro do mundo, e esses homens tinham decidido acabar com a minha família por alguns trocados. Havia, de fato, seres humanos responsabilizáveis pela miséria e pelo sofrimento de sabe lá Deus quantas pessoas no mundo — desgraçados ricos que achavam que eles, sozinhos, deveriam ser donos da nossa cultura, que deveriam ser capazes de punir você por fazer arte sem a permissão deles.

— Em que está pensando? — perguntou 26. Ela estava sentada no reservado do pub, o laptop diante de si, o fone no ouvido. Passara o dia todo no telefone e no e-mail com Annika, planejando algum tipo de grande evento para o dia seguinte, quando eles esperavam que pessoas do país inteiro fossem até os escritórios de seus representantes no Parlamento para reclamar da Lei de Roubo de Propriedade Intelectual. Todos os tipos de grupos tinham se juntado, e voluntários contatavam longas listas de associados e apoiadores para ver se eles se comprometeriam em sair. Eu não podia participar, é claro: não estava inscrito como eleitor. Eu, tecnicamente, não existia. Tecnicamente, o Diazero era um prédio abandonado e ninguém morava nele.

— Estou pensando em todo esse trabalho que você está fazendo, é tudo porque uns ricos desgraçados querem ficar mais ricos.

Chester fez um som de assopro, como se estivesse tocando clarim, e Jem começou a murmurar algum hino revolucionário que eu reconhecia vagamente — aquela música francesa, a que usaram no comercial das novas scooters da Renault. Até Cão Raivoso revirou os olhos. Eles não tinham problemas com 26 passar por lá — ela era boa companhia —, mas odiavam quando eu falava de política. Pareciam pensar que eu só estava interessado nisso por causa de 26. Em grande parte, acho que estavam com ciúmes de eu ter uma namorada.

Vinte os ignorou, como sempre.

— Bem, sim. Claro.

— Então por que você não faz alguma coisa contra *eles*? Por que estão indo atrás de parlamentares, se não são eles que fazem as leis, não de verdade? Por que não ir direto à fonte? É como tentar consertar uma bica vazando colocando gesso no teto do andar de baixo... Por que simplesmente não acabamos com o vazamento?

Ela gargalhou.

— O que tem em mente? Assassinato? Acho que provavelmente teria mais problemas do que conseguiria aguentar se tentasse, moleque.

Sacudi a cabeça.

— Não sei o que tenho em mente, mas é que parece um desperdício tão grande de esforço. Esses destruidores horrorosos estão sentados em suas coberturas, tornando o resto de nós miserável, e tiram férias quando acabam, vão para algum casarão no campo. Eles podem comer em restaurantes chiques enquanto nós literalmente comemos lixo de caçambas...

— O que tem de errado com lixo de caçambas? — perguntou Jem, fingindo estar indignado.

Gesticulei como se não me importasse.

— Nada de errado, Jem. Você é o Jamie Oliver das refeições de lixo, certo? Mas entendeu o que eu quis dizer... Eles nos fazem sofrer, e o que nós fazemos? Pedimos com educação para que as pessoas vão até o escritório de seus representantes no Parlamento e implorem para que debatam sobre uma lei que colocará os filhos delas na cadeia por assistirem a um filme.

— Bem, o que você propõe? — indagou Chester.

Eu estava caminhando de um lado para o outro agora, e dei um tapa na porta.

— Não sei, está bem? Talvez... Não sei, talvez você devesse fazer vídeos desses gordos desgraçados comendo bebês, para variar, em vez de implicar

com Bullingham o tempo todo.

Chester sacudiu a cabeça.

— Não funcionaria, amigo. Ninguém sabe quem são essas pessoas. Ninguém as reconheceria. Quando animo Bullingham comendo bebês e esmagando filhotinhos de cachorros com a bunda gigantesca, espinhenta e cabeluda, é tipo, sabe, *autoexplicativo*. Ninguém precisa perguntar "Quem é o palhaço com os bebês na goela, hein?". Não funcionaria com um executivo babaca anônimo.

Bati na porta de novo.

— Tudo bem. Então vamos torná-los famosos! Vamos segui-los com câmeras, revirar o lixo deles e postar as cartas de amor vergonhosas, roubar os celulares dos filhos deles e expor toda a música que *eles* pegam de graça.

— Prenderiam você por assédio.

Arregalei os olhos para todos eles.

— Tudo bem — falei. — Tudo bem. Não façam nada. E, quando seus amigos começarem a ir para a cadeia e vocês não conseguirem juntar ninguém para um protesto porque estão todos trancafiados, verão que eu estava certo.

Sentei-me no sofá, o mais longe de Cão Raivoso que pude. Ele ainda não falava muito quando Vinte estava por perto, embora tivesse melhorado a fala quando éramos só nós, garotos. Houve um silêncio desconfortável. Encarei os pés descalços.

Jem pigarreou.

— Então — disse ele. — Então, tenho novidades, se estão interessados.

— Estou interessado em suas boas novas, bom senhor — disse Chester com uma voz artificial.

— Bem, andei xeretando pela prefeitura — falou ele. — O registro de títulos. Tentando descobrir quem é o dono desta espelunca de verdade. Depois do modo como nos enxotaram da última vez, achei que deveria ser

algum mafioso russo, ou algo assim. Mas não é nada disso. Vocês nunca vão adivinhar quem é nosso locador.

— Hmm, é Sir David Beckham? — perguntou Chester.

— Não.

— O arcebispo de Canterbury?

— Não.

— Mickey Mouse?

— Não.

— Apenas diga quem é — disparei. Não estava a fim de brincadeiras.

— Simplesmente a porcaria do Conselho de Bow! Eles acabaram assumindo o título do lugar quando a entidade corporativa sem rosto que o comprou declarou falência e desapareceu do mapa. Tinha partes de propriedades por todo canto aqui, e devia milhões aos bancos, então, quando sumiu, os bancos ficaram com tudo, depois leiloaram e o conselho comprou. Assim, basicamente, este é um prédio *público*.

Eu estava interessado, apesar de não querer.

— Então foi o conselho que mandou aqueles trogloditas atrás da gente da última vez? — De alguma forma, achei que o governo local seria mais gentil quando nos abordasse.

— Pensei nisso também. Mas encontrei as minutas de uma reunião do conselho na qual eles haviam aprovado a contratação de uma firma antiocupação com o nome nada original de SeguriCorp para se livrar de escórias como nós. É famosa, a SeguriCorp, por contratar um bando de trogloditas malucos, adequadamente violentos. Construíram todo o modelo de negócios com base em serem imbecis selvagens.

Sacudi a cabeça.

— Bem, então suponho que seja uma questão de tempo até aparecerem de novo.

Jem gargalhou.

— É aí que você se engana, colega. Cavei um pouco mais fundo e

verifiquei o Serviço de Administração de Medições. Ele nos diz quem fornece a energia elétrica ao lugar. Nosso Provedor Autorizado de Energia é a Virgin Gás e Eletricidade. Então, ontem, liguei para o serviço de atendimento ao consumidor deles, me apresentei como o novo ocupante mediante aquelas premissas e pedi que fosse instalado um disjuntor pré-pago. Eles vão fazer isso esta semana.

Sacudi a cabeça.

— Você *o quê*?

— É brilhante, não se preocupe. Eles instalam a caixa, e teremos de sair e comprar créditos de um cartão na banca de jornal. São apenas algumas libras por semana. Mas, depois que estivermos pagando pela nossa eletricidade, não seremos mais culpados de Subtração de Eletricidade. E isso significa que não podem usar a SeguriCorp contra nós. O que significa que terão de se livrar de nós do jeito difícil. — Ele fez uma reverência de onde estava sentado. — Podem aplaudir, agora.

Chester e Cão Raivoso bateram palmas com entusiasmo, e eu me juntei a eles. Era uma manobrazinha *inteligente*. Pensar nela só me deixou mais arrasado. Todo mundo tinha um modo de resolver os problemas.

Eu, eu era simplesmente inútil.

O dia da manifestação contra a Lei de Roubo de PI foi ainda melhor do que Annika e os amigos tinham previsto. Em Bow e em outros distritos do Leste de Londres, integrantes do parlamento ouviram *150* eleitores que apareceram para explicar por que a RPI era uma ideia ruim. Vinte e seis me arrastou para a rua, para a reunião com a representante dela, em Kensal Rise, uma parte de Londres onde eu nunca tinha estado. Era um lugar esquisito, metade chique, metade detonado, com ruas longas de casas idênticas que se estendiam até o horizonte.

A audiência com a representante era em uma loja, entre um florista e um café meio caído que atendia mães com bebês. Fui ficando nervoso

conforme nos aproximamos, e ainda mais nervoso quando um segurança entediado nos fez esvaziar os bolsos, nos passou por um detector de metais e exigiu ver nossas identidades.

Vinte e seis estava tranquila como um vegetal.

— Não pode nos obrigar a mostrar as identidades para ver nosso representante. É lei: "É ilegal impor qualquer condição ao direito de um cidadão residente em um distrito eleitoral de se comunicar com seu parlamentar, conselheiro ou outro representante".

O segurança franziu a testa como se estivesse recebendo uma iluminação (ou fazendo um cocô especialmente difícil). Vinte e seis respirou fundo e se preparou para jogar mais fatos sobre ele, mas uma voz gritou de detrás do homem, por uma porta aberta.

— Tudo bem, James. Eu reconheceria a voz da Srta. Kahn a 100 metros em uma rua movimentada. Entre, querida.

Era a voz de uma mulher, levemente afável, de meia-idade. E pertencia a uma mulher levemente afável de meia-idade que estava sentada em um sofá dentro de um escritório pequeno, abarrotado de estantes de livros, papéis, desenhos de crianças e cartas presas a um quadro de avisos imenso, e um par de impressoras a laser enormes e velhas, que pareciam pertencer à casa de Aziz. A mulher se levantou quando entramos, e as pulseiras dela tilintaram ao cumprimentar 26.

— Que bom ver você de novo, querida. Foi um dia ocupado, como tenho certeza que sabe. Quem é seu amigo cavalheiro?

Eu vestira jeans limpos e uma camiseta sem quaisquer palavras grosseiras para a ocasião, o que era adequadamente formal para os padrões do Diazero. Ainda assim, senti-me tão deslocado quanto um peido em um palácio.

— Este é Cecil — falou Vinte. — Ele está ajudando com a organização. — Era verdade... eu passara umas boas vinte horas daquela semana tuitando, mandando e-mails, ligando e mandando mensagens para pessoas

da lista, instigando-as a comparecer às sessões dos representantes. Eu poderia listar dez motivos pelos quais você deveria comparecer, três coisas que você deveria ressaltar para seu representante e cinco coisas que você não deveria fazer, tudo sem parar para tomar fôlego. Aquilo fez com que eu me sentisse menos inútil, mas não muito.

— Um prazer conhecê-lo, Cecil. Sou Letitia Clarke-Gifford, representante de Brent no Parlamento. Bem, vocês dois certamente podem ficar muito orgulhosos de si mesmos. Recebi seu exército de apoio em grupos de dez hoje e acho que não conseguirei ver todos, mesmo que trabalhe durante o jantar. Pelo que percebi, está acontecendo o mesmo pelo país inteiro. Imagino que deve estar causando uma impressão e *tanto*. Muitos dos meus colegas do Parlamento gostam de uma regra de ouro que diz que uma visita pessoal de um eleitor significa que cem eleitores provavelmente pensam da mesma forma. Até mesmo os assentos mais seguros estão em perigo quando mil pessoas ou mais estão em cima de você por causa de uma questão.

Vinte e seis sorriu.

— Não acredito nos comparecimentos... É *incrível*!

— Então, vai funcionar? — disparei.

As duas me encararam. Vinte e seis pareceu irritada. A parlamentar pareceu pensativa.

— Vou ser franca: não tenho expectativas de que funcione. Parte meu coração dizer isso, porque vocês claramente jogaram de acordo com as regras e fizeram tudo que deveriam fazer. Quando eleitores por todo o país são contra a legislação, quando ninguém a não ser algumas empresas grandes é *a favor*, simplesmente não deveria se tornar lei.

"Mas a triste realidade é que essa votação será determinada como pauta de importância máxima pelo *whip*.

Aquilo fez minha memória voltar atrás, para algo que Annika tinha falado.

— Isso quer dizer que, se eles não votarem a favor, serão expulsos do próprio partido? — perguntei.

Ela assentiu.

— Pode não parecer muito para você, mas não se chega ao Parlamento a não ser que se tenha passado a vida inteira trabalhando para o partido. Todos os seus amigos estão no partido, sua identidade inteira. É uma pena de morte em miniatura. Agora, se *todos* os parlamentares, na reunião de partido, desafiarem seus *whips*, acho que os partidos não os expulsariam. Mas nenhum representante pode ter *certeza* de verdade se os colegas votarão por consciência própria, e ninguém quer ser o único a se destacar por um princípio. Estão todos pensando consigo mesmos: "Hum, bem, vou me conter e votar a favor disso hoje, e isso significa que poderei ficar no Parlamento e ter a chance de fazer o bem por meus eleitores da próxima vez." Eles chamam isso de "realpolitik", que é um jeito chique de dizer "não tenho escolha, então vou fingir que isso não me incomoda".

Olhei para 26. A mim parecia que a representante só estava dizendo o que eu passara a semana inteira afirmando: era inútil seguir o jogo dos políticos, pois o outro lado fazia as regras. A boca de botão de rosa de Vinte estava retorcida e irada.

— Por que o partido não os deixaria votar do modo como as pessoas querem que eles votem? Isso não faz nenhum sentido.

Clarke-Gifford deu de ombros.

— Por vários motivos. A indústria do entretenimento sempre foi grande aqui. Exportar nossa cultura é parte da antiga tradição imperial: costumávamos ser donos de metade do mundo, alguns parlamentares acham que podemos acabar como os donos de metade das telas do mundo.

"Além disso, há o fato de que os parlamentares e os figurões do partido são fortemente mimados por essas pessoas famosas. Eles podem ir às melhores festas no país. Os filhos deles saem de férias com filhos de estrelas para lugares exóticos. Vão a estreias e podem caminhar no tapete

vermelho junto com pessoas que são literalmente lendas, as fotos deles ao lado de astros que todos os eleitores idolatram saem nos jornais.

"Quando seus bons amigos da indústria lhes dizem que baixar é exatamente como roubo, eles estão inclinados a acreditar. Afinal de contas, você não acredita nas coisas que seus amigos lhe contam?

— Então não deveríamos nem ter nos dado ao trabalho? — Vinte e seis parecia prestes a chorar. Segurei a mão dela em silêncio.

— Não, não. Não! Não é um esforço desperdiçado. Se vocês perderem esta rodada, podem voltar para seus apoiadores e dizerem: "Viram, viram só o tamanho do esquema?". E eles podem ir até os *próprios* amigos e dizer: "Vejam só, centenas de milhares de pessoas pediram a seus representantes que fizessem a coisa certa, mas as grandes corporações os obrigaram a votar contra o interesse público. Não acha que é melhor você se envolver?". E, aos poucos, vocês vão crescer em número, até que eles não consigam mais ignorá-los. E, enquanto isso, há *alguns* partidos que deixam seu membros votarem de acordo com a consciência... Nós, o Verde, os Liberal-Democratas também.

Tentei imaginar explicar para meus pais por que deveriam se levantar e gritar nas ruas sobre aquilo. Afinal de contas, aquela era a questão que lhes custara o emprego, a pensão, a educação da filha — o filho! Mas eu não conseguia imaginar. Minha mãe mal conseguia andar, que dirá marchar pela rua. E meu pai? Ele estaria ocupado demais tentando descobrir um modo de pagar pelas compras para se unir à revolução.

Olhei para 26 de novo. Ela parecia ter conseguido um pouco de alegria e esperança da representante, então fiquei de boca fechada.

Clarke-Gifford também olhava para 26, talvez pensando que lhe dera uma dose alta demais de realidade.

— Além disso, talvez eu esteja errada — disse a representante, de modo nada convincente. — Talvez, com todo o apoio que vocês têm hoje, o partido não ouse utilizar o *whip* para impor o voto caso tenham uma

rebelião no Parlamento. Afinal de contas, o Trabalhista não quer ser o partido que vota a favor se os Conservadores votam contra... ou vice-versa.

Vinte e seis sorriu, corajosa (e linda, preciso acrescentar), e disse:

— Essa é uma observação muito boa. Se um partido estiver conosco, fará o outro ficar mal. Isso é algo que podemos falar com Annika. Ainda gostaria que você a conhecesse, Letitia... Vocês se entenderiam muito bem.

A representante sorriu.

— Bem, vou fazer a festa de jardim anual dos eleitores no mês que vez. Por que não a traz? Haverá sanduichinhos sem casca e tudo. Traga seu jovenzinho também. Agora, se me dá licença, parece que há um novo grupo de eleitores à frente da sala à espera para me contar como é terrivelmente importante que eu vote contra uma legislação tremendamente importante.

Passamos por eles a caminho da rua, um grupo de dez pessoas, agarradas às anotações para a reunião com a representante. Vinte e seis perguntou como tinham chegado até ali e também se já tinham feito aquilo. Revelaram ser um clube de leitura da igreja, e quatro deles tinham tido a internet cortada, por isso foram às ruas. E não, eles nunca tinham feito nada como aquilo antes, mas as coisas já tinham ido longe demais.

Conforme caminhávamos pela rua, o braço de 26 em volta da minha cintura, meu braço ao redor do ombro dela, pensei: *e se perderem as esperanças porque a votação pendeu para o outro lado? O que Annika tinha dito mesmo? "Daqui a algum tempo, tantos de nós estarão off-line ou na cadeia que não haverá mais ninguém para organizar"*. Mas 26 estava aconchegada sob meu braço, e ela prometeu que me apresentaria aos pais, o que significava que eu saberia seu nome verdadeiro, afinal — a visita ao escritório da representante me dera um sobrenome, *Kahn*, mas o primeiro nome ainda era um mistério intrigante. Eu tinha perguntado qual era na noite em que nos conhecemos, ela confessou que era *Sally*, mas

depois jurou que era *Deborah*, *Sita* e *Craniossacral*. Ela respondia a qualquer coisa da qual eu a chamava, e todos os seus amigos a chamavam de Vinte ou de 26, e eu gostava do mistério, mas estava ansioso para pôr um fim nele. E pensar em descobrir o nome verdadeiro dela me distraiu de ficar nervoso por ter de conhecer seus pais. Eu tinha conhecido muitos dos pais dos meus amigos antes, mas nunca os pais de uma *namorada*. Tinha pânicos recorrentes quando pensava em apertar a mão da mãe da garota com quem eu tinha transado na noite anterior.

Ah, não mencionei? Sim. Nós estávamos transando. *Muito*. E era irado. Não aconteceu até a terceira vez que ela passou a noite no Diazero — nós nos agarrávamos e tal, mas eu ficava parando de repente. Finalmente, 26 me perguntou por que eu não estava tentando comê-la, então eu enrolei e gaguejei e confessei que nunca tinha feito aquilo antes e tal, e ela me deu um beijo grande e sentimentaloide, depois disse: "Irei devagar" e tirou a roupa. Desde então, temos feito como coelhos. Nojento. Levou meus colegas de casa à loucura com nossa agitação e gemidos e tal.

É, eu estava muito feliz com tudo isso. Mas tinha esse devaneio tipo pesadelo no qual eu apertava a mão da mãe dela e disparava um: "Muito prazer conhecê-la, senhora. Sua filha é muito boa de cama."

— Nervoso por conhecer meus pais? — perguntou Vinte.

— Que nada — menti.

Eles moravam em uma daquelas casas geminadas planejadas, de estilo vitoriano, com um jardinzinho na frente. Vinte apontou para os tocos de uma cerca de ferro que um dia cercara o jardim.

— Durante a Segunda Guerra, todo mundo tirou as cercas de metal para que fossem transformadas em navios de guerra. Mas não havia nenhuma forma boa de reciclar o metal, então o governo simplesmente jogou tudo no canal da Mancha.

— Eu não sabia disso — falei. — Hum. Olhe, nós vamos conhecer seus

pais?

Ela gargalhou e deu um tapa na minha bunda.

— Acalme-se, moleque. Você vai se sair bem. É um pouco fora de moda dizer isso, mas meus pais são bem legais, na verdade.

Sabe como as casas têm cheiros que os donos nunca parecem notar? A casa de 26 tinha um cheiro *ótimo*. Como as cascas de cedro que eram espalhadas nos caminhos dos parques públicos toda primavera, misturadas com algo como casca de limão e pedra molhada.

O lugar tinha piso de madeira e degraus de madeira que levavam ao segundo andar, cabides de casaco e mapas antigos emoldurados, e livros.

Milhares de livros.

Eles se acumulavam em pilhas nas escadas e no corredor. Prateleiras com a extensão do corredor, na altura da cabeça, lotadas com duas fileiras de livros, alguns virados de lado para caber no espaço apertado. Estavam em estado de perfeita (e bem gloriosa) desordem, antiguidades com encadernação de couro ao lado de baratas encadernações brochura, pilhas horizontais de livros de artes muito grandes e uma enciclopédia na caixa servindo de mesinha lateral, o topo cheio de chaves, pacotes de lenços, pares de luvas enrolados, guarda-chuvas e, é claro, mais livros.

Vinte e seis sacudiu a mão na direção deles.

— Meus pais são leitores — disse ela.

— Estou vendo.

Ela se virou e gritou escada acima.

— Mãe! Pai! Estou em casa!

A voz de uma mulher gritou para baixo:

— A filha pródiga! Eu estava prestes a transformar seu quarto em um santuário para minha querida e finada filha!

Vinte e seis revirou os olhos, mas estava sorrindo.

— Estarei na cozinha, comendo toda a sua comida, está bem?

Segui 26 pelo corredor pequeno, passando por uma sala de estar —

mais livros, um sofá confortável e uma cadeira, uma televisão coberta de poeira — até uma cozinha arejada que dava para um recuo de vidro, o qual mostrava um pequeno jardim nos fundos, com fileiras de vegetais e flores silvestres plantados.

Ela foi direto para a geladeira e começou a tirar coisas de dentro — uma jarra de vidro alta com o que parecia ser chá gelado ou suco de maçã (e revelou-se ser chá gelado de menta, e delicioso também), metade de uma torta de ruibarbo/morango, uma tábua de queijos pequena sob uma cúpula de vidro. Ela entregou a mim e eu distribuí entre os pedaços da mesa da cozinha que não estavam enterrados em material de leitura. Vinte e seis apontou o dedão por cima do ombro.

— Os copos estão naquele armário e os talheres na gaveta, abaixo dele.

Eu os peguei, e ela cortou fatias generosas de torta e pedaços grandes de queijo Red Leicester para nós dois e serviu dois copos grandes de chá. Sentei-me, e ela se jogou no meu colo. Naquele momento, ouvi passos na escada.

— Saia — sussurrei, horrorizado ao pensar em conhecer a mãe dela com 26 no colo.

Ela ergueu as sobrancelhas para mim.

— Por quê?

— Vamos — falei. — Não faça isso.

Ela piscou um olho para mim e disse:

— Ela vai amar você. — E saltou para fora do meu colo assim que a mãe dela entrou na cozinha.

Era uma indiana alta com cabelo preso em coque e salpicado de cinza, linhas de expressão emoldurando uma boca que era exatamente como a de 26. Usava um vestido de verão bonito que deixava os braços musculosos expostos, e os pés descalços mostravam longos dedos dos pés, com as unhas pintadas de azul elétrico.

Vinte e seis apontou para os pés da mãe.

— Amei! — disse ela e deu um abraço na mãe com o corpo inteiro, o qual eu conhecia bem (era a especialidade dela). — Mãe, este é Cecil, o garoto que tem me sequestrado para o leste de Londres o verão inteiro. Cecil, esta é minha mãe, Amrita.

Fiquei de pé, desconcertado, e apertei a mão dela.

— Muito prazer em conhecê-la, Sra. Kahn — falei, ciente de que minhas mãos estavam pingando com suor grudento repentino.

Ela me deu uma olhada rápida da cabeça aos pés, e fiquei feliz por ter me arrumado para a reunião com a representante do Parlamento.

— Um prazer conhecer você também, Cecil. Vejo que 26 já lhe deu algo para comer.

Olhei para Vinte. A mãe a chamava de *26*! Notei que ela estava sorrindo com presunção.

— Está uma delícia — falei. Eu estava no piloto automático das boas maneiras.

— Então, conte-me como foi a reunião importante — perguntou Amrita, sentando-se em outra cadeira depois de transferir a pilha de livros sobre ela para o topo da pilha na outra cadeira. Ela se inclinou sobre a mesa e usou o garfo de 26 para roubar um pedaço grande da torta da filha, depois fez menção de pegar mais um, mas 26 bateu no punho dela. As duas estavam sorrindo, no entanto.

— Letitia disse que foi um desperdício de tempo — confessou 26. — A votação está arranjada.

— Não acredito que foi o que ela falou de verdade — argumentou Amrita. Então olhou para mim.

— Bem — disse eu —, não exatamente. Mas contou, sim, que achava que seria difícil que outros políticos votassem como queremos porque os partidos deles os puniriam.

A mãe de 26 se encolheu.

— Sim, eu estava preocupada com isso também. — Ela suspirou. —

Sinto muito, querida. Nunca se sabe. Talvez agitar as pessoas em relação a isso compense mais tarde, com um movimento maior...

— Foi o que Letitia falou — comentou 26, irritadiça. — Tudo bem. Entendo. Tudo bem.

A mãe dela assentiu e olhou para mim determinada.

— Onde você estuda, Cecil? — perguntou ela.

Hã. Olhei para as mãos.

— Não estudo, na verdade — respondi. — Bem. É que...

— Cecil fugiu de casa porque fez a família ser expulsa da internet por ter baixado coisas demais — falou 26.

Os olhos de Amrita se arregalaram.

— Ah — disse ela. — Sinto muito por ouvir isso. Onde está morando agora?

— Com amigos — falei. Era verdade, até certo ponto, mas eu sabia que estava corando. Tecnicamente, eu era um sem-teto. Bem, tecnicamente eu era um ocupante, o que de algumas formas era pior do que sem-teto. A casa de 26 não era chique, e os pais dela claramente não eram ricos, mas não eram o mesmo tipo de pessoa que minha família. Os livros, as unhas do pé engraçadas, como a mãe dela parecia *jovem*... isso me fez perceber do que as pessoas falavam quando conversavam sobre "classe". Tive de fazer um esforço consciente para me impedir de ficar encolhido pelo desconforto.

— Onde está papai? — perguntou 26, mudando de assunto sem muita sutileza.

— Está no porão, mexendo no laboratório.

— Ele é cientista? — perguntei. Tive uma visão de um supergênio de jaleco branco e sotaque alemão e senti-me ainda mais inadequado.

As duas gargalharam, no entanto.

— Não — disse a mãe de 26. — Ele faz cerveja. É louco por isso. Quase nunca bebe, mas ama fazer. Acho que apenas gosta de todos os brinquedos

e acessórios.

— Quer ver? — perguntou 26.

— Hã, claro — respondi.

Depois que a mãe dela saiu do cômodo, 26 sussurrou:

— Ele não é meu pai de verdade, não biológico. Mas penso nele como meu pai.

Descemos as escadas até o porão e chegamos a um cômodo de pé-direito baixo com chão de cimento, paredes ladeadas por mesas e prateleiras com enormes garrafas de vidro, baldes, sifões e quadros com anotações à mão feitas com lápis de cera grosso. O pai dela estava inclinado sobre uma enorme garrafa cheia de um líquido escuro. Ele vestia jeans azuis e uma bata verde, e o que pude ver de seus cabelos era curto e grisalho.

— Pai — falou 26. — Tem alguém que eu gostaria que você conhecesse.

Ele esticou as costas e se virou. Fiquei surpreso. Mentalmente, imaginei que 26 fosse miscigenada, então, quando vi que a mãe era de origem indiana, presumi que o pai fosse branco, mas ele também era indiano. Decidi que eu era totalmente incapaz de predizer a ascendência racial das pessoas e decidi fazer menos disso dali em diante.

Era tão gentil quanto a mãe dela, mas tinha rugas de concentração bem marcadas na testa e uma profunda entre os olhos, na qual dava para perder uma moeda de dez centavos. Ele piscou para nós por alguns momentos, depois sorriu.

— Pai, este é Cecil. Cecil, este é meu pai, Roshan.

Ele assentiu com satisfação para mim. Tive um momento paranoico, pensei que ele estava prestes a me perguntar algo como "O que faz você pensar que pode transar com minha filha?". Mas o que ele disse na verdade foi:

— Pode me ajudar com uma coisa?

Vinte e seis emitiu um *tsc*.

— *Pai*, não trouxe Cecil para que pudesse transformá-lo em um elevador humano.

Ele fez um *shh* para a filha.

— É só que preciso colocar isto... — ele apontou para uma garrafa de vidro da altura da cintura de cerveja preto-amarronzada. — em cima daquela mesa.

Fiquei feliz pela chance de ser útil.

— É claro! — falei, fui até a garrafa e me agachei diante dela, segurando o bico e o fundo. Ele pegou o outro lado.

— Um, dois, três!

Erguemos. Era como tentar empurrar uma casa. A garrafa devia pesar uns 500 quilos. Eu estava fazendo muita força, e ele também, o rosto ficando roxo e uma veia saltando da testa enrugada. Ele resmungou e a garrafa se elevou. Levantamos até a cintura e cambaleamos dois passos até a mesa que ele havia indicado e a apoiamos com um *tum*. Esmaguei um pouco os dedos e os arranquei e apertei a mão entre as coxas.

— Você está bem? — perguntou ele, engasgando. Estava esfregando o bíceps.

— Sim — falei. — Achei que não conseguiríamos.

Vinte e seis estalou a língua de novo.

— Pai, isso foi muito travesso. Poderia ter se dado um infarto.

— Um pequeno sacrifício pela arte — disse ele e bateu na garrafa, a aliança de casamento tilintando nela como um sino. — Isso é cerveja de alcaçuz — falou. — Com raiz de valeriana. É um relaxante muscular. Estou fazendo um experimento.

— Mamãe falou que você vai precisar servir em cima de um forro de plástico. Ela diz que é incontinência em um copo.

— Deve estar certa, mas está ficando como um doce. Espere um pouco. — Ele vasculhou um buraco e tirou de dentro uma bomba de plástico. Então colocou sobre o bico da garrafa e a agitou vigorosamente,

segurando uma caneca lascada sob o bico da bomba. Houve um som borbulhante, depois um fio de cerveja escura desceu pela bomba até a caneca. Ele a entregou a mim.

— Prove um gole — disse o pai de 26. — Não está totalmente pronta, mas estou gostando muito de como está ficando.

Cheirei a cerveja hesitante. Tinha um cheiro de... terra. Como solo recém-revirado — embora não pudesse dizer a você onde eu havia cheirado solo recém-revirado! — ou pedra molhada (percebi que era dali que devia sair o cheiro de pedra molhada que reparei quando entrei na casa). Era tão escura que parecia um espelho negro. Provei. Era apenas levemente gasosa, e azeda como cerveja ou pão de centeio costumam ser, e havia cerca de vinte sabores diferentes por trás dela, incluindo um gosto forte de alcaçuz preto que era surpreendentemente delicioso e destacado dentro daquele gosto de terra intenso e redondo.

Ele tirou mais uma caneca e passou para 26, depois pegou uma para si. Ele ergueu a própria caneca, e todos brindamos e bebemos um pouco mais.

— Quase não tem álcool ainda — disse ele. — Vou tentar torná-la adequadamente fraca, uns quatro por cento, por aí. A valeriana vai acrescentar um belo estupor.

— O que é valeriana? — perguntei.

— Uma erva — respondeu Vinte. — Um sedativo. Eu tomo quando sinto cólica, me derruba completamente.

— Você vai colocar isso na cerveja? — Cheirei a caneca de novo. Os sedimentos estavam espiralando até o fundo, o qual estava grosso com matéria granulada.

Ele ergueu as sobrancelhas e fez os dedos dançarem.

— Só um pouquinho. Uma pitada. Estou pensando em "Cerveja de Alcaçuz Invernal Sonífera Para Todos os Propósitos do Dr. Dutta". Vou fazer rótulos e tudo. Será incrível em noites escuras e horríveis de inverno, apagará as pessoas como um interruptor.

Vinte entornou o resto da cerveja.

— Papai é doidinho, mas em geral é uma loucura inofensiva. E, quando não está fazendo cerveja, até que é um bom *barrister*, um advogado da suprema corte.

Roshan levou as mãos à altura do peito e fez uma reverência engraçada. Percebi que estava gostando muito dele. E da cerveja dele.

— O que vocês dois estão fazendo?

— Eu ia levá-lo para dar uma volta na vizinhança, mostrar alguns dos meus lugares preferidos.

Ele assentiu.

— Vai ficar para o jantar? Eu ia grelhar uns bifes. E salsichas de tofu para a senhorita Vegetariana aqui.

— Claro — falei, de novo não querendo parecer grosseiro, mas imaginando se 26 se importaria. Por quanto tempo queria que eu ficasse por perto dos pais dela? Quanto tempo levaria até que eu dissesse ou fizesse algo que a envergonharia e os faria me odiar ou proibi-la de me ver?

— *Você* não é vegetariano, é?

— Não, senhor — respondi com seriedade. — Como qualquer coisa que não me coma primeiro. — Resisti ao impulso de explicar que eu normalmente sobrevivia de uma dieta de lixo recolhido de caçambas.

— Um bom homem — disse ele. E beijou 26 no topo da cabeça. — Traga-o de volta às 19 horas e o jantar estará servido.

Ela segurou minha mão e me levou lá para cima.

— Venha — disse 26 apertando meus dedos. — Vou lhe mostrar meu quarto.

Ela bateu a porta atrás de nós assim que entramos no cômodo — um pouco maior do que o meu em Bradford, mas tão abarrotado quanto de papéis, pôsteres, uma caixa de pen drives e chaves e projetores semifuncionais junto com um monte de equipamento de escalada e cordas penduradas em ganchos toscamente presos ao gesso do teto.

Vinte tirou uma pilha de roupas da cama de solteiro e me empurrou para baixo, subiu em mim e começou a me beijar.

— Ainda gosta de mim, agora que conheceu meus pais? — sussurrou ela ao meu ouvido.

Apertei a bunda de 26.

— É claro! — respondi. — Eles são ótimos, sabe. Muito legais. Achei que me odiariam assim que me vissem.

— Não — respondeu ela. — Comparado com meu último namorado, você é o partido do século.

Afastei o rosto do dela.

— Você nunca falou sobre ele. Quem era?

Ela deu de ombros.

— Um babaca total, no fim das contas. Não foi mesmo o ponto alto da minha vida. Peguei-o agarrado com minha suposta melhor amiga atrás da escola um dia. Eu o perdoei, mas depois peguei-o xeretando meu computador e lendo minhas coisas pessoais. Aquilo foi imperdoável. Então descartei-o.

É claro que eu tinha um monte de perguntas não respondidas. Como: "Ele transava melhor do que eu?" e "Ele também era branco?" e "Ele era mais inteligente do que eu?" e "O pau dele era maior do que o meu?" e "Ele tinha dinheiro?" e por aí. Mas, por mais que meu subconsciente fosse burro, tive o bom-senso de dizer apenas:

— Bem, aí está. Parece um idiota. Mas estou feliz por haver alguém que me faça parecer bom.

Ela me beijou de novo.

— Vamos conhecer minha área.

O cemitério Kensal Green era ainda maior do que Highgate — como uma cidade para os mortos, cercado por uma parede aos pedaços que tinha sido repetidamente consertada, a rua em frente com uma fileira de lojas que

vendiam lápides e estátuas de anjos e tal.

Vinte e seis me levou para dentro de um buraco na parede, escondido por arbustos altos e que cheiravam a xixi de cachorro velho e davam em um campo de gramado selvagem na altura dos joelhos, crescendo ao redor de lápides estranhamente tortas cujos nomes tinham sido gastos pelo vento e a chuva e os anos.

— Não é mágico? — perguntou ela conforme caminhávamos entre as lápides, sentindo cheiro de terra quente precedido pelos ruídos ligeiros de pequenos animais correndo pela grama para sair de nosso caminho. — Foi onde tive a ideia da sessão em Highgate. Eu *realmente* adoraria fazer uma aqui depois. Poderíamos juntar uma plateia bem grande nas partes mais remotas do lugar. Adoraria fazer as sessões toda semana, ou talvez a cada duas semanas. Conseguir um público grande. Aquele em Highgate foi, tipo, o ponto alto da minha vida.

Desejei mais uma vez não ter passado a maior parte da noite ficando tão bêbado. Pelo que Cão Raivoso e os outros disseram, tinha sido absoluta e epicamente magistral (o upgrade de "ilustre", cortesia do Abril Cínico).

— É — falei. — Foi bem estupendo.

— Mas, se fizéssemos com frequência, com certeza seríamos pegos.

— Não se mudássemos de lugar. Não seria sempre em cemitérios. Não serão nada bons depois que o outono chegar de vez e começar a desabar chuva praticamente toda noite. Mas há muito lugares fechados em que você pode fazer também. Jem está sempre procurando lugares para ocupação, ele não consegue evitar. Muitos armazéns com tapumes, coisas assim. E tem o subsolo; vi um vídeo de infiltração urbana daqueles malucos completos que saem correndo pelos antigos esgotos da era vitoriana. Alguns deles são como salões de jantar de castelos. Os vitorianos eram loucos por grandeza. Dá para imaginar como seria fantasticamente legal liderar um monte de gente por entre as galerias até algum túnel

úmido e para dentro de um enorme cofre de tijolos com pipoca e assentos e uma telona?

— Magistral — respondeu 26.

Uma coisa levou a outra — especificamente, 26 me levou mais para dentro dos lugares escondidos do cemitério — e em pouco tempo estávamos sentados no abrigo de um mausoléu de pedra, musgo fofo sob nós, no maior agarramento, como um casal de furões doidos. Finalmente, 26 verificou o celular e anunciou que nos atrasaríamos para o jantar, e corremos pelo cemitério fechado, passando abaixados pela mesma parte do muro em ruínas.

O jantar estava delicioso e, depois de alguns minutos, muito amigável. O pai de Vinte era muito engraçado e tinha um monte de histórias sobre juízes malucos e clientes escusos. A mãe era mais reservada — e claramente um pouco desconfiada da ideia de a filha ter um namorado —, mas ficou mais acolhedora e até me deixou ajudar com a louça, o que se tornou um tipo de festa quando 26 colocou música do celular e foi ajudar também, e logo estávamos dançando e cantando pela cozinha.

Quando dei um beijo de boa-noite em 26, à porta — um rápido, pois seus pais estavam na sala, lendo ao lado das janelas panorâmicas que davam para a entrada —, ela sussurrou um "Você se saiu bem" no meu ouvido. As palavras permaneceram comigo durante a longa viagem de metrô para casa e me fizeram sorrir o caminho todo.

Se você acompanha esse tipo de coisa, já sabe o que aconteceu com a Lei de Roubo de Propriedade Intelectual: no fim das contas, somente 39 parlamentares se incomodaram em dar as caras para a votação. Isso totalizou 611 ausências não justificadas. Acho que deviam estar todos se divertindo, na cama com os jornais ou com uma xícara de chá. A princípio, achei que somente 39 presentes significava que tínhamos ganhado — procurei no Google as regras do Parlamento, e lá dizia que era

preciso pelo menos 40 deles para uma votação.

Estava comemorando isso em um dos murais do Abril Cínico quando alguém observou que o Orador da Casa — um cara que mantinha a ordem e entregava os biscoitos na hora do chá — também contava, totalizando 40. Os candidatos independentes e do partido Verde todos votaram contra, assim como muitos dos liberal-democratas, mas 21 parlamentares do Trabalhista, do Conservador e do Liberal-Democrata votaram a favor, então foi aprovada, com apenas 55 minutos de debate.

Os escritórios de todos os parlamentares que tiraram o dia de folga foram atacados por ligações de eleitores revoltados, mas, como Annika ressaltou, eles não tinham de se preocupar de verdade, na maioria, pois não havia ninguém em quem votar no distrito deles que se colocaria contra a lei, não com os *whips* do partido soltos e impondo a ordem.

Dentro de uma semana, fizeram a primeira prisão. Jimmy Preston, o garoto que levaram, tinha algum tipo de problema mental — do espectro autista, disseram na BBC — e não saía muito. Mas colecionava 450 mil músicas no HD por meio de infinitas, tediosas e incansáveis horas de downloads. Todo mundo via que ele não as escutava: só gostava de catalogá-las, corrigir os metadados, organizá-las. Entendi a motivação, tendo passado muitas noites reconfortantes arrumando e separando minha coleção de multiterabites de vídeos interessantes (alguns dos quais jamais assisti, mas queria ter à mão caso fossem necessários para meus projetos).

O juiz deu a ele dois anos em uma prisão para maiores — porque a Coroa demonstrou que a coleção estava avaliada em mais de *20 milhões* de libras! —, e a mídia estava cheia de fotos desse garoto assustado de 17 anos em uma roupa que não cabia direito, os pais chorosos por cima dos ombros dele, a expressão dos rostos como máscaras angustiadas.

Mas ele não cumpriu os dois anos. Foi encontrado enforcado, pendurado na estrutura de iluminação da cela, duas semanas depois. Os colegas disseram que não repararam nele subindo no vaso sanitário de aço

com uma corda feita de uma camiseta enroscada no pescoço, não repararam enquanto ele chutava e engasgava e exalava seu último suspiro. Os rumores diziam que o corpo estava coberto de machucados devido às surras que recebera de outros presos. Jimmy não lidou muito bem com a prisão.

Àquela altura, já havia mais 15 réus diante dos juízes por todo o país. A maioria adolescente. Em todos os casos, a Coroa argumentou que o tamanho das coleções os qualificava para tratamento como adultos. Em mais cinco casos, o juiz concordou. Todos foram declarados culpados. É claro que eram culpados. A lei tinha sido escrita para *torná-los culpados*.

Não eram só adolescentes também. Todos os dias, ouviam-se notícias sobre serviços de hospedagem de vídeos e arquivos sendo fechados. Um deles, um site que nunca fora muito de postar clipes piratas, apenas vídeos que as pessoas faziam quando estavam na rua se divertindo e tal, postou este aviso no portal de entrada:

Após oito anos servindo a videastas, cineastas e comunidades amadores da Grã-Bretanha, o UKTube fecha suas portas. Como vocês sem dúvida sabem, o Parlamento aprovou a Lei de Roubo de Propriedade Intelectual no início deste mês e, com isso, criou todo um novo universo de responsabilidades e riscos para qualquer um que permita que o público hospede seu conteúdo online.

De acordo com nossos advogados, agora temos de pagar um especialista em direitos autorais para examinar cada vídeo que vocês sobem para nos certificarmos de que não infringe direito autoral *antes* de torná-lo público. O mais barato desses especialistas custa em torno de £200/hora, e leva cerca de uma hora para examinar um vídeo de dez minutos.

Recebemos em média 14 horas de vídeo *por minuto*. Façam as contas: para permanecermos do lado certo da lei, teríamos de gastar *£16.800 por minuto* em custas judiciais. Mesmo se houvesse tantos especialistas disponíveis — e não há! —, nós só ganhamos cerca de £4.000 por dia. Iríamos à falência em dez minutos, nesse ritmo.

Não sabemos se o Parlamento pretendia fechar este site e todos os outros afins, ou se esse efeito colateral é só indiferença depravada da parte deles. O que sabemos é que este site *jamais* foi reduto de pirataria. Temos uma equipe de especialistas dedicada, 24 horas, à

investigação de queixas sobre direitos autorais e à retirada de material ofensivo o mais rápido possível. Somos líderes disso na indústria e gastamos grande parte de nosso orçamento nisso.

Mas não nos levou a nada. Aceitarmos ajudar as grandes companhias cinematográficas a policiarem seus direitos autorais nos custou uma fortuna, e eles nos agradeceram detonando uma bomba suicida jurídica no meio de nosso escritório. Ouve-se falar muito em terrorismo, atualmente. Essa palavra circula muito. Mas um terrorista é alguém que ataca civis inocentes em defesa de uma causa. Deixaremos você decidir se isso se aplica aqui.

Enquanto isso, fechamos nossas portas. Os mais de cem ingleses que trabalhavam para nós estão agora em busca de emprego. Montamos uma página aqui em que você pode ver os currículos deles caso esteja contratando. Recomendamos todos eles.

Refletimos muito sobre o problema de o que fazer com todos os vídeos que vocês confiaram a nós ao longo dos anos. No fim, decidimos enviar um conjunto de nossos backups ao Internet Archive, o qual tem um novo servidor na Islândia, onde — por enquanto — as leis são mais racionais do que aqui. As pessoas gentis no archive.org estão trabalhando muito para colocá-los online, e, depois que puserem, vocês poderão baixar suas criações de novo. No entanto, sentimos dizer que não sabemos quando isso ocorrerá.

E é isso. Acabamos.

Espere.

Ainda não acabamos.

Temos uma mensagem para os *bullies* dos grandes estúdios cinematográficos e os políticos que os servem: UKTube é um de muitos negócios ingleses legítimos que vocês assassinaram com o toque da caneta este mês. Na pressa de promover maiores lucros a alguns gigantes do entretenimento, vocês os deixaram desenvolver um conjunto de regras que criminaliza qualquer um que compete com eles: qualquer lugar onde pessoas normais, do dia a dia, podem simplesmente se comunicar umas com as outras.

Fomos um site no qual pessoas no leito de morte puderam compartilhar seus últimos pensamentos com os entes queridos; no qual pessoas com problemas podiam angariar fundos ou conseguir apoio; no qual movimentos políticos nasceram, foram organizados e se sustentaram. Tudo isso é efeito colateral da guerra de vocês contra a pirataria — um crime que vocês parecem ter definido como "qualquer coisa de que não gostamos ou que ultrapasse nossos limites".

Sorte para a humanidade que nem todo país se venderá tão rápido quanto a Inglaterra. Falta de sorte para a Inglaterra, entretanto: nosso governo sacrificou nossa competitividade e nosso futuro. Os melhores e mais inteligentes da Inglaterra não ficarão aqui por muito tempo. Outros países os receberão de braços abertos, e cada um que sair será uma perda para esta terra às avessas.

Isso chegou mesmo aos noticiários, e a mídia pressionou alguns dos parlamentares que apoiaram a legislação a se posicionarem a respeito; eles desdenharam do drama, da histeria e do roubo. Também chamaram algumas das pessoas que gostavam de usar o UKTube para falar sobre seus vídeos preferidos. E foi isso.

Mas não para mim. Quando o UKTube fechou as portas, mais meia dúzia de outros o seguiu. Mais e mais servidores *proxy* foram bloqueados pelo provedor de serviços de internet que atendia o condomínio do conselho ao lado do Diazero. Parecia que havia um nó se apertando ao redor do meu pescoço, e ficava mais difícil respirar a cada dia.

Vinte e seis bateu no meu colchão e disse:

— Venha para a cama, Cecil, porcaria, faz *horas*. Tenho de acordar para ir à escola daqui a pouco.

Eu me assustei com uma expressão de culpa. Estava sentado no chão, com as costas para a parede, os joelhos dobrados e o laptop equilibrado sobre eles, lendo os debates online, lendo sobre quanto dinheiro os diferentes partidos tinham recebido das grandes companhias cinematográficas, gravadoras e editoras em contribuições.

Esfreguei os olhos com os punhos.

— É inútil — falei. — Porcaria inútil. Conseguimos todas aquelas pessoas para irem até os representantes no Parlamento. Não fez diferença. Poderíamos muito bem não ter feito *nada*. Que desperdício.

Vinte e seis se apoiou em um dos cotovelos, o lençol escorregando de cima do peito dela, o que fez minha pulsação acelerar.

— Cecil — disse 26. — *Trent*. — Então me assustei de novo. Ela nunca

tinha me chamado por aquele nome. — Só porque não funcionou não quer dizer que é inútil ou que foi um desperdício. Pelo menos agora as pessoas entendem como o processo é corrupto, como o *sistema* inteiro está corrompido. Os estúdios cinematográficos só ficam repetindo a palavra *roubo* o tempo todo, do modo como a polícia faz com o *terrorismo*, esperando que nossos cérebros deem um estalo quando ouvirmos. — Ela imitou uma voz esganiçada de desenho animado. — *Roubar é errado, crianças!* Isso cria uma história boa e simplista que os idiotas podem contar uns aos outros enquanto comem os Egg McMuffins de manhã.

"Mas, quando começam a aprovar essas leis sujas por meio de seus truques sujos, nos mostram como são corruptos. Se é apenas roubo, por que precisam aprovar as leis na calada da noite, sem debate ou discussão? Droga, se é apenas *roubo*, por que as penalidades não são as mesmas que para roubo? Furte um filme da locadora e pague uma multa de vinte libras, se é que paga. Baixe o mesmo filme de um Pirate Bay na Romênia e eles colocam você na *cadeia*. Vai entender.

"Talvez agora o leitor comum do *Daily Mail* comece a se perguntar 'Como eles nunca precisam se esconder para aprovar uma lei sobre roubo de verdade? E se isso não for simplesmente roubo, afinal de contas?'.

Dava para ver o que ela estava querendo, fazer com que eu me sentisse melhor. Poderia ter seguido a deixa, dito que ela estava certa e subido na cama com 26 e tentado dormir um pouco. Mas não estava no clima. Estava me sentindo mal-humorado e irritado.

— Por que eles acordariam desta vez? Sua amiga Annika, ela não diz que houve mais 11 leis de direitos autorais nos últimos 15 anos? Devemos esperar por mais dez ou 15? Quando esse grande levante vai finalmente eclodir? Quantos adolescentes veremos presos antes que aconteça?

Eu estava tremendo, e meus punhos cerrados. Os olhos de 26 estavam bem abertos agora, o sono havia passado. Ela pareceu momentaneamente irritada, e eu tive certeza de que teríamos nossa briga idiota de sempre,

uma discussão que não chegava a lugar nenhum porque éramos, os dois, teimosos demais para recuar. Mas a expressão dela se amenizou, e ela foi até mim e colocou um braço aconchegante sobre meus ombros.

— Ei — disse ela. — O que deixou você tão agitado?

— Eu só fico pensando que poderia ser eu. Provavelmente *serei* eu, algum dia. Ou será minha irmã, Cora. Ela toma cuidado, mas e se fizer besteira? Ela precisa ser impecavelmente cuidadosa todas as vezes. Só precisam pegá-la uma vez.

Ela me aninhou durante um longo momento.

— Então, o que quer fazer?

Bati no chão com tanta força que meu punho pareceu ter sido esmagado contra um martelo.

— Não sei. Lutar. Revidar. Nossa, eles vão me pegar mais cedo ou mais tarde. Por que não cair lutando? Sempre que passo por um cinema e vejo uma fila do lado de fora da porta, penso, olho para aqueles idiotas, cada centavo que eles gastam é transformado em lucros que são usados para aprovar leis que aprisionarão os filhos deles. Não conseguem enxergar?

Vinte e seis não disse nada.

— Deveríamos fazer alguma coisa — falei. — Deveríamos... não sei. Deveríamos explodir todos os cinemas.

— Ah, isso vai fazer as pessoas aderirem à sua causa.

— Espera-se até eles estarem vazios — disse eu. — É claro.

— Continue pensando — falou 26.

— Certo, tudo bem. Mas quero entrar em guerra agora. Chega de reclamar. Chega de fazer campanha. Hora de fazer alguma coisa *real*.

Capítulo 4

Um tiro de aviso/Amigos distantes/O que fizer você sorrir/Vamos montar um show!

O que é pior do que transformar uma excelente história em quadrinhos em um filme terrível? Transformar uma excelente história em quadrinhos em *18* filmes terríveis. E foi exatamente isso que fizeram com *Milady de Winter*, que vendeu milhões de exemplares no Japão antes de ser traduzido para o inglês e 45 outros idiomas, varrendo o mundo com sua versão moderna de *Os três mosqueteiros*. Então, naturalmente, tornou-se um dos filmes mais esperados do século por jovens de todo o planeta. Os atores mais bem pagos de Hollywood foram escalados para interpretar os vilões, e os atores de Bollywood Prita Kapoor e Rajiv Kumar foram importados para interpretar a linda princesa e o malvado rei dos ladrões, respectivamente. O produtor, que em geral fazia filmes em que robôs gigantes jogam prédios uns nos outros, explicou que esses atores "abririam o forte mercado de bilhões de espectadores indianos" em uma entrevista que deixou claro que esse filme de 400 bilhões era um veículo de investimento, não uma obra de arte.

Contrataram os atores mirins mais fofos. Os melhores magos dos efeitos especiais. Fecharam produtos *tie-in* com os melhores

desenvolvedores de brinquedos e de jogos de videogame e expuseram propagandas que se multiplicavam por toda superfície de papel e veículo público, em lugares tão distantes e inusitados quanto Bradford; e *Milady de Winter* foi um sucesso. A bilheteria do fim de semana de estreia bateu todos os recordes, com uma arrecadação de 225 milhões, e, contabilizando tudo, o primeiro filme da franquia foi visto como um lucro bilionário para os estúdios Paramount e seus investidores.

Apenas um problema: era uma gigantesca *merda*. Sério. Assisti quando tinha 12 anos e, embora nem fosse muito fã dos quadrinhos, até eu fiquei ofendido em nome de todas as crianças meio inteligentes do mundo. Todos os atores eram brilhantes, mas as palavras que lhes pediram para falar não eram: foi como se o longa tivesse sido escrito por alguém usando luvas de boxe. Sempre que o diálogo ficava ruim demais para aguentar, o diretor jogava mais uma sequência de ação improvável e em alta velocidade, cada uma mais pastelona e idiota do que a outra, até que, ao final do filme, chegou a um clímax com uma cena em que os espadachins saltavam centenas de metros no ar e apontavam as espadas contra os soldados inimigos conforme caíam, espetando diversos deles ao mesmo tempo, como se fossem kebabs, depois faziam um salto acrobático no meio do ar, livrando as lâminas dos malvados mortos e girando-as acima da cabeça como uma hélice de helicóptero para um pouso controlado. Os críticos odiaram. As críticas foram tão uniformemente negativas que as frases nos pôsteres foram reduzidas a uma única palavra, como:

"Ação." – *The New York Times*

"Ágil." – *The Guardian*

"Aventura." – *The Globe and Mail*

É claro que as críticas na verdade diziam coisas como: "Ação demais, reflexão de menos" ou "Cenas ágeis que não conseguem animar" ou "Tornando uma das histórias de aventura mais amadas de todos os tempos em mais um *blockbuster* tedioso de Hollywood".

Então, o que aconteceu com esse jorro miserável e pútrido de vômito cinematográfico? Foi simplesmente o filme mais lucrativo da história. Tão lucrativo que estavam filmando a sequência antes do fim de semana de estreia. Todo mundo que conheço assistiu. Até eu. E ninguém que conheço gostou deles, mas todos fomos mesmo assim. E houve tanto merchandising que era impossível evitar: a escola distribuiu suco de laranja em copos de papel de *Milady de Winter* nos dias de corrida, homens deprimentes nas ruas entregavam cupons de *Milady de Winter* que davam batatas fritas grátis no Yankee Fried Chicken and Fish (o qual não permitia nem ao menos que crianças em idade escolar comessem lá), os outdoors animados, durante a Copa do Mundo, exibiam as cenas mais idiotas em loops infinitos.

A piada do momento era que os filmes de *Milady de Winter* eram quase toleráveis se você baixasse a versão dublada em italiano e fingisse estar assistindo a uma ópera. Eu tentei. Não tornou a experiência nada melhor. E, mesmo assim, continuávamos indo assistir às sequências, e eles continuavam fazendo mais, duas ou às vezes três por ano.

A parte 18 tinha uma grande estreia programada para outubro em Londres. As estreias se revezavam entre Mumbai, Nova York, Los Angeles e Londres, e, por sorte, era nossa vez. Todo mundo tinha uma piada de *Milady de Winter*, pichadores desenhavam bigodes, furúnculos ou pênis gigantes nos rostos das estrelas que estampavam cada outdoor (os atores-mirins tinham envelhecido e sido substituídos por novos; os atores adultos descobriram-se eternamente incapazes de serem selecionados para qualquer coisa que não fosse um filme de *Milady de Winter*). Mas as pesquisas e os jornais de distribuição gratuita diziam que a maioria dos londrinos estava planejando assistir à parte 18, que se chamava *Juramento de sangue de D'Artagnan*.

E os Jammie Dodgers também.

Fato pouco conhecido sobre downloads de filmes piratas: a maioria

deles vem de pessoas que trabalham para os estúdios cinematográficos. Um filme grande e complicado como *Juramento de sangue de D'Artagnan* tem centenas, se não milhares, de funcionários, atores, editores e pessoas de efeitos especiais que os manuseiam antes que seja lançado. E, assim como todo mundo no mundo, eles levam trabalho para casa (uma vez assisti a uma entrevista com uma moça de efeitos especiais que explicou que, nos filmes muito grandiosos, ela começava a trabalhar assim que acordava, às 7 horas, parando apenas para tomar banho e pegar o ônibus para o estúdio). Com tantas cópias passeando por aí, é inevitável que uma ou mais sejam enviadas para um amigo para uma olhadinha, e daí em diante elas escorrem pela internet.

Hollywood age como se todo filme que você baixa viesse de algum garoto que se esgueira com um câmera ou celular de alta definição para o cinema e aprovou todo tipo de lei permitindo que você fosse revistado a caminho da telona, como se estivesse embarcando em um avião. Mas é tudo besteira: pare todos os jovens com câmeras e o número de filmes pirateados antes do lançamento cairá em torno de zero por cento. É como o pai alcoólatra em um filme dramático baseado em fatos reais: não consegue controlar a própria vida, então tenta controlar a de todo mundo. Os estúdios não podem supervisionar a própria equipe, então vêm atrás da gente.

E foi assim que pus as mãos em uma cópia da parte 18 antes que estreasse em Londres (não consigo ficar chamando de *Juramento de sangue de D'Artagnan*, pois parece mais um filme educacional sobre uma garota adolescente tentando superar a primeira menstruação). Foi uma festa no Abril Cínico, onde estávamos todos competindo para ver quem conseguia fazer as reedições mais ousadas. Foram legais para dar risadas, mas eu tinha planos maiores.

Começou quando Jem foi visitar Aziz. Jem estava atrás de um novo equipamento de rede para um projeto sobre qual era todo segredos,

enquanto eu estava pensando que seria legal pegar uns dois monitores de tela plana bem grandes, melhores do que os projetores que eu estava usando no Diazero quando editava, pois funcionariam com a luz acesa, permitindo que eu editasse mesmo quando 26 estivesse lá em casa fazendo o dever.

Enquanto vasculhávamos as prateleiras de Aziz, ele apontou para suas descobertas mais recentes e bateu com o dedão em uma caixa do tamanho de uma caixa de sapato, que chacoalhou.

Ele xingou fluentemente o objeto e empurrou-o na direção de uma prateleira que transbordava.

— O que era aquilo? — perguntei.

— Pen drives — disse ele —, milhares ao todo. — Aziz indicou mais caixas menores.

Arregalei os olhos. Claro, eu tinha dúzias deles no Diazero, alguns que encontrei em lojas de caridade e tal. Eram úteis para transportar arquivos se você não quisesse mantê-los no celular ou para carregar em máquinas mais velhas que não tinham conexões funcionais de wireless. Como a maioria das pessoas que eu conhecia, eu os tratava como semidescartáveis e nunca pensei neles como muito valiosos. Mas dez mil deles... aquilo era dinheiro sério.

— Droga — falei. — Não vai vendê-los?

Ele reprimiu um riso.

— Esses não são do tipo que se vende. São antigos. Só 64 gigabytes em cada. Só os guardo aqui porque estou convencido de que alguém encontrará algo melhor para fazer com eles do que jogá-los em um aterro sanitário.

— Talvez eu aceite isso — falei, a mente começando a acelerar.

Acho que nunca tinha visto um pen drive de 64 gigas antes daquele dia — os que ganhamos no primeiro ano tinham 128 e estavam obsoletos e quase cheios de anúncios porcaria de junk food e EuroDisney assim que os

recebíamos. Aqueles tinham formato de pequenas bolas de futebol e exibiam a logomarca de alguma coisa chamada Major League Soccer, que depois eu pesquisei (era uma liga de futebol americana deprimente e morta que fez uma tentativa fracassada de obter sucesso no Reino Unido antes de eu nascer, o que datava os pen drives de quase duas décadas antes).

Os 64 gigas eram um tamanho ridiculamente pequeno comparado às versões de 500 terabites à venda na lojinha lavanderia/jornaleiro/desbloqueador de celular perto da Old Street Station — precisaria de 8 mil das bolinhas de futebol para igualar apenas um daqueles. O que diabo se podia colocar em um pen drive desses?

— Está brincando — falou Cão Raivoso enquanto eu pensava em voz alta sobre isso no salão do pub do Diazero, em uma noite escura de setembro, o vento urrava e a chuva fustigava os tapumes sobre a janela. Ele estava bem menos tímido ultimamente, e eu não o surpreendia se masturbando havia semanas. — Sessenta e quatro gigas é espaço demais. Dá para colocar cem filmes de 640 x 480 em um deles.

— É, e eu poderia colocar, tipo, um milhão de filmes lá dentro se estivesse disposto a encurtá-los para dez por dez. Você poderia fingir estar assistindo a um filme em uma tela à distância de 16 quilômetros. Quem se importa com 640 x 480?

— Está bem — disse ele. — Mas e quanto a um ou dois filmes?

Dããã. Lá estava, encarando-me diretamente. Se quisesse distribuir apenas uns dois filmes, a uma resolução muito alta, com quatro ou cinco faixas de áudio e algum material adicional, 64 gigas eram bastante. Eles chacoalhariam lá dentro com todo o espaço de sobra. E foi quando o plano se formou.

Aziz não tinha apenas milhares de pen drives, tinha também uma prateleira cheia de entradas para eles, algumas que permitiam inserir cinquenta ao mesmo tempo e passar uma imagem de disco para todos ao mesmo tempo.

Fizemos um pacote com a cópia que vazou da parte 18 junto com algumas centenas das melhores montagens do Abril Cínico e um videozinho que fizemos juntos, montado com diálogos do próprio filme e das primeiras partes, editando uma palavra por vez para conseguir um monte de atores explicando:

"Quando você assiste a espetáculos terríveis como este, apenas dá dinheiro para as pessoas que estão destruindo nosso país com leis malignas e corruptas. Seus filhos estão sendo mandados para a cadeia por leis compradas com o dinheiro da sua entrada. Não lhes dê seu ouro. Se precisa ver este filme idiota, faça isso em casa e guarde o dinheiro para coisas melhores. Faça sua própria arte. Originalidade é simplesmente combinar coisas que ninguém jamais pensou em combinar antes."

Certas escolhas de palavras eram um pouco estranhas — todas as 18 partes tinham o vocabulário de um livro para bebês —, mas funcionou perfeitamente.

Alguns dos amigos anarquistas de 26 eram verdadeiros profissionais em fazer camisetas; eles nos emprestaram o kit de silkscreen e nos mostraram como fazer uma pequena matriz de logomarcas de ossos cruzados sob um crânio com ASSISTA-ME escrito abaixo. Dispusemos os montes de pen drives no chão do pub de modo a encaixar com os crânios da tela de silk e borrifamos identificadores pretos e vermelhos sobre as bolas de futebol de modo descuidado, bem na direção das logomarcas ultrapassadas da Major League Soccer.

Finalmente, usamos uma das impressoras especiais de Aziz para imprimir o mesmo manifesto que tínhamos colocado nos pen drives em 300 metros de fita de náilon vermelha e assinamos OS JAMMIE DODGERS. Achei que Jem poderia se incomodar — aquela coisa era dele e de Dodger, afinal de contas, mas ele apenas sorriu e deu de ombros, depois disse:

— Seria muita audácia minha reclamar de você me pirateando, não é?

Eu *insisto* veementemente, amigo.

Então passamos metros de fita por todas as bolas de futebol e as amarramos. Enchemos sacolas de compras feitas de uretano com elas e admiramos nosso artesanato.

— Agora — disse Chester —, como planeja entregá-las às pessoas antes de comprarem as entradas? Distribuir em alguma estação de metrô, ou algo assim?

Se havia alguma coisa que as placas de Jem nos haviam ensinado era a eficiência de distribuir itens pequenos gratuitamente para passageiros entrando e saindo do metrô.

Sacudi a cabeça e tomei um pouco do vinho temperado que havíamos feito para aquecer a noite, então cuspi um cravo de volta no copo.

— Não. Muito ineficiente. Queremos pegar as pessoas que estão planejando de fato assistir ao filme, logo antes de gastarem o dinheiro. Impacto máximo.

Aquela era a ideia geral: impacto máximo. Um filme arrecada a maior parte do montante bruto no tão importante fim de semana de estreia. Ataque a arrecadação da bilheteria desse fim de semana, e você atacou o estúdio no ponto mais fraco e mais vulnerável.

— Vou distribuí-los em Leicester Square — falei. — Na noite de estreia.

Todos me olharam boquiabertos. Vinte e seis pareceu preocupada, depois encantada, depois preocupada de novo.

Jem ergueu o polegar.

— Tudo bem — disse ele. — Por que não? Faça grande ou vá para casa, certo?

Como qualquer inglês de sangue quente, eu já vi aproximadamente um milhão de incursões de destacamentos conduzidas com a precisão de um cronômetro, graças ao eternamente popular gênero de thrillers militares/de terrorismo. Eu sabia como juntar as peças: precisávamos de disfarce,

precisávamos de contramedidas, precisávamos de rotas de fuga.

Disfarce: o inimigo nos dera esse, ainda bem. Desde que os cinemas haviam instalado detectores de metais e introduzido revistas por celulares e computadores obrigatórias, todas as estreias de filmes passaram a se parecer mais com a fila de segurança dos aeroportos, uma longa serpente de pessoas entediadas e irritadas arrastando os pés devagar na direção de dois valentões de cabeça raspada que as apalpam, passam-nas por um detector de metais e tiram seus laptops e celulares e afins, caso sejam um dos míticos filmadores de telões.

Isso é Londres. Onde há uma fila para pessoas com dinheiro, existe um pequeno ecossistema de pedintes, vendedores e sistemas de entrega de spam humanos, distribuindo folhetos, cartões e sacolas de brindes que anunciavam refeições indianas baratas, táxis suspeitos, massagem Tun-La chinesa (o que quer que isso fosse), pizza americana, frango frito de Minneapolis, clubes de strip-tease e promoções em *outlets* de moda.

Esse seria nosso disfarce. Chester havia encontrado uma sacola enorme cheia de camisetas roxas horrorosas em uma caçamba, anunciando um extinto cibercafé (a maioria deles tinha falido desde que as batidas da Lei de Roubo de Propriedade Intelectual haviam começado). Eram gigantes, feitas para baterem na altura dos joelhos, transformando quem usasse em um outdoor ambulante. Às camisetas, acrescentamos bonés de beisebol de uma barraca em Broadway Market que ficou feliz em se livrar deles, pois estavam gastos e levemente rasgados.

Contramedidas: os bonés eram nossas contramedidas. Entre as camisetas enormes e os bonés, seria difícil as câmeras de circuito fechado nos localizarem ou rastrearem (Chester lera um thriller que aconselhava pôr um punhado de pedrinhas em cada sapato, isso acrescentaria aleatoriedade suficiente para tornar nossos modos de andar irreconhecíveis pelos sistemas automatizados que operavam as câmeras).

Mas, só para ter certeza, Aziz conseguiu para nós fios de infravermelho

de LED, coisinhas do tamanho da cabeça de um alfinete que foram cuidadosamente costuradas ao redor dos bonés, com fios elétricos que acabavam em uma caixinha de energia do tamanho de uma unha que funcionava com bateria de relógio. Os LEDs piscariam luz infravermelha superbrilhante que era invisível ao olho humano, mas cegava as câmeras de circuito fechado.

Ou foi o que Aziz disse. Ele nos contou que todas as câmeras eram sensíveis dentro do espectro infravermelho, para poderem fotografar com luz precária, e elas automaticamente aumentavam a sensibilidade ao máximo quando o sol se punha. Quando as câmeras se esforçassem para capturar a luz infravermelha refletida pelos nossos rostos, nós as cegaríamos com a luz forte e invisível. (Não que tivéssemos contado a Aziz exatamente o que estávamos planejando; conforme Jem falou, quanto menos ele soubesse, menos poderia ser punido por não denunciar. Aziz não pareceu se importar.)

Aziz tinha uma pilha de câmeras de circuito fechado (Aziz tinha uma pilha de tudo) e me fez colocar o boné e caminhar em frente a elas durante um tempo, aproximando-me e afastando-me, até mesmo encarando-a diretamente, com o boné na cabeça. Então nos mostrou a filmagem: lá estava eu, mas onde deveria estar minha cabeça havia apenas um borrão branco indiscernível, como se minha cachola tivesse sido substituída por um *poltergeist* que se manifestava na forma de uma bola de luz.

Rotas de fuga: moleza. Leicester Square é um labirinto de ruelas, ruas e passagens que atravessam os saguões de boates, restaurantes e cinemas e, ao sul, levam às multidões imensas de Trafalgar Square; ao norte, aos becos labirínticos de Chinatown; a oeste, em direção ao aglomerado de pessoas em Picadilly; e a leste, até os artistas de rua e vendedores ambulantes de Covent Garden. Em outras palavras, partir de Leicester Square até as profundezas anônimas do centro de Londres exigia apenas dar alguns passos, encontrar uma porta para atirar a camiseta roxa e o

boné de beisebol para dentro e só assobiar a caminho da segurança.

Foi uma corrida aprontar tudo a tempo da grande noite. Trabalhamos sem parar fazendo silk, prendendo fiação, gravando imagens de disco, planejando rotas. Vi os pen drives de Aziz exatamente dez dias antes da estreia. Tive a ideia na manhã seguinte, o que nos deixava nove dias.

Ao oitavo dia, estava claro que não conseguiríamos. Percebi que, para distribuir mil pen drives, seria preciso ao menos 15 pessoas, o que significava passar fios por 15 bonés, e eles estavam se revelando um suplício. Aziz tinha me mostrado como fazer aquilo dez vezes, mas soldar o fio flexível era mais difícil do que parecia, e destruí completamente dois bonés antes de conseguir fazer um.

Vinte e seis me prometeu que poderia conseguir mais dez ajudantes pelo Abril Cínico. Eles tinham de ser absolutamente confiáveis, com nervos de aço. Ela sabia quais tinham se saído melhor quando divulgamos a campanha da lei do RPI e quais dessas pessoas tinham sido as mais tranquilas quando se tratava de planejar e executar festas secretas. Concordamos em convidá-las no último minuto, para minimizar a chance de uma delas abrir a boca sobre o plano.

Faltando 48 horas, eu estava um estropício. Só tínhamos três bonés prontos, metade dos pen drives não tinha sido gravada, e eu não dormia mais do que poucas horas por dia. Bebi tanto café que meus olhos não mantinham nada em foco, e minhas mãos tremiam tanto que eu não conseguia segurar a solda. Cão Raivoso estava tentando assumir meu lugar, mas ele não tinha ideia de como fazer aquilo.

— Não, merda, assim não! — falei quando ele queimou o boné com o ferro quente, enchendo a mesa com o fedor de plástico queimado. — Droga, você o *destruiu*. Retardado...

Vinte e seis atravessou o salão em três passos rápidos, agarrou meus braços, que se agitavam no ar, e desceu-os, prendendo-os às laterais do meu copo.

— Basta. Já basta disso. Você. Vai. *Dormir*. — Comecei a protestar, e ela sacudiu a cabeça vigorosamente, o rabo de cavalo do moicano balançando de um lado para outro. — Não quero saber. Você vai arruinar esta aventura se não for dormir... Vai fazer com que todos sejamos presos, se eu não matar você primeiro. Agora, peça desculpas a Cão.

Ela estava certa. Abaixei a cabeça.

— Desculpe-me, Cão. Eu estava fora de controle.

Ele murmurou alguma coisa. Senti-me arrasado. Cão estava falando muito melhor ultimamente, é claro, mas, quando alguém era cruel com ele, se fechava dentro da própria mente na hora e ainda batia a porta atrás de si. Jem me olhou com os olhos arregalados. Parecia que todos estavam furiosos comigo. Reconheci o significado da sensação de paranoia e ódio: privação absurda de sono e overdose de cafeína. Hora de ir dormir.

Acordei 14 horas depois, sentindo como se pesos tivessem sido amarrados a meus braços e pernas por um engraçadinho que finalizara o serviço ao colar meus olhos fechados com cola de amido e ainda fazer um cocô nojento e mole dentro da minha boca. Sim, eu sei que isso é uma descrição gratuitamente nojenta. Reconforte-se, caro leitor, ao saber que não é nem metade tão nojenta quanto o gosto na minha boca.

Cambaleei até o banheiro do segundo andar e abri a torneira até o fim. Como sempre, seguiu-se um gemido, então um jato, depois algo como uma tosse, e ela começou a jorrar água fria. A pressão lá em cima era quase zero, e havia sinais da instalação de uma antiga bomba que fora levada, mas poderia ter corrigido esse problema. Do jeito que estava, levava 45 minutos para a cisterna no banheiro encher entre as descargas. De vez em quando brincávamos que reclamaríamos com o proprietário.

Bebi o máximo de água que pude tirar da torneira, depois vesti um roupão de gorgorão que 26 me dera de surpresa quando o tempo ficou frio. Acrescentei um par de sandálias de borracha e desci novamente até o

salão do pub, movendo-me como se eu estivesse debaixo d'água e o sono residual e a fadiga repuxassem minha carne.

Encontrei uma colmeia de atividades intensas e bem-iluminada, cheia de conversas felizes e movimentos ágeis e eficientes. Os pen drives eram gravados, passavam pelo silkscreen e depois eram amarrados com a fita. Os bonés eram costurados, soldados, ligados e testados. Parecia uma linha de montagem. Apenas um problema: não reconheci nenhuma das pessoas trabalhando.

Todas pararam e me olharam quando entrei no salão. O celular de alguém tocava uma música dance animada, mixagens de DJs que eu tinha ouvido no Abril Cínico. Havia quatro pessoas, dois garotos e duas garotas, todos mais ou menos da minha idade, ou um pouco mais velhos, com cortes de cabelo esquisitos, como cuias, e pintura multicolorida que combinava com os esmaltes de unhas descascados e multicoloridos que usavam (até os garotos). Calçavam tênis rasgados que estavam remendados com fita adesiva e alfinetes, calças cargo pretas com dezenas de pequenos bolsos e camisas sociais cortadas, com os colarinhos, as mangas e os bolsos faltando.

— Você deve ser Cecil, então — disse uma das garotas. Tinha um sotaque engraçado. Não inglês nem escocês. Estrangeiro.

— Siiim — respondi devagar.

— Certo — falou ela e sorriu para mim, mostrando-me as caveirinhas sulcadas com laser nas coroas dos dentes da frente. — Sou Kooka, e estes são Gertie, Thomas e Hans, o Viking. — Hans não parecia em nada com um viking. Parecia que uma brisa leve poderia derrubá-lo. Qual era o problema com os caras franzinos e apelidos de machão? Mas ele sorria de um jeito amigável, assim como os outros, e acenava, então acenei de volta, ainda sem saber o que pensar daqueles estranhos.

— Vocês são amigos de...

— Somos amigos dos Jammie Dodgers! — declarou Thomas. Ele

pronunciou “zos Chammie Dodtchers!”.

— Somos seus reforços — explicou Kooka. — Viemos de Berlim para ajudar!

— Berlim?

— Teríamos chegado antes, mas pegar carona foi terrível — falou ela. — Ninguém vindo para cá depois que descemos da barca em Dover. É como se os motoristas ingleses nunca tivessem visto alguém pegando carona antes!

Sacudi a cabeça e me sentei.

— Entendo. Hã. Quem diabo são vocês?

— Somos do Abril Cínico! — respondeu Kooka. — Não é tão complicado. Estamos nos murais há um tempão, desde o início. Somos da ala alemã. — Hans pigarreou audivelmente. — Alemã e sueca — corrigiu Kooka. — Estamos lutando contra os mesmos desgraçados em casa há anos, e parecia que umas férias eram necessárias.

Senti a boca se abrir e fechar por vontade própria. Parte de mim estava maravilhada por termos aquela ajuda, e tão exótica e enérgica, com a carona e tudo. E outra parte estava irada por 26 ter admitido estranhos sem me perguntar. Mas a parte irada não conseguiu reunir muita fúria — parecia que eu tinha queimado toda minha capacidade de ficar com raiva, gastara-a nos exageros com café e trabalho durante uma semana.

Vinte e seis surgiu da cozinha, equilibrando-se sob uma bandeja com nossa jarra de chá, uma pilha de nossas xícaras lascadas e despernadas, o açucareiro, o pote de creme e uma pequena montanha de bolinhos de semente saudáveis chiques que tinham aparecido na caçamba de uma delicatéssen refinada em Mayfair.

— A criatura vive! — disse ela, entregando-me a bandeja e me dando um beijo forte no pescoço. Passei a bandeja para dois dos alemães, ou suecos, ou sei lá, e abracei-a.

— Isto é uma surpresa — falei.

— Surpresa! — exclamou 26 e fez cócegas nas minhas costelas. Recuei agitado, encolhendo o corpo. Ela estava sorridente, com orgulho. O que restava da minha raiva se evaporou. — Eu não quis dizer nada porque meio que achava que eles não conseguiriam. Quero dizer, pegando carona!

— Você deveria tentar! — disse Kooka. — É o único jeito de viajar. As melhores pessoas fazem isso.

— Mas, agora que estão aqui, estamos à toda! Kooka já fez todo tipo de manifestação e ações, não é?

Kooka acenou rapidamente com a cabeça, e os outros assentiram.

— Somos super-heróis. Lendas por conta própria. A escória de Berlim! — Ela indicou todo o trabalho ao redor de si. — E estamos quase acabando com toda essa porcaria.

Era verdade. Aquilo pelo que nos esforçamos durante uma semana eles haviam feito com facilidade em algumas horas. É claro que tínhamos passado uma semana reunindo todo o material para a produção, cometendo erros graves e aprendendo com eles. Os alemães tinham o benefício de todas aquelas lições caras e, ainda mais, não estavam destruídos pela privação de sono, a discórdia das brigas e os tremores da cafeína. Então tinham arrasado muito e detonado o que faltava de trabalho rapidamente.

— Ya — falou Hans. — Então a festa começa!

O que, de fato, começou. As horas seguintes foram um borrão. Começamos seguindo para Leicester Square, principalmente para familiarizar os alemães com as rotas de fuga (os voluntários locais não precisariam de orientação). Estava fervilhando, é claro, embora fosse apenas quarta-feira, viva com a conversa de milhares de pessoas entrando e saindo dos cinemas. Eu amava Leicester Square à noite: as luzes, o encanto, os golpistas e os mendigos, os turistas e as despedidas de solteiros, os baseados e os distribuidores de panfletos. Era como um outro mundo, no qual o entretenimento e a fantasia vigoravam.

Ninguém mais parecia ter a mesma reação. Os alemães riram dos policiais lentos que passeavam, subiram na cerca de ferro retorcido em volta do jardim para dar uma olhada e depois saltaram com uma cambalhota de costas, caindo agachados como ginastas. Jem se juntou a eles, e depois o restante de nós também. Jem subiu na cerca e fez uma tentativa, embora tenhamos dito que ele era louco e fraturaria o crânio. Ele surpreendeu a todos ao dar uma cambalhota de costas muito correta, mas caiu desajeitado e cambaleou até um casal chique que o empurrou para longe. Ele se limpou tranquilamente e aceitou nossos aplausos, depois emitiu o assobio de aviso de duas notas que as crianças do tráfico usavam e que significava *policiais*, e vimos os Agentes de Apoio à Polícia seguindo na nossa direção, então corremos para Chinatown, na direção do Soho, ziguezagueando na multidão e cortando caminho por becos tão estreitos que precisamos virar de lado para passar.

— Tem uma reunião grande do Pêssego Confuso perto daqui hoje à noite — falou 26. Ela pegou o celular e fez a mais linda das expressões para ele, tocando a tela até que o aparelho mostrasse o endereço.

As festas listadas no Pêssego Confuso da Floresta Beethoven Verde eram menos exclusivas e esquisitas do que os eventos do círculo fechado do Abril Cínico, mas aquela estava acontecendo em um conjunto interligado de galerias de carvão, às quais chegávamos por meio de uma escada clandestina entre duas caçambas, atrás de um restaurante chinês chique. As galerias eram estreitas e de pé-direito baixo, e retumbavam a música de alto-falantes baratos que tinham sido colados às paredes com cola quente em intervalos irregulares. Havia tanta gente naquele espaço claustrofóbico que você constantemente tocava alguém, geralmente duas ou três pessoas, e a música estava tão alta que a comunicação só era possível pressionando o rosto na orelha de outra pessoa e gritando.

Era incrível.

Vinte e eu dançamos umas danças esquisitas e sensuais que eram quase

um agarramento, e senti as pessoas em volta de mim fazendo o mesmo. Alguém me passou uma bombinha de asma cheia de cocaína e eu a encarei como um idiota. Jamais tinha experimentado, embora tivesse bastante à venda ao redor do Diazero, é claro. Acho que tinha ouvido todas aquelas histórias assustadoras na escola e em panfletos nas laterais dos ônibus e tal, e estava quase convencido de que uma dose me transformaria em um viciado raivoso que mataria a própria mãe por mais um pouco daquela coisa doce.

É claro que eu tinha ouvido exatamente as mesmas histórias sobre maconha — o *skunk* muito, muito malvado que derreteria minha mente e me tornaria o escravo sexual pervertido de algum traficante que prostituiria meu cu chapado para vigários depravados e garotos da cidade até que eu fosse material estragado. Eu fumava maconha havia anos, e a pior coisa que fez comigo foi me tornar preguiçoso e lento no dia seguinte. E, apesar de eles dizerem que a erva levava às drogas pesadas, nunca me vi levado a lugar nenhum.

Estavam errados quanto à maconha, então talvez estivessem errados quanto à cocaína. Gargalhei: não foi a erva que me levou às drogas pesadas, foi toda a merda que diziam sobre erva. Então percebi que aquilo queria dizer que eu estava prestes a pegar uma borrifada da bombinha, e meu coração começou a bater forte, e o lugar pareceu girar para longe de mim conforme aproximei-a do nariz e toquei o botão no fundo.

Blam! O cilindro de ar lançou o doce gás bem fundo para meus pulmões, até aqueles alvéolos nas pontas dos brônquios onde o oxigênio é filtrado e entra na corrente sanguínea. Só que aquilo não era oxigênio: aquilo era cocaína, e minha língua parecia ter sido encharcada de mel antes mesmo de eu sentir quaisquer outros efeitos. Então senti os outros efeitos, exatamente como se lê nas confissões do jornal de domingo: "Eu era cheirador, e isso me tirou tudo." Uma sensação de confiança suprema. Como se o tempo estivesse se estendendo, como se eu pudesse esticar o

braço e pegar um projétil. A sensação de que eu podia ver as conexões entre tudo e todos, aqueles fios invisíveis completamente emaranhados, e como se eu pudesse estender a mão e puxar os fios e fazer o universo dançar como uma marionete.

A sensação se dissipou tão rápido quanto veio, deixando-me de volta sobre minhas botas, os joelhos um pouco fracos, praticamente erguidos pelos corpos suados ao meu redor. Vinte e seis me lançava um olhar meio preocupado, meio raivoso, então arrancou a bombinha da minha mão e passou para outra pessoa. Depois, levou os lábios até meu ouvido e gritou por cima do barulho:

— O que foi isso? Desde quando você usa cocaína?

Dei de ombros. Não sabia por que tinha feito aquilo. E ainda não estava me sentindo totalmente de volta a meu corpo. Vinte fez uma careta de quem chupou limão e saiu de perto de mim. Comecei a segui-la, depois desisti, sentindo-me deliciosamente irritado com ela: quem era 26 para me dizer o que fazer da vida?

Voltei a dançar, dancei com a proximidade dos corpos e à batida da música, e alguém me passou outra bombinha, mas, dessa vez, recusei — a dança estava apagando minhas preocupações e inseguranças perfeitamente, e não quis arriscar perder aquela paz e ter de começar a pensar no que significava Vinte ter ido embora sozinha em um rompante de ódio.

Caminhei de corredor a corredor, de salão a salão, vendo pessoas que reconhecia vagamente de festas e eventos diferentes aos quais tinha ido desde que todos entramos no Pêssego Confuso. Esgueirei a cabeça para dentro de um salão e vi que estava cheio de casais se agarrando. Envergonhado, tirei a cabeça rapidamente, então olhei de novo. Eu tinha visto aquilo mesmo?

Tinha.

Ali, no canto, dois caras se beijando intensamente. Aquilo não era totalmente incomum nos eventos do Pêssego Confuso, muita gente dos

murais era abertamente gay. Mas os dois caras *específicos* que estavam se beijando eram Cão Raivoso e Jem.

Cão Raivoso pareceu sentir meus olhos sobre si, então ergueu o rosto e me encarou de volta, depois se afastou de Jem, com um olhar que era um misto de humilhação e terror. Jem virou o rosto, surpreso, e me viu. Ele deu de ombros e se virou de volta para Cão Raivoso. Fui embora da festa.

Conforme segui pelo Soho e Trafalgar Square e para os ônibus noturnos, pensei em por que tinha achado tão esquisito. Não conhecia muitos gays assumidos em Bradford, embora uma vez tivesse assistido à parada do orgulho gay e, depois de um choque inicial, achado bem divertida: obviamente as pessoas envolvidas estavam se divertindo horrores e não estavam fazendo mal a ninguém, então por que não apoiá-las?

E, depois que fui para Londres, vi *muitos* gays, e não apenas no Pêssego Confuso. Muitos dos amigos anarquistas de Vinte se chamavam de "queer", embora isso parecesse significar muitas coisas diferentes. Soho era um distrito gay, cheio de bares e restaurantes que exibiam bandeiras com o arco-íris, e muitos casais do mesmo sexo ficavam por lá. Como as pessoas da parada do orgulho gay, todos pareciam estar se divertindo juntos, e havia raros momentos bons por aí, então por que privá-los dos deles?

Mas ver Cão Raivoso e Jem tinha me abalado, admito. Em parte fora a sensação de que eu não os conhecia de verdade. Quantas vezes tínhamos nos sentado juntos depois de uma noitada, conversado sobre garotas e se havíamos conhecido alguma e o que faríamos se conhecêssemos? Tinha sido tudo mentira? Será que eu os tinha ofendido com a conversa?

Não era só isso. Em parte, era a imagem dos dois como um casal, talvez agarrados na cama do modo como 26 e eu fazíamos. A imagem mental fez com que eu estremecesse e me sentisse esquisito e desconcertado.

Vi-me desejando ter mais cocaína e percebi que fiquei horrorizado quando tomei consciência disso. Quando usei a cocaína, o mundo teve um

tipo de clareza da qual eu estava sentindo falta — eu sabia onde tudo cabia e como se encaixava, e sabia que eu estava exatamente onde precisava estar, fazendo exatamente o que precisava fazer. É claro que, intelectualmente, sabia que ninguém jamais estava exata e perfeitamente no lugar certo, e, se você estivesse, por que faria qualquer outra coisa? Mas com certeza senti falta da sensação, embora tivesse sido ilusória.

Afinal de contas, minha namorada não estava falando comigo, meus dois melhores amigos estavam tentando dissolver o rosto um do outro com saliva e eu estava prestes a cometer um ato de terrorismo artístico no meio de uma das cidades mais policiadas, vigiadas e controladas do mundo. Um pouco de consolo teria sido muito bem-vindo.

Acordei na manhã seguinte sentindo-me sozinho e arrasado. Minha cabeça parecia ser dois tamanhos menor do que meu cérebro, uma sensação que atribuí à cocaína, embora possa ter sido causada pela cerveja barata, pela maconha ou apenas pelas duas horas que tinha passado chorando e afogado em autopiedade antes de finalmente cair no sono.

Os alemães estavam apagados e roncando no salão do pub, dois dormindo pé com cabeça no sofá, os dois outros em colchões no chão. Nem repararam quando acendi as luzes (e depois apaguei rápido quando os vi) e segui na ponta dos pés até a cozinha para fazer chá e pegar meu laptop. Eu tinha certeza de que 26 teria me mandado um e-mail àquela altura e, se não tivesse, eu mandaria um a ela, e, embora parte de mim implorasse para brigar com ela por ter sido uma puritana irritante diante do fato de eu ter experimentado a cocaína, uma parte maior queria cair de joelhos pelo perdão dela.

Quando voltei para o quarto, vi que Jem estava sentado à mesa de edição, os pés sobre ela, lendo uma revista cinematográfica antiga da pilha que ficava ao lado da minha cama. Ele ergueu o rosto quando entrei no quarto e indicou a cama com a cabeça.

— Sente-se — disse ele.

Sentei-me e apoiei o chá e o laptop no chão.

— Hora de termos uma conversa — falou Jem.

Ergui a mão.

— Não precisa — respondi. — Não é da minha conta.

— Está certo quanto a isso. Da conta de ninguém, a não ser minha e dele. Mas, se é amigo de Cão, devia saber de algumas coisas. Então prepare os ouvidos, velho amigo, e escute com atenção o que Jem tem a dizer.

"Nunca tive problemas com quem sou ou o que sou. Para mim, sempre foi natural que eu tenha ficado algum tempo com garotas e algum tempo com garotos. — Ele piscou um dos olhos. — Não caras feios como você, é claro, não vá tendo ideias. Mas, até onde me lembro, sentia que os dois podiam ser o caminho certo para mim.

Assenti, esperando que estivesse parecendo legal e sem preconceitos, embora, de novo, tenha me sentido esquivo de um jeito que não conseguia definir.

Ele suspirou.

— Olhe, eu sei que não é a coisa comum e normal. Todo mundo espera que você cresça e se torne um cara fortão e passe a vida inteira tentando se dar bem com uma garota, e não com outro cara fortão. Mas todo mundo também espera que você more em um apartamento pelo qual pague aluguel, que compre comida em supermercado e que se chame pelo nome de batismo em vez de um apelido idiota como "Cão Raivoso" ou "Cecil B DeVil". Eu digo para o inferno com todos, para o inferno com suas expectativas, e para o inferno qualquer um que ache que sou pior por causa de quem gosto.

— Não posso argumentar contra isso — falei, com tanta convicção quanto pude reunir.

— Mas você quer, filho, consigo ver isso daqui. Não gosta disso. Faz

sua pele se arrepiar toda, não é? Tudo bem, pode admitir.

Sacudi a cabeça.

— Jem, eu não... quero dizer, olhe, com certeza você ainda é meu amigo e está certo: de quem você gosta é problema seu. Mas, sim, não gosto de imaginar.

Ele me deu um soco no ombro.

— Você tem medo de que se pensar demais nisso vai acabar virando bicha, certo? Todo esse negócio funciona dessa forma, os caras são todos supermachos e se chamam de *viados* e tudo. É aquele medo de que possa ser bom demais para resistir... ficar com outro cara que queira tanto quanto você, do modo que você quer, que entende da forma que ninguém mais consegue...

— Basta — falei.

Ele gargalhou.

— Olhe, não se preocupe com isso. Confie em alguém que já tentou os dois lados: não é melhor, não é pior, é só diferente. E você saberá se escolher esse lado, e, quando souber, não vai ser difícil detectar. Será tão óbvio para você quanto dois mais dois é igual a quatro. Lembra-se de como ficou falando sobre 26 quando vocês se conheceram? Aquela sensação? Não confundirá aquela sensação quando experimentá-la de novo.

— Tudo bem — respondi. — Acredito em você. E você está certo, não é da minha conta o que você e Cão fazem. Qualquer coisa para evitar que ele se tranque no banheiro para bater uma punheta, de qualquer forma.

— Farei minha parte pelo pelotão, capitão. Quanto a Cão, no entanto... — Jem pareceu desconfortável. — Olhe, eu deveria deixar que ele contasse, mas ele não vai, então é por isso que eu tenho de dizer. Cão não é como eu. Ele prefere exclusivamente garotos. Sempre preferiu, desde que consegue se lembrar. E um dia cometeu o erro de contar ao irmão mais velho. O irmão que ele admirava como um herói.

"O irmão espancou ele e depois contou aos pais. O pai não era do tipo compreensivo, o que explica a traição do irmão mais velho, e tinha todo tipo de apelido para Cão, o viadinho e coisas assim. Ele não tinha vergonha de usar esses nomes encantadores na frente dos outros garotos do condomínio, e ficou claro para os garotos que ninguém, nem o pai e nem o irmão de Cão, o defenderia, o que era como uma gota de sangue em um tanque de tubarões. Ele virou o saco de pancada preferido de todos os *bullies*, o tema de todas as piadas cruéis. Você contou parte do que passou em Bradford. Passei por dificuldades próprias antes de partir para a Londres Infernal. Mas nenhum de nós jamais passou pelo que Cão passou. Nenhum de nós tem metade da coragem que aquele gordinho desgraçado tem. Ele é quieto e problemático de vários modos, claro, mas não é mais vítima de ninguém. E nunca será.

"Por isso você precisa deixar claro para ele, o mais rápido e sinceramente que conseguir, que tudo que falou para mim vale três vezes para ele. Ainda é amigo dele, não acha que Cão é pior, esse tipo de coisa. Ele precisa ouvir isso o mais breve possível para saber se vocês dois ainda estão do mesmo lado ou se ele precisa descobrir como encontrar novas pessoas com quem andar. Entendeu?

— Entendi — falei. — É claro. Sem problemas.

— E, quando terminar com ele, é melhor encontrar 26 e se redimir pelo que quer que a tenha deixado tão furiosa ontem à noite. Via-a saindo de relance, parecia um buldogue mastigando uma vespa. Temos uma operação grandiosa amanhã à noite, filho, e não podemos nos dar ao luxo de nenhum dissidente no front.

Deixei mensagens para Vinte em todos os lugares usuais, pedindo que ela ligasse para mim, indicando que eu queria pedir desculpas por ter sido um babaca. Então, foi só esperar até que ela retornasse os recados, que Cão Raivoso acordasse e desse as caras e que os alemães em nossa hospedaria

se levantassem... Espere, espere, espere.

Vinte e seis me ligou primeiro.

— Oi — falei.

Ela não disse nada. O silêncio do outro lado da linha era uma tortura.

— Sinto muito, está bem? Eu nunca tinha feito aquilo antes e não planejo fazer de novo. Acho que só... sabe, fiquei animado demais. Foi idiotice minha. Desculpe-me.

Ainda nada.

— Olhe — falei. — Olhe, foi apenas um erro. Nem foi tão bom assim... — Exceto que tinha sido, sim, tinha sido fantástico de um modo que era meio assustador e não totalmente desagradável. — Tudo bem, é mentira. *Foi* bom. Fez com que eu me sentisse como se pudesse dominar o mundo. — Engoli em seco. Minha boca estava falando sozinha agora, sem qualquer intervenção de minha parte. — Mas eu já me senti bem desse jeito antes. Quando estou com você. — Era facilmente a coisa mais melosa que eu já havia falado, e, até aquele ponto, não tive noção de que estava prestes a dizê-la. Então falei e soube que era verdade.

— Você é um idiota — falou 26. Dava para ver que ela não estava mais com raiva.

— Eu sou — admiti. — Posso ser seu idiota?

— Venha até minha casa hoje à noite. Tenho de estudar para uma prova de matemática amanhã. Cálculo. Arg!

— Eu ajudo você a estudar — respondi.

— Fazendo sua imitação de sempre de Cecil, o Polvo Malabarista de Seios Humanos? Você vai vir, sentar em um canto e refletir sobre seus pecados, meu jovem. Se for bonzinho, poderá ganhar uma casca de pão e um amasso rapidinho antes de eu mandá-lo de volta para casa. E espero que seja muito grato por isso.

— Serei — respondi por cima do sorriso que ameaçava dividir minha cabeça ao meio. Que garota.

Sentia como se um peso imenso tivesse sido erguido de meu peito, como se estivesse prendendo a respiração a noite toda e pudesse, enfim, inspirar de verdade. E mais, dava para ouvir os alemães se mexendo no andar de baixo e murmurando na língua deles. Desci as escadas aos pulos e dei bom-dia e banquei o bom anfitrião, fazendo um bule de café e servindo algumas das melhores guloseimas da despensa. Era incrivelmente fácil conversar com eles, e divertido também, e eles tinham vivido muitas aventuras em Berlim, sobre as quais era emocionante ouvir. Berlim aparentemente era a terra de milhares de ocupações, e eles insistiram que eu deveria visitá-los.

Eu estava devaneando sobre como poderia fazer aquilo — teria de esperar até poder pedir, sozinho, um passaporte, ou seja, pelo menos alguns meses — quando Cão Raivoso esgueirou a cabeça pelo salão do pub. Ele nos observou, corou até a ponta das orelhas e se retirou para o andar de cima.

— Com licença — falei e disparei atrás dele.

Segui-o até o último andar; ele ia para a grande sala do *loft* onde guardávamos os móveis sobressalentes e coisas assim que encontrávamos nas calçadas e nas caçambas de Londres.

— Cão — chamei —, tem um segundo?

Ele não olhou nos meus olhos, mas não disse que não (e nem que sim, é claro), e interpretei aquilo como consentimento. Apoiei-me sobre uma mesa bamba e pensei no que ia dizer.

— Olhe — falei. — Jem passou no meu quarto para conversar esta manhã. Tipo, sobre a sua situação. Seu pai e seu irmão e tal. Acho que só queria dizer que acho uma merda o que fizeram com você, e foi, tipo, gratuito. — O oposto do que tinha acontecido com Vinte mais cedo acontecia naquele momento, minha boca disparada em pura estupidez enquanto meu cérebro assistia horrorizado. — Quero dizer, nossa, não me importa com quem você se agarra. Pode se agarrar com qualquer coisa.

Não é da minha conta, é? O que quer que faça você feliz. É claro que se não for uma criança, um animal ou alguma coisa assim, isso é errado. Não que ser gay seja como querer meter em um cachorro! — Fechei a boca e o encarei.

Cão me olhava de volta com uma expressão de terror tão inacreditável no rosto que até se esqueceu de ser tímido. Entendi por quê. Não conseguia acreditar nas coisas absurdas e bizarras que eu estava soltando. Fechei a boca com mais força e fiz a única coisa em que pude pensar.

Dei um soco em mim mesmo, o mais forte que pude, na mandíbula. Ao que parece, apesar do ângulo esquisito, é possível se acertar com *bastante* força no rosto. Eu me bati tão forte que me joguei da mesa e caí no chão.

Bater em si mesmo no rosto com o máximo possível de força é uma experiência que recomendo, na verdade, depois de ter feito. Não porque é bom, mas porque é ruim de um jeito ruim como nada mais que você sentirá na vida. Para falar a verdade, já levei um soco muito forte no rosto, de outra pessoa, quando não estava esperando, e foi terrível, mas nem perto daquilo (embora eu ache que a pessoa até tenha me batido com mais força do que eu). Acho que foi saber que eu havia me infligido aquela dor, deliberadamente. A estupidez, ela dói. Ou lateja, na verdade.

Rolei no chão por um momento, esperando que as estrelas parassem de estourar por trás das pálpebras fechadas com muita força.

— Porcaria, isso *doeu* — falei e me levantei. Cão estava assistindo com o queixo literalmente apoiado no peito. — Ah, desculpe-me, Sr. Festival de Tripas de Filmes de Terror. Nunca viu alguém se libertar de um ataque intenso de estupidez ao se meter a porrada?

Ele gargalhou alto.

— Isso foi literalmente a coisa mais burra que eu já vi — disse ele. — Muito bem, amigo.

— É — falei e esfreguei o queixo. Já dava para sentir o inchaço. — Bem, alguém tinha de fazê-lo, e você é claramente viadinho demais para

me bater quando eu mereço.

Ele gargalhou e, enquanto eu gargalhava, conseguiu dar um peteleco forte, bem no machucado que crescia no meu queixo.

— Viadinho, hein?

— Certo — falei. — Deixe-me tentar de novo. Primeiro, deixe-me dizer isto: de quem você gosta ou quem agarra ou qualquer coisa? Não é da minha conta. Depois: mais do que isso, não sinto nada além de extremo respeito e admiração por suas inclinações sexuais e parabenizo-o por elas sem reservas.

Ele bateu palmas de modo sarcástico, mas foi amigável, estava sorrindo.

— Você é um idiota, Cecil — falou Cão.

— Foi o que me disseram. Mas pelo menos meu coração está no lugar certo, não é?

— Está perdoado — disse ele. — Olhe, só para você saber, eu não gosto de você, está bem? Então não precisa se preocupar.

— Está dizendo que não sou gostável?

Cão revirou os olhos.

— Não, Cecil. Tenho certeza de que muitos garotos por aí se debulham pelo fato de que você gosta de garotas. Mas não sou um deles. Ego satisfeito?

— Sim — respondi. — Isso funciona.

Ele ficou tímido de novo e olhava para os dedos dos pés.

— Cec — disse ele, tão baixo que mal conseguia ouvi-lo.

— Sim?

— É só que, bem, foi legal da sua parte falar aquilo. Foi importante, está bem?

— Tudo bem — falei e percebi que estava com um nó na garganta.

Vinte e seis cumpriu com a palavra e apareceu com seis amigos, exatamente às 19h15. Nós nos encontramos à sombra da Nelson's

Column, em Trafalgar Square, o pilar de 50 metros encimado pela estátua cheia de cocô de pássaro do Lorde Almirante Nelson, um cara que aparentemente fez algo importante envolvendo navios em algum lugar do passado, muitos séculos atrás.

Era um bom ponto de encontro. Durante o dia, Trafalgar Square era a favorita dos turistas, e sempre havia gente indo e vindo. Os spams humanos eram muitos e, em geral, eram vistos fazendo uma pausa para o almoço nos degraus ou bancos ou à sombra da National Portrait Gallery, no alto da praça.

Nós nos aproximamos e repassamos o plano, 26 liderando e fazendo cada pessoa recitar sua parte, além de três rotas de fuga. Era bem simples:

— Eu abaixo a camiseta e coloco o boné, acendo o infravermelho e sigo até Leicester Square. Escolho um lugar na fila do Odeon e caminho até o final dela, dizendo "filmes grátis, filmes grátis" e entregando os pen drives o mais rápido possível. Não discuto com ninguém. Não paro para conversar. Mantenho o rosto abaixado. Depois de sete minutos ou quando acabarem os pen drives, o que vier primeiro, vou embora rápido. Minha primeira rota de fuga é pelo meio da Trafalgar Square. A segunda é subindo para Chinatown. A terceira é na direção leste, para Covent Garden. Entro à segunda porta pela qual passar e tiro o boné e a camiseta e os coloco na mochila, sigo de volta pelo lugar de onde vim, na direção de Leicester Square, e dou a volta na praça até minha próxima rota de fuga. Nós nos reencontramos no Soho às 19h25. Qualquer problema, ligo para 0587534525 e insiro meu número de série, que é 4.

O número de telefone era um daqueles correios de voz gratuitos. Vinha com um menu discável ou por voz, e eu podia acessá-lo usando o celular pré-pago se alguém não aparecesse dez minutos depois da hora marcada.

— Se eu achar que estou sendo seguido, vou até a estação de metrô mais próxima e entro no primeiro trem, ando por cinco estações, saio, verifico se ainda estou sendo seguido. Se estiver, sento-me em um banco e

leio um livro durante meia hora para ver o que eles fazem. Se não, entro de novo no metrô e vou para casa, depois de deixar meu número de série, que é 4, no telefone 0587534526. — Tínhamos registrado outra caixa de correio de voz para aquele caso.

Depois de todos terem recitado, rápida e perfeitamente, vestimos as camisetas e os bonés, abertamente, como se fôssemos mais um grupo de spams humanos que tinham acabado de receber o briefing da noite do gerente. Então marchamos em uma fila espaçada até Leicester Square, as camisetas roxas até os joelhos, os bonés obscurecendo nossos rostos. A atenção das pessoas se desviava de nós, pois evitavam contato visual com um potencial entregador de panfletos. Desejei ter pensado em pegar alguns panfletos de verdade com um dos spams humanos para levarmos para a batalha. Nada fazia os londrinos saírem do caminho mais rápido do que a visão de alguém tentando lhes dar o anúncio de um restaurante indiano que faz entregas, ou de desconto em uma academia.

A missão seguiu *perfeitamente*. Chegamos à fila em uma multidão ordenada, metade de nós à esquerda, a outra metade à direita. Chuviscava do lado de fora, o que era normal para o outono em Londres, e o crepúsculo do início de setembro, misturado com a água, tornava a praça inteira escura e deprimente. A floresta de guarda-chuvas abertos oferecia uma cobertura perfeita das câmeras de circuito fechado e dos Agentes de Apoio à Polícia e policiais com as câmeras nos quepes. Caminhamos eficientemente de um lado ao outro da fila, gritando "filmes grátis!" e entregando as bolinhas de futebol. Dava para ouvir ruídos de surpresa irrompendo pela fila conforme algumas pessoas liam a mensagem nas fitas e tentavam compreender o que tinham acabado de ganhar, mas àquela altura eu já tinha distribuído minhas 67 bolas de futebol. Verifiquei o celular: menos de dez minutos tinham se passado.

Dobrei a sacola de náilon na qual tinha carregado as bolinhas e enfiei-a no bolso, dei meia-volta e segui de volta para Trafalgar Square. De novo,

desejei ter alguns panfletos para segurar e fazer a multidão se afastar — estava ficando mais densa. Verifiquei constantemente meu reflexo nas janelas embaçadas e molhadas dos restaurantes e prédios comerciais enquanto saía da praça, verificando se estava sendo seguindo, mas não vi ninguém. Concluí, hesitante, que tinha saído da praça sem ser seguido.

De volta ao ponto de encontro, em Greek Street, com a multidão pré-cinema do Soho e o pessoal dos escritórios, que tinha ido para casa colocar a roupa de "u-hu festa!", voltando, éramos apenas um monte de adolescentes risonhos e saltitantes. Todos conseguiram. Entramos no metrô e seguimos para o Diazero, completamente embriagados de satisfação.

Capítulo 5

Fracasso!/Um ferramenteiro/ Reunião de família/Críticas tardias

Todos tínhamos teorias sobre o que aconteceria a seguir. Achei que o pessoal do cinema enlouqueceria e anunciaria uma perseguição contra todos nós, liberando a filmagem estranha e borrada de nosso exército fantasiado com as cabeças estouradas feita pelo circuito de câmeras fechadas; então um androide apoplético, porta-voz da indústria, nos chamaria de terroristas e declararia que éramos a maior ameaça da história à indústria cinematográfica enquanto usaria um tom solene para divulgar os milhões que havíamos custado a eles com o truque.

Durante o resto da noite, e depois pelo resto do fim de semana, atualizamos todas as fontes de notícias que pudemos encontrar e verificamos cada termo de busca. Só encontramos alguns tuítes espantados de pessoas que estavam na fila do cinema; quase todo mundo, ao que parecia, havia jogado fora o pen drive que distribuímos, ou nem se importou em conectá-lo.

Em retrospectiva, percebi que aquilo fazia perfeito sentido. Ninguém se importava com o que um spam humano enfiava na sua mão; a presunção geral era de que tudo que se conseguia dessa forma era lixo. Era por isso

que eles precisavam entregar tantos panfletos para conseguir que uma única pessoa entrasse em uma academia ou algo assim. Acrescentando a isso a mídia arcaica — não se podia nem fazer uma transferência wireless, era preciso colocar o pen drive em uma saída USB, e metade dos PCs que eu via ultimamente nem mesmo tinha uma — e os riscos de colocar arquivos suspeitos no computador, era perfeitamente compreensível que quase todas as nossas bolinhas de futebol tenham ido parar na lixeira.

Que deprimente.

— Sou um fracasso — falei, deitado, acordado e estático, no domingo à noite, enquanto Vinte estava sentada fazendo o trabalho de química para a manhã seguinte. — Poderia simplesmente voltar para Bradford. Que idiota eu fui de pensar que poderia vencê-los. Eles são *gigantes*, porra. Praticamente comandam o governo. Vão fechar todos os canais por exibirem vídeos, exceto aqueles que controlam, e ninguém poderá ser cineasta, a não ser por intermédio deles. É exatamente como a música, o modo como perseguiram todos os sites de download de música que puderam controlar.

Vinte e seis não demonstrou sequer ter me ouvido, apenas trabalhava na bateria de problemas, batendo na tela e no teclado.

— A pior parte é que eu coloquei todas aquelas pessoas na rua, desperdicei o tempo delas, pus todas em risco e foi por nada. Devem pensar que sou um completo imbecil. Quero enterrar a cabeça no chão durante um milhão de anos. Talvez então todos tenham se esquecido da minha estupidez e da minha vergonha.

Vinte fechou o laptop e assoprou a franja do moicano que caía sobre a testa. Estava pintada de vermelho maçã do amor, aquela semana.

— Cecil, você está choramingando. É uma visão profundamente repulsiva. E mais: é a prova de um ego gigante você decidir que todos fomos levados àquilo por você, como ovelhas são guiadas pelo pastor. Fomos até Leicester Square na sexta-feira porque todos achamos que

funcionaria. Você não fez o plano, apenas deu início a ele. Todos fizemos o plano. Todos nos voluntariamos. Mas está vendo CR ou Chester ou Jem reclamando? Olhe para a porcaria dos alemães! Estão em Hackney esta noite, tentando entrar em boates que ficam abertas a noite inteira e planejando beber até cair, não importa o quê! Então deixe para lá, está bem?

Ela estava certa, é claro. Não que me fizesse sentir melhor.

— Está bem, você está certa. Não é só sobre mim. Mas é horrível e podre e deprimente. O que nós *fazemos*? Eles compram as leis, atacam nossas famílias, nos colocam na prisão...

Vinte e seis pegou o laptop de novo.

— Cecil, não quero falar com você enquanto estiver assim. Você sabe a resposta tanto quanto eu: está fazendo algo que eles querem que pare de fazer. Eles têm medo do que você faz. Têm medo do que todos fazemos. Contanto que continue fazendo, está ganhando. Não precisa sair em uma incursão militar para vencê-los: só precisa continuar fazendo seus próprios filmes.

Acho que ninguém jamais tinha dito nada tão importante para mim quanto aquelas sete palavras: "só precisa continuar fazendo seus próprios filmes".

Eu me atirei ao projeto, parando de trabalhar apenas o suficiente para comer e tirar algumas horas de sono ou sair para uma pescaria nas caçambas para encontrar comida. Mal deixei o quarto, a não ser por esses momentos. Minha pele ficou pálida das horas dentro de casa, e reparei que, quando subia e descia as escadas, sentia todo tipo de sensações de puxões e beliscões no fundo dos músculos, principalmente na região do bumbum, das costas e do pescoço. Vinte e seis falou que eu estava passando muito tempo sentado e me fez baixar alguns vídeos de ioga, a qual fazíamos juntos em meu quarto quando ela conseguia me obrigar a

sair do computador.

Mas 26 não estava com raiva de mim. Ninguém estava, isso era o incrível. Eu estava editando furiosamente, juntando filmes de maneiras que simplesmente pareciam surgir atrás de meus olhos e em meus dedos — primeiro uma cena com Seth lutando contra vampiros que reunia todos os tipos de vampiros de mais de um século de filmagens, inclusive o magnificamente assustador Max Schreck, que teve a resolução melhorada para um festival de retrospectivas feito pelo British Film Institute. Cão Raivoso passou uma tarde assistindo por cima do meu ombro enquanto eu trabalhava, e ele era *incrível* — eu jamais sonhei que qualquer pessoa pudesse saber tanto sobre filmes de vampiros. Quando a cena estava pronta, mudei minha opinião sobre filmes de vampiros e decidi que expandiria o take para um curta completo, no qual Seth é um senhor rabugento, sozinho no mundo, que faz amizade com um garoto (também Seth, o que funcionou surpreendentemente bem) e descobre que vampiros estão à solta em sua cidade. Ao contrário dos outros vídeos que eu tinha feito, não fiz aquele pelas risadas: era ação/terror constantes, e foi preciso combinar meus conhecimentos enciclopédicos das milhares de horas de filmagem de Seth e a obsessão maluca de Cão por terror para conseguir terminá-lo.

Trabalhamos por três semanas seguidas, editando e editando, sujeitando nossos colegas de casa ao material bruto. A ideia era polir todas as arestas, todos os lugares em que ficava claro que eram filmagens de filmes diferentes. Coloquei todas em preto e branco para corrigir os tons de cores diferentes das fontes diferentes, coloquei as sombras quadro a quadro, conferindo às cenas o contraste dramático de alguns filmes de terror mais antigos a que Cão me fez assistir. Em alguns dias, eu passava horas apenas trabalhando em pixels individuais, aparando as bordas, até que, uma tarde, assisti a todos os 22 minutos do curta e percebi que estava *perfeito*.

— Isso é tão bom quanto qualquer coisa que eu já vi no cinema — falou 26 do canto dela no braço do sofá. — Sinceramente.

— Mas ninguém mostraria isso em um cinema — falou Jem. — Nem em um milhão de anos. Estranho demais. Duração errada. Preto e branco. Sinto muito, amigo, mas acho que o melhor que consegue são alguns zilhões de visualizações no ZeroKTube ou um similar.

Não falei nada. Algumas das minhas antigas ideias estavam se chocando de um modo novo. Recoloquei o vídeo e assistimos de novo. Era assustador pra cacete. O tipo de coisa que faz os pelos do pescoço se arrepiarem — parcialmente pelo modo como a trilha sonora de órgão tocava. Fora outro achado de Cão — saíra de um filme de monstro de quinta categoria, mas o diretor tinha gravado em uma enorme catedral antiga, com o órgão original, e dava para ouvir de verdade as reverberações das notas baixas de um modo que era puramente *assustador*.

— Imagine ver isto em algum lugar *bem* assustador — falei. — Algum lugar que realmente pareça assombrado. Não em uma tela de laptop tecnológica... algum lugar *perigoso*.

— Tipo o cemitério — sugeriu Chester. — Aquela noite em que todos nos conhecemos. Aquilo foi brilhante. Mas está frio e molhado demais para esse tipo de loucura agora, amigo. Teria de esperar pelo verão seguinte.

— Algum lugar *como* o cemitério, mas um lugar fechado. No subsolo. — Peguei o laptop e voltei para meu site de infiltração preferido. Havia toda uma subcultura de sensitivos que passavam as noites invadindo estações do metrô interditadas, esgotos esquecidos, prédios abandonados e outros lugares nos quais as pessoas simplesmente não deveriam estar. Eles documentavam de modo fantástico essas infiltrações com vídeos e mapas, cuidadosamente disfarçando o rosto e a voz. Era incrível assistir, todo o trabalho de escalada brilhante, o arrombo de fechaduras genial e a emoção da descoberta conforme esses exploradores modernos invadiam ruínas

modernas que os olhos humanos não viam havia gerações.

O vídeo que busquei era um a que eu tinha assistido diversas vezes: mostrava uma gangue de infiltração abrindo caminho por um esgoto abandonado sob Embankment, construído como esgoto de escoamento quando o Tâmisa foi bloqueado, no século XIX. Eles o acessaram por uma porta anônima que continha uma escadaria estreita e levava a uma sala de manutenção.

A porta estava trancada, mas não muito bem. O padrão de fechadura da Autoridade Maior de Londres para aquele tipo de porta era uma antiga fechadura Yale, vulnerável a ataques de "pancada", os quais até eu conseguia fazer: era só enfiar uma matriz lixada de chave na fechadura e bater nela rapidamente com um martelo pequeno. A energia do golpe do martelo passava pela abertura da chave e era transmitida para os trincos da tranca, os quais eram lançados para dentro do mecanismo por um breve momento, e durante esse tempo era possível simplesmente girar a maçaneta e abrir a porta. Considerando tudo, arrombar uma Yale levava menos tempo do que abri-la com a chave.

Uma série de portas fechadas (mas passíveis de pancadas) saindo da sala de manutenção levava-os cada vez mais fundo para dentro da rede de esgoto, inclusive para um trecho nojento de calçada que passava por cima de um esgoto ativo. Os exploradores enrolaram pedaços de pano no rosto para essa parte, mas mesmo assim fizeram ruídos audíveis de nojo conforme passavam sobre o rio de merda.

Mais duas portas fechadas e eles estavam lá dentro: uma enorme câmara abobadada, como o interior de uma catedral, toda de tijolos vitorianos com arcos elaborados e azulejos bem próximos no chão e pelas paredes. Conforme as tochas dos exploradores dançavam pelo cômodo, todos inspiramos juntos.

— Aí está meu cinema — falei.

— Ah, sim, acho que sim — falou Jem. — Esse é mesmo o lugar.

Fomos, naquela noite, direto para Embankment, com coletes refletores dupla face nos quais penduramos distintivos laminados que pareciam reais e passes para várias entidades municipais. Eles não funcionariam se fôssemos levados para uma delegacia, mas, no escuro, seriam convincentes o bastante. Arrombamos as fechaduras e refizemos a rota dos infiltradores. Tínhamos levado máscaras de papel de pintor que funcionaram muito bem quando cruzamos o esgoto ativo, e, ao chegarmos ao salão, penduramos no teto um monte de lanternas de LED branca que usávamos durante as constantes quedas de energia do Diazero. Elas projetaram uma luz assustadora sobre o lugar, que pareceu embaçado com todos os fios de poeira que flutuavam no ar.

Vinte mediu a extensão da câmara e pensou em voz alta:

— Colocaríamos o quê? Duzentas ou trezentas cadeiras aqui. Um bar ali. Teremos de limpar a poeira; isso vai ser um trabalho para dez pessoas no mínimo. Precisamos de lanternas penduradas ao longo do caminho também. A tela ficará, hã, ali, acho, e precisaremos fazer alguma coisa em relação a um banheiro...

— É um esgoto, querida — falou Jem, cutucando 26 com um indicador amigável enquanto ela passava por ele caminhando de um lado para outro.

— Sim, tudo bem, certo, mas não podemos pedir que as pessoas façam cocô bem aqui ao lado do bar, não é?

— Não tem bar — falou Jem.

— Ainda não. Mas terá. E trezentas pessoas... é muito xixi e cocô e afins. Precisamos de um feminino e um masculino.

Jem colocou a máscara e saiu para o esgoto ativo. Voltou um momento depois, balançando a lanterna.

— Tem uma projeção pequena em cada lado da calçada ali, bem ao lado da porta. São extensas o bastante para montar duas casinhas, só teria de ter um buraco no chão que desse direto no esgoto, certo?

Todos fizemos careta.

— Isso é nojento — falou 26.

— O quê? É para onde tudo vai, no fim. Não é como se fôssemos conseguir montar um encanamento adequado aqui embaixo, certo? O cheiro vai impedir que as pessoas fiquem perto dos banheiros também. Colocamos um antisséptico para mãos aqui, perto da porta.

— E quanto a uma banda? — perguntou Chester, o dedo sobre o queixo.

— O que tem uma banda? — indaguei.

— Bem, tipo alguma coisa para agitar a multidão antes do filme?

— Onde já se viu uma banda antes de um filme?

— Onde já se viu um filme no esgoto?

— *Touché* — respondi.

— Isso vai ser brilhante — falou 26. Ela me deu um abraço forte, e tudo ficou maravilhoso.

Eu havia aprendido muito sobre construção e reformas com o trabalho que fizemos no Diazero, mas não era nada comparado ao tamanho do trabalho que tínhamos pela frente no Cinema Esgoto, como começamos rapidamente a chamá-lo. Primeiro, é claro, tinha o problema de como levar todo o equipamento sem sermos presos.

Aziz olhou para nós como se fôssemos loucos quando perguntamos a respeito, mas, depois de falarmos como poderia ser maravilhoso e mostrarmos a ele os vídeos, ele assentiu.

— É — respondeu Aziz. — Poderia funcionar. Mas vão precisar de algumas coisas.

"Algumas coisas" se revelaram ser uma grade de trama retorcida portátil feita de plástico opaco onde estava gravado "TRABALHOS TEMPORÁRIOS — J SMITH E FILHOS — CONSTRUTORES HABILIDOSOS — LIGUE 08003334343".

— Apenas coloquem isso do lado de fora da porta à noite, apareçam com coletes refletores e capacetes e sejam discretos...

— Podíamos colocar aquelas infravermelhas de LED neles — falou Jem.

— É — respondeu Aziz. — Isso também. E precisarão de um veículo.

Ele nos levou para os fundos do armazém, onde havia meia dúzia de carros em diversos estágios de desmonte. Um deles era a típica van branca, acinzentada pela poeira da cidade, calotas enferrujadas, capô com marcas de uma velha e tosca conversão para motor híbrido. Via-se uma daquelas a cada dez segundos pelas ruas de Londres, de noite ou de dia. O número da placa estava estrategicamente sujo de lama e poeira, então só dava para ver alguns dígitos.

— Esta é minha belezinha — falou Aziz. — A Baleia Branca. É um burro de carga, isso sim. Vai a qualquer lugar, carrega qualquer material, jamais reclama. E um motor como esse exige respeito nas ruas de Londres, meu caro. Praticamente grita "não tenho nada a perder", qualquer batida em uma banheira como esta vai causar mais estragos ao outro palhaço do que a você.

Jem sorriu e juntou as mãos.

— É perfeito, Aziz.

Vinte deu-lhe um tapinha leve no pescoço.

— É uma van, Jem, não uma garota. Comporte-se.

Jem fingiu não ter ouvido.

— Por quanto tempo podemos pegá-la emprestada?

Aziz deu de ombros.

— Meu inventário está grande demais, ultimamente. As caçambas têm sido boas comigo. Estava planejando tirar uma semana de folga delas, embora parta meu coração pensar em todo o lixo bom que vou perder. Mas estou muito cheio agora. Então, uma semana? Você *sabe* dirigir, não sabe, Jem?

— Eu dirigia o trator na fazenda — respondeu Jem. — Não deve ser

muito diferente, não é?

Tentei imaginar Jem morando em uma fazenda em algum lugar, limpando o chiqueiro e espalhando ração para as galinhas. Não consegui. Jem quase nunca falava sobre o passado e, quando o fazia, costumava contar histórias ridículas, todas se contradizendo. Eu não forçava. Se ele dizia que podia dirigir, eu esperava que pudesse.

— Tudo bem — falou Aziz. — Mas se a quebrar ou se for parado pela polícia, vou denunciar como roubo, está entendendo?

— Não aceitaria de outra forma, meu velho — respondeu Jem. — Está ótimo, está ótimo.

E foi assim que conseguimos o carro.

Aziz nos ajudou a encher a van com muitas das peças de que precisávamos de seu enorme estoque — praticamente tudo que era necessário para montar o cinema: projetores, sistemas de som, luzes, montes de baterias e mais. Teríamos de pegar as cadeiras e o bar em algum lugar — havia dezenas de cadeiras no Diazero, é claro, e cadeiras dobráveis eram fáceis de achar, o tipo de coisa que sempre aparecia na calçada no dia em que o caminhão de lixo passava. Vinte e seis imaginou que, se pedíssemos ao pessoal do Pêssego Confuso para pegar qualquer uma que vissem, teríamos mais do que o suficiente no dia da exibição.

Chester, enquanto isso, mantinha os olhos atentos para canteiros de obras com madeira excedente dando sopa, sem amor e sem cuidados, e achou que seria fácil conseguir mais do que o necessário para construir algumas casinhas, principalmente porque planejávamos usar madeira para o chão e os assentos e cobrir as paredes com lona plástica, da qual desencavamos quilômetros nos porões do Diazero.

E Chester tinha encontrado uma banda: The Honey Roasted Landlords eram um grupo estranho, tocavam diversos instrumentos — tubas grandes como o sousafone, violinos e contrabaixo, uns dois tipos de sanfona e um

monte de tamborezinhos —, e todos eles eram acústicos, um diferencial enorme, pois nos livrava de descobrir como equalizar todos no sistema de som do cinema. Os cantores até cantavam com megafones de papel, usando vozes anasaladas esquisitas, um estilo que Chester me disse que na verdade se chamava "canto megafone" e datava da época anterior aos microfones elétricos. O som deles era muito esquisito: antiquado, é claro, não dá para não soar antiquado com toda aquela parafernália e os megafones e tudo, mas havia algo nas melodias e na velocidade com que tocavam que não parecia só contemporâneo, mas futurístico, como algo saído de um filme de ficção científica. A banda já tinha um grande público em Londres, e o próprio mailing, e tocariam pela chance de conseguir algumas doações; era o modo como trabalhavam. Chester me contou que eles conseguiam arrecadar mil libras ou mais em uma noite com a generosidade do público.

Chester também estava trabalhando em um filme próprio para a noite, outro curta, uma edição de todos os parlamentares que tinham dito coisas estúpidas e lisonjeiras em apoio à Lei de Roubo de PI entremeada por cenas infames de tribunais de filmes, e ele substituíra os prisioneiros no banco dos réus por todos os garotos famosos que tinham sido presos desde que a lei fora aprovada. Não tinha um fundo humorístico, mas não era essa a intenção, e assisti-lo fez meu sangue ferver.

Cão Raivoso estava trabalhando secretamente em algo próprio: um remake absolutamente maravilhoso da popular franquia de zumbis *The Walking Dead* transformada em comédia, como ele gostava de fazer; um conjunto de seis trailers, um após o outro, para cada parte da série. Ficavam cada vez mais engraçados, até você rolar de tanto rir, praticamente fazendo xixi nas calças. Imaginei que seria um ótimo aquecimento para meu filme.

Não havia dúvidas de que meu curta seria o evento principal. Nem mesmo era *meu*, por dizer. Todo mundo no Diazero tinha ajudado,

comentando os cortes e o ritmo e a dublagem e tudo mais. Não teria ficado tão bom se tivesse sido apenas meu. Estávamos todos nos esforçando para mostrá-lo ao mundo — depois de exibirmos, colocaríamos no ZeroKTube e em todos os outros sites de vídeos para fazê-lo circular.

Começamos a passar as noites no Cinema Esgoto, descarregando kits da Baleia Branca, montando as coisas com lanternas a pilha. Tínhamos um monte de baterias sobressalentes para elas, e ao fim de cada noite as levávamos de volta ao Diazero para recarregar. Eram as férias de meio de semestre de 26, e ela simplesmente contou aos pais que estava trabalhando em um grande projeto secreto comigo, e eles a deixaram em paz. Isso me deixou duplamente com inveja: primeiro, por ter pais tão compreensivos; segundo, por ter pais. Sempre que pensava nos meus pobres velhos em Bradford, parecia que tinha entrado areia em meus olhos e um balão estava sendo inflado atrás de meu coração, esmagando-o.

Mas eu ainda não conseguia ligar para eles. Primeiro, tive medo de que me mandassem voltar para casa, fizessem um escândalo. Depois, conforme mais tempo se passava sem que eu ligasse, percebi que estava envergonhado demais para ligar — envergonhado por ter deixado tanto tempo se passar. Eu não conseguiria me explicar para eles, não tinha como me desculpar por tê-los feito passar pela tortura. Mas, por outro lado, eu tinha sido sempre uma tortura para eles? Já não tinha custado tudo a eles com meu comportamento irresponsável? Eu era a maior vergonha da família e um vagabundo inútil — mas ali, no Diazero, eu era o poderoso Cecil B DeVil, com a namorada que arrasava, os vídeos brilhantes, os amigos excelentes e os grandiosos planos de transformar os esgotos de Londres em cinemas.

Ainda verificava o número descartável que dera a Cora, ligava para ele todos os dias ou a cada dois dias se as coisas estivessem muito atribuladas. Ela às vezes me deixava mensagens animadas que mal escondiam o sofrimento pelo qual estava passando. Uma ou duas vezes, combinamos

horários para que eu ligasse de volta e tivemos conversas breves que eram paródias leves das conversas de verdade que costumávamos ter nos velhos tempos.

Mas, no terceiro dia de preparações no Cinema Esgoto, recebi um tipo diferente de mensagem:

— Oi, Trent. Bem, espero que receba esta mensagem rápido. Muito rápido. Porque estou a caminho de Londres. Ha! Sim, estou. Tirei um ano sabático, como dizem. As coisas não estavam funcionando muito bem aqui em casa e, bem, eu não deveria precisar explicar isso a você, certo? De todas as pessoas, não é? Então. Bem. Devo chegar por volta de 21 horas. Seria ótimo se você me deixasse um número de verdade no qual eu pudesse falar com você. Você não pode ligar para meu número antigo. Depois desta ligação, vou jogar o SIM no lixo e comprar um novo. Sua irmãzinha não é burra, certo? Bem. Tudo bem. É isso. Hã. Amo você? Tudo bem. Amo você. Ligue para mim.

Eu estava respirando tão rápido àquela altura que cheguei a ficar tonto. Fiquei atrás da grade do J SMITH E FILHOS segurando o capacete com o colete dentro, apertando o telefone contra a cabeça, tentando não cair. Vinte e seis estava passando com um monte de cadeiras, mas parou quando me viu.

— Cec? O que foi?

Destravei o celular com as mãos trêmulas e verifiquei a hora: 23 horas. Cora estava perambulando pelas ruas de Londres fazia duas horas.

— Cora — falei, apertando o botão de rediscagem para ligar para o correio de voz, falando com o máximo de calma que consegui. — Cora, é Trent — falei, e olhei para a expressão de 26 quando disse meu verdadeiro nome na frente dela pela primeira vez. Era tanta coisa em que pensar que mal consegui dar conta. — Cora, sou eu. Este é meu número. Hã. — Tive um impulso de brigar com ela, dizer que era uma idiota e irresponsável e se por acaso ela sabia quantos problemas poderia arranjar em Londres, uma

garota como ela sozinha. Mas, mesmo em meu estado, eu sabia como seria hipócrita dizer essas coisas. Sabia que não suportaria se nossas posições fossem trocadas. — Ligue para mim, certo? Ligue logo.

Somente quando soltei o celular percebi que tinha lhe dado meu número de verdade, e isso significava que, se ela ainda estivesse em casa, ajudando meus pais a me encontrarem, eu estaria acabado.

— O que foi, Cecil? — perguntou 26 de novo.

— Minha irmã — respondi. — Ela está em Londres sozinha. — Afastei a grade até estar sentado sobre a calçada, as costas apoiadas na placa. — Sozinha — repeti, a voz perdida entre o barulho do trânsito do outro lado da grade. — Ai, meu Deus, Vinte, o que vou fazer?

A hora seguinte foi uma agonia. Fiz 26 voltar ao trabalho. Eu não conseguia — não podia arriscar estar lá embaixo no túnel quando Cora ligasse — e esperei pela ligação, lembrando-me de todos os tipos horripilantes em Victoria, quando desci do ônibus naquela primeira noite. Isso me fez perceber o quanto eu tinha sido cruel com meus pais. Isso me fez começar a chorar. Meus amigos passavam por mim carregando equipamentos, em silêncio, fingindo que não conseguiam me ver no escuro, segurando os soluços, as lágrimas pingando do rosto para a calçada.

Então o celular tocou.

— Cora? — falei, depois de apertar o botão.

— Oi, Trent — disse minha irmã. A voz parecia baixinha, assustada, uma camada fina de coragem e bravura estampada nela.

— Onde você está?

— Estou em um orelhão — respondeu Cora. — Perto da estação. A maioria dos telefones não estava funcionando ou estava em uso. — Ouvi trânsito atrás dela, uns garotos idiotas gritaram coisas sujas para Cora da janela do carro. Ela emitiu um chorinho baixo, reprimido.

— É seguro voltar para a estação? Seja sincera. Preciso saber.

— Sim — respondeu ela. — Acho que sim. É uma rua grande... Acho

que ninguém me incomodaria, com tanto trânsito passando.

Estava totalmente preparado para ligar para a polícia se ela dissesse que não, mesmo que significasse me entregar. Mas eu conhecia minha irmã. Se ela dizia que era seguro, era seguro.

— Volte para o ponto de táxi — falei. Victoria Station fazia conexão com o Gatwick Express, o trem para o aeroporto Gatwick, e havia uma fila enorme de centenas de táxis pretos a noite toda, e diversos guias direcionando os viajantes. Ela estaria mais segura ali do que em outro lugar. — Encontro você lá em 15 minutos. — Já tinha conseguido 30 libras com meus amigos para completar com as 15 que estavam em meu bolso. Seria o bastante para um táxi até lá e de volta, com muita sobra para contingências e circunstâncias imprevistas.

— É, tudo bem. Obrigada, Trent.

Engoli em seco.

— É para isso que servem os irmãos mais velhos, não é? — Desliguei o celular.

Beijei 26 com força e disse:

— Volto logo.

Fui para a rua, deixando para trás meu capacete e o colete, afastei-me alguns metros da Baleia Branca e estiquei o braço para o próximo táxi preto que passou. O motorista encostou ao meio-fio e me olhou desconfiado.

— Pode me levar à Victoria Station?

O motorista semicerrou os olhos para mim. Devia ter um milhão de anos, um verdadeiro motorista ancião de táxi preto de Londres, o tipo que parece uma árvore velha e retorcida que cresceu sobre o assento do táxi.

— É bandeira três após as 22 horas — disse o homem. — Você sabe disso, não, filho?

Senti um rompante de raiva daquele velho desgraçado, dificultando as coisas para mim quando eu estava tentando resgatar minha irmãzinha. Seis

meses antes, eu o teria xingado e chutado as rodas do táxi e o mandado ir embora, mas agora eu sabia que não podia me entregar à raiva.

— Senhor — falei e tirei o dinheiro do bolso e o balancei. — Eu tenho dinheiro. Acabo de receber uma ligação me informando que minha irmã mais nova fugiu de casa e apareceu em Victoria. Ela tem 15 anos, está sozinha e estou tentando chegar até ela o mais rápido possível. Pode me levar até lá?

Ele resmungou e semicerrou os olhos para mim, então apontou com o polegar por cima do ombro.

— Entre, amigo, vamos pegar essa sua irmã fujona, certo?

Saltei para dentro, ajustando-me no banco de trás, prendendo o cinto conforme o motorista partia para a rua, acelerando e transformando Londres em um borrão preto manchado com fios de luz branca pelos quais disparamos. A luz vermelha do intercomunicador estava acesa, e o motorista disse:

— É uma menina esperta, sua irmã? Tem a cabeça no lugar?

Ele olhava para mim pelo retrovisor.

— Muito mais esperta do que eu — respondi. — Mas é jovem demais para estar sozinha, e não sou nem um pouco responsável o bastante para cuidar dela.

Ele gargalhou, um som que pareceu uma série de tosses, e piscou um olho para mim do retrovisor.

— Você parece ser racional o bastante para saber que não é racional, o que é um truque muito bom. Vamos buscar essa jovenzinha com toda a pressa, então? Victoria não é lugar para uma criança estar sozinha depois que escurece. — Dito isso, ele forçou o motor e ajustou o câmbio, ultrapassou um ônibus noturno e me jogou contra o assento ruidoso.

Londres era um borrão antes — agora era um emaranhado de luzes e movimentos pelo qual eu passava tão rápido que não conseguia discernir nenhum detalhe, apenas impressões desconexas de iluminação e ação.

De súbito, ele reduziu a marcha e freou forte diante de um sinal vermelho, e vi que estávamos prestes a virar no ponto de táxi da Victoria Station. Apertei o botão do cinto de segurança com o dedão e catei o dinheiro no bolso. Ele viu as notas em minha mão pelo espelho retrovisor e disse:

— Não, não, fique com ele. Eu esperarei e o levarei de volta. Fechamos em 10 libras e essa será minha boa ação da noite, e não diga que eu nunca fiz nada por você.

Parei com o dinheiro na mão, tentando pensar em algo a dizer que expressaria minha gratidão, mas nenhuma palavra me vinha aos lábios.

— Obrigado. — Foi o melhor que consegui, mas o taxista pareceu entender, então manobrou para a direção contrária e puxou o freio, depois destrancou minha porta. Como um raio, eu saí procurando, uma chuva fria tornando tudo escorregadio e reluzente. Vasculhei ao longo da extensa fila do ponto de táxi duas vezes antes de vê-la, encolhida, o rosto para baixo, agachada atrás dos carrinhos de bagagem, os cabelos soltos sobre o rosto.

— Cora? — chamei.

Ela ergueu o rosto e, por um momento, eu estava encarando minha irmãzinha de novo — não a jovem mulher que ela havia se tornado, mas a menininha que costumava me seguir por todo canto, copiar tudo que eu fazia, me admirar e me procurar para obter aprovação. Quase caí no choro bem ali.

A expressão dela mudou um pouco e passei a ver a Cora que conhecia, a adolescente que era, de fato, muito mais inteligente do que eu jamais fui ou seria, linda e de língua afiada, que não precisava mesmo do irmão babaca. Mas ela precisava naquele momento, e abriu os braços e me deu um abraço tão forte que o fôlego saiu de dentro de mim. Cora tinha cheiro de casa, de Bradford, de nosso apartamento e da família que eu deixara para trás, e aquele cheiro foi um novo choque, tão grande quanto os

iniciais, e eu fiquei feliz por ela estar me abraçando tão forte, ou eu poderia ter caído de joelhos.

— Tenho um táxi. — Consegui dizer. — Vamos. — Peguei sua mochila, que pesava uma tonelada, e a coloquei no táxi, Cora segurando forte minha mão. Entramos, e os olhos dela estavam arregalados e encarando a luz embaçada da lâmpada no teto do táxi. Sentei-a no banco e abri um dos assentos dobráveis, para que pudéssemos ficar frente a frente.

O taxista olhou por cima do ombro, o rosto a centímetros do meu, separado pelo vidro, e abriu um sorriso torto para Cora.

— Você deve ser a mocinha, então — falou o homem. — Seu irmão aqui está desesperado por você estar por aí sozinha, sabia?

Meu estômago afundou. Falar algo assim para Cora com certeza a irritaria, faria com que se sentisse como se estivesse sendo tratada como criança, o que só tornaria minha tarefa autoimposta de mandá-la de volta para casa ainda mais difícil.

Mas ela não disparou contra o motorista. Em vez disso, até pareceu envergonhada, escondeu o rosto atrás da franja e disse:

— Achei que ele estivesse.

O motorista resmungou satisfeito.

— De volta ao lugar onde busquei você no Embankment, certo?

— É isso mesmo — falei. — Obrigado.

— Segure-se, patrão — disse o taxista e apertou o botão do intercomunicador, dando-nos privacidade conforme o táxi seguia para o trânsito, e fiquei feliz por ter colocado o cinto de segurança, ou acabaria sentado no colo de Cora.

Ela sorriu para mim, e eu sorri de volta.

— Bem-vinda a Londres, acho — falei.

Ela fez questão de olhar pelas janelas.

— Gostei do que fez com o lugar — falou Cora.

De alguma forma, conseguimos não falar sobre o fato de ela ter fugido de casa conforme disparávamos de volta a meus amigos. Parecia que Cora conhecia a cidade melhor do que eu, e gritou, animada, o nome de cada ponte conforme passávamos por elas (eu conhecia a Tower Bridge e a Millenium Bridge porque a primeira tinha umas torres iradas no meio e a segunda parecia ter sido construída de palitos de picolé futurísticos), e percebi que eu compartilhava da agitação de minha irmã. Algo a respeito de todo aquele aço e os arcos fantasiosos, acesos à noite, sobre a água negra que se movia, tudo como um prisma por entre as gotas de chuva que batiam nos vidros.

Saltamos perto da grade, eu dei as 10 libras ao taxista e passei mais cinco pela janela. Ele segurou minha mão quando lhe dei a nota de cinco e cumprimentou-a com um movimento firme e seco.

— Tome conta dessa sua irmã e de você, está ouvindo, jovem?

— Tomarei — respondi, e saiu como uma promessa.

Ele partiu com o carro, deixando Cora e eu de pé ao lado da grade, com a chuva caindo sobre nós.

— Trent?

— Sim.

— Por que estamos no meio desta calçada?

Eu já tinha pensado naquilo, meio que como um espetáculo. Encostei o dedo na lateral do nariz e guiei-a para trás da grade, abri a porta e indiquei que Cora entrasse, fechando-a atrás de nós, então ficamos sob a iluminação aconchegante da lanterna que havíamos deixado no canto do vestíbulo.

Ela inclinou a cabeça para mim.

— Trent, o que está acontecendo?

Encostei o dedo ao lado do nariz de novo, mas do outro lado, desta vez.

— Ah, tudo será revelado quando a hora chegar, minha cara. Vamos, agora.

Guiei Cora escada abaixo e falei:

— Vai querer tampar o nariz neste próximo trecho.

— Trent, que diabo é isto? — Ela parecia bem confusa, o que era bom. Pelo menos tinha perdido todo o medo e a timidez.

— Confie em mim, irmãzinha — disse eu. — Tudo será revelado em tempo.

— Pare de falar como Shakespeare e *explique-se* ou não dou mais um passo.

Mostrei a língua para ela.

— Ah, vamos, Cora, entre no jogo. É uma surpresa, está bem? Confie em mim.

— Tudo bem — respondeu ela. E me entregou a mochila, pesada como um cadáver. — Mas leve isto. Não vou carregá-la por aí enquanto você faz brincadeiras bobas.

Coloquei a mochila no ombro e soltei um grunhido.

— Está certa. Agora, o nariz, por favor. — Fechei o meu com o polegar e o indicador. Ela seguiu imediatamente. Abri a porta que levava ao cômodo antes da ponte. Mesmo com o nariz tapado, o cheiro era como algo físico, dava para sentir o *gosto* sempre que eu respirava pela boca. Definitivamente precisaríamos de máscaras descartáveis para o público. Tive a ideia de decorá-las com estampas animais, assim lideraríamos um exército enfileirado de tigres, zebras, cães e burros. Que divertido!

Esperei até que minha irmã estivesse bem atrás de mim antes de abrir a última porta que levava ao próprio esgoto. Ela se encolheu ao vê-lo, iluminado por lanternas espaçadas ao longo da ponte e em volta dos banheiros improvisados ao final.

— Trent... — começou Cora, mas fechou a boca. Não era agradável nem *falar* na presença de toda aquela nojeira.

— Venha — falei rapidamente, pegando a mão de Cora e guiando-a até a porta do outro lado, e atravessamos rapidamente de novo e saímos na

própria sala de exibição; soltei o nariz e respirei grandes quantidades de ar.

Meus coconspiradores estavam todos ocupados no cinema, depois de terem descarregado o equipamento daquela noite da van de Aziz. Estavam montando cadeiras, arrumando o bar e os coolers e os refrigerantes baratos e as bebidas destiladas que tínhamos comprado no atacado de uma espelunca barata perto do Diazero. Montavam os alto-falantes e esticavam os fios por dentro de ganchos presos bem alto no revestimento de tijolos, usando martelos pneumáticos que pegamos emprestado com Aziz.

Nós dois ficamos parados à porta, contemplando a maravilhosa industrialidade da cena, e, um por um, meus amigos pararam de trabalhar e abaixaram os olhos para nós.

— Todo mundo — falei, depois que estavam todos olhando com expectativa —, esta é minha irmã Cora. Cora, estes são os Jammie Dodgers.

— Como os biscoitos? — perguntou ela.

— Como os *deliciosos* biscoitos — respondi.

— Não exatamente — falou Jem. — Mais como uma conspiração criminosa.

— Ah — falou Cora. — Bem, então, tudo bem. — Dito isso, ela pegou uma cadeira da pilha que ainda não tinha sido separada ao lado da porta, bateu-a sobre os tijolos unidos do chão e afundou nela. — Alguém poderia explicar?

Vinte e seis serviu uma *shandy* — metade cerveja, metade limonada gasosa — em uma das canecas pequenas que resgatamos no Diazero e colocou-a nas mãos de Cora.

— Tire o casaco, querida, vai levar um tempo.

Vinte e Cora se deram bem de imediato e trabalharam juntas remendando as cadeiras que recolhemos, que estavam em um estado muito ruim. Vinte e seis tinha um amigo que lhe dera uma montanha de um composto de

polímero de cor forte chamado Sugru; era tirar da embalagem, misturar como massinha, pressionar contra as rachaduras da madeira ou os buracos no assento ou nos cantos lascados e deixar ali. Em 24 horas secava até virar algo duro como epóxi. Elas conversaram baixinho, e quando tentei ouvir peguei fragmentos da conversa e descobri que estavam falando pesadamente de política, soltando nomes de parlamentares como se fossem os diretores da escola.

— O que você sabe sobre os parlamentares? — perguntei a Cora.

Ela mostrou os dedos do meio para mim e fez uma careta.

— Tenho ido às audiências de nosso representante no Parlamento a cada duas semanas desde que você foi embora, garoto idiota. Praticamente morei lá nos dias que precederam a votação da Lei de Roubo de Propriedade Intelectual. Queria que ele soubesse que seus eleitores estavam perdendo os empregos, a educação e as famílias para leis estúpidas como aquela, e se não votasse contra acabaríamos presos.

Tentei manter o espanto afastado do rosto. Em minha mente, minha família congelara no tempo desde que eu tinha descido daquele ônibus, impossivelmente distante. Não conseguia acreditar que Cora e eu estivemos trabalhando na mesma campanha em duas cidades diferentes.

— Isso é incrível — falei. Percebi que estava explodindo de orgulho. Encontrei uma cadeira sem muitos defeitos e me sentei com elas. — Dá para acreditar na minha irmãzinha? — perguntei a 26.

Vinte e seis revirou os olhos.

— Dá, amigo. Ela sabe bastante das coisas. E tira notas boas, ao que parece.

— Sério? Achei que tinha dito que estava com problemas na escola.

Ela riu.

— Comecei a pegar livros da biblioteca e levá-los até as audiências do representante, estudei tudo na sala de espera dele. A princípio, só fiz isso para comprovar minha causa, mas, agora que a biblioteca só abre quatro

dias na semana, acabou sendo um ótimo lugar para isso. Quase ninguém mais vai lá. A recepcionista dele meio que me adotou e lhe passava um sermão sempre que ele tentava me fazer ir embora.

Lembrei do peso na mochila dela.

— Você não trouxe um monte de livros da biblioteca para Londres, trouxe?

Ela pareceu horrorizada.

— É claro que não. Isso seria roubo. Minha mochila está cheia de livros descartados... É espantoso ver as coisas de que eles estão se livrando. Não há verbas, sabe. Tirá-los das prateleiras é mais barato do que recolocá-los, então as coleções estão encolhendo cada vez mais. Sempre tem um babaca nas reuniões do conselho que diz "por que precisamos de bibliotecas se todo mundo tem internet?". Tenho vontade de sacudi-los pelos cabelos e gritar algo como "Todo mundo menos eu. E quanto a tudo que os bibliotecários ensinam sobre usar a internet?".

— Você vai às reuniões do conselho?

Ela revirou os olhos.

— Vinte e seis estava me contando sobre essa noite de cinema que você está planejando. Parece que será divertida. Mas o que espera alcançar com ela?

Senti minhas bochechas corarem.

— O que quer dizer? Vamos montar um show!

— É, entendi. Mas *por quê*?

A vermelhidão continuou subindo.

— Porque fiz um filme, está bem? E quero mostrá-lo. E de modo nenhum eu conseguiria mostrá-lo no mundo real, porque infringi todas as leis do mundo para fazer o filme. Isso significa que temos de encontrar um modo de contornar as coisas.

Cora assentiu.

— Tudo bem, está bem. Mas não seria melhor mudar as coisas para que

você não precisasse exibir seus filmes no esgoto?

Senti que estava sacudindo a cabeça, e minhas orelhas estavam queimando. É claro que ela só estava dizendo coisas nas quais eu pensava o tempo todo, tentando afastar para o fundo da consciência, para que pudesse continuar preparando o Cinema Esgoto para a noite de estreia. Ouvir Cora pronunciar as palavras proibidas em voz alta me fez querer enfiar os dedos nos ouvidos.

— Não se preocupe comigo — respondi, agitando as mãos. — Tenho planos. Planos grandes. E quanto a *você*, Cora? O que disse a mamãe e papai? Ligou para eles?

Agora era a vez dela de se encolher, como eu sabia que aconteceria. Era bom ver outra pessoa corar, para variar.

— Não disse nada a eles. Por que deveria? Você não contou. Simplesmente sumiu.

Uma coisa em relação a Cora: ela era inteligente. O bastante para fazer eu me encolher mais um pouco, de toda forma.

— Não estamos falando de mim, Cora, estamos falando de você.

Vinte escolheu aquele momento para se intrometer:

— Cecil, sua irmã está certa. Você fugiu sem nem conversar com seus pais... Não tem autoridade para brigar com ela por ter feito o mesmo.

Cora assentiu, satisfeita.

— Obrigada — disse ela. — Então, cale a boca, *Cecil*. — Certa vez eu disse a Cora por telefone que estava sendo chamado de Cecil B DeVil, para que ela soubesse como procurar por meus vídeos. Ela me disse que era um nome hilário e que eu era deprimente (?) por usá-lo.

Vinte virou-se para Cora.

— No entanto — disse ela, sem perder a deixa — *eu* tenho autoridade para brigar com você por fazer isso. O que estou prestes a fazer.

O sorriso de Cora desapareceu.

— Quem é você para...

Vinte apenas continuou falando.

— Ouvi muitas coisas sobre seus pais e, por tudo que ouvi, eles são basicamente legais. Não têm muito dinheiro, talvez sejam um pouco esquentados, mas amam demais você, não amam?

— E daí? — Cora cruzou os braços.

— Então você deve a eles mais do que isso. — Ela estendeu uma das mãos. — E *ele* também. Mas você deveria ser a inteligente. Seus pais devem estar mortos de preocupação, a esta altura. Então, a primeira coisa que quero que faça é ligar para eles e dizer que encontrou seu irmão, que terá um bom teto sobre sua cabeça esta noite e que entrará em contato com eles enquanto pensa no que vai fazer a seguir. Pegue um número de telefone como o que Cecil tem usado e deixe-os gravarem mensagens lá. Está bem?

Cora descruzou e cruzou os braços.

— Ouça, eu acabei de conhecer você. Não tem o direito de me dizer o que fazer ou o que não...

Vinte e seis assentiu vigorosamente.

— Está certa. Por favor, considere todo o material anterior como uma forte sugestão, não uma exigência. Melhor?

Aquilo fez com que nós dois ríssemos.

— Certo — falou Cora. — Tudo bem, você está certa. Ligarei para eles assim que conseguir entrar na internet e deixarei um correio de voz com um número para entrarem em contato. — Ela esfregou os olhos. — Nossa, o que eles me dirão? Ficarão furiosos.

— Só piora quanto mais você espera — falei. — Acredite em mim.

Quando finalmente acordei no dia seguinte, 26 já tinha ido embora, e Cora também. Jem estava na cozinha fazendo café e disse, vagamente, algo sobre as duas saírem para resolver alguma coisa. Desisti de tirar mais informações dele: quando Jem estava fazendo café, você poderia estourar uma bomba ao lado que não o distrairia. O garoto tinha três cadernos de

"histórias de campo" escritas à mão com os experimentos para extrair a dose perfeita de *espresso* e andava brincando com as panelas sobre o fogão havia meses, consumindo vorazmente murais de debates sobre "crema" e "óleos amargos" e temperaturas ideais.

Jem colocara na cabeça a ideia de que precisava aquecer o fundo da panela de baixo até que uma quantidade suficiente de café tivesse subido para a panela de cima, então precisava esfriar o líquido instantaneamente. Os primeiros experimentos tinham envolvido mergulhar a panela em uma tigela de água gelada, mas a panela se partira em dois pedaços com um ruído que pareceu uma bala de canhão. Por sorte, as lojas de caridade estavam *cheias* daquelas coisas. Jem tinha uma prateleira delas, junto com uma montanha cheia de panelas e frigideiras de ferro enferrujadas que ele estava, aos poucos, restaurando, lixando-as com uma lixa em formato de disco presa à furadeira, depois besuntando-as e esquentando-as no forno alto.

Caminhei de um lado para outro no pub e ajudei a provar o café de Jem até que as garotas voltaram, entrando como uma brisa pela porta dos fundos, em um rompante de gargalhadas. Elas apoiaram sacolas pesadas sobre a mesa e se jogaram no sofá, parecendo indecentemente satisfeitas consigo mesmas.

— E vocês estavam...? — perguntei, olhando-as de cima para baixo. Estava agitado pela cafeína da assistência experimental que eu estava prestando, e aquilo me deixava em um humor intenso.

— Estávamos na porcaria da biblioteca, não é? — disse Cora. Parecia boba de felicidade.

— Bem, isso certamente deixa você com um ótimo humor, não é? Estava olhando os livros sujos?

Cora me mostrou o dedo.

— Ah, tu, de pouca fé — disse ela. — Estava pensando no seu grande projeto e em como fazê-lo se elevar a uma grandeza verdadeiramente épica.

E temos parte da solução. Mostre a ele — disse ela, gesticulando para 26.

Vinte e seis vasculhou as sacolas — que estavam estufadas de livros — e tirou de dentro uma brochura pequena e surrada.

— *Beneath the City Streets*, sob as ruas da cidade — disse 26 e fungou. — Quarta edição. Publicada em 1983. Escrita por um tal de Peter Laurie, um jornalista investigativo do século passado que tinha um interesse especial por bunkers nucleares, abrigos antibombas, túneis subterrâneos e afins. Ele catou todos esses mapas velhos e pedidos de compra e coisas assim e caminhou pelas ruas de Londres procurando edifícios suspeitos e espaços verdes grandes, fechados por misteriosas portas de segurança de ferro quebradas. Então os leitores mandaram todo tipo de correções e pistas que ele seguiu para fazer novas edições, até a quarta. Há muito debate na internet sobre isso, é claro, mas tem uns mapas ótimos, está vendo, lugares onde construíram as estações de metrô que nunca foram usadas ou fecharam estações e as abandonaram. Basicamente, há toda uma cidade sob Londres, não apenas alguns esgotos velhos.

Eu conseguia sentir a animação delas e folheei o livro, sentindo o papel velho e amarelado e os cantos da capa, macios como pelo de camundongo por décadas de manuseio.

— Bem — falei. — Bem. Isso com certeza é muito interessante, mas e daí? Na noite passada você estava me contando que não importava porque não faria diferença, certo?

— *Um* filme não fará diferença — falou Cora. — Mas e quanto a centenas de filmes? E quanto a filmes por todo o país? Por todo o mundo? Sabe que não é o único fazendo filmes ilegais, há gente bastante na internet para exibições inéditas toda noite para sempre. Mas em murais de mensagens e no ZeroKTube ninguém parece ficar muito animado com o fato de que aquilo que eles amam é ilegal, que seus amigos vão para a cadeia por fazerem arte. Imagino que, a partir de um teclado, tudo isso pareça algo imaginário e muito distante.

Vinte e seis ficou de pé e assentiu com vigor.

— É como se tivessem vergonha disso, viram todos aqueles anúncios lhes dizendo que download é roubo, que editar não é criar. Eles acham que vão se safar de algo e, quando um monte de corporações bilionárias compra o governo e começa a trancafiar os amigos deles, simplesmente dão de ombros e tentam se tornar o mais discretos possível, para evitar que sejam notados.

Cora pegou o *Beneath the Streets* da minha mão e o sacudiu como um pastor com a *Bíblia*.

— Consiga que as pessoas apareçam às centenas e aos milhares, diga a elas que precisam trabalhar juntas para fazer diferença, consiga que elas se recusem a sentir vergonha de fazer e de amar a arte. Mostre a elas que deveriam sentir *orgulho* dessas coisas. Não podem prender todos nós.

Meu coração estava batendo no peito. Era uma visão incrível — filmes sendo exibidos abertamente por todo o país, levando a glória da internet para o mundo real.

Mas Jem estava à porta da cozinha, tremendo com a cafeína, parecendo ranzinza. Esperou até o encararmos e falou:

— Vamos lá, por favor? Vocês não estão dando um golpe revolucionário, crianças... Estão apenas exibindo uns filmes em um esgoto. É uma ótima diversão e tudo mais, mas não vamos enlouquecer aqui, certo?

Todos o encaramos.

— Jem — falei. Não sabia por onde começar. — Jem, amigo, como pode dizer isso? O que eles estão fazendo é tão *errado*...

Ele riu com escárnio.

— É claro que é errado. E daí? Tem muita coisa errada lá fora. O que vocês estão fazendo poderia levar vocês para a cadeia. Lá é muito errado, acreditem em mim. — Ele apontou para a cicatriz sob os olhos. — Rezem para que nunca tenham de descobrir o quanto é errado. O que estamos

fazendo é uma travessura. Adoro travessuras, sou muito a favor. Mas não confundam uma travessura com uma causa. Toda essa conversa inflada sobre "criatividade" leva vocês aonde? Estão roubando coisas de outras pessoas e chamando de suas. Não tenho problema nenhum com isso, mas pelo menos chamo pelo nome certo: roubo, bom e honesto.

Algo explodiu dentro de mim. Fiquei de pé e apontei para ele.

— Jem, cara, você não sabe do que está falando, amigo. Pode saber mais sobre a cadeia do que eu, mas não faz ideia quando se trata de criatividade. — Aquilo era algo em que eu pensava muito. Algo com que me importava. Não podia acreditar que meu velho amigo e mentor não entendia, mas eu explicaria a ele, arrancaria aquele sorriso de cima de toda sua presunção. — Olhe, vamos pensar no que é criatividade, certo?

Jem riu com desdém.

— Isso pode levar alguns meses — falou.

— Não — repliquei. — Não, só leva esse tempo todo porque tem muita gente que gostaria de inventar uma definição para criatividade que inclui tudo o que eles fazem e nada do que os outros fazem. Mas, se formos sinceros, é fácil definir criatividade: é fazer algo que não é óbvio.

Todos estavam me olhando. Ergui o queixo.

— É só isso? — falou Jem. — Isso é criatividade? "Fazer algo que não é óbvio"? Você tomou café demais, amigo. Essa é a coisa mais idiota que já ouvi.

Sacudi a cabeça.

— Só porque você não pensou nem um pouco a respeito. O filme que acabo de fazer com Cão Raivoso, por exemplo. Todas aquelas cenas de Seth Watson, dezenas de filmes, e todas aquelas cenas de monstros, de mais outras dezenas. Se eu entregasse a você qualquer um desses filmes, não há nada óbvio neles que diga: "Você poderia combinar isto de um modo perfeito com todos aqueles outros filmes e fazer um novo." Essa ideia veio de mim. Eu a criei. Não estava parada, esperando ser escolhida,

como um monte de pedrinhas na praia. Era algo que não existia até que eu fiz, e provavelmente jamais teria existido a não ser que eu fizesse. Isto é o que "criar" significa: fazer algo novo.

Jem abriu a boca, mas a fechou. Estava com um olhar pensativo. Vinte e seis estava rindo para mim. Cora me olhava com aquela adoração de irmão mais velho que eu não vislumbrava havia anos e anos. Senti-me com 30 metros de altura.

Por fim, Jem assentiu.

— Certo, tudo bem. Mas tudo isso significa que há muitos *tipos* diferentes de criatividade. Olhe, eu gosto do seu filme, mas você precisa admitir que há uma diferença entre fazer um filme com os filmes de outras pessoas e sair com uma câmera para fazer seu próprio filme.

Senti minha cabeça querendo acenar que não assim que Jem começou a falar, mas me impedi e me obriguei a esperar que ele terminasse.

— Claro, é diferente... mas, quando você diz "fazer seu próprio filme", quer mesmo dizer que o modo como eu faço filmes é menos criativo, que não são meus, certo? — perguntei.

Ele abaixou o rosto.

— Eu não disse isso, mas, sim, tudo bem, é o que eu penso.

— Entendo — respondi, obrigando-me a ficar calmo, ainda que ele estivesse dizendo aquilo que eu mesmo temia. — Mas veja desta forma. Houve um tempo em que não havia filmes, certo? Então alguém inventou o filme. *Ele* foi criativo, certo? De certa forma, todo filme que foi feito desde então não foi *criativo* de verdade, porque as pessoas que os fizeram não inventaram os filmes ao mesmo tempo.

Jem fez que não com a cabeça.

— Você está jogando com as palavras. Inventar o filme não é igual a fazer filmes.

— Mas alguém fez o primeiro filme. E depois alguém fez o primeiro filme com duas câmeras. O primeiro filme que foi editado. O primeiro

filme que tinha som. O primeiro filme em cores. A primeira comédia. O primeiro filme de monstro. O primeiro filme pornô. O primeiro filme com um final surpreendente. Jem, os filmes só têm cerca de 100 anos. Há pessoas vivas atualmente que são mais velhas do que qualquer dessas ideias. Não é como se fossem invenções arcaicas... Não são o fogo ou a roda. Foram criados por pessoas cujos nomes sabemos.

— Você não sabe os nomes delas — falou Jem, sorrindo. Dava para ver que eu o estava atingindo.

Cora gargalhou satisfeita.

— Trent não sabe nada a não ser que consiga colocar no Google. Mas *eu* sei. O romance foi inventado por Cervantes há 500 anos: *Dom Quixote*. E as histórias de detetive foram inventadas por Poe em 1844: *A carta roubada*. Um cara chamado Hugo Gernsback inventou a ficção científica, mas ele a chamou de cientificção.

Assenti para Cora e falei:

— Obrigado...

Mas ela me interrompeu.

— Só tem um problema, Trent: o romance *também* foi inventado por Murasaki Shikibu, do outro lado do mundo, centenas de anos antes. Mary Shelley escreveu ficção científica muito antes de Hugo Gernsback: *Frankenstein* foi escrito em 1817. E por aí vai. A filmadora teve cerca de cinco inventores diferentes, todos trabalhando por conta própria. O problema com sua teoria é que esses criadores estão criando algo que sai da cabeça deles e não existe em lugar nenhum, mas, repetidas vezes, ao longo da história, muitas coisas são inventadas por muita gente, e de novo e de novo. É mais como se houvesse ideias pelo universo, esperando para serem descobertas, e, se alguém não consegue tornar a ideia popular, outra pessoa conseguirá. Então, quando você diz que, se não criar algo, ninguém criará, bem, provavelmente não está certo.

— Espere, o quê? Isso é besteira. Quando faço um filme, sai da minha

imaginação. Ninguém mais vai pensar as mesmas coisas que eu.

— Agora você está falando como eu — falou Jem e esfregou as mãos.

Cora deu um tapinha na minha mão.

— Está tudo bem, é como você disse. Todo mundo quer uma definição de criatividade que torne o que eles fazem algo especial e o que todo mundo faz, nada especial. Mas a questão é que somos *todos* criativos. Criamos ideias esquisitas e interessantes o tempo todo. A maior diferença entre os "criadores" não é a imaginação deles... é o quanto se esforçam. É fácil ter ideias. Fazer as coisas é difícil. Deve haver um milhão de palhaços lá fora que amam os filmes de Seth Watson, mas nenhum deles consegue levantar a bunda e fazer algo fantástico com os filmes como você faz. A questão é que a criatividade é barata, o trabalho árduo é caro, e todo mundo quer achar que ideias são flocos de neve preciosos e únicos, mas ideias são como cu, todos temos um.

Sentei-me. Vinte e seis me deu um abraço.

— Ela está certa, sabe.

Fiz um ruído grosseiro.

— É claro que está certa. É o cérebro da família, não é?

Cora fez uma reverência, e Jem bateu palmas uma ou duas vezes.

— Bem, isso foi revigorante. Quem quer café?

Cora ligou para mamãe e papai no fim daquela tarde, fechando-se no meu quarto pelo que pareceu uma eternidade. Vinte e seis e eu nos divertimos colocando no Google os locais mencionados no *Beneath the City Streets*, verificando imagens de satélite e das ruas, assim como relatórios de infiltração dos intrépidos infiltradores urbanos. Não havia qualquer informação sobre o número surpreendente de estações de metrô profundas e abandonadas, o que era uma boa notícia — se ninguém estava descendo até lá, talvez *nós* pudéssemos. Cão Raivoso e Chester surgiram em algum momento e exigiram saber o que estávamos fazendo com a pilha de livros

da biblioteca e também se animaram e começaram a buscar no Google conosco. Havíamos combinado de levar a Baleia Branca até o Cinema Esgoto às 21 horas, depois que o tráfego de pedestres tivesse basicamente desaparecido, e eles sugeriram que visitássemos alguns dos lugares mais promissores antes, só para verificarmos pessoalmente.

Estávamos todos tão absortos que nem percebemos quando Cora desceu as escadas e se sentou no sofá. Ergui o rosto e a vi sentada ali, os olhos tristes e vermelhos. Cutuquei 26 — ela passara o dia todo mandando por e-mail os deveres de casa para os professores, para que não fosse denunciada aos pais pela falta. Ela olhou para Cora por um momento e me cutucou nas costelas.

— Vá falar com ela — sussurrou 26.

Levantei-me e estendi a mão para Cora. A dela estava suada e fria. Ajudei-a a se levantar.

— Vamos caminhar, está bem?

Ela me deixou levá-la até o último andar, pela porta de incêndio, e descemos as escadas dos fundos. Demos a volta no Diazero e atravessamos o estacionamento vazio, na direção da rua principal de Bow.

— Como foi, então? — perguntei, finalmente.

Vi pela visão periférica que Cora sacudia a cabeça.

— Eles estão furiosos — disse ela. — Acham que você me atraiu para fora. Acham que você é um viciado em drogas, ou se prostitui, ou algo assim.

Senti como se tivesse levado um soco no peito. Percebi que estava amassando a camiseta com o punho. Quando não respondi, Cora continuou.

— Eu disse a eles que estavam sendo idiotas, que você tem um lugar para morar e que está fazendo coisas boas, mas eles não quiseram ouvir. Até onde sabem, só há um motivo pelo qual você os cortou da sua vida: é porque tem vergonha do que está fazendo aqui. E agora acham que eu vou

acabar vendendo meu corpo ou algo maluco.

Mexi a boca como se mastigasse ar, tentando encontrar as palavras. Disparei-as.

— Tudo bem, o fato é que *tenho* vergonha de ligar para eles. Estou vivendo em uma ocupação, comendo lixo, pedindo dinheiro na rua. Mas não é como eles pensam. Estou fazendo algo com que me importo. Não sei, talvez devêssemos cobrar entrada para os filmes, ou eu deveria pedir doações pelos meus vídeos online ou algo assim.

Cora deu de ombros.

— Quer saber? Acho que o que quer que você esteja fazendo aqui não é nem de longe tão assustador quanto mamãe e papai presumem que é. O silêncio é pior do que qualquer outra coisa. Você estava certo quanto a isso... Agora que liguei para eles, não estão mais tão desesperados comigo.

— Não fui eu que falei para você ligar para eles, foi 26.

— É, bem, ela é muito mais inteligente do que você — falou Cora. — Gosto dela.

— Eu também — falei.

Caminhamos mais um pouco, passamos por fachadas de lojas cobertas com tapumes, lanchonetes de kebab, cafés anunciando refeições baratas. Um deles tinha uma televisão na janela, e algo na tela chamou minha atenção. Era uma cena de *Juramento de sangue de D'Artagnan*, o filme que eu conhecia até o último quadro. Mas não era o filme como estava sendo exibido nos cinemas.

Era uma cena da minha edição: a enorme e estúpida cena de luta com espada de D'Artagnan refeita como se fosse um grande número de dança de Bollywood, por meio do uso adequado de loops e cortes para *Rei-Sol!*, um filme de Bollywood ambientado na França antiga que eu havia encontrado. E estava sendo exibido atrás de um âncora da emissora Sky, que depois foi cortado para dar lugar a um velho desgraçado de expressão séria, vestindo terno, que estava falando muito rápido e com muita raiva.

Um momento depois, uma legenda apareceu abaixo dele: “Sam Brass, da Motion Picture Association (RU).”

Tínhamos finalmente chegado aos noticiários.

Conforme corríamos para o Diazero, Cora continuou falando sobre a conversa que tivera com nossos pais.

— Eu simplesmente não conseguia mais aguentar. Estavam sempre em um estado de pânico... Sem dinheiro, em cima de mim por causa das notas, preocupados com meus resultados no exame SAT, exigindo saber onde eu estava o tempo todo. Desde que você foi embora, eles ficaram todos paranoicos, convencidos de que eu estava armando alguma coisa horrível. E o fato de eu ter de passar bastante tempo fora de casa para fazer o dever de casa só piorou as coisas. Eu simplesmente não conseguia aguentar, sabe?

Por mais que aquilo me fizesse sentir arrasado, também me sentia extasiado, animado. Aquele trechinho da SkyTV tinha me erguido às nuvens. Depois que a incursão em Leicester Square não deu em nada, fiquei destruído. Trabalhar no Cinema Esgoto tinha sido uma distração bem-vinda, mas não tinha de fato amenizado a sensação horrível de que nada que eu fizesse importava de verdade. Naquele momento, eu ousava ter esperanças de que poderia fazer diferença.

Corremos escada acima e descemos até o salão do pub. Peguei o laptop e comecei a procurar no Google.

— O que é? — exigiu saber 26.

Sacudi a cabeça e continuei buscando, depois mostrei o monitor a ela. Era o mesmo âncora anunciando que nossos filmezinhos tinham se tornado virais. As edições estavam sendo baixadas rapidamente, por todos os cantos do mundo, junto com nossa mensagem:

COMPRAR ENTRADAS DE CINEMA APENAS OS ENCORAJA. CADA CENTAVO QUE VOCÊ GASTA É USADO PARA COMPRAR

MAIS DAS PORCARIAS DE LEIS DE DIREITOS AUTORAIS. SEUS FILHOS ESTÃO SENDO PRESOS PARA PROTEGER LIXO COMO ESTE.

Aquilo parecia ter arrepiado os pelos do Sr. Motion Picture Association, um americano que parecia residir em Londres, ou talvez Bruxelas. Ele nos xingava de todos os nomes possíveis: terroristas, ladrões, piratas, depois comparava o que tínhamos feito a assassinato, estupro e pedofilia. Quando ele terminou, estávamos todos sorrindo como idiotas.

— Bem, antes tarde do que nunca — falou Jem. — Viu a veia pulsante na testa dele? O pobre desgraçado vai ter um aneurisma se não tomar cuidado. Precisa fazer tai chi ou algo assim. Você deveria mandar uma carta para ele, Cecil.

Gargalhamos ruidosamente, como um galinheiro cheio — então Jem começou a enrolar alguns dos baseados gigantes que fazia, e as gargalhadas ficaram ainda mais parecidas com o cacarejo de galinhas. Ficar chapado com minha irmãzinha foi estranho e desconfortável a princípio — eu vacilava entre sentir vergonha por estar fumando na frente dela e querer brigar com Cora por aceitar quando o baseado chegava a suas mãos. Mas, depois de algumas tragadas, estávamos todos doidões demais para nos importar, e muito pouco aconteceu durante umas duas horas enquanto nos movíamos em câmera lenta. Quando comecei a ficar sóbrio, pensei comigo mesmo (pela milionésima vez) que fumar maconha sempre consumia muito mais do meu tempo do que eu planejava.

Acabou que nos atrasamos demais para fazer o reconhecimento das estações de metrô fantasma que planejávamos visitar e corremos para a cidade na Baleia Branca para terminar o Cinema Esgoto. Nossa grande inauguração seria em apenas dois dias, e todos reconhecemos que, com a publicidade dos babacas revoltados da indústria cinematográfica, a casa ficaria cheia.

Capítulo 6

A guerra esquenta/Surpresa do proprietário/Bis

A noite de estreia chegou antes que nos déssemos conta. Até o momento em que abrimos o cinema, eu estava convencido de que não conseguiríamos. A amada Baleia Branca de Aziz se fora no dia anterior, deixando-nos sem transporte para o final dos equipamentos. Em vez disso, carregamos cargas enormes de porcaria até o cinema em ônibus, usando sacos de lixo pretos gigantes e despertando olhares de nojo dos outros passageiros. Sem a Baleia Branca, não conseguíamos montar a grade de obra temporária e não tínhamos o disfarce dos coletes refletores nem dos capacetes, então simplesmente corríamos para atravessar a porta e esperávamos que ninguém percebesse. Conseguimos dar um jeito, embora ninguém saísse de novo até o meio da madrugada.

Mas Aziz conseguiu peças de transmissão novas para a van — no fim das contas, ele tinha mais duas vans exatamente como aquela, mas paradas, e canibalizou-as em busca de peças, recrutando todos nós como mão de obra não qualificada. Assim, conseguimos transportar o público até a entrada do Cinema Esgoto em grupos de 12, buscando-os em pontos de encontro pré-combinados por toda a cidade e enfiando-os atrás da van (colocamos papéis sobre as janelas para que ninguém pudesse ver para

onde estávamos indo), estacionamos bem ao lado da grade e enxotamos as pessoas vestidas com os coletes refletores e os capacetes, que depois tirávamos e colocávamos de volta na van para serem usados pelos próximos passageiros.

Deixei Jem encarregado de receber as pessoas conforme enchíamos o lugar. A maioria dos espectadores se conhecia de festas do Pêssego Confuso ou de outros eventos sociais, mas pedimos que nossos amigos espalhassem para seus amigos e amigos dos amigos e recebemos um monte de confirmações nos últimos minutos. A banda The Honey Roasted Landlords tocou três sets de músicas, Chester e Cão serviam no bar — colocamos uma caneca de doações para cobrir a bebida que tínhamos levado, e muita gente apareceu com garrafas de uma coisa ou outra, que iam para o cooler comunal — Cora e Vinte e seis certificavam-se de que ninguém cairia no esgoto aberto.

Aziz e eu deixamos o último grupo às 23 horas, quatro horas depois de termos começado, exaustos, mas sorrindo como idiotas. Aziz surgiu com dois smokings mofados e amassados que ele desenterrara de uma de suas caixas, e trocamos de roupa. O meu ficou grande demais, mas enrolei as mangas e puxei as calças para cima, vesti o colete refletor e o capacete e desci para a festa mais barulhenta, animada, ridícula e extraordinária que eu já tinha visto.

Quando observei tudo da porta, o nervoso tomou meu estômago, mastigando minhas entranhas. O smoking era excessivamente exagerado, eu parecia um idiota, meu filme era estúpido, todos odiariam a ele e a mim, eu tinha arrastado todo mundo para um esgoto...

Eu sabia que precisava pegar o microfone e começar a falar *naquele momento* ou jamais falaria. E foi o que fiz.

— Hã, oi? — falei, tirando o microfone da vocalista suada e exausta dos Landlords. — Oi? — Ninguém pareceu reparar minha voz amplificada acima do limite dos gritos de conversa.

Jem tirou o microfone de mim e o direcionou para o amplificador mais próximo. Imediatamente, ouviu-se o guincho esganiçado de retorno que chacoalhou meus dentes. Toda a conversa cessou instantaneamente quando as pessoas gritaram e taparam os ouvidos com as mãos. Jem me devolveu o microfone e disse:

— De nada.

— Obrigado — falei, a voz amplificada no silêncio repentino. Eu tinha todo um discurso bonito preparado, agradecendo as pessoas por terem ido e apresentando nosso projeto e tal, mas não consegui pensar em nada daquilo no momento. Todos aqueles rostos na minha direção, todos aqueles olhos me encarando. Os sussurros.

— Hã — falei. — Meu nome é Cecil B DeVil. Meus amigos e eu fizemos uns filmes. Vamos assisti-los, está bem?

É claro que 26 não estava esperando aquilo, então não estava pronta, e as luzes permaneceram acesas e nenhum filme passou na tela. Todos estavam me encarando. Alguém deu uma risada.

— Bem — falei. — Bem. Hã, enquanto esperamos, hã. — Procurei algo para dizer. Então, as palavras vieram. — Conhecem o RPI, certo? Roubo de Propriedade Intelectual? — As pessoas vaiaram com boas intenções. Meu coração acelerou, e as pontas dos meus dedos estavam formigando. — O negócio é que... — As palavras estavam bem ali, na ponta da língua. Os rostos me encaravam. Sorrindo, assentindo, querendo ouvir o que eu tinha a dizer. Vinte estava franzindo a testa para o monitor, tentando fazer o projetor funcionar.

— Fugi de casa faz um ano, quando cortaram o acesso de minha família à internet porque eu não parava de fazer downloads. Eu não *conseguia* parar de fazer downloads. Sei que parece idiota, mas eu estava fazendo filmes e, para fazer filmes, precisava baixar filmes. Não uso uma câmera. Uso outros filmes e software de edição. Mas acho que meus filmes são bons. — Engoli em seco. — Esqueçam isso. Não me importo se meus

filmes são bons ou não. Eles são *meus*. Eles dizem algo que quero e preciso dizer. E não faço mal a ninguém quando digo. Eles dizem que nosso país é livre, e em um país livre você deveria poder dizer o que está no seu coração, mesmo que tenha de usar as palavras de outras pessoas para dizê-lo. — As palavras saíam aos tropeços agora. — *Todos* usamos as palavras de outras pessoas! Não inventamos o inglês, nós o herdamos! Todas as cenas já feitas foram feitas antes. Todos os diálogos jamais escritos foram inspirados nos diálogos de outras pessoas. Eu faço novas palavras com eles, minhas palavras, mas elas não são bem minhas, não do modo como minhas cuecas são minhas! Elas são minhas, mas são de vocês para que possam transformá-las em suas palavras também!

"Então, cortaram a internet da minha família, e minha mãe não podia mais se registrar para receber a pensão, e meu pai não podia mais trabalhar como operador de atendimento telefônico, e minha irmã... — Um nó surgiu em minha garganta quando olhei para Cora. Engoli em seco e virei o rosto, mas minha voz estava falhando agora. — Minha irmãzinha não podia mais fazer os trabalhos da escola. Isso destruiu minha família. Não falo com meus pais há um ano. Eu... — Engoli em seco de novo. — Eu sinto saudades deles.

Precisei parar e engolir diversas vezes. O salão estava em silêncio mortal, todos os rostos em mim, solenes.

— Agora aprovaram essa nova lei, e garotos como eu vão para a cadeia por criarem coisas de um modo de que as grandes companhias midiáticas não gostam. Eles aprovaram essa lei mesmo que ninguém quisesse, mesmo que vá destruir mais famílias.

"Isso precisa parar. *Precisa parar*. Temos de parar de ter vergonha de fazer downloads. Temos de parar de deixá-los nos chamarem de ladrões e degenerados. O que fazemos é criativo e tem tanto direito de existir quanto o *Juramento de sangue de D'Artagnan*! — As pessoas riram. — Então, vamos fazer isso. Meus amigos e eu fizemos esses filmes. Alguns de vocês

fazem filmes. Alguns de vocês têm filmes dentro de si, esperando para sair. *Apenas façam*! Desafiem a lei, desafiem os *bullies* corporativistas. Eles não podem colocar todos nós na cadeia. Vamos contar a eles o que fazemos, ir a público com isso. Está na hora de pararmos de nos esconder e cuspir bem no meio dos olhos deles.

Os projetores ganharam vida, e uma luz ofuscante me acertou no rosto. Vinte e seis estava pronta para exibir os filmes. Cobri os olhos e olhei para os rostos atrás dos pontinhos de luz agitados que passavam por meus olhos cegos.

— Tudo bem — falei. — Parece que estamos prontos. Espero que gostem de nossos filmes. Obrigado por virem.

Os aplausos foram tão altos dentro da câmara de tijolos que meus ouvidos começaram a apitar, e quando saí do palco as pessoas começaram a apertar minha mão e me abraçar, estranhos e amigos, rostos que eu não conseguia distinguir por trás das lágrimas que não paravam de descer dos meus olhos. Finalmente, estava abraçado a Cora e Cora abraçada a mim, e nós dois chorávamos como não fazíamos desde crianças.

Atrás de nós, o filme havia começado, e secamos os olhos e assistimos, assistimos ao público que assistia aos filmes, gargalhando, perdendo o fôlego, cutucando uns aos outros e sussurrando. Acho que nunca me senti tão orgulhoso na vida. Aquilo me inflou como se tivesse um balão no peito, e o sorriso grande e idiota no meu rosto estava tão largo que fazia minhas bochechas doerem, mas não conseguia impedi-lo.

Nosso truque em Leicester Square levara semanas para ser percebido pelo resto do mundo. Mas o Cinema Esgoto foi um sucesso instantâneo. Pelo visto, havia repórteres da *Time Out* e do *Guardian* na plateia, e estávamos na página principal dos dois sites na manhã seguinte — inclusive uma foto de close do meu rosto. Dezenas de críticas de nossos filmes surgiram, a maioria bem lisonjeira (embora algumas pessoas tenham odiado, mas

mesmo essas pessoas os levavam a sério o suficiente para escrever críticas longas sobre por que eram lixo, e percebi que até essas me deixavam orgulhoso).

O *Guardian* mencionou que o vídeo todo estava disponível para download no ZeroKTube, e os comentários na página do download se encheram com centenas de mensagens de todo o mundo, às vezes com links para outras edições das mesmas filmagens que outras pessoas haviam feito, pelo visto, da noite para o dia. Apenas algumas horas antes, eu estava me sentindo sozinho no mundo, um garoto idiota travando uma guerra idiota. Agora, eu me sentia como se fosse parte de todo um *mundo* de pessoas que sabiam o que eu sabia, sentiam-se como eu me sentia. Era a melhor sensação do mundo.

Todos no Diazero estavam com um humor ótimo. Jem nos fez um café que foi a coisa mais forte e mais deliciosa que já tinha saído daquela cozinha até então. Chester e Cão Raivoso anunciaram que fariam o café da manhã e desapareceram na cozinha. Fui atrás deles e me puseram para trabalhar como *sous-chef*, picando isso, mexendo aquilo, procurando receitas no Google e limpando panelas e vasculhando nossa despensa por ingredientes.

Levamos o café da manhã sob uma salva de palmas, que se intensificou quando Chester anunciou cada prato: mingau de trigo-sarraceno feito ao leite com cassis e mel; cogumelos grelhados com aneto; bolinhos amanteigados com geleia de framboesa, tiras de bacon e linguiça de javali, e mais. Era tudo tesouro de diversas caçambas pela cidade. Chester revelara ter uma verdadeira paixão por elas e dera a sorte de encontrar meia dúzia de carnes orgânicas congeladas que o Waitrose jogara fora quando o freezer quebrou. Saber que toda a comida tinha sido de graça e preparada com nossas próprias mãos tornava-a ainda mais gostosa.

Assim como o molho chili de Cão Raivoso, o que ele preparara e dividira em pequenos frascos no mês anterior, enchendo a casa de nuvens

de pimenta que nos faziam engasgar, das sementes letais de pimenta-de-cheiro, as quais ele havia moído e cozinhado rapidamente antes de salpicá-las com temperos no extrato de tomate. Ficamos sentados ali, enchendo a boca e maravilhados com nossa própria inteligência. Depois de um ano em Londres, eu tinha encontrado um lar, uma comunidade e um propósito na vida. Só tinha 17 anos, mas já tinha deixado uma marca maior no mundo do que meus pais e já tinha encontrado algo extraordinário para ser e fazer. Sentia-me como um deus, ou pelo menos um semideus.

Então, é claro, a partir daí tudo foi para o cacete.

Depois do café da manhã, lavamos a louça e seguimos para os laptops. Eram mais de 14 horas, e tínhamos mais dois dias de uso da Baleia Branca com Aziz para tirar as melhores tralhas do Cinema Esgoto e guardá-las no Diazero para a exibição seguinte, quando quer que fosse. Mas não podíamos fazer isso até escurecer, então fomos para os laptops e começamos a ler as críticas e tal.

Deitei-me para um cochilo, os braços e pernas pesados pela comida e pela ressaca; o café de Jem tinha me erguido e depois me derrubado como um saco de batatas. Mas mal fechei os olhos e alguém bateu à minha porta. Despertei do sono, tentando compreender a batida e o ambiente ao redor.

— Estou dormindo — resmunguei para a porta fechada e para quem quer que estivesse do outro lado.

— É Cora. — Ela parecia chateada.

Resmunguei.

— Entre — falei e sentei-me, puxando a colcha por cima do corpo.

Cora acendeu a luz ao entrar, e protegi os olhos contra o brilho. Quando eles se ajustaram, vi que ela estava com uma expressão sombria e os olhos vazios. O-oh.

Cora tirou uma pilha de roupas sujas e revistas e lixo em geral da

minha cadeira de edição e sentou-se.

— Acabei de falar com mamãe e papai. — Levei a mão ao rosto e resmunguei de novo. Mamãe e papai não liam o *Guardian*... Não liam jornal nenhum, mas o *Guardian* era um jornal que eles, particularmente, não liam. Mas, depois de pensar duas vezes, percebi que *alguém* deveria ter mostrado o jornal a eles.

— Estão chateados?

Ela suspirou.

— Não. Sim. Meio que. Acho que finalmente acreditam em mim agora, sobre você não ser um garoto drogado e prostituído.

— Bem, isso é um alívio.

Ela arregalou os olhos para mim.

— Você *deveria* estar aliviado. Eles estão fora de si desde que você saiu, convencidos de que você estaria morto antes que o vissem novamente. Estavam lamentando sua perda. Agora estão só com raiva de você.

Suspirei.

— Isso é uma melhora, então?

— Ah, sim — falou Cora. — Eles o perdoarão. Você é o filho número um, Trent. Certa noite, cheguei em casa mais tarde da biblioteca e ouvi mamãe e papai conversando na sala; eles não sabiam que eu ainda estava acordada e estavam conversando sobre como você era inteligente, como sempre tinha sido tão criativo e como eles sempre achavam que você iria longe.

Sacudi a cabeça.

— Cora, de que diabo você está falando? Eu era o artista de merda da família! Ah, claro, sei que me amavam, mas não eram burros o suficiente para achar que eu conseguiria alguma coisa. Disso eu sei.

— Você é bem burro para uma pessoa tão inteligente, Trent. — Cora suspirou de novo. — Não quero discutir isso. A única pessoa que achava que você era um artista de merda era você. O resto de nós achava que você

era muito bom. E mamãe e papai achavam que o sol brilhava na sua bunda. Acredite ou não, mas é verdade.

"Até acho que estão um pouco orgulhosos. — Cora olhou para o chão por um tempo. — Acho que preciso voltar para eles. — Não falei nada. Ela estava remoendo as palavras, tentando pronunciá-las. — Precisam de mim lá. Simplesmente não entendem como o mundo funciona. Vão conseguir a internet de volta, sabia? — Aquilo me espantou. Mas é claro... tinha se passado um ano. — Mas papai precisa achar outro emprego e está off-line há um ano, e você sabe como ele era, mal conseguia fazer o computador funcionar quando o usava todo dia. Era uma causa perdida. — Cora soltou um suspiro enorme. — Trent, tudo isso que você está fazendo aqui, quero dizer, é realmente fantástico, sinceramente. Faz com que eu quase estoure de orgulho por ser sua parente. Achei que viria a Londres e descobriria uma vida de mistérios e animação, e descobri, mas também descobri que simplesmente não sirvo para isso. Você e seus amigos são magos, mas também são loucos. A verdade é que... — Ela me encarou diretamente. — A verdade é que eu *sou* uma garota boazinha, o tipo de garota que tira notas máximas e ama estudar e tudo isso. Não sou legal o bastante para andar com você e com seus amigos.

— Cora — respondi. — Você é a garota mais legal que conheço. — E era verdade. Cora não tinha roupas de grife ou a cabeça raspada ou um monte de piercings ou nada disso, mas percebera instantaneamente o que eu estava fazendo com o Cinema Esgoto e me desafiou a ser uma versão melhor de mim mesmo. — Sei que você acha que não é bacana o bastante para nós, mas a verdade é que você é tão legal que não precisa viver em uma ocupação ou infringir a lei para ser legal. Você é legal simplesmente ao ser você mesma... você é legal o bastante para ir à porcaria da *biblioteca*. Se alguém deveria sentir orgulho, esse alguém sou *eu*.

Ela deu uma risadinha, e eu chutei os pés de minha irmã.

— Quem diria que meu irmão era tão sentimentaloide? Enfim, Trent.

Ouça, passei o último ano loucamente preocupada com você, e mamãe e papai estão duas vezes mais preocupados do que eu. Então, tenho uma proposta para você: vá para casa visitá-los comigo. Mostre a eles o que fez consigo mesmo. Fale com eles. Pode voltar direto para Londres depois. Não estou tentando convencê-lo a morar em Bradford nem nada, mas, Trent, você não sabe o que está fazendo com eles. Podem não ser as pessoas mais inteligentes no mundo, mas amam nós dois mais do que tudo, e não é certo...

Estendi as mãos.

— Você está certa. — Fiquei surpreso ao me ouvir falar aquilo, mas, assim que falei, uma sensação de aperto e arrependimento que estava presa em meu peito havia tanto tempo que eu tinha me esquecido se libertou, e percebi que eu estava respirando com partes do pulmão que não sentia havia um ano. — Você está certa, Cora. Não liguei porque não tinha ligado, e todo dia que se passava tornava ainda mais difícil a ligação. Faz quase um ano agora, e não posso mais ficar longe. Você está certa, está certa, está certa.

Ela se levantou e me beijou na bochecha.

— Eu amo você, Trent — falou Cora e me deu um abraço apertado que fez minhas costelas estalarem. Acho que carregar todos aqueles livros da biblioteca tinha tornado os braços dela fortes.

Ninguém ficou surpreso ao saber que eu ia para casa ver minha família. Chester tinha ido a Manchester duas vezes durante o tempo em que eu o conhecia, retornando com um humor esquisito, feliz/triste, com uma sacola grande de comida e uma pequena quantia em dinheiro dos pais. Até Cão Raivoso ligava para os pais uma vez por mês e suportava os gritos e insultos, depois saía e dançava até morrer a noite toda, voltando exausto e de olhos vermelhos, e ficava na cama por um dia. Somente Jem era como eu, um homem sem passado, jamais contatava a família ou qualquer outra

pessoa de antigamente, quem quer que possam ter sido. Eu perguntava a ele sobre Dodger de vez em quando, mas ele apenas dava de ombros e mudava de assunto.

Vinte e seis saiu com Cora antes de sairmos, e as duas foram comprar roupas nas lojas *vintage* das quais Vinte gostava, e pintaram o cabelo de minha irmã na banheira, um castanho-avermelhado estranho, como uma raposa, e o cortaram de modo a ficar arrepiado em mechas que pareciam aleatórias, mas caíam bem no rosto redondo dela. As duas voltaram do dia mais felizes e risonhas do que nunca e juraram que manteriam contato. Sentei-me ao laptop e trabalhei preguiçosamente na minha linha do tempo da vida de Seth Watson, um arquivo imenso que eu guardava, que documentava todas as aparições de Seth e todas as pessoas que haviam trabalhado com ele. Era um projeto grande no qual eu estava trabalhando havia anos, embora tivesse precisado começá-lo de novo depois que meu laptop foi roubado.

As garotas estavam imersas em uma conversa sobre as implicações dos direitos autorais, falando sobre algo chamado "negociações de troca plurilaterais", "Acordo sobre Aspectos dos Direitos de Propriedade Intelectual Relacionados ao Comércio", ou TRIPS, e sobre "a Convenção de Berna". Isso fez com que eu me sentisse meio burro, mas também orgulhoso — as mulheres na minha vida eram tão inteligentes e me deixavam andar com elas.

Cora e eu pegamos o metrô até Victoria, e eu a ajudei a carregar a bolsa enorme de livros da biblioteca e outra bolsa de roupas que 26 a aconselhou a comprar. Eu tinha uma bolsa de mão com meu laptop e o adaptador, alguns pares limpos de cuecas e meias, uma escova de dente e uma camiseta sobressalente. Estava voltando a Bradford, mas não ficaria mais do que uma noite.

Conforme o ônibus saiu da estação, minha ansiedade começou a crescer. O que diria a mamãe e papai? O que eles me diriam? Cora

percebeu que eu estava começando a entrar em algum estado mental, então começou a explicar sobre o que ela e 26 estavam conversando. Era a história dos tratados de direitos autorais, começando por algo chamado a Convenção de Berna, idealizada por um escritor francês chamado Victor Hugo em 1886, a primeira de uma longa linhagem de acordos internacionais sobre direitos autorais vinculados entre si. Não entendi muito bem o que Cora quis dizer com isso, mas ela explicou: todo acordo de direitos autorais já assinado, há centenas de anos, tinha em si algo como "ao assinar este acordo, você concorda com todos os outros acordos de direitos autorais que já existiram". Pelo modo como Cora descreveu, era uma rede que se estreitava cada vez mais, sempre que um país assinava e prometia fazer com que suas leis estivessem em conformidade com todas as leis de direitos autorais que qualquer pessoa conseguisse criar.

Cora me contou que, ultimamente, os tratados de direitos autorais nem mesmo eram feitos nas Nações Unidas, não desde que as grandes companhias cinematográficas e gravadoras descobriram que poderiam conseguir muito mais se mantivessem em segredo as discussões a respeito do tratado e anunciassem depois os resultados às nações mundiais, exigindo que elas assinassem, recusando-se a comercializar com elas caso não o fizessem.

A princípio, não entendi, e então não acreditei, depois Cora me fez pegar o laptop e acessar a internet Wi-Fi do ônibus — eu tinha um bolo de cartões de crédito pré-pagos agora para usar nesse tipo de coisa, comprando-os apenas com dinheiro em bancas de jornal que não tivessem circuito fechado de câmeras — e pesquisar. Era revoltante, de verdade, pensar que nossas leis não estavam exatamente sendo aprovadas por nossos representantes no Parlamento, mas, em vez disso, sendo criadas em reuniões secretas chefiadas por executivos de corporações gigantes. Como diabo poderíamos combater isso?

Todo esse negócio fez as horas voarem, então nem tive tempo de me

preocupar em ver mamãe e papai de novo, o que era a intenção de Cora desde o princípio. Quando saímos do ônibus em Bradford, minha mente ainda estava girando com pensamentos sobre tratados secretos, e mal reparei onde estávamos até chegarmos à rua, sentindo os cheiros e vendo a paisagem do meu antigo lar.

Era tão *familiar* — parecia que eu conhecia cada rachadura na calçada, cada teia de aranha na porta das lojas. Os rostos dos mendigos atrás de trocados do lado de fora da rodoviária eram como velhos amigos: eu devia tê-los visto um milhão de vezes na vida. Ao observá-los pedir dinheiro, tive vontade de correr até eles e explicar a teoria das placas de Jem, mas isso era mais para evitar meus pais pelo máximo de tempo possível.

Quis que chovesse enquanto caminhávamos para casa, que o céu se tornasse cinza-chumbo e baixo e tenebroso, mas ele permaneceu teimosamente alegre e azul, com nuvens que pareciam ovelhas fofinhas. Céu idiota. Chegamos em casa rápido demais, e, se a rodoviária tinha parecido familiar, os degraus de cimento lascado que davam no condomínio eram como ver meu próprio rosto no espelho. Ainda tinham as mesmas pichações, até os mesmos pacotes de batatas fritas amassados e os mesmos cocôs de cachorro sorrateiros, secos e fossilizados de que eu me lembrava, como se o lugar tivesse sido posto em conserva no dia em que fui embora.

Cora pegou a chave antes de chegarmos à porta, passou-a na frente do painel, digitou o código PIN e ela se abriu com um clique; o cheiro da casa dos meus pais serpenteou pela abertura até minhas narinas, e eu estava em *casa*.

Mamãe e papai estavam de pé no corredor, e Cora deu um beijo em cada um e um longo abraço, passou por eles e foi até a sala de estar, deixando-me sozinho com os dois. Eles pareciam ter envelhecido dez anos desde que os tinha visto, a pele pendia flácida dos ossos. Minha mãe apoiava-se firme em meu pai e, quando deu um passo na minha direção,

cambaleou com tanta violência que papai e eu saltamos para ampará-la. Então, lá estávamos, todos nos segurando, e parecia que íamos começar a chorar a qualquer minuto. Então eu falei:

— Desculpem-me por não ter ligado. Devem ter ficado mortos de preocupação.

— Ficamos — respondeu minha mãe, e a voz dela falhou um pouco.

— Desculpem-me — falei de novo. — Sinto muito, muito. Mas não conseguia ficar aqui, não depois do que eu fiz com todos vocês. E depois que parti... Bem, não conseguia reunir forças para ligar, não sabia como me explicar a vocês. E, quanto mais eu esperava...

— Achamos que estava morto! — disse meu pai, tão alto que mamãe e eu pulamos. — Achamos que estava se prostituindo, ou usando drogas...

Mamãe apertou o braço dele com força.

— Basta — disse ela. — Prometemos a Cora. — Ela passou os braços em volta do meu pescoço e me apertou com tanta força que achei que ia estourar. — É tão bom ver você de novo, Trent. Amamos você.

— Eu também amo você, mãe — falei, e não queria chorar na frente deles, então me encolhi e corri para meu quartinho, me joguei na minha velha cama, enterrei o rosto no travesseiro e chorei como um bebê.

Meu quarto estava como se eu tivesse acabado de sair. Podia jurar que os lençóis na cama eram os mesmos que estavam nela quando parti para Londres, embora cheirassem a sabão, então imaginei que mamãe tivesse entrado e limpado, o que também explicava a falta de poeira. Meus livros da escola, minhas antigas roupas e as partes de laptops que eu havia desmontado para manter o meu funcionando estavam lá. E também as marcas na parede onde eu jogava os tênis quando voltava da escola todos os dias, e até mesmo tênis sobressalentes sob a cama. Embora fizesse um ano desde que eu tinha estado ali, parecia que eu tinha acabado de sair — mas, ao mesmo tempo, fazia tanto tempo que eu nem conseguia me lembrar o que ou quem eu era naquela época.

Sequei os olhos e fui para a sala. Cora tinha colocado outra roupa nova, e, para minha surpresa, mamãe e papai estavam fazendo ruídos de aprovação em relação a elas. Quando tinham ficado tão legais? Na minha mente, Bradford era uma cidade remota com a sofisticação cosmopolita de um chiqueiro. Mamãe e papai abriram espaço entre si no sofá, e senti o cheiro da colônia de meu pai, do perfume de minha mãe, como se eles tivessem se arrumado para uma noite fora, como costumavam fazer quando éramos crianças.

— Assisti a seu filme — falou papai. — Na televisão. Eles mostraram no noticiário. A Sky só tinha algumas partes, mas a ITV mostrou inteiro.

— Dizem que a companhia cinematográfica vai processar a ITV por ter infringido direitos autorais ao exibi-lo.

Soltei uma risada.

— Incrível: é ilegal noticiar as coisas, agora.

— Foi um baita de um filme bom — disse papai. — Toda aquela coisa com Seth. Não sabia que você era inteligente assim, filho. — Ele sorriu, um sorriso orgulhoso e sentimental que perfurou minhas vísceras. Fazer meu pai sorrir daquele jeito era melhor do que cem natais.

— Você gostou? — perguntei, agora em busca de elogios.

— Nos fez explodir de orgulho — respondeu mamãe. — Rimos como bobos. Foi muito melhor do que o filme de verdade.

Ficamos sentados em silêncio desconfortável por um momento.

— É isso que você tem feito desde que chegou a Londres, então? — perguntou papai. A temperatura na sala pareceu cair uns dez graus.

— Hã — falei. Pensei em todas as aventuras, a comida das caçambas, a ocupação, as bolsas gigantes de maconha, as horas passadas pedindo dinheiro em estações de metrô. — Basicamente.

— Como você tem vivido? — perguntou mamãe.

— Eu... — Engoli em seco. Então contei a eles tudo sobre Jem, e sobre a ocupação e as caçambas e sobre pedir dinheiro, embora tenha passado bem

rápido por isso. Eu não tinha orgulho dessas coisas, mesmo que tivesse me desenvolvido bastante no projeto científico de pedir esmolas de Jem. Não contei a eles sobre a maconha ou as bebidas e nem as festas também. Algumas coisas meus pais não precisavam saber. — Então, estão vendo? — perguntei, olhando para os olhos arregalados deles. — Não precisam se preocupar comigo. Estou cuidando de mim mesmo.

Fiquei preocupado que eles fossem explodir de novo, mas, naquele momento, estavam completamente calados. Acho que era muito para digerir.

Finalmente, minha mãe falou.

— Trent, o que vai fazer consigo mesmo? Que tipo de futuro existe em fazer essas... coisas? Vai passar o resto da vida ocupando prédios abandonados, comendo lixo?

Foi como um tapa na cara, e minha primeira reação foi gritar e berrar como um garotinho ou correr para fora da sala, ou os dois. Em vez disso, engoli em seco algumas vezes e respondi:

— O que vou fazer com meu futuro? Vou fazer arte. É tudo que eu sempre quis fazer. Olhem, eu só quero fazer filmes. Não me importo de verdade em como tenho de viver para que isso aconteça.

— E quanto a como *nós* temos de viver enquanto você faz isso acontecer? — indagou papai baixinho.

— Foi por isso que fui embora — respondi. — Não é justo que eu coloque todos vocês em risco para fazer o que quero. Comigo fora, vocês não precisam se preocupar com meus downloads.

— Só temos de nos preocupar com *você*.

É claro que eles estavam certos, e não havia nada a dizer em resposta. Estendi o braço e apertei a mão de mamãe, depois a de papai.

— Não tenho uma boa resposta. Posso colocá-los em perigo ou deixá-los preocupados. Mas, quando voltar, prometo, manterei muito mais contato. Ligarei todos os dias, voltarei para alguns feriados de vez em

quando. Prometo.

— Quando você voltar — disse papai.

— Bem, é. É claro. Não acharam que eu ficaria, acharam?

— Filho, você só tem 17 anos. Temos uma responsabilidade...

Saltei do sofá como se tivesse sido eletrocutado.

— Esperem — falei. — Isto é uma visita. Não *posso* ficar aqui. Tenho toda uma vida agora, pessoas que estão esperando por mim, filmes para fazer, eventos que estamos montando... — Comecei a recuar na direção da porta.

— Sente-se, Trent! — disse mamãe. — Venha, sente-se. Não vamos sequestrar você. Mas não gostaria de dormir na própria cama por algumas noites? Comer uma refeição caseira?

A primeira coisa que passou pela minha cabeça foram as comidas épicas de dar água na boca que preparávamos na enorme cozinha do Diazero com todos os ingredientes que apareciam nas lixeiras. Tive o bom-senso de não contar a mamãe que a comida dela era bem ruim em comparação à nossa culinária de lixo.

— Eu adoraria jantar — falei, com o cuidado de não dizer nada a respeito do "algumas noites". Mamãe sorriu com coragem e se levantou delicadamente, segurando-se no braço do sofá e cambaleando levemente. — Hã, posso ajudar a fazer a comida? — Percebi que gostaria muito de mostrar a mamãe todas as habilidades de culinária refinada que tinha adquirido.

Mas ela fez um gesto me dispensando.

— Não seja bobo — falou. — Ainda posso fazer um jantar para minha própria família na minha própria cozinha, filho. — E saiu mancando, com as costas retas.

— Não quis ofendê-la — sussurrei para meu pai.

Ele fechou os olhos.

— Não tem problema — respondeu ele. — Ela só está sensível em

relação às pernas, só isso. As clínicas de reabilitação e fisioterapia só aceitam marcação de consultas pela internet, e é longe demais para ela caminhar até a biblioteca, então Cora tem marcado, mas não é um sistema muito bom, e ela não vem recebendo tratamento adequado. Isso a deixou chateada.

O jantar foi tão esquisito quanto a conversa, embora Cora tenha tentado corajosamente puxar assunto e falar sobre todas as coisas divertidas que tínhamos feito em Londres, como os colegas dela ficaram animados ao me ver na televisão. Mamãe fez macarrão com atum enlatado e molho de tomate e brócolis com batata frita de forno, e foi tão ruim quanto eu me lembrava. Tive vontade de levar Cora para os mercados da cidade e encontrar uma caçamba para saquear e fazer uma comida genial, mas eu sabia que mamãe certamente tomaria aquilo como uma ofensa à feminilidade dela, ou algo assim.

Fui para o quarto e deitei na cama estreita, ouvindo pelas paredes finas os cachorros dos Albertson latirem. Ouvi quando mamãe e papai foram se deitar e ficaram murmurando um para o outro por um bom tempo, depois ouvi o clique do abajur da mesa de cabeceira deles. O sono não vinha. Naquela manhã, antes de eu entrar no ônibus, era um adulto, vivendo sozinho no mundo, mestre do meu destino. Dentro de minutos depois de cruzar a porta da casa de meus pais, eu era um garoto de novo, e senti como se tivesse 5 anos e fosse totalmente indefeso. Londres parecia estar a milhões de quilômetros de distância, e minha vida lá parecia a fantasia de um garoto boboca sobre como seria a vida sozinho, sem pais ou professores para mandarem em mim.

Fui tomado pela convicção repentina de que, se ficasse naquela cama até o dia seguinte, acordaria uma criancinha de novo, de pijamas e roupão, exigindo brincar com meus brinquedos. Os cachorros da casa ao lado latiam. Os roncos de papai sacudiam as paredes, seguidos pelos mais baixos de mamãe. Sentei-me na cama, apoiei os joelhos na beirada, peguei

a mochila e a enchi com as coisas que tinha levado, junto com mais alguns pares de cuecas e meias da gaveta. Amarrei os cadarços das botas um no outro e joguei-as por cima do pescoço, depois segui na ponta dos pés para fora do quarto e pelo corredor, na direção da porta e da liberdade.

Quando alcancei a maçaneta, a mão de alguém apoiou-se com força no meu ombro. Dei um leve salto e um gritinho e quase deixei a mochila cair quando me virei, ficando com cãibra no pescoço. Era meu pai, a barba por fazer, a prótese dentária guardada, mostrando o buraco onde os dentes da frente estavam faltando, parecendo sombrio. Ele esticou o braço e virou a maçaneta, abriu a porta e indicou-a com a cabeça. Saí e ele me seguiu, puxando a porta atrás de si, mas deixando uma fresta aberta para que não se trancasse.

— Partindo de novo, filho?

Abaixei a cabeça. Qual era o meu problema? Por que não podia me despedir como uma pessoa normal?

— É só...

— Esqueça — falou papai. Ele parecia um enorme e triste urso problemático. Sem saber por quê, vi que queria abraçá-lo. E abracei. Ele me abraçou de volta, e a força nos braços de meu pai era exatamente como eu me lembrava da infância, quando acreditava que ele conseguia erguer um carro se quisesse. — Temos orgulho de você, filho. Mantenha contato e fique em segurança.

Ele puxou minha mão e colocou algo nela. Olhei para baixo e vi que eram duas notas de 50 libras.

— Pai — falei —, não posso aceitar. Sinceramente, estou bem. De verdade. — Eu tinha visto com os próprios olhos como as coisas estavam apertadas no apartamento, o sabão no banheiro feito com restos das antigas barras unidas cuidadosamente. Meus pais estavam tão duros que mal podiam comprar comida. Aquilo era uma fortuna para eles.

— Pegue — disse papai, tentando falar de um jeito grande, magnânimo.

— Sua mãe ficaria preocupada se não aceitasse.

Fizemos um tipo de queda de braço idiota à porta enquanto eu tentava devolver o dinheiro, mas, no fim das contas, papai ganhou — ele era meu pai, é claro que ganhou. Era forte o bastante para erguer um carro, não era?

Ele me abraçou de novo, então caminhei até a rodoviária e, a cada passo, eu ficava mais alto e mais velho, de modo que, quando comprei a passagem (sem usar as notas de cinquenta; elas foram para o bolsinho de trocados dentro do bolso das calças jeans), eu era um adulto completo.

Paguei por mais Wi-Fi no ônibus, mas havia algo errado com ela. Não conseguia acessar o Pêssego Confuso ou qualquer dos sites secretos dentro dos quais eu vivia — simplesmente não carregavam. E duas das contas de e-mail que eu usava também ficavam caindo, e o site de correio de voz de que gostava. Vasculhei um pouco e decidi que o filtro de internet da companhia de ônibus tinha sido atualizado com uma lista negra particularmente grande que não fazia discriminações, então tentei alguns servidores *proxy* que conhecia, mas não ajudaram. Fechei o laptop e olhei para a rodovia que passava rápido, a noite escura e as gotas de chuva na janela, esperando o sono ou pelo menos algum tipo de transe de viajante, mas minha mente ficava voltando para o sabonete no banheiro, o buraco do dente deprimente de papai, a pele enrugada e os olhos vazios e molhados de mamãe.

Estava sozinho no assento, então peguei o celular e liguei para 26. Tinha mandado a ela mensagens frequentes da casa de meus pais, até que ela mandou de volta uma mensagem rigorosa, mandando que eu parasse de me preocupar com ela e prestasse atenção à minha família, droga. Mas eu sentia tantas saudades, com uma pontada como uma dor de dente, e agora que estava a caminho de casa — há! Londres era meu lar agora, uma reviravolta para registrar nos livros! —, percebi que estava tremendo de

ansiedade para tê-la ao meu lado, de conchinha na cama no chão do Diazero, o rosto enterrado na pele cheirosa, onde o pescoço se transformava em ombro.

— Cecil? — disse 26. — Já soube? — A voz dela estava contida, sussurrando.

— Soube o quê?

— Eles fizeram uma batida no Pêssego Confuso. Desconectaram todos os servidores.

— O quê?

— Fizeram como homens das cavernas, com pedras e machados! Destruíram duzentas máquinas... Há milhares de sites fora do ar!

Senti o sangue se esvair até a sola dos pés. Eu conseguia pensar em diversos motivos pelos quais a polícia iria atrás do Pêssego Confuso — as drogas, as festas —, mas o momento da batida me fez pensar que tinha mais a ver com nossa exibição e toda a cobertura que tinha conseguido. Sam Brass da MPA parecia prestes a explodir antes; agora que eu estava na primeira página do jornal incitando as pessoas a violarem os direitos autorais, ele devia estar como um vulcão em erupção.

— Por que fizeram isso?

Vinte e seis suspirou e não disse nada, então eu soube que estava certo.

— Deve ficar tudo bem — falou ela. Não consegui entender o que quis dizer: como poderia ficar tudo bem? Os sites que usávamos como hospedagem e para nos reunirmos estavam fora do ar, assim como todos aqueles outros sites. — Quero dizer, o pessoal do Pêssego Confuso sempre dizia que mantinha os logs criptografados e os descartava a cada dois dias por precaução. E os bancos de dados centrais estavam em código, lembra-se do ano passado, quando todos aqueles servidores caíram por causa de todo o espaço pesado da criptografia, e eles ficaram implorando para mandarmos dinheiro para fazerem um upgrade?

Eu lembrava. Não tinha pensado muito nisso na época, apenas fiquei

irritado. Mas agora sabia o que 26 quis dizer quando falou que estava tudo bem. Ela queria dizer que eles não poderiam usar os logs do Pêssego Confuso para descobrir quem éramos todos nós, onde todos vivíamos, o que andávamos fazendo.

Eu nunca tinha pensado muito em criptografia, ainda que a tivesse usado todos os dias desde que era um garotinho e montei meus primeiros drives pessoais no laptop. Dependendo de como se olhava para ela, a teoria era muito simples ou incompreensivelmente difícil. O modo simples de se olhar era como se fossem caixas-pretas que pegavam seus arquivos e os transformavam em baboseiras perfeitamente desembaralháveis que somente você poderia acessar. Mas, é claro, eu sabia que era muito mais complicado do que isso: criptografia não era uma caixa-preta perfeita e infalível, era um conjunto insanamente complicado de demonstrações matemáticas e detalhes de implementação que eram incrivelmente difíceis de acertar.

Os noticiários estavam sempre cheios de histórias sobre sistemas de segurança bancários, chips, registros de caixas eletrônicos e todo tipo de vazamento de outras informações importantes porque alguém tinha feito as contas errado ou se esquecera de desligar o modo de debug que jogava uma cópia não embaralhada de tudo em um arquivo de manutenção. Afinal de contas, era com isso que Aziz contava, não era? Criptografia malfeita que tornava lindas peças de kits ilegais ou inutilizáveis?

E isso era apenas o início do problema, quando se tratava do assunto. Mesmo presumindo que os programadores fizessem tudo certo, era preciso lidar com os usuários, idiotas como eu que só queriam continuar com suas tarefas sem serem incomodados por terem de se lembrar de senhas longas e complicadas e tal. Então usamos senhas curtas que são fáceis de adivinhar — principalmente para um computador. Nós nos recusamos a fazer as atualizações de software críticas porque estamos ocupados demais. Visitamos sites pouco confiáveis com nossos navegadores desprotegidos e

pegamos vírus terríveis que roubam as porcarias de senhas. Não importa o tamanho do cofre do banco, o banqueiro usa 000 como combinação e se esquece de trancar a porta na maioria das vezes.

Então talvez ficasse tudo bem para nós. Talvez o Pêssego Confuso não tivesse nenhum log legível nem bancos de dados de usuários e mensagens. Talvez a única coisa que tivesse acontecido fosse que os pobres administradores que o gerenciavam — um grupo de estudantes de física da Universidade de Nottingham que repassavam as tarefas de administradores a alunos mais jovens desde antes de eu nascer — agora estivessem todos sem computador e respondendo a perguntas complicadas em um porão de delegacia.

Mas eu achava que não deveríamos contar com isso.

— Quando tudo isso aconteceu?

— Agora — disse 26. — Uma batida à meia-noite. Nem mesmo esperaram que o pessoal da manutenção abrisse o rack dos servidores: simplesmente os quebraram com tochas. Levaram equipes de filmagem e tudo. Está em todos os noticiários. O porta-voz da Motion Picture Association chamou de "uma grande vitória contra a pirataria e o roubo".

Engoli em seco de novo.

— Sou um merda total — falei. — Meu Deus, o que foi que eu fiz?

— *Trent MacCauley* — disparou 26. Fiquei atento. Ela nunca tinha me chamado pelo meu nome verdadeiro. — Pare, neste instante. Este não é o momento de se afogar em autopiedade, garoto idiota. *Você* não fez nada... *nós* fizemos. Eu organizava Cinemas Piratas bem antes de conhecer você, lembra? Você não é nosso líder, seu idiota... é um de nós, e estamos todos juntos nisso. Então pare com a petulância e de levar o crédito por tudo o que fizemos, *agora*.

Abri e fechei a boca como um peixe.

— Vinte — falei, finalmente. — Não estou dizendo que...

— Sim, está, sim, querendo ou não. Você precisa superar a sensação de

responsabilidade por todos e tudo que acontece e perceber que estamos todos juntos nisso.

— Odeio quando você está certa — respondi.

— Eu sei. Peça desculpas agora.

— Desculpa.

— Certo, não se sente melhor?

Eu me sentia.

— Certo, chefe. E agora, o que fazemos?

— Volte para Londres que pensaremos em algo.

* * *

Peguei ônibus noturnos de Victoria até a casa de 26, caminhando pela Londres escura, vendo-a mais uma vez com novos olhos, embora só tivesse ficado um dia fora. Todos e tudo pareciam tão estranhos — grandes, ameaçadores, misteriosos. Senti-me paranoico, não queria tirar o laptop da mochila, pois alguém poderia roubá-lo. Londres não parecia mais minha casa, mas Bradford também não — acho que isso queria dizer que eu era genuinamente sem-teto.

Mandei uma mensagem de texto para 26 quando estava do lado de fora da casa dela, e ela silenciosamente abriu a porta para mim. Vinte me levou escada acima, depois do quarto dos pais, para o dela. Nós nos beijamos por um bom tempo, como se tivéssemos ficado longe um do outro por cem anos. Entrei debaixo dos lençóis ao lado dela e abracei-a pelas costas. O cabelo de 26 fazia cócegas no meu nariz, mas não me importava. Eu achei que não tinha casa? É claro que tinha: onde quer que 26 estivesse era a minha casa.

De manhã, acordei e abri o laptop. Vinte e seis ainda estava apagada, roncando como a serra de madeira mais fofa do mundo, e fiz o que eu sempre fazia primeiro: entrei no Pêssego Confuso e comecei a ler os

murais, mandar mensagens para meus amigos, limpar a fila de tuítes e e-mails e tal.

Fiquei nele por dez minutos antes de perceber que estava usando o Pêssego Confuso, o que significava que não estava mais fora do ar! Fui até a página principal do site, para a seção de anúncios que eu costumava ignorar, e encontrei uma mensagem orgulhosa de uma das administradoras estrangeiras do Pêssego, que se gabava de como ela e os alunos de física da Nottingham tinham se preparado para uma batida havia muitos anos, montando espelhos em três países diferentes (embora ela não dissesse quais; e meu *tracker* de IP estava fazendo algo engraçado, que eu nunca tinha visto antes, saltando entre três roteadores — um na Suécia, um na Polônia e um na Macedônia — sem parecer se decidir entre qualquer uma das máquinas).

Sacudi o ombro de 26, e de novo quando ela bateu na minha mão.

— Acorde — sussurrei. — Vamos, acorde.

Ela se sentou, puxando o lençol por cima do corpo, e apoiou o queixo no meu pescoço, olhando por cima do meu ombro.

— O quê?

— Olhe — falei, mostrando a mensagem a ela.

— Nossa — falou 26. — Genial! Que bando de perfeitos nerds. Devem ter se divertido tanto brincando de superespiões e montando todas aquelas páginas de erro e espelhos. Acho que isso quer dizer que provavelmente podemos confiar na criptografia deles também. — Ela beijou o lóbulo da minha orelha. — Está vendo? Uma noite de sono conserta tudo.

Lá embaixo, ouvi os pais dela tomando café da manhã.

— Que horas é sua primeira aula? — perguntei.

Vinte bocejou e olhou para o celular, ao lado da cama.

— Tenho uma hora — respondeu ela. — Bastante tempo. Venha, vamos comer.

Eu já tinha passado a noite na casa dela algumas vezes, mas sempre

esperava até que os pais de 26 saíssem para trabalhar antes de dar as caras lá embaixo. Algo a respeito de confrontá-los à mesa do café da manhã — mesmo que 26 e eu não tivéssemos transado na noite anterior, isso ainda era muito esquisito.

— Não tem problema? — perguntei.

— Venha, medroso — disse ela, e jogou para mim as calças jeans e uma camiseta minha que ela usara certa noite. Enfiei-a por cima da cabeça, aproveitando o cheiro de 26 na roupa.

Os pais dela já estavam vestidos e brigando um com o outro por espaço para os respectivos jornais à mesa coberta de livros, tomando xícaras de café de uma garrafa de pressão e comendo torradas de uma torradeira sem brilho. Potes de geleia e xarope Marmite e muitas outras coberturas apoiadas sobre a pilha de livros.

Eles me olharam quando entrei, murmuraram um "bom dia" e voltaram para os jornais. Vinte e seis deu um beijo no topo da cabeça de cada um, serviu uma xícara enorme de café para nós dois (acabando com a garrafa) e empilhou as torradas restantes em um prato que entregou a mim, depois vasculhou a geladeira atrás de queijo e suco e três tipos de fruta e iogurte. A mãe dela cutucou-a com o cotovelo e disse algo sobre o metabolismo de adolescentes e apetites insaciáveis, e 26 mostrou a língua para ela.

— Estamos mortos de fome, mãe!

O pai de 26 riu.

— Estou vendo que ativaram os estômagos auxiliares para o café da manhã — disse ele. — Vão em frente, comam.

Atacamos a comida, os pais de 26 mostraram um ao outro (e a nós) partes do jornal, e eu fiz mais uma garrafa de café — não estava ruim, embora não estivesse nem próximo do que Jem fazia —, então 26 olhou para o celular e gritou e anunciou que estava atrasada para a escola e disparou para o andar de cima, deixando-me sozinho com seus pais.

Desceu de novo em um piscar de olhos, vestida, escova de dente na boca. Ela cuspiu pasta na pia da cozinha, jogou a escova em uma das xícaras de café e deu um beijo em cada um de nós antes de sair de casa.

Eu quase tinha me esquecido que estava tomando café da manhã com os pais da minha namorada, mas, naquele momento, virou a coisa mais desconfortável de todas as coisas desconfortáveis. Levantei e comecei a lavar os pratos do café da manhã, mas a mãe de 26 disse:

— Temos uma lava-louça, Cecil, não precisa fazer isso.

Dãã. Comecei a empilhar a louça na máquina, tentando projetar um ar de bondade responsável. O pai de 26 pigarreou e falou:

— Quais são suas intenções com minha filha, jovenzinho?

Virei de costas, sentindo como se tivesse sido pego em um filme de terror. Ele estava com uma expressão impassível, sem qualquer indício de sua expressão normal, afável e distraída. Lembrei-me de que era um *barrister* poderoso durante o dia. Então começou a gargalhar.

— Ah, filho, você deveria ter *visto* sua cara! Minha nossa, parecia pensar que eu ia sacar a espingarda!

A mãe de 26 enrolou o jornal e bateu com ele na cabeça do marido diversas vezes.

— Rosh, isso foi *muito* cruel!

Ele fez um gesto de indiferença.

— Ah, nosso Cecil aqui é um guerreiro. Tenho certeza de que teria sobrevivido. — Ela bateu nele de novo. — Ah. Tudo bem, certo. Desculpe-me, Cecil. Só queria dizer que, bem, *gostamos* de você. Não precisa fazer cerimônia quando estiver aqui. Vinte e seis nos contou um pouco sobre você, e parece que passou por maus momentos. Vimos sua foto nos jornais, sabe, e 26 nos mostrou seu filme. Coisa muito boa também! Vinte e seis nem sempre teve o melhor gosto para garotos, mas você está se saindo muito bem, até agora. De qualquer forma, não precisa se esgueirar como um ladrão quando ficar aqui.

Eu estava completamente sem palavras. Aquilo era provavelmente a coisa mais legal que alguém já tinha dito para mim. Sorri desconcertado e falei:

— Obrigado — esperei por mais elogios e depois disse: — Sabe, obrigado. Muito. — Não foi meu melhor momento, mas pareceu satisfazer o pai de 26. Algo me ocorreu, visto que estávamos todos nos dando tão bem. — Posso perguntar uma coisa?

Ele indicou "vá em frente" com um gesto.

— Qual é o nome *verdadeiro* dela?

Ele soltou uma risada, e a mãe de 26 começou a dizer algo, mas ele a silenciou.

— Temo que eu tenha jurado confidencialidade nesse assunto. É verdade que 26 não é o nome que lhe demos ao nascer, mas ela o escolheu para si muito cedo, e, para ser sincero, é como sempre a chamamos. Imagino que vá mudá-lo legalmente mais cedo ou mais tarde.

Escapei da cozinha depois de apertar a mão dos dois (a mãe dela até me deu um abraço rápido, mas caloroso), vesti a roupa e me lavei, atravessei a porta da frente e fui para casa, para o Diazero.

Subi pela escada de incêndio e entrei pela janela, deixei a mochila no quarto e desci as escadas. Havia vozes no salão do pub, algumas que eu não reconheci, e uma que eu não ouvia havia algum tempo.

Entrei no salão e vi Chester e Cão Raivoso sentados no sofá com os braços cruzados, parecendo preocupados, Jem agachado no braço, e sentado no bar estava o falante, cuja voz eu não ouvia havia muitos meses: era Dodger!

Quase não o reconheci, a princípio. Tinha cortado o cabelo, e, embora estivesse usando jeans e as botas de trabalho, estavam limpos e livres de buracos, e as botas até brilhavam sob as luzes do pub.

Ao lado dele estava um homem jovem, vestindo um macacão alinhado,

um chapéu meia cartola de borda estreita e tênis caros — o perfeito seguidor de moda de Bow —, observando tudo com um olhar atento e determinado.

Todos se viraram para me olhar quando entrei. Acenei.

— Oi, oi — falei. — Roger, amigo, por onde tem andado? Cabelo legal!

Ele resmungou e acenou para mim.

— Cecil — disse ele —, conheça o Sr. Thislewaite — falou Dodger, indicando o seguidor de moda, que acenou de volta.

— Pode me chamar de Rob — disse ele.

— Oi, Rob.

Jem se virou para mim.

— Dodger estava explicando que o Sr. Thislewaite tem uma proposta incrível para todos nós.

— Ah, é?

Dodger sacudiu a cabeça.

— Jem, ouça, está bem? Antes que tire conclusões.

Jem cruzou os braços de novo.

— Certo — falou Dodger. — Certo. Tudo bem. A história é a seguinte. Rob é empreiteiro, especializado em prédios abandonados.

Comecei a perceber por que todos estavam parecendo tão chateados.

— O que ele faz, certo, é comprar o prédio do conselho ou de quem quer que seja por um preço baixo, reformar quando pode e vender. Mas, quando adquire um que é como este, em um bairro que é ruim demais para vender qualquer coisa, ele gosta de esperar um tempo, pois não faz sentido gastar muito dinheiro reformando um lugar se ninguém quer viver nele.

— Imagino que, se um lugar é barato o suficiente no momento, aposto nele, gasto algum dinheiro, espero e vejo se a vizinhança melhora. — Rob não pareceu envergonhado de falar quanto dinheiro tinha, o que era incomum. Eu sabia que muitos dos seguidores de moda eram ricos, mas não achava que a maioria deles podia falar casualmente sobre comprar e

vender prédios inteiros.

— Certo. Então Rob aqui acha que Bow vai virar um bairro legal e comprou este lugar.

Aquilo era um anúncio e tanto. Dava para perceber que já tinham chegado àquele ponto com os outros garotos, e isso certamente explicava por que pareciam prestes a cometer assassinato.

— Está trabalhando para proprietários agora, Dodger? — perguntou Jem. — Mostra a eles que lugares comprar, expulsa seus antigos amigos, vende nossas casas conosco dentro?

Dodgers sacudiu a cabeça.

— Essa é a parte que você não está entendendo, Jem. Ouça, está bem? Apenas ouça. Sim, ajudo Rob a encontrar lugares bons para comprar. Os melhores lugares são ocupações, pois somos muito bons em encontrá-los, não é? Mas um lugar como este, Rob não quer reformá-lo tão cedo... Vai levar *anos* até que este lixo valha alguma coisa. E, enquanto isso, *podem morar aqui*.

Aquilo chamou nossa atenção.

— Sim — falou Dodger. — Certo. Rob quer saber que há alguém responsável morando aqui, que o lugar não está sendo usado como esconderijo de cocaína ou como local de trabalho das prostitutas, que nenhum adolescente idiota vai botar fogo no prédio esquentando crack. Ele quer que vocês sejam inquilinos.

Jem pareceu desconfiado.

— Inquilinos não pagam aluguel?

— Só quero um aluguel simbólico — falou Rob. — Uma libra por ano.

— É — disse Dodger. — E em troca vocês mantêm o lugar e saem pacificamente quando Rob pedir, quando quer que seja.

— O que ele ganha com isso?

— Um caseiro em quem posso confiar. Dodger garante que vocês são confiáveis. E, quem sabe, quando chegar a hora, pode haver outra

propriedade vazia na qual precisarei de alguém e posso mudar vocês. Sem promessas, mas há muitos prédios vazios atualmente em Londres, caso não tenham notado.

— É — falou Dodger. — E vocês manterão o lugar funcional... *Nós* manteremos, pois repassarei tudo com vocês e me certificarei de que a instalação não vai queimar o prédio. E, em troca, vocês não denunciam Rob para o conselho por condições precárias de moradia ou nada assim. É uma troca justa... Não vão encontrar nada melhor, não é? E o melhor de tudo, entrarão na legalidade, o que significa que não precisam se preocupar com despejo de um dia para outro. Rob aqui lhes dará pelo menos um mês para juntar suas coisas, talvez mais. Sinceramente, amigo, é isso, é o Santo Graal dos ocupantes.

Jem assentiu devagar.

— Certamente é o que parece. A gente sempre ouve histórias de proprietários que acreditam que o melhor para todos é deixar a pessoa ficar até a hora de ter de sair. Mas imaginei que fossem lendas urbanas... como o policial bonzinho ou a prostituta com coração de ouro.

— Podem me chamar de lenda viva — observou Rob. Ele parecia extremamente legal e inabalado por tudo aquilo. Acho que, se eu tivesse muito dinheiro *e* vilões de verdade como Dodger como amigo, também seria superlegal.

Estava começando a entender o que tudo aquilo significava.

— Sentimos falta da sua comida por aqui, Dodger... vai ficar para o almoço? — Achei que seria bom fazer com que todos pensassem no fato de que éramos todos amigos, que Dodger era um dos Jammie Dodgers originais.

Ele sorriu.

— Sim — respondeu Dodger. — Rob, está a fim de uma refeição? — Rob pareceu um pouco desconfortável pela primeira vez; achei que estivesse um pouco relutante diante da ideia de comer lixo, mas é preciso

admitir que ele ficou.

— Claro — falou Rob, e, simples assim, a tensão se partiu.

Cão e Chester — que acho que sempre se sentiram um pouco como "os últimos a chegar" e por isso sem o direito de opinar sobre questões de gerenciamento da casa — relaxaram visivelmente, e Dodger surgiu com um saco daquela maconha doida, e alguém tinha seda, e a tarde ficou muito calorosa e amigável. Dodger catou em nosso freezer guloseimas gourmet e acabou preparando tutano, bochechas de bacalhau, enguias grelhadas e porções de vegetais e feijões, tudo arrumado de modo tão refinado no prato que nem dava vontade de comer.

Cão não queria comer de jeito nenhum, pois não gostava de carnes de entranhas e delicatéssen do tipo, mas fizemos tanto drama ao juntar os lábios e emitir ruídos de êxtase que ele parou de tentar esconder o tutano debaixo das lentilhas e arrancou a coisa marrom oleosa e nutritiva de dentro do osso e colocou um pouco sobre uma torrada de pão preto em formato triangular — pão dormido do fundo do freezer — com manteiga e provou hesitante. Dali em diante, tornou-se algum tipo de monstro mítico devorador de entranhas, que raspou tudo e perguntou se havia mais, e depois mais. E tinha também vinho branco, e depois Jem fez coisas de café, e Rob contou piadas sujas hilárias, e a tarde correu, e, antes que percebêssemos, era noite, e nossas barrigas estavam saltando para fora do cós das calças.

Quando nos afastamos da mesa, éramos todos bons amigos. O estoque infinito de piadas sujas de Rob, a comida de Dodger e a arte de fazer de café de Jem tinham estreitado os laços entre nós feito duas partes de massa epóxi.

— Você é o cara do Cinema Pirata, não? — perguntou Rob. Senti-me corar. Quantas pessoas tinham visto a capa da *Time Out* e do *Guardian*? Muitas, pelo visto.

— Todos fizemos o filme — disse eu. — Eu só falei no início.

Chester mostrou a língua.

— Nosso Cecil é o gênio do lugar. O resto de nós é apenas mão de obra.

— Fiquei arrasado por ter perdido — falou Rob. — Tenho tantos amigos que foram, mas achei que parecia esquisito demais, ir até o esgoto e tal. Imaginei que seria o filme de algum aluno de artes presunçoso e eu ficaria preso no poço de merda com ele. Mas baixei depois. Muito bom! Mesmo... brilhante!

Fiquei mais vermelho.

— Devia ter ido — disse Chester. — Foi centenas de vezes melhor com a plateia toda e tal.

— Bem — falou Rob. — Vai ter de me avisar da próxima vez que fizer um.

Jem mostrou um olhar malicioso.

— Você não teria um prédio abandonado por aí que não se importaria se fosse usado como um cinema de vez em quando, Rob?

Abri a boca para brigar com Jem — Rob já estava nos dando um lugar para morar de graça, o que mais queríamos? —, mas, antes que conseguisse, Rob exibiu um olhar distante.

— Nossa — disse ele. — Agora que mencionou, acredito que sim.

Dodger soltou uma gargalhada maligna.

— Você tem a mente degenerada, Jem-O — falou ele.

— Tem, não tem? — falou Rob. — Estou vendo que terei de tomar cuidado com você, jovem mestre. Mas, sabe, sempre quis apadrinhar arte. Isso parece mil vezes melhor do que colocar o nome em uma placa na ala poeirenta de um museu.

— Além disso, não acreditaria nas gatinhas que aparecem nesse tipo de coisa — falou Dodger, embora, até onde eu soubesse, ele nunca tivesse ido a uma festa do Pêssego Confuso, mas falava com a confiança de um artista de merda de longa data. E, de qualquer forma, Rob era *velho*, uns 25 ou

30. A maioria das pessoas nas festas do Pêssego Confuso tinha a minha idade. E daí... Se ele conseguisse pegar uma mulher, quem era eu para reprovar?

Vinte e seis me ligou do trabalho; estava pegando o turno da noite na livraria anarquista com cada vez mais frequência enquanto tentava equilibrar as coisas malucas dos filmes, os trabalhos da escola e, hã, eu.

— Por que não vem me buscar? — perguntou ela. — Annika está aqui e está muito interessada no Cinema Esgoto. — Minha fama não conhecia limites, ao que parecia.

— Vou direto — respondi. Qualquer intoxicação residual do vinho e da maconha tinha sido queimada pelo café de Jem, que tinha a habilidade de destruir resquícios de bebida como um maçarico tosta uma borboleta.

Fui para o quarto me vestir e deixar a mochila com as roupas de Bradford que eu tinha pegado na casa de meus pais. Olhei para elas, inertes na cama, e percebi que antes de ir para Londres eu me vestia como um panaca. Sinceramente — jaquetas corta-vento brilhantes com nomes de times esportivos? Eu nem *gostava* de esportes! Camisetas com slogans grosseiros? Tênis transparentes com cadarços grossos e luminescentes que piscavam como a discoteca mais patética do mundo? Sério — como minha família me deixava sair de casa parecendo tão... *jeca*? Como alguém que tivesse se vestido depois de observar os anúncios da cadeia de varejo Primark em pontos de ônibus? Bem, ao menos as cuecas e as meias tinham salvação, por pouco.

Coloquei minha cueca de Bradford e vesti calças verdes grandes demais, cujo corte formava um volume engraçado na altura do joelho e fazia parecer que eu estava de joelheiras; um par de galochas pretas cortadas até a altura de um tênis; um suéter de gola alta bordado com linha de náilon de pescaria e com botões diferentes; e um imenso sobretudo de algodão encerado que costumava ser um jaleco de açougueiro, cuidadosamente

impermeabilizado depois de ter sido esfregado diversas vezes com cera fina. Olhei-me no espelho ao lado do mural de Jem no corredor e sorri: eu parecia um verdadeiro londrino. Ninguém em Bradford se vestia daquele jeito.

A livraria estava quase fechando quando cheguei. Vinte e seis estava vendendo um livro grosso sobre a história da África para um velho que parecia hippie. Ele mastigava uma mecha de cabelo enquanto 26 passava o produto no caixa, depois pagou em moedas, as quais tirou do bolso com muito cuidado, contando em voz alta. O sujeito se encaixava bem na livraria — todos os clientes eram um pouco estranhos. Isso não era problema: eu tinha decidido que preferia estar onde as pessoas estranhas estavam. Elas se divertiam mais.

Annika estava verificando o estoque e tirando o pó de prateleiras e fazendo todas as outras coisas que antecediam o fechamento e que 26 costumava fazer ao fim da noite. Assim que o hippie foi embora, ela ajudou 26 a contar o dinheiro no caixa enquanto eu fazia chá e filava uns biscoitos veganos orgânicos multigrãos adoçados com agave que tinham um gosto apenas metade tão ruim quanto o nome sugeria. Annika guardou a grana no esconderijo — um recesso à sombra debaixo das escadas que levavam ao porão; local que antes abrigava o medidor de gás da loja, quando costumava ser um apartamento. Eles depositavam o dinheiro do dia anterior todos os dias na hora do almoço, porque ninguém queria carregar umas 200 libras tarde da noite na região leste de Londres.

Então todos nos sentamos, e Annika tomou o chá e mergulhou o biscoito nele, e eu observei a tatuagem elaborada de tentáculos enroscada ao redor da garganta magra até os braços magros dela.

— Cecil — disse Annika —, estou muito feliz por você ter vindo esta noite. Veja bem, soube do Cinema Esgoto que você, 26 e seus amigos montaram, os filmes que exibiram, as coisas que falou. Eu queria lhe dizer que fez um trabalho absolutamente *maravilhoso*. Não sei o que poderia ter

feito para melhorá-lo, honestamente... Estão todos falando sobre a coisa certa.

Vinte e seis me beijou abaixo da orelha e apertou meus ombros, então senti minhas orelhas ficarem vermelhas. Dava para ver por que 26 gostava tanto de Annika; ela era tão calma, tão segura e muito bonita (embora não tanto quanto 26, eu disse apressadamente a mim mesmo).

— Obrigado — respondi. — Não fui só eu, sabe.

— Ah, eu sei. Jamais é uma pessoa só. Mas foi você cujo rosto saiu nos jornais e nos noticiários. O que significa que é você que eles vão procurar quando chegar a hora.

Engoli em seco.

— Quando chegar a hora?

Ela sacudiu a cabeça.

— Sabe o que quero dizer. Chutamos o ninho de vespas. Isso é bom. Sou sempre a favor de chutar os ninhos das vespas! Mas, quando você faz isso, as vespas saem em um enxame. Acho que é seguro apostar que os policiais sairão atrás de você em breve.

Suspirei.

— É claro — falei. Aquilo estava no fundo da minha mente o tempo todo, desde que tinha visto os jornais. — Acha que tentarão me colocar na cadeia?

Ela deu de ombros.

— Depende do humor dos policiais e dos sujeitos do entretenimento naquele dia. Eles podem acusá-lo criminalmente por invasão do esgoto ou podem acusá-lo de infração criminosa de direitos autorais. Ou dos dois. Impossível dizer.

Assenti.

— É. Mas eles tentaram fechar o Pêssego Confuso e fracassaram. Pegamos o Cinema Pirata fechado e abrimos ao público. E perdemos a votação da lei de RPI; talvez isso signifique que teremos de vencê-los fora

do Parlamento.

Ela abriu um sorriso largo, radiante de aprovação. Eu me senti orgulhoso.

— É isso aí — falou Annika. — Por que não? Podemos ser atropelados por um ônibus amanhã, afinal de contas. Mas não faz sentido você ir para a cadeia desnecessariamente, não é? Então, eu estava pensando nisto: há muitos de nós que estão nessa há muito tempo. Por que não nos ensina a fazer suas noites de cinema e ajudaremos com o trabalho. Você pode aparecer disfarçado, alguns de nós são bons nisso, e supervisionar os procedimentos, mas faremos tudo usando máscaras e tal. Nada mais de rostos. Vinte e seis me contou que vocês estão verificando alguns lugares...

Concordei e contei a elas sobre Rob e a oferta de mais lugares para fazer os eventos.

Annika anuiu sabiamente.

— Ouvi falar desse cara; ele comprou uma ocupação em Brixton onde uns amigos meus estão morando. Eles puderam ficar mais seis meses, depois ele os realocou para outro lugar em Streatham. É de palavra, acho. Um tipo raro esse: um proprietário de bom coração. A maioria deles preferiria ver os lugares vazios em vez de ocupados por invasores sujos que não pagam pelas instalações.

Assenti com entusiasmo.

— Rob pareceu legal mesmo. E, com os outros prédios vazios dele e os locais subterrâneos que encontramos naquele livro...

Annika assentiu de volta.

— Poderíamos montar um cinema novo toda semana. Acha que conseguiria fazer filmes suficientes para isso, no entanto?

Vinte e seis apoiou a xícara de chá.

— Ah, tem bastante gente lá fora fazendo filmes. Acho que não precisamos nos preocupar com *essa* parte. Eu me preocuparia mais se ocorresse uma batida ou algo assim.

Annika gargalhou.

— Ai, já passamos por isso; eu costumava organizar *raves*, quando era novinha. É uma arte e uma ciência, um equilíbrio entre tecnologia e manter-se fora do radar para tomar todas as precauções. Vocês aprenderão rápido, os dois. São inteligentes demais, não são?

Não pude discutir com aquilo. Brindamos com as xícaras de chá.

Capítulo 7

Noite de estreia/Eles nos amam!

Antes do Cinema Esgoto, as noites de Cinema Pirata eram fáceis — apenas montagens feitas por amigos em festas semissecretas/semipúblicas, organizadas no Pêssego Confuso por 26 e as amigas, garotas como Hester, que viviam para subir em árvores e pendurar as câmeras. O Cinema Esgoto fora um suplício, um caos de consertos de cadeiras e lidar com parentes vindos de fora e milhões de tipos de caos.

Mas, com Annika e os amigos buscando lugares e cuidando da logística de levar as pessoas de pontos de encontro para qualquer bunker, esgoto, cemitério, armazém abandonado ou outro local romântico da defesa civil, tornou-se meio que uma linha de montagem.

Ah, 26, Chester, Cão, Jem e eu todos ajudamos com a montagem, nos esgueiramos com cadeiras, em geral vestidos no antigo disfarce de colete refletor e capacete; Hester e as amigas também se puseram a trabalhar com muito entusiasmo. Mas, para nós no Diazero, o trabalho de verdade não era brincar de marceneiro com a mobília; estávamos fazendo filmes.

Cada minuto que sobrava, cada hora que podia ser roubada do sono, passávamos enterrados nas suítes de edição, decupando e editando. O Pêssego Confuso tinha ficado maior do que nunca, e havia mais murais

secretos para os quais éramos convidados o tempo todo. Um monte de gente fazia e postava filmes, e muitos garotos amavam os softwares de animação em 3D, e, ao trabalhar com eles, vislumbramos novas possibilidades. Cão Raivoso conheceu uma equipe de jovens italianos, de Turim, que amavam filmes de monstros quase tanto quanto ele, e, ao cooperar com o grupo, ele pôde fazer algumas das cenas mais engraçadas de estripamento e desmembramento da história do terror ilegal.

Descobri que estava longe de ser o único obcecado por Seth no mundo. Um monte de garotos do Rio era fanático por ele e eram muito habilidosos com vários pacotes de animação em 3D gratuitos; e mais, eles estavam aperfeiçoando os próprios modelos em 3D de Seth havia anos, trocando polígonos com outros garotos 3D do mundo todo. Eles mal falavam inglês, e eu não conseguia falar uma palavra de português quando começamos, mas tínhamos um monte de ferramentas de tradução automática e compartilhávamos o amor por Seth. Aparentemente, ele tinha sido *grande* no Brasil. Ao trabalhar com Sergio, Gilberto, Sylvia e todos, consegui fazer Seth realizar coisas que ele jamais tinha feito nos filmes, e agora estávamos produzindo *de verdade*.

Fazíamos as noites de Cinema Pirata toda sexta-feira, e às vezes também nas tardes de domingo, mudando a localização sempre. Às vezes ficávamos em um grande prédio vitoriano abandonado em Notting Hill, com telas diferentes em cada sala, mostrando filmes para um público maravilhado. Às vezes eram túneis abandonados do metrô, longos e empoeirados, com filmes projetados no teto e espreguiçadeiras montadas entre os trilhos de aço, para que as pessoas pudessem se reclinar e assistir. Outras eram armazéns, e uma vez até fizemos em um cinema de verdade, um que estava fechado havia 15 anos, mas ainda tinha máquinas de pipoca funcionais. Naquela noite, fizemos uniformes de lanterninhas de verdade, costuramos brocado dourado nos ombros e nas laterais das calças e lotamos a casa — seiscentos rostos mascarados assistindo conforme os

filmes que tínhamos feito e encontrado se desenrolavam na enorme tela.

Mascarados? Ah, sim. Depois do Cinema Esgoto e da minha fama pessoal inesperada, Annika arquitetou um plano para manter todas as nossas identidades secretas — transformamos as noites de Cinema Pirata em um baile de máscaras. Algumas pessoas apareciam em máscaras simples, de olhos, ou máscaras cirúrgicas, enquanto outras preferiam balaclavas das que se usam em protestos, mas as melhores eram as máscaras de carnaval elaboradas que as pessoas faziam. Apareciam com enormes enfeites de cabeça — animais fantásticos, monstros, caricaturas cruéis de políticos, todas feitas de papel machê. Havia um grupo de zumbis que voltava regularmente, para a satisfação de CR: eles competiam toda semana para ver quem conseguia fazer a maquiagem mais nojenta; forjavam olhos pendurados, gargantas cortadas, buracos de látex nas bochechas expondo "dentes" e gengivas. Era magistralmente de virar o estômago.

Tudo se passou como um borrão. Assim que desmontávamos uma exibição, estávamos nos preparando para a próxima. E, agora que a imprensa sabia quem eu era, eu recebia todo tipo de convite para entrevistas — como Cecil B DeVil, é claro. Annika me encorajou a fazê-las — "apenas não leve muito a sério".

As primeiras três ou quatro me deixaram muito nervoso, mas percebi que a imprensa sempre fazia as mesmas perguntas, então eu simplesmente me jogava no sofá com o laptop e o *headphone* e atendia à ligação enquanto Jem me abastecia com tanto combustível que era uma corrida para ver se eu conseguiria terminar a entrevista antes que eu deslanchasse em um falatório incoerente e infindável provocado pelo café.

Acho que nunca trabalhei tanto na vida, antes ou desde então. Deitava às 2 ou 3 horas da manhã, depois de uma noite de edição; e ainda bem mais tarde quando eu voltava de uma noite de Cinema. Acordava cinco horas depois, o despertador inclemente me espancando até acordar. Eu

tentava fazer café na cozinha, e o barulho que eu fazia ao mexer nas coisas inevitavelmente acordava Jem, que *odiava* ser acordado, mas odiava ainda mais o ruído de alguém assassinando seus preciosos grãos. Ele preparava um bule de *espresso* francês e eu voltava ao trabalho, devorando os e-mails da noite, as atualizações de *status*, tuítes e mensagens instantâneas, muitos de outras pessoas gerenciando os próprios Cinemas Piratas em outras cidades pelo mundo, outros de editores de filmes que esperavam ter suas obras exibidas em uma de nossas noites. Muitas mensagens de fãs também, pessoas que tinham ido a uma das noites, assistido aos vídeos no ZeroKTube ou algum outro site e queriam me parabenizar, o que era insanamente bom.

Era tanta coisa que cheguei a criar duas identidades separadas, uma para as solicitações de imprensa — recebia meia dúzia dessas todos os dias, muitas para entrevistas por e-mail, outras para vídeo ou áudio. Alguns até queriam se encontrar comigo, mas eu jamais disse sim a eles, pois estava paranoico de levarem a polícia — ou *serem* a polícia. Mas fiz todas as outras. As entrevistas por e-mail eram as mais fáceis, pois sempre me perguntavam as mesmas cinco ou seis perguntas idiotas, e eu apenas mantinha um arquivo enorme de respostas pré-escritas na forma de um FAQ no site do Cinema Pirata. Era só cortar e colar as respostas direto no e-mail e pronto.

Então havia todos os e-mails organizacionais. Annika e seu pessoal eram reconhecedores de locais incríveis, sempre achavam lugares novos para experimentarmos. Mas havia o problema de carregar o público — e levá-los até lá sem indicar para a polícia qual era nossa localização com antecedência. Para isso, eles empregavam táticas da era de ouro das *raves*: anunciavam um ponto de encontro e depois alguém os encontrava com instruções para outro lugar, e depois outro. No caminho, reconhecedores secretos verificavam as pessoas, procurando alguém suspeito. Finalmente, colocavam todos em vans brancas de empreiteiros, sem janelas, e os

levavam para o endereço correto. Eu conseguia pensar em cinquenta formas de os policiais vencerem esse sistema, mas dava à coisa toda um ar de mistério e animação, e parecia que a polícia não estava tentando tanto nos interceptar àquela altura, pois não fomos surpreendidos nenhuma vez.

Então — e-mails organizacionais, depois eu engolia uma comida sem nem sentir o gosto e partia para a suíte de edição de novo. Eu estava fazendo de 30 a 45 minutos de vídeos por *semana*, e levava mais de uma hora para editar cada minuto. E, além disso, ainda tinha de sair para as caçambas em busca de comida, e, além disso, estava sempre à procura de retalhos para o projeto de confecção das máscaras, as quais se espalhavam por todo o Diazero, cobrindo qualquer superfície horizontal com restos molengas de papel machê — tiras de jornal rasgadas misturadas com farinha e cola branca —, tinta, miçangas, purpurina, pelos, retalhos de tecidos e ossos, e até um monte de dentes falsos que Aziz encontrara em algum lugar.

Alguém estava sempre fazendo máscaras, e acabou virando uma competição e um jogo. Vinte e seis inaugurara o costume ao fazer uma para mim certa semana e pedir que eu desse a ela a máscara que estava planejando usar — uma cabeça de pelúcia gigante feita de pele azul vibrante falsa com centenas de olhos costurados por toda parte (o buraco para os olhos de verdade estava escondido atrás de uma tela de janela). Daí em diante, demos início a um ritual de troca de máscaras logo antes de sair nas noites de exibição e nos surpreendíamos com as criações bizarras e hilárias.

Quando a edição, a compra de comida, a comilança e as entrevistas acabavam, se eu tivesse sorte, teria uma ou duas horas com 26 — que fazia quase tudo que eu fazia, além de manter em dia os trabalhos do último ano de escola — antes de sair à noite para uma das noites de cinema ou para alguma reunião que o pessoal de Annika tinha organizado para falar sobre como melhorar as coisas na exibição seguinte.

Eu chegava em casa exausto, mas incapaz de dormir com todo o café e a adrenalina e a agitação, e, frequentemente, eu enrolava um baseado pequeno, do tamanho de um alfinete, fumava enquanto editava um pouco mais e esperava que fizesse efeito e pesasse sobre minhas pálpebras, meus braços e minhas pernas, e me arrastava para fora da cadeira em direção ao colchão no chão, até que o despertador me acordava para começar tudo de novo.

Semana após semana, isso continuou, entremeado pelos telefonemas cada vez mais comuns para casa, para Cora e meus pais. Parecia que Cora terminaria o ano bem; não eram as melhores notas que tinha tirado, mas também não eram as piores. Ela estava usando a conexão à internet recém-restaurada para fazer uma série de projetos de estudo independente sobre como tinha sido corrupta a aprovação da Lei de Roubo de Propriedade Intelectual e estava se tornando uma praga ao ligar para os escritórios de membros do Parlamento que a haviam aprovado, pedindo que conversassem com ela para o projeto.

Ao que parecia, os professores de Cora *adoravam* esse tipo de coisa e a inscreveram em uma espécie de competição distrital de trabalhos estudantis, na qual o trabalho vencedor seria publicado no site da BBC e apresentado em âmbito nacional, o que seria uma boa piada, pois ele fazia o Parlamento parecer um capacho dos corporativistas. Bem, eu riria, de qualquer forma. Mamãe e papai estavam um pouco melhores, agora que a internet estava de volta, e na maioria das vezes em que eu ligava conseguíamos passar 10 ou 15 minutos sem que eles me recriminassem, me dissessem que eu deveria voltar para casa e me perguntassem o que eu estava fazendo da vida.

Não respondia a esta última. Meu rosto não aparecia nos jornais havia um bom tempo, e, para ser sincero, era desse jeito que eu gostava. Fazia séculos desde que alguém na rua me reconhecia, desde que alguém no ônibus semicerrava os olhos para mim do outro lado do corredor,

tentando lembrar de onde me conhecia. No fim das contas, era melhor assim.

Mas, sem minha foto na capa do jornal, mamãe e papai rapidamente se esqueceram de como estavam orgulhosos de mim e, de novo, começaram a se preocupar que um cara franzino como eu poderia estar sendo levado para o mau caminho na velha e suja Londres. Nada que eu dissesse conseguia dissuadi-los disso, e, para ser sincero, se soubessem, soubessem de verdade, o que eu estava fazendo, diriam que estavam certíssimos a respeito do que aconteceu com seu amado filho na porcaria da cidade grande.

Mas aquelas ligações não me deprimiam por muito tempo. Nada me deprimia. Aquela sensação de ocupação arrebatadora e intensa impedia que qualquer coisa sequer me arranhasse. Eu tinha *muito o que fazer* para ficar deprimido, ranzinza ou reclamar. Estava vivendo a vida, e não reclamando dela, e, nossa, isso não era incrível?

Sim, então, essa foi minha vida por um bom tempo. Foi a vida de todos nós; mergulhamos de cabeça, e toda semana havia mais e-mails, mais filmes, mais solicitações da imprensa, mais pessoas que pareciam se importar com o que estávamos fazendo. E havia mais pessoas indo às noites de cinema, e havia mais cinemas — não apenas o nosso. Eles surgiam por toda a cidade, e tentei ir a tantos quanto pude — mesmo que isso significasse perder parte do nosso. Eu queria ver o que estavam exibindo e, se fosse bom, ia querer usar em uma de nossas noites. Muitas das coisas eram boas, e algumas eram fantásticas; eu queria encontrar os editores, me ajoelhar aos pés deles e implorar para ser treinado por alguém tão habilidoso.

É claro que não podia durar.

Vinte e seis entrou no Diazero uma quarta-feira à tarde, como qualquer outra quarta-feira à tarde. Vinte tinha a própria chave e ia para lá muitos

dias depois da escola — os pais dela não se importavam, contanto que passasse pelo menos três noites por semana em casa e mantivesse as notas altas. Eu estava no sofá da sala de estar, usando uma pistola de cola quente para colar penas de um espanador em uma máscara doida de corvo, com olhos malignos de botão e um bico cruel feito de um pedaço de alça de guarda-chuva curvada, coberto com vinil preto, cada parte cuidadosamente resgatada do lixo.

Vinte se jogou no sofá ao meu lado e me deu um enorme abraço voador que quase destruiu a máscara, mordeu minha orelha e meu pescoço com força, de modo que eu me encolhi, empurrei e gritei "Saaai!" e fiz cócegas nela com uma das mãos enquanto segurava a máscara longe da agarração com a outra.

— Ah, ah, ah — disse ela, com uma gargalhada e segurando a barriga e chutando o ar enquanto se recostava em mim. — É tão fantástico, espere só até ouvir!

— O quê? — perguntei. Não conseguia descobrir o que era, um ótimo vídeo que ela havia encontrado, um lugar ousado para a próxima exibição, notas máximas em alguma das matérias da escola?

— Recebi uma ligação de Letitia. Ela disse que vai apresentar um projeto de lei individual de parlamentar para rejeitar a RPI. Tem sido um enorme desastre, mais de duas mil pessoas já foram presas até agora, e a maioria delas é menor de idade. Ela entende que entre isso e a desobediência civil dos cinemas piratas não há oportunidade melhor para fazer os parlamentares discutirem o assunto. Todos dizem que haverá uma eleição antes do verão, e ninguém quer se candidatar depois de ter votado em uma lei que coloca jovens na cadeia por ouvirem música e assistirem à televisão.

Inclinei a cabeça.

— Não entendo muito dessas coisas, mas isso não é um tipo de, sabe, um gesto? Há alguma chance de eles votarem essa lei no Parlamento? Por

que votariam a *favor* dela se não quiseram votar *contra* a lei de RPI a princípio?

Vinte e seis agitou as mãos no ar.

— Quando estavam debatendo a RPI, os lobistas do entretenimento diziam que estávamos todos exagerando, que só seria usada seletivamente contra chefões de crime organizado e afins. Agora podemos mostrar que estávamos certos o tempo todo. Liguei para Annika a caminho daqui, e ela também acha que há chance. Diz que as noites de cinema mantiveram o foco no que é criatividade de verdade e na injustiça da RPI; e mais, são um lugar perfeito para incitar as pessoas a irem para as ruas apoiar a lei de Letitia.

Permiti-me um pequeno vislumbre de esperança. Aquilo era melhor do que eu havia sonhado: as noites de Cinema Pirata não eram apenas protestos vazios ou um modo de dar uma ótima festa e nos mostrar: iam fazer a *diferença*. Nós mudaríamos a lei, derrotaríamos aqueles babacas corporativos, tomaríamos o poder de volta para o povo.

Apoiei a máscara e dei um beijo grande e molhado em 26, que durou bastante tempo. Não conseguia parar de sorrir — nem naquela tarde nem naquela noite, por trás da máscara cirúrgica complexamente pintada que trocara com Cão Raivoso. Os filmes nunca foram melhores, o público jamais esteve tão fascinante e a noite, tão mágica.

É claro que não podia durar. Aqueles cujos deuses destruirão por completo são antes agraciados com uma revelação do paraíso (é a epigrama de *Calor de Wasabi*, a merecidamente menos conhecida das comédias românticas de Seth).

Eu me arrumei muito para ir ao escritório de Letitia dessa vez. Não sei bem por quê. Talvez porque tivesse passado muito tempo em trapos esquisitos que eram cuidadosamente calculados para meio que ofender as pessoas do mundo certinho, como Letitia Clarke-Gifford: de classe média,

ultrarrespeitável, temente à lei. Se eu ia passar o resto da vida comendo lixo, ocupando pubs, pedindo esmola e fazendo filmes ilegais, queria me certificar de que pessoas que eu conhecia eram do tipo ultraboêmio contemporâneo como eu.

Mas, agora que o Parlamento aparentemente estava do meu lado, sentia como se devesse ao menos surgir com a aparência de que tinha me esforçado para encontrar um meio-termo. Sorte a minha que roupas formais levemente antiquadas são comuns que nem mofo em lojas de caridade, pois a moda muda muito rápido. Consegui descolar um conjunto de blêizer com calça social muito chique, com camisa social amarelo-canário de algodão de tantos fios que dava para usá-la para filtrar o vírus da gripe. O antigo dono tinha queimado as costas da camisa com o ferro, então eu teria de ficar de blêizer.

Quando 26 encontrou comigo na estação de metrô Maida Vale, olhou para mim duas vezes antes de me reconhecer. Então levou as duas mãos à boca, enrugou os olhos e mostrou que estava se esforçando muito para não rir de mim.

— Vamos, não está tão ruim — falei. — Ela é uma parlamentar, afinal de contas!

Vinte e seis sacudiu os ombros. Ela respirou fundo diversas vezes com as mãos sobre a boca, esticou as costas e desceu os braços na lateral do corpo. Depois me deu um beijo e apertou meu bumbum.

— Pareço tão idiota assim? — perguntei.

Ela sacudiu a cabeça.

— Foi isso que me horrorizou! Ficou *bem em você*! Em outra vida, talvez tenha sido um jovem bancário!

— Agora você só está sendo cruel — respondi. Fiquei envergonhado durante o caminho todo até a audiência com a representante do Parlamento.

A princípio, Letitia nem quis falar comigo sobre a lei. Só queria conversar sobre os filmes.

— Não consigo parar de assisti-los. São como pipoca! Baixo um, então aparece outro que quero assistir, e outro, e outro... quando percebo, passaram-se *horas*. Você fez aquele em que Seth Watson está dirigindo um táxi preto em Londres, descrevendo todos os pontos turísticos com falas descontextualizadas de seus filmes verdadeiros?

Assenti.

— O vídeo foi muito fácil. Tirei o fundo de detrás da cabeça de Seth, peguei alguns vídeos feitos pelas janelas dos carros no Google Streetview e enfiei-os no interior de um táxi que eu havia cortado. A parte difícil foi achar um diálogo que funcionasse com todos os bairros. Claro que pude selecionar as ruas e os pontos turísticos para os quais tinha diálogos bons, então foi meio que um roubo.

— Nossa, adorei aquele parte com o "má e dá vale"!

Aquilo tinha sido um trabalho inspirado. Na primeira vez em que peguei o metrô para ver 26, estava ouvindo o anúncio no alto-falante quando o trem chegou a Maida Vale, mas eu ouvi "A próxima estação é má e dá vale". O que fez minha mente viajar com ideias de funcionários do metrô xingando as pessoas e bilheterias que davam vales em vez de troco. Bem, certa noite, eu estava assistindo Seth em *Férias do barman*, na cena em que ele está misturando drinques exóticos para americanos burros em um bar à beira-mar, em Honduras, e um dos americanos diz "Por que você trabalha nesta espelunca?", agitando a caneca na direção de Seth. Ele responde, inexpressivo: "Não é má e dá vale." Quando as duas coisas clicaram em minha mente, a comédia nasceu. Daí em diante, só precisei escolher outras falas de Seth: "Aquela loja. É má e dá vale. Aquela bicicleta. É má e dá vale. Aquela menina. É má e dá vale." Tive medo de que a piada ficasse menos engraçada com a repetição, e acho que ficou, em algum lugar por volta da marca dos 30 segundos. Mas, na marca dos 45

segundos, tinha passado de idiota para o lado oposto, que é um tipo de engraçado muito mais engraçado, e na primeira vez que mostrei ao vivo no Cinema Pirata eles riram até cair, urrando. Mesmo agora as pessoas gostam de apontar para coisas aleatórias e dizer "É má e dá vale". Isso fez com que eu me sentisse brilhante.

— Foi um sucesso mesmo — respondi.

Sentia-me muito estranho em um terno agora. Letitia usava um vestido esvoaçante com uma echarpe grande — estava frio no gabinete dela, que tinha uma corrente de ar — e tinha tirado os sapatos e cruzado as pernas, exibindo as meias de lã grossa de listras multicoloridas. A única outra pessoa de roupa formal era o segurança do lado de fora, que nem mesmo se importara em nos pedir identidade ou para passar pelo detector de metais, tendo reconhecido imediatamente 26.

— Então — disse Letitia, inclinando-se para a frente para ir direto aos negócios. — Vinte e seis contou a você sobre a lei?

Dei de ombros.

— Acho que sim. Não sei muito sobre procedimentos do Parlamento e coisas assim...

Letitia assentiu.

— Está bem, certo, um projeto de lei individual de parlamentar costuma ser um tipo de protesto vazio. Funciona da seguinte forma: um parlamentar, como eu, apresenta-o, em vez de o partido governante como um todo. Se o governo não quiser que o projeto seja aprovado, é fácil demais derrubá-lo de novo, é só discuti-lo exaustivamente até que o prazo para debate expire, e a lei morre. Mas, às vezes, um projeto de lei individual de parlamentar é um modo de o governo aprovar uma lei sem precisar de fato ter de propor ele mesmo. Conseguem alguém como eu, da oposição, para propor a lei, o orador dá tempo o suficiente para um debate extenso, uma audiência na Câmara dos Lordes e uma votação, então, abracadabra, temos uma lei! É esquivo, mas é como conseguimos aprovar

algumas das mais, ã-hã, controversas leis.

"Então, a ideia é esta: vou apresentar uma lei para emendar a Lei de Roubo de Propriedade Intelectual. Ela vai rescindir todas as penas criminais e acabar com a prática de suspensão de conexões com a internet por acusações de pirataria. Em troca, a lei explicitamente permitirá que os grupos detentores de direitos autorais ofereçam o que se chama de licença cobertor para os provedores de serviços de internet. Elas já são muito usadas; por exemplo, quando a DJ da Radio 2 decide tocar uma música, não precisa ir atrás do advogado da gravadora e negociar a taxa pelo uso. Em vez disso, toda música que já foi gravada é disponibilizada para ela por uma licença cobertor, e o dinheiro que a BBC paga é dividido e pago aos artistas. Com esse esquema, estúdios cinematográficos, desenvolvedores de jogos, editoras e gravadoras poderiam propor uma taxa mensal por usuário aos provedores de internet em troca de compartilhamento ilimitado de todas as músicas, os livros e os filmes.

Tentei entender aquilo.

— Quer dizer fechar um contrato com a Virgin e dar a eles, sei lá, 15 libras por mês pela minha internet? Eles dão 5 libras para esses grupos e posso baixar de tudo?

Ela assentiu.

— Sim, é exatamente isso. Não é diferente, na verdade, do que acontece de fato na maioria dos lugares. Por exemplo, quando você vai a uma loja em que estão tocando música, eles pagam uma pequena taxa todo mês para o que se chama de "associação autoral", que paga aos músicos pelo uso. Associações autorais no mundo inteiro têm contratos umas com as outras e uma contabilidade absurdamente complicada para pagar aos membros umas das outras. São grandes e costumam ser bem corruptas, mas me parece que tornar as associações autorais mais justas é um trabalho mais simples do que convencer todos a parar de fazer cópias proibidas na internet. Colocamos mais de oitocentas pessoas na cadeia até

agora por cópias. Imagine só! Custa ao estado mais de 40 mil libras por ano para mantê-los lá dentro. São 40 mil libras que estamos deixando de gastar com educação, saúde ou estradas. Ou ainda em fomentos artísticos para filmes e música! É uma desgraça total.

Letitia pareceu notar que estava praticamente cuspindo, então se acalmou com um esforço visível.

— Sinto muito — disse ela. — Sei que não deveria me emocionar com isso, mas é tão terrível. Ficamos aprovando leis cada vez piores, e não estão resolvendo o problema. É uma doença que se pega no governo, como aprovar uma lei contra a maconha, e depois aprovar leis cada vez piores contra a droga, até que as penitenciárias estejam explodindo com pessoas que não deveriam estar lá na verdade, e, quando você vê, está tão comprometida com uma lei ridícula que não pode refutar sem ter parecido terminantemente idiota por tê-la apoiado a princípio. — Letitia suspirou.

— *Enfim* — continuou ela —, o motivo pelo qual pedi que viessem aqui hoje é porque tive uma conversa boa e privada com o orador da Câmara, que queria que eu soubesse que, se apresentasse a tal lei, ele se sentiria inclinado a permitir um debate completo e a colocá-la em votação. Além disso, o orador indicou fortemente que os *whips* do partido dele se certificariam de que todos os representantes do Parlamento apareceriam para trabalhar naquele dia e votariam a favor da lei. E entrei em contato com a líder do meu partido, e ela está disposta a deixar que meu grupo vote de acordo com a própria consciência, e tenho quase certeza de que todos votariam a favor, exceto por um ou dois malucos que querem ver praticamente todo mundo na prisão durante os próximos duzentos anos ou mais, apenas para ensinar-lhes uma lição.

Meus olhos pareciam prestes a saltar das órbitas, e percebi que eu literalmente estava com a boca tão aberta que começava a babar. Ainda estava chocado com o fato de que aquela representante da porcaria do Parlamento tinha acabado de me dizer que achava que baseados deveriam

ser legais, e parte do meu cérebro estava saltitando, tentando conseguir minha atenção, pois aquela mesma parlamentar também propunha repelir a lei do RPI e, mais do que isso, repelir a antiga Lei de Economia Digital que tinha expulsado minha família e eu da internet.

Vinte e seis bateu com força no meu ombro, jogou os braços ao meu redor e me apertou com tanta força que senti que meu almoço ia dar as caras pela minha boca de novo.

— Não é *incrível*? — perguntou.

Assenti vigorosamente.

— É, mas, hã...

Letitia me olhou.

— Sim?

— Por que está contando isso para a gente? — Eu não disse em voz alta, mas estava pensando: *somos apenas dois adolescentes!*

Ela levou as mãos à boca.

— Ah! Não falei? Não? Bem, é claro que vocês dois são absolutamente cruciais para que isso aconteça. A questão é que, assim que qualquer um dos lobistas horrorosos do outro lado souber disso, eles vão cair em cima de nós, pedirão que atores e cantores pop famosos apareçam nos escritórios dos parlamentares, ligando para os representantes e lembrando-os de todo o dinheiro que doaram para suas campanhas eleitorais, esse tipo de coisa. Para termos esperanças de que essa lei será aprovada, será preciso haver uma enorme *contrapressão* sobre cada parlamentar no país. Mais ainda do que com a lei do RPI. Vocês vão precisar de massas de eleitores com apoio sincero e apaixonado pela lei. E mais, terão de se preparar para ter todas as pessoas xingando vocês de ladrões ou pior. Ao que me parece, no entanto, vocês e seus amigos têm um argumento muito bom para refutar isso: estão fazendo filmes que as pessoas simplesmente amam, que são assistidos pelo mundo inteiro, e vocês não ganharam um centavo com eles. Está claro para mim que não são apenas espertinhos em busca de um

ou dois filmes grátis: são cineastas, vocês mesmos, exatamente o tipo de pessoa que nossos direitos autorais deveriam proteger, e aqui estamos nós, colocando-os na cadeia.

Sacudi a cabeça. Seria possível?

— Então está dizendo que basicamente seremos as crianças do pôster para um ataque generalizado à lei de direitos autorais da Grã-Bretanha?

Letitia gargalhou.

— Se prefere colocar dessa maneira. A questão é que quase certamente haverá um chamado para uma eleição dentro dos próximos três meses; o governo não pode passar mais de quatro meses sem qualquer evento. Eles estão no gabinete há quase cinco anos agora, é o máximo, e as chances de fazerem as eleições em maio são grandes para que ocorram junto com as eleições regionais e de conselhos, o que poupa bastante dinheiro e sempre fica bem quando se está concorrendo à reeleição. O partido no poder sabe que está vulnerável nessa questão, e todos os outros partidos estão visualizando a possibilidade de ir para as eleições depois de terem apoiado uma causa tão popular. Então, todo mundo tem um motivo para querer a lei aprovada, contanto que o outro lado não nos passe a perna. Mas nossas chances são boas. Vocês dois são adoráveis, talentosos e obviamente inofensivos. Será difícil fazer com que vocês pareçam vilões.

Ela tomou um gole da xícara de café.

— Não que não tentem, é claro.

Annika organizou mais uma reunião no porão do restaurante turco em Brick Lane na semana seguinte. Havia os mesmos brownies de alfarroba, mas muito mais coisas além deles: Jem e Dodger tinham passado dois dias na cozinha, preparando todo tipo de guloseimas, como minitortas de enguia, pudim de ameixa, pratinhos de coelho cozido e bolinhos macios. Achei que tinham feito demais quando carregaram a comida em seis caixas enormes para levar para Brick Lane nos ônibus, mas tinha tanta gente no

porão do restaurante que a comida acabou em segundos. Eu estava acostumado com as noites do Cinema Pirata serem cheias — teve uma em um túnel antigo da defesa civil que ficou tão claustrofóbica que precisei subir as escadas intermináveis até a superfície antes de ter um ataque de pânico, e foi bom que nada pegou fogo, pois ninguém teria conseguido sair. Mas a reunião estava quase tão ruim quanto aquela pior noite do mundo. O dono do restaurante ficava descendo com canecas de cerveja e pilhas de copos e bandejas de aperitivos típicos e quem estivesse mais perto do final da escada recolhia o dinheiro para pagar, então a comida e a bebida desapareciam pela massa faminta.

Annika colocou ordem na reunião ao simplesmente subir em uma das mesas, estender as mãos à frente do corpo e bater palmas em um ritmo simples e lento: Clap. Clap. Clap. As pessoas ao redor dela se juntaram, depois as pessoas ao redor dessas, e em alguns minutos ninguém conseguia manter qualquer conversa. Era um truquezinho de mágica: Annika, obviamente, tinha presidido uma reunião ou duas quando era jovem.

Ela parou de bater palmas e fez um gesto como se empurrasse algo para baixo, como se estivesse batendo com a palma da mão em uma mesa invisível na altura do peito, e, feito mágica, as palmas pararam e todos ficaram em silêncio no porão abafado. Todas aquelas respirações eram como o som de uma chuva distante. Como eu disse: mágica.

— Certo, então — disse Annika. — Vamos chamar Cecil aqui em cima.

Aquela era a parte do plano da qual eu ainda não estava muito certo. Eu apresentara muitas exibições do Cinema Pirata, mas, depois da primeira noite, sempre usei máscara. Mas todos sabiam como eu era, graças ao Cinema Esgoto, e todos os meus colegas acharam que eu poderia explicar.

Saltei para cima da mesa, com a ajuda de Annika, e olhei para o mar de rostos. Tinha um pedaço de papel no qual rabiscara algumas notas, mas não conseguia me concentrar nele. A mão de Annika estava escorregadia

com suor, e eu podia sentir meu próprio suor descendo pelo pescoço e escorrendo até as costas.

— Hã — falei. Senti-me fisicamente doente, como se fosse vomitar. Todas aquelas pessoas olhando para mim. Que diabo eu sabia sobre aquilo? Alguns dias antes, nem mesmo sabia o que *era* um Projeto de Lei Individual de Parlamentar. Era só um garoto que gostava de cortar filmes.
— Hã — falei de novo. Minha visão oscilava.

Sacudi a cabeça. Havia palavras no pedaço de papel suado, mas eu literalmente não conseguia obrigar minha boca a formar qualquer frase coerente. E os rostos! Estavam todos me encarando, e alguns deles rindo, e outros tinham começado a sussurrar para os colegas, e de repente tudo foi demais. Sacudi a cabeça e murmurei:

— Desculpem-me. — Desci da mesa e abri caminho pela multidão e escada acima. Em Brick Lane, estava chuviscando direto, aquele céu cinza idiota baixo e molhado que Londres parecia ter de outubro até maio.

Caminhei pela rua, meio que esperando que a qualquer segundo um dos meus amigos ou 26 fosse me agarrar, me girar na direção contrária e brigar comigo por ter entrado em pânico, então me abraçaria e me diria que não tinha problema, mas ninguém fez isso. Saí para a Bethnal Green Road, entre as lojas de Bangladesh e as lojas de venda de bebidas no atacado, e pontos de táxi e vagabundos vendendo lixo recolhido sobre lençóis e bêbados aproveitando a noite com latas de cerveja erguidas. Londres nunca parecera mais deprimente para mim do que naquele momento. O que tinha se apoderado de mim? Eu lhe direi o que foi: o conhecimento repentino e terrível de que eu não tinha ideia do que estava fazendo, era só um garoto e ia estragar tudo. Eu não era um líder, não era um porta-voz. Era alguém que abandonara a escola em Bradford e gostava de fazer filmes engraçados.

Em minha imaginação, meus amigos estavam de pé espalhados pelo porão do restaurante sacudindo a cabeça com sabedoria um para o outro e

murmurando coisas como “Porcaria de Cecil, que dramático, eu sabia que não daria conta”.

Fui para casa, observando meus sapatos com um detalhamento torturante na longa caminhada de volta, esbarrando nas pessoas e em postes e em lixeiras. Entrei pela porta da frente, abri a porta da geladeira, encarei o interior sem ver de verdade. Queria apagar a mente: ficar bêbado, fumar maconha, cheirar um pouco de cocaína. Não havia bebida na casa, nem erva, mas bem do lado de fora da porta havia tanta cocaína quanto eu podia querer. Os olheiros dos traficantes nos conheciam, é claro, e nem emitiam os chamados de pássaros quando chegávamos e saíamos, e eu conhecia muitos deles de vista. Não tinha um centavo no bolso, mas poderia apostar que alguém me forneceria um montinho doce fiado. Todos sabiam onde eu morava.

Fiquei parado na porta da frente por um longo tempo, a mão na maçaneta, sentindo-me empacado sobre as botas sem cadarço. Ainda sentia dor nas panturrilhas e nos pés pela caminhada até em casa, minha mente estava envolta em uma bruma de vergonha e autopiedade. Parecia que eu estava me olhando de muito, muito longe, de fora do corpo, observando conforme começava a girar a maçaneta, então pensei: *tudo bem, ele vai fazer isso, ele vai sair e conseguir um pouco de coca*. Naquele momento, o garoto com a mão na maçaneta era outra pessoa, não eu. *Eu* estava assistindo a mim mesmo com um interesse tranquilo, como se fosse um vídeo que eu tivesse encolhido ao tamanho de um selo e colocado no canto da tela.

Decidi ir dormir. Se não conseguisse dormir, poderia sair e comprar droga depois. Os traficantes de cocaína não iriam a lugar nenhum.

Dormi.

Quando acordei, fiquei deitado na cama e encarei o chão bagunçado e a porta por um bom tempo. Verifiquei o celular. Apenas 11 horas. Todos

ainda dormiriam durante horas, presumindo que tivessem chegado às usuais 4 ou 5 horas da manhã. Por precaução, desci as escadas na ponta dos pés, pois não queria encontrar com nenhum dos meus amigos e encarar seu ódio — ou pior, a pena. Eu tinha bastante pena por todos nós.

Coloquei a roupa e peguei uma placa equipada com um frasco de antisséptico para as mãos, um pacote de lenços, um pacote de lenços desodorantes e uma embalagem de escovas de dente mastigáveis. Enrolei tudo e segui para a Old Street Station, encontrei uma saída na qual não havia ninguém pedindo dinheiro e comecei a chacoalhar a placa, esperançoso, para os passageiros.

Acho que eu devia ser uma visão deprimente, pois bati o recorde — 70 libras em duas horas, uma quantia inédita. O antisséptico e as escovas de dente tinham acabado, e todo o resto estava no final. Passei pelas outras saídas, encontrei Lucy e Fred e dei a eles metade do dinheiro. Lucy me deu um abraço longo e um pouco fedorento, e fiquei feliz com isso — alguém neste mundo que estava ainda pior do que eu achava que eu era incrível; isso queria dizer alguma coisa, não?

Eram 16 horas quando voltei ao Diazero. Entrei pela antiga passagem do topo da escada de incêndio, a que paramos de usar depois que Rob nos legalizou, esperando evitar todo mundo, se possível. Esgueirei-me de volta para o quarto e reparei que todas as luzes ainda estavam apagadas — imaginei que todos tivessem acordado e saído. Ótimo.

Encarei o celular por um longo tempo. Vinte e seis não tinha me ligado. É claro que não. Por que iria querer falar com um inútil patético como eu? Fiquei deitado na cama desejando poder ir dormir e afastar o mundo. Pensei em cocaína de novo e nas 35 libras no meu bolso. Aquilo pagaria por mais do que o suficiente para me consolar aquela noite. Minha câmera pessoal começou a subir, afastando-se do meu corpo de novo, e eu soube que, se não fizesse algo naquele momento, aquela pessoa na cama, com os olhos vermelhos, ia sair e fazer uma burrice muito grande.

Peguei o laptop e entrei no Pêssego Confuso. É claro que só se falava sobre a noite anterior. Virei o rosto, mas não pude evitar de ler. Então li.

Depois saltei de pé, peguei o casaco e *corri* para a porta, mal parando para trancá-la. Eu discava o celular de 26 conforme disparava pela rua principal de Bow e apertei o botão de discagem rápida três vezes antes de conseguir, mas caiu na caixa postal sem chamar. Liguei para Jem a seguir, depois para Cão e Chester e até mesmo Dodger — todos os números que eu tinha das pessoas que estavam no porão na noite anterior. Ninguém atendia. Pensei que deveria ter o número de Aziz em algum lugar, então parei de correr, peguei o laptop de dentro da mochila, agachei contra a vitrine de uma loja e verifiquei mensagens antigas em busca dele. Encontrei e disquei com os dedos trêmulos.

Tocou seis vezes, e Aziz atendeu distraído:

— Lô?

— Aziz, amigo, sou eu, Cecil.

— É, alô, Cecil. Ouça, filho, estou meio ocupado...

— Eles foram todos presos, Aziz, todos eles: Jem e Chester e Dodger e Cão e minha namorada, todos, todos eles! Estava no Pêssego Confuso esta manhã... A polícia fez uma batida na reunião de ontem à noite sobre uma lei de direitos autorais; disseram que estavam atrás dos piratas que estavam gerenciando os cinemas.

Houve um longo silêncio.

— Aziz?

— Um segundo — respondeu ele. Ouvi os dedos de Aziz tamborilando sobre um teclado e o ruído destruidor de uma fragmentadora de papéis. — Vá em frente — disse Aziz com tranquilidade.

Abri e fechei a boca algumas vezes.

— Não sei o que dizer, Aziz! Estou desesperado, amigo. O que faço?

Ele suspirou.

— Olhe, Cecil, você é um bom jovem, mas é jovem. E, quando se é

jovem, ainda não se aprendeu que ficar todo afobado não ajuda em nada. Consigo ouvi-lo ofegar daqui. Respire fundo várias vezes, esvazie a mente e pense bastante. As pessoas vão para a cadeia o tempo todo. Ainda não foram condenados por nada, e, se forem, então, hã, não será por culpa de qualquer evidência por minha parte. — Ouvi a fragmentadora chiar de novo. — Enquanto isso, acalme-se e veja que tipos de soluções se apresentam.

Minha primeira reação foi gritar com ele por ser um desgraçado de coração frio. Mas Aziz estava certo: *eu* estava correndo pela rua como uma galinha degolada. *Ele* estava tomando precauções para se certificar de que, se houvesse uma batida na casa dele, nada que fosse encontrado colocaria seus amigos em risco. Qual de nós estava sendo mais útil?

— Tudo bem, Aziz. Está certo. Ligo mais tarde.

— Melhor usar e-mail criptografado, filho. Sinto dizer que vou jogar este cartão SIM fora quando terminarmos.

Dãã. Aziz era muito melhor naquilo do que eu. É claro que ele passara a vida inteira tomando a frente de pessoas que tentavam usar a tecnologia para controlar seus inimigos. Guardei o laptop, fiquei de pé e olhei ao redor. Tinha suado muito ao correr pela rua, mas agora estava congelando, o casaco desabotoado, os pés enterrados nas botas desamarradas sem meias. Certo. Fechei as botas e o casaco, limpei o suor gelado do rosto. Pensei em jogar o SIM fora, mas era o modo principal de 26 e os outros entrarem em contato comigo da cadeia, presumindo que não teriam acesso a um computador.

Então me obriguei a andar com calma até a estação de metrô. Não tinha ideia de para onde ir, mas, aonde quer que fosse, provavelmente precisaria de um transporte rápido para chegar até lá. Bom. Eu estava fazendo progressos.

Com quem eu poderia falar? Bem, Letitia seria bom, para começar. Eu não tinha o número de telefone dela, mas ela estaria no gabinete. Ah, e é

claro, havia os pais de 26. Se só tivesse recebido direito a uma ligação, ela teria ligado para eles, não é?, principalmente considerando que o padrasto dela era advogado, certo? É claro. Agora que pensava naquilo com calma, estava começando a fazer sentido — ainda que fizesse eu me sentir levemente culpado, como se estivesse traindo 26 por não estar correndo de um lado para outro em pânico enquanto ela estava em perigo.

Agora, será que eu tinha o número dos pais dela? É claro que sim. Teve aquela vez em que 26 viajou com a mãe para passar o fim de semana em Devon e deixou o telefone cair no mar, então me mandou o número da mãe para que eu ligasse e pudéssemos ter uma conversa melosa (como a mãe dela insistia em descrever: "querida, é para você, é seu rapazinho ligando para uma conversa melosa de novo!"). Estava na memória do meu celular. Parei de caminhar, segui até a marquise de uma banca de jornal e disquei.

— Alô?

— Sra. Kahn? — Eu a chamava de Amrita havia meses, mas senti que a ocasião exigia formalidade, como se talvez ela não quisesse que eu fosse tão íntimo com a filha, agora que 26 tinha sido presa.

— Quem é?

— Sou eu, Cecil.

Ela emitiu meio que um resmungo.

— Eles soltaram você, então?

— Eu não estava lá — respondi. — Não estava lá quando fizeram a batida no lugar. Acabei de saber o que aconteceu. Você falou com 26?

— Meu marido está na corte dos magistrados há horas — disse ela. — Tentando forçá-los a fazerem uma audiência de fiança. A polícia falou que, com um número tão grande de pessoas presas, pode levar algum tempo. — Houve um clique. — Espere um momento. — Ela me colocou em espera. Depois de algum tempo, ela voltou. — É o pai de 26 — falou Amrita. De repente, lembrei-me de 26 ter contado que o pai biológico dela era

policial... e que a mãe dela não falava com ele havia anos e anos. Acho que aquele era o tipo de situação desesperadora que fazia as pessoas superarem esse tipo de coisa. — Preciso desligar.

— Espere! — falei. — O que eu devo fazer?

Ela emitiu mais um resmungo.

— Pode muito bem vir para cá; eles virão para cá primeiro, depois que ela for solta. Ficarei em casa até isso acontecer.

A viagem de metrô levou uma dúzia de eternidades, mas finalmente ouvi a voz robótica dizer "A próxima estação é Má e Dá Vale" e saltei do trem. Tinha passado a viagem toda encarando a tela do celular, desejando que se acendesse com uma ligação de 26 ou qualquer um, decidindo se deveria ou não tirar o cartão SIM e enfiá-lo entre as almofadas do metrô. No final, fiquei com o cartão, pois eles estavam com todos os meus amigos, e isso significava que sabiam onde eu morava e para onde eu poderia estar indo e, se quisessem me pegar, podiam e iriam, e me isolar de todo mundo com quem eu me importava no mundo inteiro parecia uma dor terrível.

Subi as escadas, três degraus por vez, enfiei o bilhete na roleta e passei tão rápido que acabei me machucando em uma das barras de ferro; saí curvado e mancando da estação de metrô, depois corri como um cão de três patas até a casa de 26.

De pé à porta dela, suando em bicas, meio vestido no que quer que eu tenha pegado a caminho da porta, obriguei-me a tocar a campainha. A mãe de 26 tinha me visto com a camiseta do dia anterior e um par de calças de ginástica no café da manhã certa vez e ela sabia que eu não era um exemplo de moda. E aquilo era mais importante do que causar uma boa impressão nos pais da minha namorada.

Ela escancarou a porta com o telefone colado à cabeça. Estava com uma roupa tão esquisita quanto a minha, com jeans velhos e uma camiseta de algodão larga com um cardigã abotoado errado por cima, e pantufas.

Ela gesticulou para que eu entrasse e depois se virou e voltou para dentro da casa, falando para quem quer que estivesse do outro lado da linha.

— Sim, sim. Sim. Não. Sim. Sim.

Ela revirou os olhos para mim. Gesticulei com os lábios: "vou usar o banheiro", e ela assentiu e pareceu esquecer-se imediatamente de mim. Subi até o quarto de 26 e catei as montanhas de porcaria pelo chão até encontrar uma das minhas camisetas e um par de calças — ela sempre pegava emprestado para vestir quando estava na minha casa. Tomei um banho muito rápido e troquei de roupa, e o cheiro de 26 na camiseta foi como um soco no peito, então precisei sentar no chão com um baque e recuperar o fôlego. Depois desci de novo, com meias nos pés.

A mãe de 26 estava na sala, um livro aberto no colo, mas sem olhar para ele, encarando o nada. Quando pigarreei rapidamente, ela ergueu o rosto para mim com espanto e depois sorriu com tristeza.

— Desculpe-me — disse Amrita. — Estou a quilômetros daqui. Meu marido diz que está fazendo algum progresso no magistrado, e o pai de 26 aparentemente está a 130 quilômetros por hora na rodovia M1 enquanto liga para todos os policiais que conhece em Londres. Imagino que isso signifique que vai ficar tudo bem, mas ainda estou morrendo de preocupação. — Ela fechou o livro. — Como você está aguentando, rapaz?

Olhei para os pés e murmurei algo. Não queria falar sobre como me sentia, porque era complicado — alívio por não ter sido preso, medo pelo que estava acontecendo com meus amigos, vergonha por ter escapado somente porque fui tão covarde na reunião.

— Posso fazer um chá para você? — perguntei.

Ela assentiu.

— Seria ótimo.

Quando levei o chá para Amrita — com leite e sem açúcar, mas forte como o chá de um pedreiro, do modo que 26 tomava também —, ela falou:

— Acho que deveria ter esperado por isso; afinal de contas, 26 e você têm reclamado há meses de como a lei está ficando maluca. Mas não conseguia deixar de pensar que era só uma diversão inofensiva. Afinal de contas, não é como se vocês estivessem organizando brigas de gangues e assaltando prédios! Não estavam planejando explodir o Parlamento, estavam só...

— ...fazendo filmes — respondi. — E infringindo direitos autorais. — Suspirei. — Acho que também não pensei que eles viriam atrás de nós dessa forma. Achei que pareciam principalmente visar pessoas aleatórias para processar ou prender, não iam atrás de alguém *específico*, sabe? Acho que foi bem idiota.

Para minha surpresa, ela se levantou e me deu um abraço enorme que pareceu durar para sempre, o tipo de abraço que me lembrava de quando era pequeno, o abraço que fazia eu me sentir como se tudo fosse ficar bem. Droga, quase me fez começar a chorar.

Vinte e seis voltou para casa no momento em que o pai — o biológico — estava estacionando um Opala vermelho aos pedaços coberto de lama. Vinte e seis e o padrasto encontraram-se com o pai dela à porta. Era um homem grande, asiático, como o padrasto de 26, mas com a cabeça calva raspada bem rente, e vestido em roupas que o faziam parecer um policial, mesmo que não fossem um uniforme. Ou talvez eu só estivesse vendo coisas porque sabia que ele era a lei, que 26 e a família não se davam muito bem com ele.

O pai e o padrasto de 26 apertaram, desconfiados, as mãos à porta da casa, e 26 se ocupou com a chave e a fechadura e a bolsa, para não ter de abraçá-lo. Assisti a tudo isso da janela da sala de estar, conforme a mãe de 26 corria para abrir a porta mesmo que a filha estivesse às voltas com ela. Todos adentraram o corredor com o bater de botas e uma lufada de ar frio e úmido, e esgueirei a cabeça pela porta da sala, olhando para 26 como se

fosse um cachorro que acaba de ver a dona chegar em casa depois de ter desistido completamente de vê-la de novo. Nossos olhos se encontraram, e, por um segundo, achei que ela ia me bater por ter deixado o restaurante tão de repente, xingar-me de covarde e ordenar que eu saísse da vida dela. Mas, em vez disso, ela praticamente saltou para meus braços, cruzando a distância entre nós com passadas longas. Passou os dois braços ao redor do meu pescoço e uma das pernas pela minha cintura, e, se eu não tivesse o portal em que me apoiar, teríamos quicado como uma bola de críquete. Eu estava bastante ciente do fato do que três dos pais de 26 nos assistiam, inclusive o pai biológico policial que eu não conhecia. Mas estava ainda mais ciente da pele quente sobre a minha, dos lábios que tocavam meu pescoço, dos braços que esmagavam meu peito. Segurei-a até que ouvi Amrita pigarrear audivelmente.

Vinte e seis me soltou e vi, através das lágrimas nos meus olhos, que ela estava com lágrimas nos dela também. Tive um desejo arrebatador de arrastá-la para fora da casa e simplesmente *sair*, fugir e jamais voltar. Mas havia o pequeno problema do policial gigante acima de nós, olhando para mim de modo tão sujo que deveria ter saído de um saco de papel marrom. Gentilmente afastei 26 um pouco mais e sorri para todos com meu melhor e mais inofensivo sorriso. O padrasto dela assentiu de volta e conseguiu dar um sorriso cansado, mas o pai biológico continuou a me olhar como se estivesse decidindo quais acusações me mandariam para a prisão por mais tempo.

A mãe de 26 se colocou entre nós e deu um abraço em 26, o que me permitiu escapar para a cozinha para colocar a chaleira no fogo e arrumar biscoitos em uma bandeja, e xícaras e tudo. Quando coloquei o bule sobre a salva, todos estavam sentados em um tipo de távola, com 26 equidistante de todos no chão, os braços em volta dos joelhos. Apoiei a bandeja de chá e comecei a me afastar. Achei que seria melhor subir para o quarto de 26 até que as coisas se acalmassem, mas ela me chamou e deu tapinhas no

tapete, ao seu lado. Desviei das pilhas de livros e sentei-me com ela, olhando para baixo.

— Simplesmente não consigo acreditar no que você a deixa aprontar, Amrita — falou o pai biológico de 26. — Andar com radicais malucos, arriscar ser presa por causa dessa *bobagem*?

A mãe dela manteve a compostura.

— Deepak, é bom vê-lo se interessar pela vida dela de novo, mas esqueceu-se dos três últimos aniversários da sua filha, então não acho que você tenha muita autoridade para criticar o modo como a criamos. Mas esta jovem é inteligente como ninguém, tira notas máximas, provavelmente vai estudar na University College London no ano que vem apenas porque não liga para Oxford e se importa com a injustiça no mundo ao seu redor, está fazendo alguma coisa significativa para mudá-lo. Estou orgulhosa como nunca de minha filha. Acho que você poderia começar dizendo o mesmo a ela.

Eu queria muito, muito mesmo ir embora, mas 26 tinha transformado os dedos em grilhões e os prendera com força em um dos meus antebraços. Teria de mastigá-lo para fugir. Então respirei fundo.

— Orgulhosa? Tudo bem, fique orgulhosa. Eis o que sei: minha filha foi acusada de Invasão Criminosa, Infração Criminal, Invasão Criminosa de Computadores e essas são apenas as acusações mais pesadas. Ela pode acabar na prisão pelo resto da vida, e não deixam você ir para Oxford ou para a UCL se estiver trancafiado em Askham Grange. Então, perdoe-me se estou um pouco cético em relação a seu orgulho aqui.

O padrasto de 26 pigarreou.

— Eu acho, em minha opinião profissional, que nenhuma dessas acusações vai passar da audiência preliminar. Não têm mérito, as evidências são pobres, e muitas das próprias leis estão em revisão na Suprema Corte. — Ele cruzou os braços sobre a barriga, como se estivesse encerrando uma argumentação diante do júri. O maxilar do pai biológico

de 26 se projetou sob a pele.

Vinte e seis pigarreou.

— Posso dizer algo?

Todos os adultos na sala se viraram para ela, que respirou fundo e se levantou.

— Primeiro, quero agradecer a vocês dois por terem me soltado. Deepak, papai me contou que eu ainda estaria lá se não fosse por você. Obrigada, de verdade e sinceramente por isso. A cadeia é horrível. Ou melhor: a cadeia é uma *merda horrível*. Não quero voltar para lá e estou grata por não estar lá, mas morrendo de preocupação com meus amigos que ainda estão lá, porque jamais sonhei que pudesse ser tão terrível... — Ela respirou fundo mais uma vez e se recompôs. Era como assistir alguém pegar um beija-flor com as próprias mãos sem esmagá-lo. Eu a amava mais do que nunca naquele momento. — Então, obrigada aos dois. A seguir, quero dizer, Deepak, este é meu namorado, Cecil. Cecil, este é meu pai biológico, detetive-inspetor Deepak Khan. — Fiquei de pé e estendi a mão, e ele a apertou com um tipo engraçado de pressão, como se estivesse testando meu equilíbrio, pegando-me para um golpe de judô por cima do sofá e pela janela da sala. Ou talvez eu estivesse apenas sendo paranoico, de novo. — Próximo item na agenda: preciso tomar banho e trocar de roupa. Ninguém vai vir me prender pelos próximos 15 minutos. Não há nada que não possa esperar esse tempo, não é? Então vou lá para cima agora. Preferiria se todos se lembrassem que são adultos e mantivessem as coisas civilizadas, certo?

E sem mais uma palavra ela sumiu e eu fiquei sozinho com os três adultos. Ainda estava de pé e desejava poder sentar ou possivelmente me agachar atrás de uma pilha de livros e desaparecer.

O pai biológico de 26 me escaneou com os lasers dos olhos e falou:

— Imagino que você também faça parte desse negócio, Cecil?

— Acho que se pode dizer que sim.

— Então por que não foi preso com o grupo todo? Tem mais juízo do que eles? Ou é informante? Trabalha para a polícia?

Sacudi a cabeça.

— Não, senhor — respondi. — Eu só... — Não queria muito dizer a ele como tinha acabado em um lugar diferente de onde estavam meus amigos quando a lei chegou para prendê-los. — Eu só tinha saído quando aconteceu. Foi pura sorte.

Deepak riu com desdém.

— E o que você faz, com toda essa gente?

Lambi os lábios e me obriguei a parar.

— Faço filmes — respondi.

Ele resmungou.

— O tipo de filme que envolve nudez?

Ergui as mãos.

— Não! Cruzes, não! Não, faço filmes sobre Seth Watson, na maioria das vezes. Corto as cenas, acrescento coisas próprias, edito, tipo isso. A maioria é de palhaçada, mas tem coisas sérias também.

Deepak ergueu uma sobrancelha tão alto que achei que o olho dele fosse saltar da órbita.

— *Seth Watson*? O ator?

— Ele é muito bom — falou a mãe de 26. — Já mostraram o material dele na televisão. Cecil, por que não vai lá embaixo, tira as toalhas limpas da máquina e traz para o banheiro? Acho que não há mais nenhuma lá dentro.

Eu quase fui correndo.

Vinte e seis saiu do banho de toalha e correu para a cama. Não a culpei — depois de toda a adrenalina (e privação de sono na noite anterior), eu também estava pronto para apagar. Mas, com o pai policial lá embaixo, eu não ia ficar lá com ela. Além disso, ela provavelmente ia querer saber por

que eu, por acaso, saí pouco antes de a polícia aparecer, e, mesmo que não acreditasse que eu era um superinformante, provavelmente ficaria igualmente decepcionada ao descobrir que eu era um covarde.

Então, saí de fininho para casa, para ter mais tempo no trânsito para me recriminar. No entanto, eu estava imensamente distraído por uma cena bizarra: havia um grupo de turistas alemães no trem a caminho de Euston comigo, usando chapéus fedora engraçados, com abas largas incrustadas com algum tipo de eletrônico esquisito e uma faixa prateada estranha que brilhava como uma disco ball. Estavam tagarelando em alemão um para o outro, e eu não conseguia entender uma palavra, mas aqueles eram, sem dúvida, os chapéus mais esquisitos que eu já tinha visto. Não pareciam ser um item de moda também — os velhos e as criancinhas estavam todos usando, e eu nunca soube de nenhuma moda estranha à qual pessoas de todas as idades aderem.

Então, que diabo eram eles? Desceram em Euston comigo. Estava irracionalmente quente no momento — o tempo alternava entre quente e frio havia dias, então você nunca sabia ao sair de casa se estaria suando em bicas ou tremendo ao fim do dia, e os chapéus certamente pareciam ser bem quentes. Segui-os na direção dos ônibus, subindo as escadas, e um daqueles chapéus fez uma coisa muito estranha: disparou um raio laser!

Foi um feixe de luz laser verde, que piscou por um breve instante, cortando o ar úmido com a espessura de uma ponta de lápis e brilhante à luz fraca da plataforma. Todos os alemães apontaram para aquele cujo chapéu havia disparado e fizeram ruídos animados e olharam ao redor para o chão, e um deles apontou para algo, e todos fizeram mais barulhos e pegaram os celulares e tiraram fotos do que quer que fosse. As outras pessoas na plataforma observaram com aquele desinteresse britânico esquisito, em que se finge não encarar, mas se encara mesmo assim.

Depois de seguirem em frente, olhei para o local no chão para onde estiveram apontando e vi que havia um mosquito morto ali, levemente

torrado. O chapéu do cara aparentemente o derrubara dos céus com uma porra de um *laser*. Que irado!

No ônibus a caminho de Bow, pesquisei "chapéu laser mosquito" no Google e aprendi mais. Aparentemente, todos os noticiários estavam cheios de histórias sobre algo chamado de febre do Nilo, que é uma doença terrível transmitida por mosquitos em regiões tropicais. Mas, agora que o mundo inteiro estava ficando mais quente e tal, as doenças estavam se movendo, e havia seis casos confirmados dessa em Londres. Todos os tabloides sensacionalistas estavam se acabando com aquilo, prevendo uma pandemia que mataria o planeta e o fim da vida como a conhecíamos, e os turistas estavam sendo aconselhados a evitar Londres.

Senti-me como um verdadeiro idiota por não saber daquilo, e, quando pensava a respeito, parecia ter havido placas nas bancas de jornal com manchetes berrantes sobre mosquitos e doenças tropicais, mas eu estava envolvido demais com aquela lei e meus filmes e tal para prestar atenção. Em noventa e nove por cento das vezes, as placas nas bancas de jornal eram sobre assuntos completamente irrelevantes para mim: celebridades surpreendidas agarrando os maridos uma da outra, realeza flagrada cheirando cocaína, jogadores de futebol que ganhavam ou perdiam grandes partidas com as quais eu não me importava nem um pouco. De vez em quando, eu pegava um jornal gratuito a caminho da cidade, mas, depois de ler sobre o milagre das vidas salvas por cachorrinhos e sobre os pais horríveis que distraidamente colocavam os filhos no triturador da pia da cozinha, eu instintivamente os jogava fora e ia embora.

Enfim, os chineses estavam lutando contra os mosquitos da febre do Nilo havia anos, aparentemente, e faziam tudo com esses lasers verdes poderosos que eram tão baratos quanto batatas fritas. Eles os prendiam a dois microfones que utilizavam sonares para localizar os desgraçados, apontavam os lasers ao refleti-los com espelhos curvados e zip-zap, fim dos vampiros voadores. Eles funcionavam perfeitamente em casas, onde se

podia apoiá-los em estruturas no canto do quarto, mas, quando saísse pelo mundo, precisava de outra camada de proteção. Dedetizador em spray era bom, mas os chapéus de laser arrasavam muito mais, porque *eles colocavam lasers na sua cabeça* e você saía atirando, pew-pew-pew, conforme andava pela rua. Eu não poderia argumentar com essa linha de pensamento, mesmo que não tivesse recebido uma única mordida de mosquito desde que chegara a Londres. No entanto, naturalmente, quando terminei de pesquisar no Google, estava imaginando zumbidos de mosquitos quase inaudíveis com o som do motor do ônibus e sentia coceiras fantasmas de mordidas inexistentes. Resisti à tentação de pesquisar febre do Nilo durante o máximo de tempo que consegui, mas, depois da quinta mordida inexistente, cedi.

Ah, lindo, coma. De me fazer contorcer o corpo, horroroso, coma terminal. Aquilo era simplesmente *fantástico*. Eu precisava de um chapéu.

Cheguei em casa e não havia ninguém. Estava prestes a ligar para Jem quando ele *me* ligou.

— Alô, covarde — disse ele, com a voz mais corajosa, mas dava para ouvir a ansiedade. Jem estava cansado e machucado.

— Jem! Onde você está? Precisa que eu vá buscar você?

— Acabaram de nos soltar. Parece que o pai da sua namorada impressionou o magistrado. Depois da audiência, o velho começou a fazer umas perguntas graves à lei, sobre por que exatamente estávamos sendo mantidos sob custódia. Havia um consultor da indústria cinematográfica por lá, um advogado garotão da cidade, que ficava tentando dizer alguma coisa, mas o magistrado disse a ele para se sentar ou o expulsaria da corte. Então, saímos. Só tem um problema, filho, Cão Raivoso... — Ele inspirou fundo, e eu ouvi um tom de derrota. — Não está em muito boa forma. Não tenho dinheiro para o táxi, e acho que Chester e eu não conseguimos levá-lo para casa de ônibus.

Fechei os olhos com força e contei baixinho. Quando cheguei ao dez, falei.

— O que aconteceu com Cão?

— Alguns dos colegas de cela dele o chamaram de coisas, "menininha" e tal. Ele foi separado de nós, ficou com dois caras fortões que tinham sido presos por brigar em frente a um pub. Não deu para vê-los, mas dava para ouvir. Cão disse a eles que achava que eram sujeitos de inteligência limitada de ascendência questionável com uma inclinação para enfiar os pênis em coisas que não deveriam ser enfiadas com tantas palavras diferentes, e houve muitos estampidos e gritos e tal. Fiquei orgulhoso do desgraçado, mas com medo também. Os carcereiros demoraram a separar. Vi quando tiraram os fortões. Caras grandes. Do tamanho de casas. Um deles parecia que não enxergaria com um dos olhos por um bom tempo, o outro estava com o nariz e uma das orelhas sangrando. Achei que Cão tivesse, tipo, finalmente encontrado seu filme de terror interior, talvez tivesse se saído bem. Mas tiraram ele. De maca. Queriam levá-lo a uma enfermaria segura, mas eu os dissuadi. Acho que ficaram felizes ao vê-lo ir embora, caso contrário teriam papelada e talvez queixas e tal. Mas... — Ele puxou mais um daqueles suspirou demorados. — Bem, ele não está muito bem, Cecil.

Eu tinha 35 libras sobrando das esmolas, o que era bastante para pegar um táxi pequeno de lá até em casa, por pouco. Eu tinha a sensação de que tudo o que tinha feito naquele dia fora correr de um lado para outro. O motorista do táxi pequeno percorreu o caminho todo sem dizer uma palavra, então, quando encostamos em frente à estação, saltei e mantive a porta aberta para que ele não fosse embora. Imaginei que, se Cão parecesse tão ruim quanto achei que poderia, o motorista não ia querer ficar.

Mas ele era um bom homem. Encontrou um cobertor na cabine da frente e o esticou no banco de trás, ajudou Chester e Jem a colocarem Cão no banco de trás, depois Jem deu a volta para o outro lado do carro,

entrou e apoiou a cabeça de Cão no colo. Chester entrou pelo outro lado e colocou os pés de Cão no colo, então eu entrei no banco do carona, na frente, e o motorista levou o carro até o Diazero com tanto cuidado que juro que não acordou um único policial dormindo nem acertou um buraco.

Levamos Cão para dentro, e peguei uma tigela grande de água e uma pilha de camisetas pretas limpas que podíamos usar como retalhos — pretas porque o sangue não apareceria. Havia muito sangue. Os olhos dele estavam fechados de tão inchados, e o nariz era uma bola grande e deformada, os nós dos dedos estavam todos esfolados como se os tivesse raspado em tijolos. Não conseguimos tirar a camiseta dele por cima da cabeça porque os braços de Cão doíam demais — ele soltava uns *guinchos* horríveis que eram piores do que gritos quando tentávamos —, então Jem pegou tesouras na cozinha e cortou todas as roupas de Cão, até as cuecas. Agora dava para ver os machucados nas costelas, nos braços e nas coxas dele. Ao olhar para Cão, eu não conseguia imaginar sofrer um espancamento como aquele.

Mas Cão conseguiu exibir algo reconhecível como um sorriso e falou:

— Eu vou poder tocar piano de novo, doutor? — perguntou, com os lábios inchados. E foi quando percebi que eu jamais seria mau, valente e forte quanto Cão Raivoso, e não importava que ele parecesse uma bolinha de pelos inofensiva, e não importava que ele fosse viado. Ele era o sujeito mais *macho* que eu já havia conhecido.

Ninguém queria carregá-lo para cima, então Jem desceu com cobertores e um travesseiro e montou o laptop de Cão e preparou uma lista com todos os filmes de terror preferidos dele, deu-lhe uma aspirina e fez também com que Cão tomasse três comprimidos para dor um pouco suspeitos que Jem tirara de algum lugar secreto no quarto. Cão os tomou com goles pequenos de água e puxou o cobertor por cima do queixo, então assistiu aos filmes com um dos olhos até cair no sono. Movimentamo-nos ao redor dele aos sussurros e nas pontas dos pés, e, finalmente, nós três

estávamos em meu quarto, eu sobre a cama, Jem na cadeira de edição e Chester no chão, com as costas na parede.

— Que confusão — disse Jem, finalmente. — Deveria ter visto, eles entraram com megafones e cassetetes e tudo e disseram que estávamos todos presos, leram as acusações em voz alta de uma ficha muito extensa enquanto agarravam as pessoas e as enfiavam em vans. E quer saber, seu amigo dos filmes estava lá, o cara que estava na televisão depois do truque em Leicester Square, falando que você era um garoto muito, muito mau. Sorrindo e tudo, de pé, ao lado da van, praticamente esfregando as palmas das mãos de alegria. Se eu não soubesse direito, diria que você tornou alguém muito triste e irritado, garoto.

Não pude evitar: gargalhei. Lá estava Jem, que tinha sido jogado na porcaria da cadeia, visto o namorado ser espancado até cair, e fazendo piadas. Era por isso que ele era o original, eterno e imbatível Jammie Dodger, e não havia nada que qualquer um de nós pudesse fazer para vencê-lo, jamais.

Eu estava esperando que ele ou Chester — que estava tão cansado que mal conseguia manter os olhos abertos — dissessem algo a respeito de minha saída, mas nenhum dos dois pareceu pronto para mencionar. Então eu tive de fazê-lo.

— Senti-me como um idiota por sair correndo de lá, mas acho que escapei de uma, não é?

Chester respondeu, meio sonolento:

— Imaginei que estivesse se sentindo um pouco sensível, Cec. Enfim, deu à velha 26 a chance de brilhar, não foi?

— O quê?

Jam bateu na perna de Chester.

— Devia ter visto! Ela saltou direto para a mesa e fez um discurso como eu nunca vi, nunca! “Eles dizem que é para proteger a propriedade, mas eles *inventaram* essa ideia de que criatividade é propriedade! Como se pode

ser dono de uma ideia? Eles dizem que essa propriedade imaginária é mais importante do que nossa privacidade, nossa criatividade e nossa liberdade. Eu digo ao inferno com isso. Eu digo que temos um *dever* moral de piratear tudo que pudermos, até que eles não sejam nada além de memórias ruins. Nossa, o modo como eles falam, parece que esperam que cheguemos em casa do trabalho e afundemos na frente da televisão, anestesiando nosso cérebro durante quatro horas para o resto da vida, como se fosse para isso que tivéssemos passado milhões de anos evoluindo! Eu digo ao inferno! Eu digo ao inferno e ao inferno a quem diz que é para isso que estamos neste planeta!"

— Está brincando!

— Não, amigo, não mesmo! Aquela sua garotinha é a agitadora mais inteligente pela qual eu já tive o sincero prazer de ser cativado, e já vi uns muito bons na minha época. Quando ela terminou, eu queria pegar uma lança e uma tocha e correr para Knightsbridge e espetar alguns produtores de cinema! É claro que foi bem nessa hora que os policiais deram as caras. Droga de deixa. Acho que tinham um informante no público.

Aquilo me fez engolir em seco.

— O pai de 26, o pai biológico, um policial da Escócia, veio até aqui e disse que achava que eu era um delator, porque saí bem na hora certa e tudo.

Jem gargalhou de novo. Eu gostava do som da gargalhada dele, me deixava feliz por estar vivo.

— Você! Cecil, amigo, você é muitas coisas, mas mentiroso você não é. Tem a expressão mais *patologicamente* sincera dentre todos os sujeitos que conheço. Seria o pior informante da história.

Chester assentiu vigorosamente.

— É verdade — disse ele e bocejou. — Você é um péssimo mentiroso, Cecil. Não é um de seus talentos.

— Vá dormir, Ches — aconselhou Jem. — Você parece cocô de gato

moído. — Ches assentiu e foi embora lentamente, e agora éramos só Jem e eu, encarando um ao outro no quarto do assentamento.

— Não posso dizer que achei que chegaria a isto, lá atrás, quando encontrei você na estação de metrô naquele dia — falou Jem. — Olhe para nós, uma dupla de Che Guevaras agora, verdadeiros guerreiros da liberdade. Sabe, a maioria desses guerreiros da liberdade toma uma bala na cabeça e ganha uma cova não identificada, com sorte. Quero dizer, todos os seguidores de moda vão transformar sua foto em um ícone, colocá-la nas camisetas e tudo, mas acho que não é muito conforto quando os vermes estiverem mastigando sua medula espinhal.

Tive uma sensação arrasadora.

— Olhe, Jem, se não quiser continuar fazendo essas coisas, não posso culpá-lo — falei, a cabeça a mil. — Quero dizer, poderíamos achar outra ocupação e...

E, de novo, veio aquela gargalhada, tão épica que fazia meu coração bater forte.

— Ah, Cecil, não seja tão estúpido. Estou implicando com você, estou falando sobre como estou me divertindo. Essa é a questão, aqui estou eu, fazendo essa coisa pela qual jamais tive muito interesse antes de conhecer vocês, e isto se tornou minha vida. Isso é graças a você e seus amigos, e estou *grato* por isso. A vida é mais do que achar guloseimas em caçambas, melhorar minha estratégia de pedir esmolas, ocupar lugares abandonados. Ao que parece, é *muito* mais. Fico feliz por ter descoberto.

Não consegui me conter. Levantei-me e dei em Jem um abraço forte, de estalar as costas, e ele gargalhou mais um pouco, um ruído que pareceu ecoar por todo o Diazero. E, quando Jem saiu para se deitar, me pareceu que, não importava o que acontecesse, não importava o quanto o coitado do Cão estivesse surrado, não importava o quanto 26 estivesse enrascada com os pais, tudo ficaria bem. Melhor do que bem. Ficaria *ilustre*. Ficaria *magistral*.

Da próxima vez que nos encontramos, fomos muito mais públicos. Houve algumas discussões a respeito disso, é claro. Parte do pessoal de Annika achava que deveríamos ficar bem ocultos, usar senhas secretas e listas de e-mails criptografadas para esconder o lugar da reunião seguinte. Mas 26 os derrotou, e eu a apoiei. Primeiramente, porque queríamos que o maior número possível de pessoas fosse a uma daquelas coisas, pois a intenção era fazer com que os eleitores comparecessem às audiências de seus representantes no Parlamento e pedissem que apoiassem a lei do membro individual. Em segundo lugar, porque estava claro para qualquer um que quisesse ver que tínhamos um infiltrado. Não era tão difícil assim espionar o que estávamos fazendo, para onde iríamos e quando iríamos. Eu gostava de pensar que algum garoto, em algum lugar, estava conseguindo dinheiro bastante para manter um estoque de chiclete e tênis em troca de ensinar a executivos idiotas do entretenimento como pesquisar nossos murais de mensagens, rindo consigo mesmo, assistindo aos filmes, talvez até pegando uma garota que ficaria horrorizada ao descobrir que estava se agarrando com um delator. Mas era impossível saber, mesmo: talvez fossem muito mais inteligentes. Talvez procurar nossas exibições os tivesse tornado especialistas.

Mas estava claro que não podíamos manter segredo para salvar nossas vidas, e para o inferno com isso, era hora de parar de tentar. Estávamos ajudando a aprovar uma lei. Isso não era ilegal, isso era *democracia*! Deveríamos poder fazer isso de um jeito legal e honesto, sem nos escondermos como espiões. Era o que 26 e eu pensávamos, e, no final, os outros concordaram. E, além de tudo, significava que poderíamos convidar multidões da imprensa — e eu estava meticulosamente anotando os nomes de cada repórter que me pedia um pronunciamento ou uma entrevista e estava preparado para ligar para cada um deles e me certificar de que saberiam que nossa reunião estava próxima de acontecer.

Então, Annika suspirou e disse tudo bem, todos vamos acabar presos em algum momento, por que não agora? (Mas ela estava sorrindo ao falar isso.) E nos ajudou a passar uma conversa nas pessoas legais do Centro de Reuniões de Shoreditch, convencendo-as a nos deixarem usar o salão grande, o que me assustou ainda mais do que a ideia de ser preso. Veja bem, o salão grande do Centro de Reuniões de Shoreditch era grande o bastante para mil pessoas, e eles tinham aparelhagem de vídeo ligada a três outros salões no local, caso todos os presentes não coubessem no primeiro. Disseram-nos que teríamos de alugar cadeiras se as quiséssemos, então Annika riu com escárnio ao telefone e disse que não, as pessoas poderiam ficar *de pé*, pois era mais fácil bater o pé e gritar se estivessem assim. Ninguém pareceu se importar com o fato de que receberíamos mais pessoas do que o suficiente para encher o prédio inteiro, milhares delas, e teríamos de barrar mais algumas à porta. E ninguém pareceu se importar com o fato de que eu falaria com todas essas pessoas.

Sempre que pensava nisso, tinha uma sensação no estômago que era meio que o oposto de frio: era mais como bigornas. Ou dinamite. Uma sensação de que eu cairia de cara do telhado de um prédio alto direto em um campo de estacas muito, muito afiadas.

— Não precisa falar se não quiser — disse 26 para mim no café da manhã, certo dia. Era a centésima vez que ela dizia aquilo, e era por isso que eu sabia que ela estava mentindo, e era a primeira vez que ela falava isso em frente aos pais.

— Se está preocupado com uma prisão — disse o padrasto de 26, sem erguer o rosto da camada fina, meticulosamente espalhada, de xarope Marmite por cima de cada milímetro da torrada —, acho que vai ficar tudo bem nesse sentido. Tenho um amigo no escritório do magistrado que prometeu que me informaria se alguém emitisse qualquer tipo de mandado para sua prisão. Muita gente nas cortes acredita que esse negócio é um abuso da lei, principalmente agora que estão levando ônibus cheios de

pessoas cujo único "crime" foi comparecer a uma reunião para reformar uma lei ruim. Ninguém gosta da ideia de ir trabalhar na corte todas as manhãs para aumentar os lucros de um pequeno grupo de empresas estrangeiras. Se quisessem ser lacaios das corporações, teriam ido trabalhar para uma firma grande da cidade e fazer fortuna como capachos corporativistas de verdade. Mas esses pobres sujeitos não recebem o bastante para se vender.

Engoli minha torrada, a qual tinha empilhado com queijo e fatias de carne falsa e molho Heinz, e depois umedecido com um molho chili da reserva pessoal de molhos caseiros do pai de 26 (uma garrafinha de maldade pura que fazia meus olhos se encherem d'água sempre que a abria, e que tinha um gosto tão bom que eu continuava comendo, apesar dos sinais desesperados de dor que meu sistema digestivo mandava para o cérebro).

— Isso é reconfortante — respondi, depois de limpar as lágrimas dos olhos e assoar o nariz em um lenço. O padrasto de 26 tinha basicamente me adotado como filho depois de descobrir que eu gostava de chili tanto quanto ele, e assentiu com aprovação. — É engraçado, quando você e Letitia falam sobre isso, é de se pensar que praticamente vencemos a guerra. Mas, quando a lei do RPI estava em debate, praticamente todo mundo nos disse para não nos incomodarmos em brigar, pois estávamos condenados ao fracasso.

Ele deu de ombros, e a mãe de 26 falou.

— Bem, isso é política para você. Há muita coisa que o outro lado pode fazer se não importam em repetir o feito. Peçam favores, digam a um bando de medrosos que o céu cairá se não conseguirem o querem, esmaguem a oposição, pressionem os membros do Parlamento. O problema é que há um limite para fazerem isso, antes que acabe o capital político. Quero dizer, há um número máximo de vezes que podem declarar que a arte está para morrer antes que as pessoas reparem que ela falhou

notavelmente em morrer.

Eu amava quando Amrita falava desse jeito. Trabalhara durante anos no governo antes de pedir demissão para ser algum tipo de consultora, fora até ministra-assistente por um tempo, mas saíra por causa de algo que o partido fez. Quando falava de política, era como se estivesse rascunhando os segredos obscuros do trabalho intrínseco do mundo.

— Acho que o problema é que esse pessoal não tem uma estratégia de verdade — continuou. — Não consigo imaginar que a maioria deles sonhe que reduzirá a quantidade de cópias feitas pelo mundo, mas há pessoas suficientes convencidas de que *devem* conseguir. Então continuam fazendo essas leis bizarras e não têm ideia de como transformá-las em dinheiro depois de conseguirem aprová-las. Quantos processos você disse que eles têm, querida? — Ela se virou para 26, que estava enchendo a boca com fatias de manga mergulhadas em iogurte caseiro espesso. Vinte e seis revirou os olhos e apontou para mim enquanto mastigava.

— Oitocentas mil nos Estados Unidos; 250 mil no Reino Unido. — Eu tinha revisado todos os fatos e números das guerras de direitos autorais, lido as FAQs de todos os grupos de pressão como o Open Rights Group e o Electronic Frontier Foundation. Podia recitá-los como se fossem a data do meu aniversário ou as marcações de tempo dos palavrões mais picantes dos filmes de Seth Watson.

Amrita inspirou entre os dentes.

— Fantástico — falou ela. — É bem como aquele cachorro que finalmente alcança o carro que estava perseguindo. Eles têm a internet, está claro que podem aprovar qualquer lei ou regulamentação que quiserem. Mas, depois de ganharem a batalha, não têm ideia do que fazer a seguir. Ficam ordenando que o mundo se comporte e depois lhe dão um safanão quando não se endireita. Que bando enorme de babacas.

— Mas eles continuam a nos derrotar — falei.

Vinte e seis beliscou minha perna por debaixo da mesa, com força.

Tinha finalmente engolido.

— Pare com essa conversa de derrota. Deus do céu, não vai se levantar diante de todas aquelas pessoas e dizer "condenados, condenados, estamos todos condenados", vai?

— É claro que não. — Engoli. — É que é tão fácil perder a motivação de vez em quando...

— Mantenha insigne o coração e não tema, jovem senhor, pois tem a lidimidade ao seu lado — falou o padrasto de 26, proclamando como um shakespeariano. Vinte e seis revirou os olhos de novo. Ele levou o polegar ao nariz e tamborilou os dedos na direção dela. — É verdade, sabe. Por mais que sejam interesses grandes e poderosos, eles são, no fundo, *errados*. Acredite em alguém que passou muito tempo na frente de muitos júris: estar certo faz diferença. Não é uma vitória automática, mas também não significa que não seja nada.

Todos assentiram, como se aquilo resolvesse a discussão, e pensei que deveria ser legal ser alguém como ele — alguém que podia simplesmente decidir que estava certo, o mundo estava errado, e lutar bravamente para consertar as coisas. Aquela era a loucura da família de 26: acreditavam que podiam mesmo mudar as coisas. Acreditavam que *eu* podia mudar as coisas. Eu só desejava acreditar também.

Escrever um discurso é idiota. Você escreve e pronuncia as palavras em voz alta — comecei dizendo-as para uma webcam, para que pudesse me ver enquanto falava, mas fiquei tão envergonhado com o espetáculo terrível de todas aquelas palavras artificiais idiotas que saíam do meu rosto espinhento e esquisito —, e elas parecem tão convincentes quanto um comercial de cereal. A questão é que eu tinha ouvido muitos discursos — Seth Watson fizera alguns brilhantes nos filmes — e sentira meu coração se erguer em resposta às palavras que tinham entrado em meus ouvidos, então sabia que era possível dizer coisas que comoviam as pessoas e talvez

até as fizessem mudar de ideia.

Mas eu não sabia que palavras dizer nem como dizê-las. Sentei-me no quarto, preenchendo tela após tela com palavras muito, muito idiotas, apagando-as, começando de novo, e, finalmente, liguei para Cora.

Eu falava com minha irmã o tempo todo ultimamente. Cora tinha adorado a ideia de emendar a lei do RPI e disse que todos os seus colegas da escola estavam ansiosos para ajudar. Eles iriam à audiência de todos os parlamentares de Bradford com os pais ao lado, agarrariam os legisladores pela lapela e exigiriam que ouvissem a voz da razão e não sairiam até que tivessem ouvido. Cora era muito mais inteligente do que eu. Era como 26 nesse quesito (e 26 provavelmente ligava para ela muito mais do que eu — Cora tinha adotado 26 como irmã mais velha e coconspiradora, e as duas estavam unidas como uma quadrilha), apenas mais uma das mulheres brilhantes na minha vida, que eram muito, muito mais inteligentes do que eu jamais seria. Por que *elas* não fariam o discurso? Bem, porque 26 já havia me substituído em um palanque, e porque o Cinema Esgoto tinha sido ideia minha, e porque, por mais estranho que isso parecesse, milhões de pessoas de fato se importavam com quais filmes receberiam a aprovação de Cecil B DeVil.

Cora entenderia como era crescer no tipo de família na qual ninguém acreditava que se podia mudar alguma coisa, nunca. Ela saberia exatamente o que me dizer. Liguei para minha irmã e ouvi chamar duas, três vezes. Olhei para o relógio. Droga, ela estava na escola. Estava prestes a desligar o telefone quando alguém atendeu.

— Cora? — chamei.

— Cora está na escola — respondeu minha mãe. — Ela esqueceu o celular, encontrei-o entre as almofadas. É Trent?

Resmunguei por dentro. Mamãe, papai e eu estávamos nos falando desde que eu tinha voltado, e eu ligava para eles a cada duas semanas, por aí, para ter um tipo de conversa ritualística sobre quantos vegetais eu

estava comendo e se estava usando drogas ou me metendo em problemas. O tipo de conversa cujas respostas, todo mundo sabe, são mentiras, mas finge que não são, em outras palavras. Eu amava meus pais e até sentia falta deles de um modo estranho, mas não lhes pedia conselhos desde que era criancinha. E certamente não planejava pedir conselhos para minha mãe sobre falar em público. O mais perto que ela chegava de fazer um discurso era quando fazia o brinde de Natal, todos os anos, e ela era famosa pela predisposição à verborreia.

— Como você está, mãe?

— Não posso reclamar, na verdade. Estive pesquisando sobre os remédios que me receitaram para as pernas e sabe o que descobri? Pelo visto, os comprimidos que um dos médicos me receitou, bem lá atrás, quando tive *você*, eram muito ruins de tomar se estivesse tomando os outros comprimidos, aqueles que tomo há cinco anos. Então parei de tomar as antigas e nem posso descrever como melhorei!

— Uau — respondi. — Isso é uma notícia fantástica! — As pernas de mamãe lhe traziam problemas durante toda a minha vida, e nos dias ruins ela mal conseguia ficar de pé. Tudo tinha piorado bastante ultimamente também. Aquilo era uma notícia ótima de verdade.

— É melhor do que fantástica, sabe. Agora posso sair mais, tenho feito a fisioterapia e caminhado bastante, e conheci um grupo de caminhada de mulheres que sai três noites por semana. Surgiu como uma sugestão automática quando estava procurando as coisas da fisioterapia, sabe. Fez tanta diferença, nem consigo acreditar.

— Ah, mãe, estou tão feliz por você! De verdade, isso é ótimo.

— Devo dizer a Cora que você ligou?

Eu estava prestes a agradecer e desligar, mas parei. Ela não parecia minha mãe, por algum motivo — não tinha aquele tom de tristeza profunda e arrasadora dos anos e anos de dor crônica. Não parecia que ela estava com vontade de fazer o mundo desaparecer. Era o som de minha

mãe em um dos raros dias bons, os poucos de que me lembrava desde a infância, quando íamos ao parque ou mesmo a um parque de diversões ou uma festa com fogueira, e ela sorria e todos sorríamos de volta. Quando mamãe estava feliz, a família toda brilhava.

— Mãe? Posso perguntar uma coisa?

— É claro, querido, sempre.

— Bem, sabe. Vou fazer um discurso em breve e... — Contei a ela sobre a reunião e o discurso que deveria fazer. — Tem de ter apenas 15 minutos, por aí, mas tudo que escrevo parece tão idiota. Estou enlouquecendo aqui.

Ela ficou em silêncio por um tempo.

— Trent — disse mamãe —, não temos conversado muito sobre isso, eu sei. Toda essa coisa com direitos autorais e tal. Acho que você provavelmente acha que desaprovo. Mas a verdade é que você me convenceu. — Meu coração acelerou. — Não sei outro jeito de colocar isso. Quando começou, os downloads e os filmes, achei que fosse um tipo de hobby, e acho que era, embora, se você diz que é arte, então é arte. Não é como se eu fosse algum tipo de autoridade em artes, sabe. Nunca vi muita utilidade, para ser sincera. Mas o que me convenceu não foi a arte nem nada assim: foi a ideia de que proteger os direitos autorais é mais importante do que proteger nossa conexão de rede. Quero dizer, olhe para mim. Estava um desastre completo até poder usar a internet para pesquisar meus problemas. Ela me ajudou a encontrar pessoas no mundo que têm os mesmos problemas que eu e até me ajudou a encontrar mulheres bem aqui perto, em meu próprio bairro, que poderiam me ajudar a voltar à forma. Ao que me parece, todos devem ter histórias assim. Veja a educação de sua irmã, o emprego de seu pai ou as pessoas novas do apartamento ao lado, os Kofi. Acabaram de ter um bebê, uma menininha linda, e os pais deles, velhos e pobres, em Gana, não podem vir visitá-la. Então fazem uma visita por vídeo todas as noites. Se tirarem a internet, tiram a chance daquela menininha de conhecer a vovó e o vovô. Para mim, isso não parece certo.

Se a única forma de os filmes e a música e tudo isso serem feitos é conferindo a eles o poder de simplesmente cortar todas as nossas conexões um com o outro e com o trabalho, a escola e a saúde, acho que deveríamos deixar que eles morressem.

Minha boca literalmente se escancarou. Mamãe não dizia nada tão profundo para mim desde... Bem, nunca. Ou talvez nunca tivesse dito nada tão profundo em um momento em que eu estivesse pronto para ouvir. Sei que estou sempre pronto para ignorar qualquer coisa que meus pais tenham a dizer. Mas aquilo vinha direto do coração de mamãe, e ela claramente tinha pensado muito, muito mesmo naquilo. Será que eu já tinha pensado em como tornara aquilo importante para meus pais? Que idiota eu era.

— Mãe — respondi —, isso foi genial. De verdade.

— Não precisa me bajular, querido. É assim que me sinto. Achei que saber que conseguiu convencer uma velha boba pudesse ajudá-lo a fazer o discurso.

— Mãe, sério... — Pensei bem nas palavras. — O que você acabou de dizer colocou tudo em uma nova perspectiva para mim. É como se... — E então eu conseguiria. — Não importa. Obrigado, mãe! Amo você!

— Amo você também, Trent. — Ela parecia maravilhada agora. Desliguei e coloquei os dedos de volta no teclado.

— É fácil pensar que nada do que fazemos importa. Afinal, não lotamos os escritórios de nossos representantes no Parlamento quando estavam debatendo, ou melhor, *não estavam debatendo*, a Lei de Roubo de Propriedade Intelectual? E aprovaram-na mesmo assim. A maioria deles sequer apareceu para trabalhar naquele dia, pois não podia se incomodar em aparecer e defender os eleitores. E agora estão colocando crianças na cadeia massivamente por fazerem downloads, cortando famílias da internet como se perder o acesso à rede fosse como ser mandado para cama sem o jantar.

Olhei para a multidão. Eles disseram que seria enorme, mas eu não previra de verdade o que enorme queria dizer até ficar no pequeno pódio na ponta do salão. As pessoas pareciam um tipo de desenho impossível de *Onde está Wally?*, como um desenho infantil de um estádio de futebol no qual todos os rostos são representados por um amontoado do que parecem ovas de sapo, pequenos círculos adjacentes. Muitas das cabeças estavam encimadas por chapéus esquisitos, com espelhos nas abas — matadores de mosquitos com lasers verdes prontos para enfrentar a praga da febre do Nilo. Ainda que ninguém estivesse falando, havia uma gigantesca parede de som erguendo-se na multidão — sussurros, pés se arrastando nas tábuas de madeira, o roçar de tecidos de braços e pernas. Parte de mim reparou isso como uma abstração, desejando ter um bom aparelho de gravação multicanais apontado para a plateia para usar como efeito sonoro da próxima vez que quisesse editar uma multidão em um filme.

Respirei fundo, o som enormemente magnificado pelos alto-falantes de transmissão pública ao lado do pódio e espalhados pelo salão.

— Eis por que acho que vamos ganhar. Porque *todos* precisamos da internet. Todo dia que se passa, mais e mais de nós se dão conta disso. — Olhei de novo para a multidão e encontrei Cora, que tinha ido à cidade naquele dia para me ver falar. Estava em um grupinho de amigos da escola, e todos tinham ido juntos no ônibus depois de muitas reclamações dos pais, que achavam que Londres os comeria vivos. — Minha mãe acaba de me explicar que, quando perdeu nossa conexão, não pôde pegar as informações médicas de que precisava para ajudá-la com as pernas. Ela foi sentenciada a um ano de agonia, presa no apartamento, porque eu tinha sido acusado de fazer downloads. Isso custou o emprego de meu pai: em Bradford, praticamente todo trabalho se faz pela internet. Ele trabalhava como operador de atendimento telefônico, atendendo a ligações do programa de garantia de máquinas de lavar em um dia e recebendo pedidos de pizza no dia seguinte. Não pagava muito, mas era o melhor

trabalho que ele podia conseguir. E minha irmã... — Olhei para Cora de novo. Ela estava corando, mas também sorria como louca. — Ela estava na escola, e podem imaginar como foi para ela, tentando prestar o exame GCSE sem internet, quando todas as outras crianças na escola tinham o Google, todos os livros já publicados, todos aqueles filmes e arquivos de som também.

"Meus pais não são adolescentes nerds que querem editar filmes. São pessoas simples do norte. Eu os amo demais, mas eles seriam os primeiros a dizer que não sabem nada de tecnologia e todo esse negócio. Mas, na semana passada, minha mãe me explicou, melhor do que eu jamais poderia, por que a internet é importante para eles, e por que leis como a RPI, que condicionam a existência da internet à não interferência com os modelos de negócio arcaicos de grandes empresas de entretenimento, são ruins para pessoas normais como eles.

"Foi quando percebi por que vamos vencer no longo prazo: todos os dias, mais alguém neste país acorda e descobre que a vida depende da internet. Pode ser como essa pessoa ganha seu salário, ou como se mantém saudável, ou como consegue apoio da família, ou como procura saber dos pais idosos. O que significa que, todos os dias, alguém neste país se junta ao nosso lado. Só precisamos nos certificar de que eles saibam que existimos quando isso acontecer, e, sorte a nossa, só temos a internet inteira disponível para fazer com que isso aconteça. É por isso que há tantas pessoas se juntando a grupos de pressão como o Open Rights Group e outros.

"Então vamos vencer algum dia. É apenas uma questão de quantas vidas inocentes serão destruídas antes que isso aconteça. Eu gostaria que esse número fosse o menor possível e tenho certeza de que vocês também. Então, é por isso que acho que vale a pena tentar vencer isso, hoje, agora, aqui. No ano passado, nossos representantes no Parlamento não acreditaram que um número suficiente de eleitores se importava com a

internet a ponto de fazerem valer a pena votar contra a RPI? Este ano será diferente. Vamos lembrá-los disso, agora que uma eleição se aproxima. Para todos vocês que foram às ruas da última vez, está na hora de fazer uma visitinha e dizer 'Não falei?' aos seus parlamentares. E para aqueles que não se importavam ou não acreditavam que valia a pena da última vez: desta vez vocês precisam se importar. Desta vez vale a pena.

Bebi um pouco d'água. Algo estranho estava acontecendo: apesar de estar com a garganta seca e com a pulsação latejando, eu estava *gostando* daquilo! Sentia o ritmo do discurso como sentia o ritmo de um filme quando o editava e sabia que estava fazendo um bom trabalho. Não apenas porque as pessoas estavam sorrindo e tudo isso, mas porque *eu* sentia que era certo.

— Eles nos dizem que, sem essas leis insanas, nossa criatividade se esgotará e sumirá. Mas eu faço filmes. Vocês os assistiram, acho... — Algumas pessoas comemoraram de modo amigável, e eu acenei para elas. — E acho que são bem criativos. Mas, de acordo com leis como a RPI, não são arte, são um crime. — As pessoas vaiaram. Sorri e acenei para que fizessem silêncio de novo. — Agora, talvez costumasse existir apenas uma forma de fazer filmes, e talvez essa forma significasse que era preciso alguns tipos de leis. Mas há muitos meios de fazer filmes hoje, e as leis de ontem estão no caminho da cinegrafia de hoje. Talvez, de agora em diante, criatividade signifique combinar duas coisas de um modo que ninguém jamais pensou em combinar antes. — Dei de ombros. — Talvez sempre tenha sido assim. Mas acho que meus filmes deveriam poder existir, e vocês deveriam poder assistir a eles. Acho que uma lei que protege a criatividade deveria proteger toda a criatividade, não apenas o tipo de criatividade que fez sucesso há cinquenta anos.

Abaixei o rosto e olhei para o celular, que estava apoiado sobre o pódio. O cronômetro tinha quase se esgotado. Eu cronometrara o discurso para exatamente dez minutos, e lá estava eu, bem no final, após

exatamente dez minutos. Sorri e ergui a voz.

— Eles estão aprovando leis para tornar pessoas como você e eu cada vez mais culpadas há anos. Tudo que isso conseguiu foi suprimir a criatividade e arruinar vidas. Temos a internet há décadas agora, não está mais do que na hora de fazermos as pazes com ela? Vocês podem fazer isso: digam a seus representantes e lembrem a eles que está na época das eleições. Vamos ganhar algum dia; que seja hoje.

Engoli em seco, sorri, disse "Obrigado", peguei o celular e os papéis e saí do pódio. Os aplausos e as comemorações ressoavam em meus ouvidos, e as pessoas estavam falando coisas para mim, inclinando-se para a frente para gritar parabéns e bom trabalho, e foi mais do que pude suportar, então me juntei a eles em um tipo de aplauso, sacudir de ombros e gritos de *u-ha*. Minha cabeça estava leve, as mãos, trêmulas, e sentia-me indescritivelmente quente. Sabia que tinha ido bem e consegui manter o nervosismo controlado enquanto discursava, mas agora parecia que eu podia mesmo desmaiar... desabar bem onde estava.

Abri caminho entre os parabenizadores e a multidão (mais pessoas apertando minhas mãos, sussurrando que eu tinha feito um bom trabalho enquanto a oradora seguinte — parlamentar do Partido Verde que eu conhecera nas reuniões de Annika — começou seu discurso) e saí para o frescor do saguão de entrada. Ouvi a porta do salão se abrir de novo (a voz da parlamentar ficou mais alta por um momento), e duas passadas se aproximaram. Quando chegaram mais perto, senti o cheiro do cabelo de 26. Ela me deu um beijo suave nos lábios, aproximando o corpo do meu, e mantive os olhos fechados enquanto o mundo se encolhia aos lábios que roçavam sutilmente contra os meus.

— Você está bem? — perguntou ela, sussurrando dentro de minha boca.

— Sim — respondi. — Só exausto.

— Tudo bem — disse 26. — Preciso voltar, sou a próxima.

— Já vou entrar — respondi.

Ela se afastou, e abri os olhos para ver quem mais tinha saído com ela. Era Cora, é claro, os olhos brilhando, e ela envolveu meu pescoço com os braços e me abraçou tão forte que achei que cairia.

— Você foi incrível! Estou tão *orgulhosa*! Todos os meus amigos acham que você é um deus!

Gargalhei. Era *exatamente* do que eu precisava. Minha irmã e minha namorada, ambas dizendo que eu tinha ido bem, não estragara as coisas, e uma ilha de isolamento da multidão e dos discursos, da correria e da pressão.

Um homem atravessou o salão. Estava vestido como um moleque do condomínio em que eu havia crescido, mas era mais velho e, na verdade, velho demais para estar vestido como um adolescente. Uns 30 ou 40 anos, talvez.

— Você é Cecil B DeVil, certo? — perguntou ele. Estava sorrindo e estendendo a mão.

Eu a apertei, envergonhado e orgulhoso de ser encurralado por um fã em frente a minha irmã. Ela devia presumir que aquele tipo de coisa acontecia o tempo todo, e isso também me deixou orgulhoso.

— Sim — respondi. — Prazer em conhecê-lo. — Apertei a mão dele, e o homem estendeu a outra mão tão rápido que me encolhi; era óbvio que devia ter um cassetete ou uma faca nela, e ele apertou minha mão ainda mais forte, puxando-me para perto de si. Vi que ele estava segurando um envelope, não uma arma, e o enfiou na minha mão.

— Processo para você — disse ele e gargalhou de modo cruel, depois soltou minha mão, empurrando-me de leve na direção para a qual eu estava fazendo força, e quase me jogou no chão. Segurei o envelope e sacudi os braços.

Cora se virou e gritou:

— Vá se foder, babaca! Arrume um emprego de verdade!

O homem apenas gargalhou mais forte e com mais crueldade e mostrou os dedos do meio conforme disparava porta afora, na direção de Old Street.

Segurei Cora e enfiei o envelope no bolso.

— Vamos — disse eu. — Vinte e seis vai começar.

Ao que parecia, os estúdios cinematográficos tinham aberto 15.232 processos separados contra mim.

Sério.

Um para cada clipe que usei em cada vídeo com Cecil B DeVil nos créditos. O padrasto de 26 achou que era algo precioso.

— Você deveria fazer um comunicado à imprensa — disse ele. — Ou ligar para o pessoal do livro *Guinness World Records*. Acho que pode ser o maior número de processos abertos contra um menor inglês na história. Você provavelmente ganharia um prêmio ou algo assim.

— É — respondi. — Como uma conta de 78 milhões de libras. — Esse era o cálculo de danos feito pelos estúdios. Estavam atrás de sanções máximas para cada infração em separado (e eu estava bem espantado por eles terem confundido os clipes. Por exemplo, naquela cena da perda de virgindade que deu início ao problema todo, eles confundiram *Encrenca de biquíni em Little Blackpool* com *Pirulito de verão*, do qual eu nunca tinha ouvido falar. Saí correndo e o baixei, então tive de me repreender, pois Monalisa estava muito melhor nele e tinha um monte de efeitos de áudio que eu poderia ter aproveitado. Se fizesse uma reedição, teria de usar aquele, com certeza).

Roshan balançou os dedos para mim.

— Meu jovem, a não ser que eu esteja muito errado, você não tem, de verdade, 78 milhões de libras.

— Não *tanto* assim, não.

— Espero que não se ofenda por eu dizer que acredito que seu

patrimônio líquido, exceto por seus talentos e charme não desconsideráveis, esteja mais para zero milhões de libras.

— Eu não tenho zero *centenas* de libras.

— Muito bem. Temos um nome para pessoas como você: chamamos de "insolvente". Não importa quanto o juiz o condene a pagar, você não poderá pagar.

— E quanto a meus pais?

— Eles têm propriedades, ou um carro, ou uma poupança substancial, ações ou aplicações? Obras de arte raras?

Sacudi a cabeça.

— Então, aí está. Há sempre a possibilidade de abrirem um processo criminal contra você. Mas, como falei, estou quase certo de que o diretor da promotoria não vai tentar montar um caso para invasão de propriedade e, com isso, sobra infração criminal, mas acho que nem mesmo a Lei de Roubo de Propriedade Intelectual vai ajudá-los com isso. Você não estava fazendo cópias completas de filmes comerciais disponíveis, então não podem enquadrá-lo sob a seção de pirataria. Basicamente, acho que o propósito é servir de aborrecimento. Você precisará arrumar um *solicitor*, que é um advogado de aconselhamento, e um *barrister* para defenderem você na suprema corte. Posso recomendar alguns colegas ótimos que fariam o aconselhamento para mim, considerando que você ficaria satisfeito se eu o representasse no tribunal?

Sacudi a cabeça.

— É claro que eu gostaria que fosse meu advogado, mas não entendo muito bem essa coisa toda. *Solicitor*, *barrister*, é só outra forma de dizer advogado, certo?

Ele fez que não, fingindo tristeza.

— Você claramente foi criado assistindo a séries dramáticas sobre tribunais norte-americanos. Deveria procurar alguns episódios de *Rumpole*: são bem divertidos e não dão uma perspectiva ruim sobre a

profissão. — Roshan ergueu a mão. — Pensando bem, deixe-me transformar os DVDs em doação, certo? Temos um box por aqui em algum lugar. Não queremos que você baixe nada travesso enquanto esse processo estiver correndo, pelo menos não por culpa minha.

Sorri de volta, mas estava pensando *Não baixar? Você está fazendo uma piada, certo?* Não parei para fazer as contas de quantos downloads eu deveria fazer em um dia normal, mas é claro que era uma quantidade imensa. Eu provavelmente infringia a lei milhares de vezes em 24 horas.

— De qualquer forma, deixe-me explicar rapidamente. É tudo muito arcaico, mas essa é a justiça britânica... Ou melhor, a justiça na Inglaterra e no País de Gales, porque seria simples demais se funcionasse da mesma forma na Escócia e na Irlanda do Norte, certo? Certo. Tudo bem, então, há dois tipos de advogados que você precisa conhecer neste estágio. Há os *solicitors* e os *barristers*. Um *solicitor* escreve cartas jurídicas ameaçadoras, prepara casos, dá entrada em petições, aconselha os clientes sobre as questões mais superficiais da lei, essas coisas. Um *barrister* é um carinha inconveniente e briguento que vai, de fato, ao tribunal. Às vezes vestindo a fantasia de palhaço mais bizarra que você pode imaginar, peruca feita de crina de cavalo e uma toga preta, como se estivesse interpretando o anjo da morte em um melodrama de má qualidade. Ele tenta persuadir um juiz, ou magistrado, ou júri de que você é inocente. Interrogamos testemunhas, formulamos argumentações, o tipo de coisa que se vê na terceira parte do seriado sobre julgamentos.

"Não faz muito tempo um *barrister* não podia pegar um cliente por vontade própria; éramos convocados pelo *solicitor*, o qual era contratado pelo cliente. Hoje em dia, é algo apenas malvisto, mas jamais me preocupei com isso. De toda forma, não posso representá-lo sozinho, preciso ser instruído por um *solicitor*, então precisamos encontrar um desses colegas excepcionais. Como você não tem dinheiro, teremos de angariar algum ou encontrar alguém que aceite ser seu *solicitor pro bono*... Isso quer dizer de

graça."

Eu me encolhi.

— Acho que poderia pedir dinheiro às pessoas, mas preferiria que fosse destinado à campanha para derrubar a RPI.

Roshan assentiu.

— Sim, imagino que as pessoas que tenham preparado esse ultraje imaginaram que ele sugaria seu tempo e o dinheiro dos outros e impediria que fosse usado para lutar contra a lei deles. Não é uma jogada ruim, para dizer a verdade. Iniciar processos como esses não deve ser muito dispendioso para eles, pois fazem isso aos poucos há anos, a questão foi só juntar todos em um documento extenso. Considerando tudo, é um modo relativamente barato de tirar você da corrida. Deveria se orgulhar, eles acham que você é importante o bastante para ser neutralizado. Um mero moleque de 17 anos! Minha nossa, a seguir estarão fugindo aterrorizados de um exército de adolescentes com uma sujeirinha no lugar do bigode que poderia ser limpa por lambidas de gatos!

Estávamos sentados em sua oficina, no porão, e, conforme Roshan falava, mantinha-se ocupado perambulando entre barris e frascos e afins, ajustando pressões, provando, adulterando. Naquele momento, tirava para mim uma caneca esmaltada rachada cheia de algo cor de mel.

— Experimente esta — disse ele.

Provei. Era incrível — um pouco doce, um pouco de limão e o azedo das frutas vermelhas, tudo misturado em uma bebida gelada e gasosa que parecia dançar na minha língua.

— Uau. — Engasguei depois de engolir. — Isso está *fantástico*.

Roshan tocou a aba do chapéu de laser.

— Sempre achei que teria sido cervejeiro se não tivesse escolhido a lei. É bom ter uma alternativa, de qualquer forma.

A campanha estava seguindo à toda, agora. Cão Raivoso — que melhorou

bem mais rápido do que todos nós acreditávamos, embora ainda houvesse algo errado com o nariz dele e parecia difícil respirar por ali — criou o nome: "RIP-RPI", o RIP era como em *Rest In Peace*, ou descanse em paz. Um acrônimo que sempre aparecia nas lápides dos sombrios cemitérios de filmes de terror antigos e era instantaneamente reconhecido, perfeito para integrar logomarcas para sites da internet e avatares nas redes sociais.

O incrível de tudo isso era quantas pessoas de quem eu jamais ouvira falar pareciam se importar com a campanha. Eu olhava as notícias de qualquer dia normal, e havia cinco ou seis artigos sobre manifestantes locais pela RIP-RPI que organizavam reuniões grandes, manifestações do lado de fora do cinema local ou marchavam em massa para o escritório de seus parlamentares. Por toda Inglaterra, País de Gales e Irlanda do Norte, e até mesmo na Escócia, embora o Parlamento deles tivesse se recusado a implementar a RPI. Então os repórteres corriam e enfiavam microfones no rosto dos parlamentares e perguntavam o que planejavam fazer a respeito daquilo, e todos pigarreavam e emitiam ruídos muito sérios a respeito de organizar debates sérios e levar as coisas a sério, sério.

Letitia me contou que tudo isso eram boas notícias, mas não poderíamos contar com nada até o dia da votação. A Câmara dos Lordes deveria começar o debate em dez dias, e as listas de e-mails estavam fervilhando com pessoas inteligentes e maduras que escreviam posicionamentos e coisas assim. Eu apenas tentei acompanhar. Quero dizer, eu conseguia compreender a ideia de que havia um Parlamento cheio de integrantes eleitos, mas depois tinha um outro grupo de legisladores que eram todos *Lordes* e *Ladies*, o que me fazia pensar em contos de fadas.

Eu nem mesmo sabia que eles não eram lordes "de verdade" até 26 me explicar. Eu simplesmente presumi que a Câmara dos Lordes estivesse cheia de esnobes cujos tetravós tinham matado um monte de normandos em 1066 e desde então garantiram aos descendentes um assento no governo para sempre. Pelo visto, havia alguns desses por lá, mas a maioria

dos Lordes tinha um "título vitalício": eles eram indicados pelos grandes partidos políticos, embora, tecnicamente, o rei ainda tivesse de agitar a varinha mágica para torná-los lordes excepcionalmente especiais. Os Lordes podiam ficar por lá a vida toda, não precisavam se preocupar com reeleição, e parece que havia um monte deles bem jovens ("bem jovem", nesse caso, significava 40 anos, o que me fez perceber que o resto deveria ser tão velho quanto Jesus), que eram muito interessados em tecnologia e coisas assim.

Os Lordes debateriam a lei RIP-RPI e fariam mudanças e tal, depois a enviariam de volta ao Parlamento para mais debates. Pelo visto, o Parlamento não *precisava* ouvir o que eles tinham a dizer, mas em geral ouvia. Havia muitas coisas desse tipo — coisas que funcionavam de um jeito no papel e de outro na prática. Tentei entender, mas por fim achei que o melhor que podia fazer seria o que vinha fazendo o tempo todo: uma grande sujeira e muito barulho e deixar que as outras pessoas cuidassem daquilo em que eram boas.

O que teria sido mais fácil se não fosse por toda aquela coisa do processo. O *solicitor* que o padrasto de 26 achou para mim era um tipo jovem e animado, de vinte e poucos anos, chamado Gregory. Achei que ele fosse chinês, mas descobri que era da Malásia, embora falasse um inglês mais rebuscado que o meu. Gregory se ocupava preenchendo todo tipo de papelada na corte e ligava para mim todos os dias para explicar tudo, e, deixe-me dizer, se a história do Parlamento e dos Lordes era complicada, não era nada comparada àquela porcaria. Eu compreendia alguma coisa e achava que estava fazendo sentido, depois me perdia de novo.

Mas uma coisa com certeza chamou minha atenção:

— Eles querem entrar com uma injunção impedindo você de usar a internet até o julgamento — falou Gregory. Ele insistia em falar por telefone, nada de mensagem instantânea ou e-mail, porque, aparentemente, telefonemas tinham algum tipo de status legal quando você estava falando

com um *solicitor*, e, caso alguém pusesse uma escuta em nós, isso recairia muito mal sobre essa pessoa. Eu ficava tentando explicar que podíamos simplesmente usar um VoIP criptografado ou mensagem instantânea ou até e-mail, no qual seria *impossível* usar uma escuta (não apenas ilegal), mas Gregory tinha seu jeito de fazer as coisas e não o mudaria por um garoto como eu. Assim, comprei um monte de minutos pré-pagos para o celular e ia anotando as coisas no laptop.

— Isso não parece bom — respondi.

— Significa que você não poderá usar a internet por pelo menos um mês. Ficará off-line até a votação da RIP-RPI ter passado.

— Droga — falei. — Acha que eles conseguirão? — Eu estava chateado, mas não de maneira descontrolada. E daí que não pudesse postar como Cecil B DeVil ou Trent MacCauley? Eu entraria na internet por nossa conexãozinha ilegal e pediria que outra pessoa escrevesse as respostas para mim. Seria um saco, mas nada terminal.

Ele suspirou.

— Acho que sim. Agora, Trent, sei que está pensando que conseguirá entrar escondido na rede, mas quero que entenda o que isso significaria. Neste momento, está diante de um processo civil. Como sabe, não podem acontecer muitas coisas ruins com você, não importa o resultado; você não tem dinheiro nenhum, então, mesmo que ganhem um julgamento imenso contra você, jamais receberão. Mas, se a corte ordenar que você faça algo, como ficar longe da internet, e você não fizer, cometerá desacato. Não é um problema civil, é *criminal*, e o juiz pode e colocará você na cadeia por isso. E mais, depois que você é fichado por uma ofensa criminal, a polícia consegue todo tipo de licença para vasculhar seu disco rígido e ver o que mais encontra. Tenho certeza de que um mala esperto de um dos estúdios cinematográficos pensou "Espere um pouco, esse tal de Cecil é absolutamente fanático pela internet. Por que não pedimos que o juiz suspenda o acesso dele, esperamos até que faça algo estúpido e o

trancafiamos por desacato, depois verificamos seu computador e encontramos mais um monte de motivos para derrotá-lo? De bônus, invadimos o e-mail dele e descobrimos quais de seus colegas podemos pegar também, vemos se há algo que parece uma confissão de infração. Talvez ele seja duro, mas alguns dos amigos têm pais cujas casas e carros são ótimos, e podemos nos apossar deles. Cecil terá bem menos amigos depois que seus joguinhos acabarem por tornar as famílias de seus camaradas pobretonas." Está entendo o que quero dizer?

Sacudi a cabeça.

— Tudo bem — respondi, sentindo depressão e autopiedade. Reconfortei-me ao saber que eles jamais tirariam nada de meu computador, não com o HD criptografado.

— Está pensando em criptografia, certo? — perguntou Gregory. Ele era tão perspicaz.

— Você lê mentes, é?

— Vamos apenas dizer que não é o primeiro jovem que conheço que se meteu em problemas com um computador. Estou perfeitamente disposto a acreditar que você tem a capacidade de trancafiar seu disco rígido com criptografias ardilosas e inteligentes que os melhores homens de Sua Majestade jamais conseguirão decifrar. Deixe-me citar uma breve passagem da seção 53 da Lei de Regulamentação de Poderes Investigativos de 2000, uma leitura cativante do começo ao fim, aliás: "A pessoa para a qual uma notificação da seção 49", esse é você, depois que a lei lhe disser para entregar sua senha, "foi entregue incorre em ofensa se, cientemente, deixar, conforme referida notificação, de efetuar a entrega solicitada em virtude da notificação". Blá, blá, blá, para os propósitos de, evidências suficientes etc. e por aí vai, sim, aqui está! "A pessoa culpada de ofensa de acordo com esta seção será passível de responsabilidade condenação sumária, por um período não maior do que seis meses ou multa que não exceda o máximo estabelecido constitucionalmente, ou ambos". Entendeu,

oh, cliente meu? A lei pode obrigá-lo a entregar suas senhas, chaves de criptografia e todas as espertezas que tenha escondido nessa sua cabeça jovem e boba. Se não o fizer imediatamente e de forma cooperativa, bem, eles o trancafiam por seis meses. Gostaria de meio ano na prisão?

— Não — resmunguei, sentindo-me engessado.

— Achei que não. Então, não seja espertinho. Eles ainda não conseguiram a injunção, e tenho certeza de que seu *barrister* vai lutar contra ela como o buldogue raivoso que eu sei que ele é. Mas, se perder, você deverá cumprir a ordem com rigor extremo. Não porque espero que você tenha muito respeito pela lei. Para ser sincero, a lei é minha vida, e em algumas manhãs eu mesmo não tenho muito respeito por ela. Não, mas porque, se você falhar em cumprir, colocará a cabeça dentro de uma armadilha grande e mortal que esses sujeitos espertos puseram no seu caminho, e eu preferiria muito mais que você vivesse até uma idade avançada sem ser esmagado pela mandíbula implacável da lei. Ficou claro para você?

— Claro como acrílico — respondi.

Ele emitiu um estalo com a língua.

— Não é comigo que você deveria ser engraçadinho. Não coloquei você nessa posição e estou fazendo o melhor que posso para tirá-lo dela, embora não esteja recebendo um centavo pelo meu tempo. Se serve de consolo, pelo menos saiba que alguém muito inteligente e caro recebeu muitos milhares de libras para pensar nisso, o que significa que você realmente chateou alguém. O que quer que esteja fazendo assustou umas pessoas ricas e poderosas.

Aquilo me animou um pouco.

— Não é um modo ruim de encarar.

— Então, aí está. Mantenha o pescoço erguido, a expressão rigorosa, toda essa baboseira. Retornarei quando tiver a data da audiência da injunção. Fique longe de problemas até então, está bem?

— Certo — respondi. Ele desligou antes que eu pudesse acrescentar um "obrigado". Era típico de Gregory, tudo parecia ser parte de um jogo maliciosamente competitivo que ele jogava contra si mesmo, ou talvez contra o mundo inteiro, e não era muito de amenidades. Acho que eu entendia aquilo de alguma forma, pois havia dias em que me sentia daquele jeito também.

Mas, como tinha algum tempo antes de estar diante do tribunal e como o medo acabara de ser incutido em mim, achei prudente fazer algo para proteger meus amigos se o pior acontecesse. A questão era que criptografar o HD não era tão difícil, mas na maioria das vezes era óbvio que você havia mexido nas coisas — qualquer um que soubesse o que procurar poderia perceber em um segundo que estava tudo criptografado. Durante anos usei um negócio esperto, chamado TrueCrypt, que tinha um modo de "negação plausível" bem ardiloso.

O TrueCrypt permitia que você separasse parte do HD ou todo ele como um arquivo criptografado. Depois de reiniciar o computador, era preciso entrar com a senha para acessar o disco rígido. Mas, se alguém com conhecimento olhasse o disco, ficaria perfeitamente óbvio que havia uma bolha do TrueCrypt sobre ele.

A parte ardilosa era esta: o TrueCrypt deixava que você separasse um segundo arquivo *escondido* dentro daquela bolha. Se entrasse com uma senha, só veria o disco "externo". Mas, entrando com a segunda senha ao mesmo tempo, teria um disco totalmente diferente. E esse disco era praticamente invisível: de maneira nenhuma era possível olhar para o arquivo externo criptografado e dizer que havia outro disco escondido ali. Se você tivesse uma boa senha para o disco "interno", ninguém poderia provar que estava lá. O que significava que se alguém — digamos, um representante do governo de Sua Majestade — decidisse me forçar a entregar minha senha, eu poderia alegremente entregar a senha "externa" e insistir que não existia uma senha interna, e eles jamais poderiam provar o

contrário.

Mas imaginei que, se tivesse de chegar a esse ponto, ninguém acreditaria que eu não tinha um disco interno escondido. Quero dizer, é *claro* que eu usaria um! Mesmo que não tivesse nada a esconder, eu faria isso porque era tão insana e mortalmente *legal* ter um drive espião todo meu.

Os caras do TrueCrypt tinham pensado nisso, é claro. Então, recentemente, tinham lançado uma nova versão com espaço para uma *terceira* camada interna dentro da partição "negável" — e seria preciso entrar com uma senha, depois outra senha e mais uma senha. Era possível ir até bem fundo se a pessoa quisesse, cinco ou seis camadas abaixo. Meu *solicitor* era um cara inteligente e estava muito certo de que seria difícil se eu me visse em uma posição que tivesse de entregar a senha e me recusasse a fazer isso. Mas, como sempre, a tecnologia estava quase um quilômetro à frente da lei. Afinal de contas, o que a polícia poderia fazer, jogar você na prisão por ter lhes dado senha atrás de senha e eles ainda *não terem* achado nada, e, portanto, você deveria estar escondendo alguma coisa?

Bem, pensando bem, não duvidaria. Era meio como uma caça às bruxas antiquada: eles *sabiam* que você era culpado, então, se não conseguissem encontrar provas, isso devia querer dizer que você era *muito* culpado, pois havia escondido seus feitos de modo muito eficaz. Mas, droga, se chegasse a esse ponto, eu seria queimado na fogueira em qualquer caso, e eu queria tentar esse negócio novo do TrueCrypt havia séculos. Significava que eu teria de fazer backup de todos os meus dados e reparticionar o drive, o que era um trabalho muito tedioso, pois o pequeno laptop que eu fizera no armazém de Aziz tinha um RAID, ou conjunto de discos independentes, de 4 terabites dividido entre os drives nas duas baias internas, e levava quase uma hora para formatar tanta memória, sem falar de fazer backup dos dados para um HD externo velho que eu tinha jogado por lá e limpar o disco de backup, gravando um som aleatório nele vinte vezes seguidas

enquanto os coolers patéticos chiavam para expulsar todo o calor do gravador, o qual faria chuga-chuga-chuga durante horas e horas.

Mas, depois de terminado, eu tinha, essencialmente, três computadores. A camada mais externa era uma cobertura óbvia, com nada além de um browser e algumas ferramentas de configuração. Destravando o disco interno, porém, havia um perfil de browser com cookies para entrar em um monte de contas praticamente públicas, como e-mail, Twitter, redes sociais, o tipo de coisa em que eu costumava participar de conversas públicas e me corresponder com meu contato. Dentro *dessa* camada, eu escondera a área de trabalho de verdade, com todos os clipes de Seth catalogados, todo o áudio recortado e todas as mensagens particulares com meus amigos e Cora (eu usava uma conta diferente para falar com meus pais, é claro). Mesmo enquanto dava os retoques finais, eu ainda estava pensando em todas as formas de finalizar — por exemplo, minha camada interna, supostamente minha área de trabalho, não tinha nenhum material de Seth. Mas todos sabiam que eu tinha feito todos aqueles vídeos de Seth, o que significava que qualquer um que olhasse o computador teria um motivo muito bom para acreditar que eu estava escondendo alguma coisa.

Ah, bem. Se chegasse a isso, eu teria de simplesmente dizer, com audácia, que tinha recebido a luz, deletado toda a parafernália de Watson e entrado na linha. Eu até sabia o que dizer: eu amava os filmes de Seth Watson. Isso era verdade. O palhaço foi um verdadeiro gênio, e não apenas como ator, mas também como escritor e diretor. E, considerando tudo, tinha sido um tipo decente, dois filhos que jamais disseram uma palavra contra ele, uma esposa que aguentou durante toda a vida adulta, recentemente falecida. Se meus interrogadores imaginários quisessem prova de meu *status* de fã absoluto de Seth Watson, bastaria olhar as senhas que acabaram de arrancar de mim: eu as tinha feito usando a primeira letra de cada palavra de alguns dos melhores discursos de Seth e trocando-as pela letra imediatamente posterior no alfabeto.

Por exemplo: “Você acha que é especial só porque nasceu em uma mansão milionária? Isso só significa que seu avô foi o maior desgraçado da região. Você não é especial. É comum que nem musgo; se fosse me visitar, eu contaria as colheres antes de deixá-lo partir.” Isso era de *Tempos difíceis*, e, se você pegasse apenas as primeiras letras, teria:

Vaqeespneumm?Issqsafomddr.Vnee.Ecqnm,sfmv,ecacaddp.

Agora, troque cada letra pela que vem a seguir e terá:

Wbrfftqofvnn?Jttrtbgpnees.Woff.Fdron,tgnw,fdbdbeeq.

Então usei uma substituição numérica simples e obtive:

W6rff7q0fvnn?J77rt6gpnees.W0ff.Fdr0n,7gnw,fd6d6eeq.

Não era exatamente aleatória, mas eu conseguia me lembrar e jamais precisei escrever, e você teria de ser muito perspicaz para adivinhar qual discurso de Seth eu havia usado e tudo isso. Só para tornar as coisas interessantes, na senha inferior a essa eu utilizei a letra imediatamente *anterior* no alfabeto, e na senha inferior-inferior, a segunda letra posterior. Sentia-me um perfeito James Bond, sério.

Eu tinha acabado de reiniciar e entrar na segunda camada quando vi que tinha um e-mail para uma das contas bem públicas de Cecil B DeVil, a que colocava ao fim de todos os vídeos. Poucas pessoas me mandavam e-mail — em geral, mandavam mensagens instantâneas ou atualizações breves nas minhas redes sociais. E-mail era quase sempre de alguém que estava mais para o lado rigoroso — policiais, advogados, parlamentares, repórteres, esse tipo de coisa. Então eu sempre sentia um frio na barriga quando a bandeirinha surgia. Mas cliquei, porque é preciso, não é?

Para: Cecil B DeVil
De: Katarina McGregor-Watsonp
Re: Meu avô

Meu dedo estremeceu sobre a tecla Delete — “Meu avô” me fez pensar no tipo de spam que prometia milhões caso você ajudasse a traficar a fortuna de algum parente morto de outra pessoa para fora de um país

estrangeiro. Mas o nome Katarina McGregor-Watson chamou minha atenção. Desci a página.

Caro Sr. "DeVil"

Meu nome é Katarina McGregor-Watson, e Seth Watson era meu avô.

Uau. Era por isso que eu conhecia o nome!

Faz mais de um ano que assisto a suas pequenas edições dos filmes de vovô. A princípio, fiquei um pouco irritada, para ser absolutamente sincera. Cresci assistindo aos filmes de Seth Watson, e eles são algo como um ritual sagrado no meu clã, como você pode imaginar.

Mas, conforme o tempo se passou, vi o amor claro e indiscutível em seu trabalho: amor pelos filmes de meu avô, amor pelo próprio cinema. E ajudou bastante você obviamente saber o que está fazendo quando se trata de editar vídeos. Desde o princípio, eu tinha presumido que você deveria ter quase 30 anos, como eu, mas, quando li a seu respeito no *Guardian* e descobri que era apenas um garoto (sem querer ofender), fiquei totalmente chocada. Sinceramente, seu trabalho é muito bom e, às vezes, brilhante. É um jovem talentoso, e vejo coisas grandiosas em seu futuro.

E mais — e aqui chego à parte principal desta mensagem — *sei* que vovô aprovaria seu trabalho. Como sei? Porque meu avô, Seth Watson, fazia mixagens muito antes de qualquer pessoa ter ouvido a palavra! É isso mesmo! Vovô era um remendador e um verdadeiro cão farejador de parafernálias e tinha um barracão no fim do jardim que *explodia* com equipamentos de edição de filmes e de edição de som, de várias gerações, desde caixas para cortar filme e projetores e mesas de luz até uma série de PCs, conectados a tantos discos rígidos que soavam como um motor de aeronave quando ele ligava todos juntos!

Além de tudo isso, vovô tinha muitos vídeos. Ele colecionava filmes quando era menino e depois digitalizou-os, ele mesmo, centenas e milhares de horas, junto com as filmagens cruas de muitos de seus filmes, e, mais tarde, digitalizou fitas VHS e gravou DVDs. Era o passatempo preferido dele: desaparecer no barracão e fazer um de seus "filmes especiais". Estes costumavam ser bem engraçados. Ele tinha uma série inteira dos filmes de *Guerra nas estrelas* que mostrava para nós, quando éramos crianças, no Natal, como um pequeno festival de filmes, com Chewbacca e os Ewoks dançando break, Luke voando com a aeronave por uma série de outros filmes (a maioria deles de vovô!), e por aí vai. Era o ponto alto dos Natais em família.

Alguns de meus primos de fato aprenderam algo de edição com vovô. Tentei uma vez, mas, para dizer a verdade, ele era um pouco impaciente

com pessoas de aprendizado lento, o que eu certamente era, então desisti. Acabei fazendo faculdade de medicina, mas tenho um primo que é um editor muito bem-sucedido em Bangalore. Foi ele quem me mandou seus filmes, na verdade. E, correndo o risco de inflar seu ego, ele disse que você era excepcionalmente incrível.

Ai. Meu. Deus. Ela estava falando de Johnnie Watson, que fizera *4 idiotas* e a cinebiografia de Asha Bosle e, bem, quase todos os filmes de Bollywood de que eu gostava. Ele era uma *lenda*. E achava que eu era "excepcionalmente brilhante"! Quase desmaiei àquela altura.

Quando vi seus filmes pela primeira vez, fiquei um pouco ofendida, sim, mas, mais do que isso, fui lembrada de meu próprio avô e de alguns dos momentos mais felizes da minha infância. Agora soube que eles estão processando você por 78 milhões de libras, embora, até onde eu saiba, você jamais tenha ganhado um centavo por seu trabalho. Bem, eu não controlo o espólio de Seth Watson e não posso falar por ele, mas, falando como uma das descendentes do homem, senti a obrigação de escrever para você e dizer que: a) nós já ganhamos (e continuamos a ganhar) muito dinheiro com o trabalho de vovô, apesar de sua suposta pirataria; e b) se Seth Watson tivesse nascido na mesma época que você, ele teria feito exatamente o que você fez.

E pode me citar, Sr. DeVil.

Atenciosamente,

Katarina.

PS: Com a internet do jeito que está, você deve estar se perguntando se este e-mail é falso (eu certamente estaria!). Você pode encontrar o e-mail do meu consultório na lista de médicos do Sistema Nacional de Saúde, em Londres, no endereço nhsonline.org, e pode me responder nesse endereço. E mais, se me mandar um endereço postal, eu ficaria feliz em enviar um drive com alguns dos filmes preferidos de vovô, tenho um monte deles aqui.

Levei menos de dois minutos para localizar Katarina McGregor-Watson no registro do sistema de saúde. Ela trabalhava em um consultório em Islington, em uma rua chique, e respondi para o endereço de e-mail no registro.

Querida Katarina,

Não sei como agradecer por seu e-mail. Fez meu dia — até mesmo meu século! Quero dizer, uau!

Sinceramente, não sei o que lhe dizer. Estou sem palavras. Seu avô

foi uma lenda para mim. Faço os filmes que faço por causa do modo como ele me inspirou.

Ficaria total e completamente exultante em receber algumas das mixagens de filmes dele! Quero dizer, sinceramente, são como relíquias sagradas para mim! Queria ser mais inteligente com as palavras, pois não sei como expressar o que sinto agora. Estou no teto, acima da lua e depois da curva. Eu até iria aí buscar os filmes para você economizar o selo!

Cecil

Fiquei sentado ali, sentindo a alegria aconchegante, e, momentos depois, recebi uma resposta.

Cecil

O prazer é mútuo. Posso deixar um pen drive na recepção do meu consultório para você amanhã de manhã.

A seguir, ela passou o endereço que eu já tinha pesquisado. Encaminhei a mensagem para praticamente todo mundo que eu conhecia e passei a hora seguinte ao telefone ou trocando mensagens instantâneas com pessoas que queriam me parabenizar. Depois, tive de fazer mais entrevistas sobre a RIP-RPI, e tinha um vídeo que eu estava cortando e queria terminar, para poder deixar no consultório de Katarina no dia seguinte, e, quando desci e enfiei na boca um punhado de queijo com fatias de salame — tínhamos encontrado uma montanha de salame desidratado na caçamba do Waitrose naquela semana, e mesmo depois de dar cinquenta deles para o pessoal ao redor da Old Station, ainda estávamos sofrendo para comer as sobras —, era quase meia-noite. Liguei para 26 para dizer que a amava, e ela me mandou um beijo e me disse que estava quase terminando o último projeto do ano escolar, e eu afundei em um sono feliz.

Saltei da cama na manhã seguinte como se tivesse sido disparado de um canhão. Tinha gravado o último filme de Seth (Seth é revistado nu a caminho da estreia de *Brown wire*, um de seus filmes de maior bilheteria; os policiais encontram cinco câmeras, três celulares e um laptop escondidos pelo corpo dele, e Seth os encara com uma expressão sarcástica — fiquei muito orgulhoso disso) em um dos pen drives que tinham sobrado do truque em Leicester Square e coloquei-o no bolso antes de sair. Eu praticamente corri até Islington, nem me preocupei com o ônibus — meu entusiasmo e um *espresso* triplo feito por Jem tinham me enchido com mais energia do que eu podia usar.

Cheguei ao consultório de Katarina McGregor-Watson — um lugar chique e pequeno na Upper Street, entre uma loja de comida saudável e outra de roupas de bebê na moda — um pouco depois das 10 horas. A secretária atrás do balcão era uma senhora asiática que usava um *hijab* e, quando eu disse a ela que tinha ido para pegar o pen drive que a doutora deixara para mim, ela sorriu e pediu que eu esperasse, pois a doutora tinha pedido para ser avisada quando eu chegasse.

Sentei-me na sala de espera entre muitas pessoas doentes, pessoas velhas e crianças impacientes durante 15 minutos, batendo a perna e olhando para cima toda vez que alguém entrava ou saía de algum dos consultórios. Então, uma mulher alta, de cardigã e jeans, saiu de uma das salinhas. Conversou com a recepcionista, que apontou para mim, então ela sorriu e atravessou a sala de espera em três passadas longas e estendeu a mão.

— Você deve ser Cecil? — disse ela. A voz de Katarina parecia de outro mundo, como a de Seth, mas uma oitava acima. Algo a respeito das inflexões ou do sotaque. O que quer que fosse, eu poderia ter dito que ela era neta de Seth Watson só de ouvido. Saltei de pé, limpei as palmas suadas nas coxas e peguei sua mão. — Sou Katarina. É um prazer!

Ela parecia com ele também: tinha os mesmo olhos famosos, a mesma

covinha torta característica, o mesmo espacinho entre os dois dentes da frente. Katarina viu que eu a estava encarando e mostrou a língua e fez os olhos ficarem vesgos.

— Pode parar de fazer uma lista de todas as formas com que me pareço com vovô agora. É de família, todos somos assim. — Os modos dela eram tão acolhedores, e eu sabia que deveria ser uma excelente médica.

— Não sei como agradecer, doutora... — falei.

— Katarina — disse ela. — Doutora é para meus pacientes.

— Katarina — disse eu. — Eu, hã, eu fiz um filme novo e queria que você visse primeiro. Tem seu avô.

Ela olhou por cima do ombro para a recepcionista.

— Quanto tempo tenho, Sarina?

A recepcionista olhou para a tela.

— Dez minutos — respondeu ela. — Talvez 12, se o cavalheiro de sempre se atrasar como de costume.

Katarina indicou a porta do consultório com a cabeça e me levou até lá, fechando a sala atrás de mim.

— Tenho uma consulta regular às segundas-feiras de manhã com um sujeito que costuma se atrasar. Sarina sempre faz encaixes para que ele possa vir me ver. Agora, falou algo sobre um vídeo?

Entreguei a ela o drive, e ela pegou um pequeno reprodutor de mídia da bolsa e ligou o pen drive.

— Não posso conectar nada nesse aí, é claro — disse ela, indicando o monitor sobre a mesa.

— Claro — respondi.

O vídeo tinha apenas um minuto e meio — eu o baseei em uma filmagem de um anúncio antipirataria que nos obrigavam a assistir antes de cada filme no cinema —, e Katarina passou os noventa segundos gargalhando até chorar do vídeo. Antes que eu conseguisse dizer qualquer coisa, ela o exibiu de novo.

— Está muito, muito bom — falou Katarina. — Quero dizer, absolutamente maravilhoso. Eu sei que vovô teria amado isto... É tão a praia dele. E, falando nisso... — Ela abriu a gaveta da escrivaninha e tirou de dentro dois pen drives velhos, com a logomarca de uma loja de material de escritório. — Enchi um destes com um monte de mixagens de filmes de vovô e o outro com alguns de meus filmes de família preferidos. Coisas que o público nunca viu... Vovô sendo ele mesmo, e não "Seth Watson". Achei que gostaria de assistir.

Minhas mãos estavam tremendo quando os peguei.

— Katarina, eu... — respirei fundo e me obriguei a ficar calmo. — Ouça, você não tem ideia do que isso significa para alguém como eu. Sabe que há uma legião inteira de pessoas como eu, que são loucas pelo trabalho de seu avô... Quando alguém descobre alguma raridade, como um dos comerciais japoneses que ele fez ou algumas cenas deletadas de um filme, é como ouro. Porque cada clipe abre a oportunidade de fazer todo um mundo novo de novas criações, filmes e coisas assim. É como se fôssemos químicos descobrindo um novo elemento ou algo igual. — Sorri. — Sabe, eu só sei de química e elementos por causa do filme de Seth dirigido por Mendeleev, *Descoberta elementar*.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Nem eu conheço esse.

— Ah — disse eu —, bem, é muito raro. O Open Society Institute o financiou como parte de uma série educacional para o Caribe. A maioria dos filmes não era muito boa, mas *Descoberta elementar* é realmente brilhante. E é de morrer de rir também. Posso conseguir uma cópia, se quiser.

— Claro — respondeu Katarina. — Eu adoraria assisti-lo. Sabe, tive muitas dificuldades com química na universidade. Não tinha ideia de que vovô sabia algo sobre a matéria.

— Acho que ele não sabia, na verdade. Deu uma entrevista para a Sky

na qual disse que precisou fazer dezenas de tomadas porque não conseguia se lembrar dos nomes dos elementos.

— Como você sabe tudo isso?

Dei de ombros.

— Não se pode fazer remixes de filmes de verdade a não ser que saiba muito sobre eles. Sempre que assisto a um vídeo, procuro um diálogo ou cenas ou efeitos ou cortes que eu possa usar em um dos meus. É como se eu estivesse catando peças de um quebra-cabeça que foi espalhado por toda a loja, e talvez três ou quatro quebra-cabeças ou dezenas deles, até, e não tenho a caixa e não sei que peça vai em qual quebra-cabeça. Mas, de vez em quando, encontro uma borda ou até uma quina, e um pedaço grande se junta em um vídeo. Então eu me sento e corto e edito e procuro partes que estão faltando e reconsidero coisas e, se dou sorte, acabo com um vídeo que parece com o filme que está na minha cabeça.

— Nossa, parece muito trabalho. Não me leve a mal, mas não seria mais simples pegar uma câmera e filmar as coisas que quer?

Eu me encolhi um pouco. Odiava aquela pergunta.

— Não sei. Talvez eu faça isso algum dia. Mas, quando comecei, era só um menino, e não conhecia nenhum adulto que pudesse atuar para mim, mesmo se tivesse cenários e tudo. Então cortei o que consegui encontrar, tentando chegar àquilo que conseguia ver dentro da mente. Agora, estou fazendo isso há tanto tempo que parece trapaça se eu fizer uma coisa própria. Sabe como é? Tem um corretor imobiliário babaca e chique perto da Old Street Station, chamado Foxton. Tem uma enorme escultura na janela, um tipo de coisa móvel gigantesca feita de colheres de prata antigas e outros tipos de talheres vitorianos e pratos e louça, e está tudo preso com correntes de bicicletas antigas, e eles fazem a coisa toda girar em um tipo de dança maluca. Na primeira vez que vi, fui completamente atraído por ela, não apenas porque é linda, mas porque fiquei muito impressionado com a ideia de que alguém havia encontrado a beleza em todas aquelas

partes de lixo que tinha encontrado por aí. Era como se tivesse libertado algo maravilhoso e escondido do mundo, como o diamante mais maravilhoso da história retirado da lama.

"Sempre que eu passava pela estátua, parava para olhar para ela e apreciá-la. Então, certo dia, um dos corretores imobiliários saiu, um sujeito grande, vestindo um casaco de pelo de camelo, sapatos brilhantes e uma echarpe de seda, e falou: 'Você está sempre encarando isso, não é? É bonita. Mal dá para notar que nada disso é real.'

"Assim que o homem disse isso, eu pude ver que cada prato, cada colher e garfo, eram todos feitos de plástico. Ninguém havia catado aquele lixo de uma loja de caridade e feito algo genial com ele. Tinham apenas encomendado da China um monte de porcaria pré-pronta, da mesma forma, exatamente como você faria se quisesse um monte de árvores de Natal de plástico ou flores artificiais. E, embora ainda fosse bonito, não era nada como o milagre que eu tinha achado que fosse. Era só um brinquedinho inteligente, não uma obra de arte.

"Quando faço um filme ao encontrar partes reais espalhadas, esperando para serem mexidas e remexidas e retorcidas para compor algo novo, *parece* real. Como se eu tivesse feito algo que mais ninguém pôde fazer de verdade. Quando comecei a usar algumas coisas geradas por computador para preencher algumas partes, parecia uma trapaça de verdade, e levei séculos para me sentir confortável com aquilo. De vez em quando, penso em talvez fazer um filme com uma câmera e tal, mas simplesmente parece que, se eu fizesse isso, teria de conseguir que tantas outras pessoas cooperassem comigo, conseguir que os atores dissessem as falas do jeito que eu quero, conseguir que os cenógrafos fizessem os cenários como eu imagino... Bem, parece que seria muito incômodo, se é que isso faz sentido.

— Não posso dizer que já pensei nisso dessa forma, mas acho que faz algum sentido, sim — observou Katarina. Ela olhou para a hora na tela do computador. — Oops! Está na hora. Foi mesmo um prazer conhecê-lo, Sr.

DeVil. Agora, se entendi certo, você está pensando em usar alguns desses clipes de vovô em filmes novos?

— Ah! — respondi apressado. — Sim, bem, somente se você não se importar, quero dizer...

— Pare com isso — falou Katarina. — Não, não me importo nem um pouco. Simplesmente nunca me ocorreu que você pensaria nesses clipes como *filmagem*. Eles são apenas, bem, lembranças para mim. Acho que seria maravilhoso se lhes desse uma nova vida em uma de suas criações. Sim, por favor, faça isso.

Eu quase a abracei. Mas me contentei com um aperto de mão e com sair do consultório nas nuvens. Nem mesmo me importei quando um laser verde errante de um matador de mosquito de algum turista me pegou logo abaixo do olho, deixando-me com uma pequena queimadura. A turista — uma garota americana bem bonita, embora malvestida — pediu muitas desculpas e fez questão de me paparicar, o que foi bem legal e valeu a queimadura insignificante.

Gregory, o solicitor, tinha incutido o medo da lei em mim, então deixei de postar o novo clipe de Seth — aquele que havia compartilhado com a neta dele de verdade, que apertara minha mão de verdade! —, ainda que eu estivesse explodindo de vontade de mostrá-lo por aí. Em vez disso, passei a semana indo a manifestações da RIP-RPI, pegando ônibus e trens por toda Inglaterra e País de Gales para participar das manifestações locais e apertar mãos e fazer pequenos discursos. Um dos participantes da campanha RIP-RPI do Partido Verde tinha me ouvido reclamar que não podia pagar para viajar para esses eventos e me comprou um mês inteiro de passagens de trem, do próprio bolso, e eu estava determinado a fazer isso contar, indo ao máximo daquelas coisas que pudesse.

Valeu muito a pena também. Um dia, eu estava em Milton Keynes e conheci uma gangue de *hackers* de mídia que precisava de ajuda para

entrar na Open University e divulgar a campanha lá; no dia seguinte, conheci uma professora da Open University em uma aula demonstrativa em Loughborough e passaria os contatos dela para o grupo de Milton Keynes. Descobri que estava montando um banco de dados mental de pessoas que precisavam conhecer outras pessoas, então criei um mural de mensagens no Pêssego Confuso, que tinha ido a público e se tornado um reduto do movimento. Mas, mesmo com o mural, sempre encontrava pessoas que não sabiam do que precisavam para conhecer alguém ou não haviam pensado nisso. Chegou ao ponto de eu estar cochilando em uma longa viagem de ônibus e acordar sobressaltado ao perceber que *esse cara* precisava muito falar com *aquele cara* imediatamente e pegava o laptop e começava a mandar e-mails.

Eu sentia saudades de 26 como se estivesse pegando fogo, é claro, mas era melhor desse jeito: ela estava estudando como louca para as provas finais, terminando os últimos trabalhos e discutindo com os pais sobre qual universidade frequentaria no ano seguinte (ela estava insistindo para dar um tempo por um ou dois anos e trabalhar e juntar dinheiro, e basicamente se esfolar e descobrir o que queria da vida, o que parecia muito racional para mim. Os pais dela discordavam).

Voltei para Londres às 2 horas da manhã da noite anterior à audiência sobre minha injunção. Eu tinha encontrado um terno passável — cinco anos fora de moda, mas aproximadamente do meu tamanho e não totalmente horrível — na cesta de uma libra na loja de caridade Age Concern, ao lado da estação de trem de Manchester, e imaginei que poderia pendurá-lo no banheiro do Diazero enquanto tomava banho, assim o vapor esticaria a maior parte dos vincos antes que eu fosse para o tribunal.

Jem e Cão Raivoso estavam assistindo a um vídeo no laptop de Cão no salão principal quando cheguei, os dois enrolados em cobertores e abraçados. Alguns meses antes, eu teria ficado envergonhado por eles —

ou por mim —, mas tinha ficado em tantos sofás e chãos nas últimas semanas que estava além da vergonha. Além disso, aqueles eram meus amigos, e eles estavam se fazendo muito felizes, então, que tipo de desgraçado eu teria de ser para reclamar daquilo?

— O filho pródigo — falou Jem conforme eu entrava aos tropeços, a mochila nas costas, agarrado à mala de mão que continha meu terno de tribunal. — Como foram as cruzadas?

Afundei no outro sofá, o qual, apesar do fedor horrível, ainda era um deleite perfeito da familiaridade da casa.

— Estou moído, cara. Preciso estar no tribunal daqui a oito horas. Eu me diverti muito, mas, nossa, sinto como se tivesse sido surrado com bastões. Grandes e incrustados com pregos.

Cão riu com desdém.

— Não se sente, não — disse ele.

Acenei para Cão Raivoso.

— É, não me sinto. Licença poética. Não quis ofender. — Até onde eu sabia, ele estava curado da surra, mas seu nariz jamais seria o mesmo, e ele estava com cicatrizes novas nas quais eu reparara quando ele correu do banho para o quarto, certa vez. Mas a surra o havia mudado, tornado-o um pouco menos brincalhão, mais militante. Jem me dissera que Cão imaginou que, se seria surrado por ser gay, poderia muito bem parar de fingir que não era gay. Aquilo fazia um pouco de sentido para mim.

— Bem, tem um pouco de café gelado concentrado na geladeira — falou Jem. — Fornada experimental. Coisa forte. Sirva-se amanhã, mas pegue leve. É o tipo de coisa que pode fazer seu coração explodir se tomar demais.

— Você, senhor, é um cientista e um anjo de misericórdia — falei, erguendo-me do sofá e subindo as escadas, reparando que estavam sujas e empoeiradas. Era o meu mês de limpar o chão, de acordo com a rotatividade das tarefas. Só mais uma coisa para fazer depois desse negócio

idiota do tribunal.

Preparei dois alarmes — um no laptop e um no celular — e os coloquei do outro lado do quarto, assim teria de me levantar para desligá-los. Depois dormi como um morto.

Jem não estava brincando em relação ao café frio. Tomei um copo grande cheio daquilo, quase 300 mililitros, e por um breve momento pensei em tomar um segundo, mas decidi apenas sair logo e seguir para o ônibus. Quando chegamos em Shoreditch, senti como se todos os pequenos músculos em meus pés e mãos estivessem se contraindo e relaxando em ondas, e parecia que minhas orelhas estavam suando. Fiquei muito feliz por não ter tomado o segundo café!

Gregory encontrou-se comigo do lado de fora do tribunal. Ele vestia um terno muito mais alinhado que o meu e apertou minha mão de modo acolhedor, depois me levou para dentro, passando por um detector de metal e pela verificação de segurança, e para uma sala cheia de gente, com vários policiais, agentes de fiança e degenerados como eu, parecendo desconfortáveis de terno ou deprimidos com as famílias chorosas. Havia também um monte de homens e mulheres em longas togas pretas e perucas. A princípio, achei que fossem todos juízes, mas percebi que um deles era o padrasto de 26, que seguiu direto em nossa direção.

Roshan apertou minha mão distraidamente, viu que eu estava encarando a peruca e deu um sorriso sarcástico.

— Está vendo o que temos de fazer, nós, pobres *barristers*? Não se preocupe, não a usarei em sua audiência; acabei de sair de um drama completo, invasores de domicílio. Vilões de verdade. Não do seu tipo, Cecil. É um desperdício tão grande do tempo de todos fazer você responder ao sistema por alguns downloads quando há pessoas acusadas de crimes de verdade esperando julgamento.

Imaginei se deveria defender minha honra ao insistir que era um

criminoso valentão, tanto quanto qualquer um daqueles incendiários, assaltantes, invasores e assassinos, mas decidi, ao pesar as coisas, que preferia "inofensivo" a "condenado".

— Certo, isso deve ser muito simples e direto. — Roshan tirou a peruca e a toga e entregou-as a um atendente atrás de um balcão. — É Dutta — disse ele ao atendente. — Segunda da esquerda para a direita. — Então se virou para mim sem esperar uma resposta. — Simples. Nós entramos, explicamos que é oneroso demais para você ficar off-line porque não conseguirá de jeito algum preparar uma defesa ou trabalhar em seus esforços de lobby sem uma conexão de rede. Você tem a lista de participações recentes, não tem?

Assenti e sacudi o celular na direção dele.

— Não tenho impressora em casa, mas estou com ela aqui. E os clippings de notícias também, exatamente como você pediu.

— Tudo bem, vamos a uma sala de clientes usar uma impressora — falou Roshan. — É preciso ter em papel, para que o oficial de justiça possa escanear tudo de novo. — Ele emitiu um estalo com a língua e saiu disparado enquanto seguíamos atrás. Era maravilhoso ver Roshan em seu ambiente: me deu confiança de verdade na habilidade dele como *barrister*. Em casa, Roshan era apenas o padrasto de 26, gentil, engraçado, um pouco vago de vez em quando. Mas, ali, ele estava o tempo todo ligado, radiava competência e inteligência. Eu estava muito satisfeito por tê-lo ao meu lado.

Segui as instruções da rede em um papel enrolado, preso à impressora, liguei meu celular a ela, e os papéis saíram segundos antes de um oficial de justiça dar uma batida no alizar da porta e dizer:

— Sua vez, Sr. Dutta. — Então ele seguiu para outra tarefa.

Percebi que a questão da impressora velha tinha tirado minha mente por completo da audiência iminente e me acalmara bastante. Afastei a ansiedade que queria retornar, agora que eu estava de volta a mim, e

respirei fundo quando entrei no tribunal.

Havia uma audiência em progresso, algo sobre uma disputa entre um proprietário e uma firma de motoboys que tinha sido expulsa de um prédio. O proprietário tinha sequestrado todos os bens da empresa e trocado as fechaduras. O juiz perguntou a cada *barrister* algumas questões pontuais, calou-os quando tentaram tagarelar sobre coisas que ele não tinha perguntado e bateu o martelinho e disse ao proprietário que deixasse os motoboys buscarem suas coisas, depois ordenou que os motoboys pagassem o aluguel que deviam ou teriam de responder a ele. O juiz tinha cabelos vermelhos por baixo da peruca — dava para ver pelas sobrancelhas e sardas — e cerca de 50 anos. Tinha bolsas lacrimais grandes caídas sob os olhos, como um cachorro triste de desenho animado, e um nariz longo e reto, o qual ele franzia ao falar. Decidi que gostava dele.

Então chegou a nossa vez. Roshan ficou de pé e disse basicamente a mesma coisa que havíamos discutido antes: era injusto e prejudicial para meu caso impedir que eu usasse a internet, e reduziria dramaticamente minha habilidade de fazer campanha pela derrubada de uma lei que dera grande vantagem comercial aos querelantes — exatamente o que achei que ele diria. O juiz ouviu atentamente, fez algumas anotações, apoiou o queixo na mão e ouviu um pouco mais. Em certo momento, olhou para mim de cima a baixo, depois subiu de novo, e senti como se ele estivesse usando óculos de raios X. Tentei ao máximo evitar me encolher diante dos olhos grandes e úmidos, continuei parado, encarei-o de volta e dei um pequeno sorriso. Isso pareceu satisfazê-lo, pois ele voltou a encarar o padrasto de 26.

Então foi a vez do outro lado. O advogado deles fez um dramalhão com a quantidade de queixas legais que tinham sido feitas contra mim e me chamou de "ladrão compulsivo" que "não parecia conseguir parar de fazer downloads, não importava o que estivesse em risco". Era por esse motivo

que eles queriam que o juiz me cortasse, porque, a não ser que eu fosse cortado da internet, continuaria com minha epidemia de um homem só de downloads e cópias. Se eu não tinha me sentido vilão suficiente antes, naquele momento me senti vilão demais. Eles fizeram parecer que eu era um maníaco que pirateava tudo e qualquer coisa. Teria sido engraçado, se não tivesse me feito querer cagar nas calças de pânico.

Mantive a expressão neutra, mas Roshan exibia uma careta de ferocidade teatral conforme o advogado dos estúdios me pintava exaustivamente como criminoso. Quando foi a vez de Roshan de refutar, ele ficou de pé e sacudiu a cabeça devagar.

— Que atuação — falou Roshan. — E foi um exemplo excelente das fantasias pelas quais os clientes de meu colega instruído são tão apropriadamente famosos. Mas teve tanto a ver com a realidade ou, de fato, com a lei quanto um drama de tribunais. Meu cliente é um jovem rapaz que está sendo acusado de baixar *seletivamente* clipes curtos com o propósito de fazer trabalhos transformacionais aclamados que funcionam como narrativa e paródia e que constituem um trabalho bem impressionante de criatividade por mérito próprio. Ele representa, fundamentalmente, uma concorrência para os querelantes. Podem pintá-lo como uma ameaça incontrolável para a sociedade, mas que magnata dos negócios caracterizaria seu concorrente de outra forma? De fato, meu cliente voluntariamente suspendeu todas as atividades de filmografia pela duração deste procedimento, o que significa que uma ordem judicial seria redundante de qualquer forma — e serviria apenas para impedir meu cliente de realizar atividades inequivocamente legais, como o lobby, efetivamente, para derrubar a legislação que é particularmente favorável aos querelantes. Acredito que é inapropriado que os querelantes peçam a este tribunal que remova os oponentes à legislação de campo por caracterizações histéricas e rigorosas de suas atividades.

Ele se sentou. Eu queria comemorar, mas sabia que era melhor não.

Mas Roshan tinha sido brilhante, e eu podia ver que o juiz também achava — ele estava controlando um sorriso, mas dava para ver a contração em torno dos olhos e da boca, onde segurava o sorriso.

Mas o advogado de acusação também estava sorrindo, e, ao se levantar, pude ver que não estava nem um pouco preocupado, o que sugeriu que ainda estava confiante. Ele disse:

— Milorde, poderia, por favor, pedir ao oficial de justiça que traga o vídeo que acabo de anexar ao caso?

O juiz inclinou a cabeça e assentiu para uma mulher sentada ao lado e abaixo dele, na própria caixinha de madeira. Ela mexeu um tempo no mouse, e uma tela plana ao lado do banco dos réus se acendeu e começou a exibir um vídeo.

Meu vídeo.

O vídeo de Seth que eu havia feito, mas não lançado, a paródia dos avisos antipirataria que passavam antes dos filmes de cinema. O vídeo que eu só dera a uma pessoa: Dra. Katarina McGregor-Watson. O vídeo que eu não deveria ter feito de forma alguma. O vídeo, na verdade, que minha equipe jurídica me instruíra especificamente a não fazer.

Ele passou até o final e terminou com dois minutos e meio de créditos, conferindo a autoria, proeminentemente, a Cecil B DeVil.

O sangue na parte de cima do meu corpo tinha descido até meu estômago, e todo o sangue abaixo dali tinha caído para meus pés, congelando-me no local, fazendo com que eu me balançasse levemente, como um joão-bobo inflável. Roshan e Gregory estavam me encarando, um de cada lado. Eu não conseguia encará-los de volta, então olhei para a frente, para o juiz, que nem se preocupou em esconder os risos. Ele secou os olhos com as mangas pretas esvoaçantes da toga e se recompôs.

— Você fez isso, jovem?

Era a primeira vez que qualquer um no tribunal se dirigia a mim. Pigarreei e respondi, com a voz falhando:

— Sim, meritíssimo.

Ele assentiu.

— Quando o fez?

— Terminei essa edição há cerca de dez dias, meritíssimo.

O juiz consultou os papéis diante de si.

— Isso foi, bem, duas semanas depois de ter sido notificado do processo?

— Sim, meritíssimo.

— Compreendo. — Ele tamborilou os dedos. — Posso ver isso novamente, por favor?

Risadinhas percorreram o tribunal e se tornaram uma pequena comemoração. O juiz bateu o martelo uma vez sem tirar os olhos da tela, e seguiu-se silêncio instantâneo. A meirinha clicou o mouse, e o vídeo passou mais uma vez. Dessa vez, houve gargalhadas audíveis dos ouvintes na corte. Arrisquei um olhar para o *barrister* dos estúdios e vi a expressão azeda dele, como se tivesse mordido algo estragado. Ele claramente não entendia o humor.

O vídeo terminou, e o juiz apoiou o queixo na mão por um momento. Então esticou a coluna.

— Sr. Dutta?

— Milorde, eu gostaria de um momento para consultar meu cliente, se puder concedê-lo.

— Imaginei que sim. Vá em frente.

Roshan inclinou-se para a frente e sussurrou para mim.

— O que é isso, Cecil? — Ele parecia irritado.

— Eu não o lancei — respondi. — Vazou. Era apenas algo em que eu estava trabalhando em privacidade. — Dei de ombros. Pareceu estúpido e irresponsável quando falei em voz alta. Fechei a boca antes que dissesse alguma coisa mais idiota.

O juiz estudou as anotações por um bom tempo, conforme os

momentos se passavam e meu sangue pulsava nos tímpanos. Então ele assentiu e falou:

— Certo, bem, creio que isso diga tudo, não? Jovem, não vejo problema em dizer a você que acredito que seja um cineasta muito talentoso. Também me parece que você se ressente verdadeiramente dessa Lei de Roubo de Propriedade Intelectual, e que você e seus amigos certamente estão fazendo um bom trabalho para dar relevância ao caso.

Eu quase saltei do assento. Ele ia me livrar. Ele *precisava* me livrar.

— No entanto, a existência deste vídeo e sua própria admissão em relação a quando ele foi criado são indícios claros de que os querelantes não estão simplesmente em busca do efeito dramático quando caracterizam seu relacionamento, em certa medida, compulsivo no que diz respeito aos direitos autorais. À luz disso, sinto que você terá de se acostumar com a vida sem internet até que este caso tenha sido detalhadamente ouvido. Esta corte ordena que você se abstenha do uso da internet para quaisquer propósitos por um período de duas semanas ou até que a sentença seja proferida, o que vier primeiro.

Roshan ergueu a mão.

— Milorde?

— Sim?

— Posso trazer a sua atenção o fato de que a maioria das ligações feitas por celular, a compra de chips e PIN e vendas de bilhetes para deslocamento público requerem internet? Uma proibição do uso da internet para qualquer propósito acarreta em prisão domiciliar. Era essa a intenção da corte?

O juiz deu um risinho.

— Certo, certo. Esta corte ordena que você se abstenha de usar diretamente a internet para os propósitos de navegar na World Wide Web, fazer ligações não telefônicas por voz ou vídeo, usar e-mail, mensagem instantânea ou redes sociais, jogar online ou propósitos substancialmente

similares. — Ele fez em aceno de "aí está" e continuou: — Não sou um ludita completo, sabe. Quero que saiba que um dia joguei Counterstrike pela Inglaterra na equipe nacional. — Os ouvintes no tribunal chiaram de animação. O juiz os encarou até que fizessem silêncio. — Para seu benefício, jovem senhor, devo explicar que Counterstrike era um jogo de videogame paleolítico que os velhos costumavam jogar antes de sermos derrotados pelos jogos MMO e pelo Xbox Live. Não sou insensível a sua situação, mas a lei é a lei, e você precisará encontrar um meio de mudá-la que não a viole.

Ele limpou os óculos e disse:

— Sra. Murdstone, importa-se de passar aquele vídeo mais uma vez? — Ele passou por noventa segundos e, mesmo em meu estado horrorizado, percebi que o juiz estava realmente se divertindo e que os advogados do estúdio estavam furiosos por ele ter sido exibido três vezes. Quando terminou, o juiz murmurou: — Hilário — e bateu o martelo de novo.

Cada um dos meus advogados segurou um cotovelo meu, e eles me guiaram para fora do tribunal, minhas pernas de madeira batendo à frente, sem vida, conforme eu contemplava passar as duas semanas seguintes sem internet e sem perder a cabeça ou a luta. Também estava tentando entender o papel de Katarina naquilo tudo. Se queria me arranjar problemas, havia modos muito mais diretos do que vazando meu vídeo. Ela era a neta de Seth Watson, pelo amor de Deus. E quanto às filmagens que me dera? Eu as estava catalogando incansavelmente desde que as adquirira, pensando em como poderia encaixá-las em meus projetos em curso. Teria sido algum tipo de armadilha?

Roshan e Gregory estavam tristes e com raiva de mim, dava para perceber. Nós nos sentamos em um café em frente ao tribunal, Gregory trouxe xícaras de chá com leite, e os dois me encararam.

— Sinto muito — falei. — Eu sei que fui idiota. Não achei que vazaria. Só o mostrei a uma pessoa. — Não mencionei quem era essa pessoa,

porque tinha certeza de que eles jamais acreditariam que a neta de Seth Watson estava do meu lado; pensariam que eu era um garoto ingênuo que tinha sido trapaceado.

Roshan sacudiu a cabeça para mim (dava para ver que eu podia esperar muitas sacudidas de cabeça).

— Eu chutaria sua bunda por causa disso — disse ele —, mas é você quem vai sofrer mais por seu erro. E poderia ser pior. Ao limitar a proibição a duas semanas, o juiz estava dizendo ao outro lado que é melhor eles não tentarem um monte de táticas para atrasar o caso cada vez mais e deixar você no limbo para sempre. Mas espero que tenha aprendido que estamos do seu lado e que, quando mandamos que faça alguma coisa, estamos falando sério.

Assenti arrasado.

— Tudo bem, vamos lá — disse Rosha. — Vinte e seis fará a última prova esta manhã, e imagino que vá querer vê-lo esta tarde, certo?

Assenti de novo e segui para o ponto de ônibus.

Vinte e seis estava indignada por mim e estava certa de que Katarina tinha me enganado. Eu disse a ela que não sabia do que estava falando, que a moça tinha me apoiado bastante. Vinte e seis exigiu o endereço de e-mail de Katarina para que pudesse enviar uma mensagem raivosa para ela, mas eu disse que aquilo não seria justo.

— E se eu escrever uma mensagem em um pedaço de papel e você tirar uma foto e mandar por e-mail para Katarina? — sugeri.

Ela sacudiu a cabeça para mim (eu já estava ficando cheio daquilo).

— Seu pobre idiota, você está mesmo perdido, não está? Vou acabar como seu cachorro-guia na internet pelas próximas duas semanas?

— Por favor — pedi. — Preciso saber se ela me traiu ou se simplesmente vazou.

Vinte e seis revirou os olhos para mim.

— Tudo bem — disse ela. Vasculhou as pilhas de lixo no quarto e um velho caderno de escola apareceu. Vinte rasgou uma página do final, entregou-me uma caneta e o papel. Fechei o laptop e usei-o como escrivaninha.

Comecei a escrever, cheguei a "Querida Katarina, hoje estive no tribunal", mas amassei o papel e joguei-o fora.

— Papel — falei.

— Talvez devesse fazer a lápis, Cecil — sugeriu 26.

— Cale a boca — respondi, e ela me bateu e me entregou outro papel. Precisei de três tentativas, mas isto foi o que consegui:

Querida Katarina, hoje foi minha audiência sobre o caso em que todos os estúdios cinematográficos estão me processando por milhões de libras por remixar os filmes de seu avô. Eles queriam que a corte impedisse meu acesso à internet e conseguiram. O motivo para isso ter acontecido foi por terem uma cópia do vídeo que dei a você, aquele com as revistas de segurança no cinema. Você era a única pessoa além de mim que tinha uma cópia. Não me lembro se pedi que não distribuísse. Acho que só quero saber se você o repassou àqueles advogados para me encrencar ou algo assim.

Incluí meu celular e assinei, e 26 tirou uma foto com o celular, anexou ao e-mail e enviou.

— Como foram as provas? — perguntei. Vinte estava desdenhando delas o tempo todo, mas eu sabia que estava com um embrulho no estômago. Vinte e seis era *esperta*, do tipo que eles amam na escola, e sempre conseguiu notas incríveis, mas isso parecia torná-la *mais* ansiosa para se dar bem, e não menos. Vai entender.

— Não tenho como saber. Eu *acho* que foi tudo bem, exceto, bem, talvez eu esteja errada, não é? Como em cálculo... Pareceu tão fácil, como se talvez eu não estivesse entendendo as perguntas direito. — Ela sacudiu a cabeça vigorosamente, gritou um *Aaaaaargh!* e pulou várias vezes no mesmo lugar. — Assim está melhor. Já acabou mesmo. E só vai começar de novo na universidade no ano que vem, é claro.

Não falei nada. Nós dois sabíamos que ela iria para a universidade em algum momento. Era tão cabeçuda, e os pais a esfolariam viva se não fosse. Vinte e seis ficava falando em tirar um ano de folga e trabalhar, mas as autoridades parentais não gostavam nada da ideia, e, afinal, estaria apenas retardando o inevitável.

Vinte e seis entendeu. Ela sempre entendia.

— Andei lendo sobre o programa de direito da University College London. Há um curso de especialização em propriedade intelectual que parece perfeitamente horrível, pura propaganda para a indústria do entretenimento. Estava pensando que seria um lugar legal para ir e gritar com as pessoas pelos próximos quatro anos.

Sorri.

— Sério? UCL? Tipo, bem aqui em Londres?

Ela falava sobre Oxford e Cambridge, é claro, e sobre Sheffield e Nottingham. Mas aquela era a primeira vez que falava de UCL.

— Bem aqui — respondeu 26.

— Mas você queria fazer políticas públicas, certo? Oxford?

Ela virou o rosto.

— Ah, Oxford é supervalorizada. Só tem passeios de gôndola e esnobes. Além disso, o direito é apenas um lado da política pública. E, com um diploma de direito, eu poderia defender pessoas como você! Política pública é uma via rápida para ser um burocrata de carreira ou um político.

— Acho que você daria uma ótima parlamentar — falei. — Seria a primeira mulher com cabeça raspada e piercings no rosto a se sentar na Câmara dos Comuns!

Ela mordeu o lóbulo da minha orelha.

— Você *quer* que eu vá embora?

Dei de ombros.

— É claro que não. Mas não quero que você desperdice quatro anos fazendo uma faculdade pela qual não se interessa apenas para ficar perto

de mim. EU não preciso morar em Londres, sabe. Não importa onde eu estou. Só quero fazer filmes. Eu poderia fazer isso em qualquer lugar.

— Vai encontrar um prédio para ocupar em Oxford?

— Por que não? Há prédios vazios por todo lado. Ou — encarei 26 — você poderia ocupar comigo.

— Essa é a proposta mais romântica que já recebi, Cecil B DeVil. Acho que está um pouco cedo para brincarmos de casinha, no entanto, não acha?

Era estranho. Eu tinha falado de brincadeira, mas a rejeição de 26 me magoou. O que era idiota, pois lá estava ela, pronta para ficar em uma universidade que seria sua segunda escolha porque isso significaria ficar mais perto de mim. O amor nos transforma em idiotas. Bem, *me* transforma em idiota, de qualquer forma.

Nenhum de nós falou nada. O quarto dela — que sempre fora uma zona — estava ainda mais caótico, com todo o trabalho para a RIP-RPI e todo o tempo passado na minha casa ou estudando para as provas. De repente, senti-me exausto. Empurrei algumas das porcarias em cima da cama e fui engatinhando sobre ela até ter um travesseiro sob a cabeça e enterrei o nariz nele — a cabeça de 26 tinha um cheiro delicioso e familiar —, fechando os olhos com força.

Vinte e seis se jogou de barriga em cima de mim e mastigou meu cabelo.

— Pobre Cecil. É tudo um pouco demais, não é?

Era. Em um ano eu havia me mudado para Londres, sido roubado, ocupado um prédio, sido perseguido, ocupado novamente, tomado todo tipo de substâncias concebível, inclusive cocaína, e sobrevivido para contar a história, perdido uma batalha legislativa, feito dezenas de filmes e os exibido por toda a cidade, viajado para cima e para baixo pelo interior fazendo discursos, reconciliado-me com meus pais, invadido um esgoto, aprendido a montar um laptop e sido processado por milhões de libras. E perdido a virgindade.

— Foi uma temporada atribulada, com certeza. Desnorteadora, na verdade.

— Sei o que quer dizer — disse 26. Por um momento, senti-me irracionalmente irritado com ela. Aquele era *meu* momento de ficar arrasado, não o dela. Pelo que 26 havia passado, afinal? Mas, alguns segundos depois, a resposta surgiu: campanha política, prisão, apaixonar-se (u-hu!), um namorado que fugiu e a abandonou para fazer um discurso sem estar preparada, a coisa com o pai biológico, as provas finais e a formatura iminente.

— Que dupla nós somos — falei.

— Formamos um bom time — disse 26, e mastigou mais um pouco meu cabelo, puxando as raízes.

— Vamos dar um jeito — disse eu.

— Sempre damos.

Viver sem internet era impossível. A princípio, tentei ficar longe do laptop de uma só vez, porque, se o ligasse, a tentação de entrar e simplesmente dar uma vasculhada era enorme. Tinha prometido a Roshan e Gregory que não entraria, nem um pouquinho, nem mesmo se estivesse certíssimo de que ninguém poderia me pegar. Tinha aprendido a lição sobre vazamento de segredos com o vídeo que dera a Katarina.

Mas, sem laptop e sem internet, comecei a ficar completamente louco. Eu gostava muito do mural de Jem, que tinha ficado borrado ou apagado em alguns lugares, então tentei consertá-lo, mas isso envolvia pedir um monte de conselhos a Jem, e ele logo ficou entediado. Passei a cozinhar, o que era basicamente a estação de Chester, e fizemos muito progresso em coisas como sopas e ensopados antes de ele ficar profundamente enjoado de procurar receitas no Google para mim, então saiu e me comprou um monte de livros de culinária antigos de Jamie Oliver da cesta de uma libra na loja de caridade Age Concern. Fiquei entediado por estar sozinho na

cozinha, então fui incomodar Cão Raivoso, que estava passando por uma fase de tentar aperfeiçoar a ferida artificial. Ele trabalhava com gelatina sem sabor, tinta, corante de alimentos e diversos cereais e areia para criar as feridas, os cortes, as cicatrizes e as escaras mais nojentas que já se viu. Cão tinha um plano em formação de filmar o próprio filme de horror no Diazero algum dia, mas na maioria das vezes ele preferia fazer sujeira com toda a gosma e o grude. Cão era muito bom em tolerar minhas tentativas desastradas de criar uma entranha falsa realista, um estômago cor de carne cheio de vísceras revoltantes que podia ser aberto, despejando o conteúdo diante da pessoa. Mas eu não era muito bom nisso, para dizer a verdade, e mais, eu ficava me esquecendo de limpar as escovas e tampar as tintas, então, depois de um dia daquilo, ele me disse que eu precisava comprar meu próprio material se quisesse continuar. Jurei que o faria, mas acabei não comprando.

Então voltei para a única coisa em que eu era bom: editar vídeos no meu laptop. Tinha um monte de longas viagens de ônibus e trem nas quais passar o tempo — discursos em manifestações em Cardiff, Bath e depois um na boa e velha Bradford, por isso imaginei que poderia passar o tempo editando o único vídeo que eu tinha quase certeza de que não me traria problemas: as filmagens de Seth Watson que Katarina me dera.

Comecei a trabalhar catalogando isso antes de cair na estrada e estava profundamente imerso na tarefa quando 26 surgiu à minha porta. Eu a havia convencido a passar a noite, pois ficaríamos muito tempo separados.

— Recebi este e-mail de volta de sua médica — disse ela, depois de me dar um beijo. — Você vai adorar isso.

Querido Cecil,

Ai, Deus, estou horrorizada. Fiquei tão feliz com aquele vídeo que o enviei a alguns amigos (bem, muitos amigos – praticamente todos que conheço, na verdade). Não tinha percebido que deveria ser confidencial, embora, imagino, eu deveria ter presumido. Não sei como me desculpar por ter entregado você em uma bandeja. Se houver alguma coisa que eu possa

fazer para ajudar, por favor, avise-me (falei sério quando disse que poderia se sentir à vontade para contar às pessoas que a neta de Seth Watson aprova veementemente seus esforços). Pesquisei no Google e vi que você tem um discurso em Bath; eu cresci lá e mandei e-mails para todos os meus amigos e pedi que fossem vê-lo. Sei que não vai ajudar com seus problemas legais, mas espero que ajude um pouco.

Muito boa sorte,

Katarina.

Aquilo certamente me deixou com um humor melhor — e ficou ainda melhor quando 26 me arrastou até o quarto para uns amassos sérios e quentes. Depois disso, ficamos deitados na minha cama, compartilhando um copo enorme de água gelada e, de vez em quando, tirando alguns cubos de dentro e pressionando-os contra a pele do outro, o que era a noção de 26 de comédia.

— Acha que vamos ganhar? — perguntei.

Ela não disse nada por um bom tempo.

— Acho que podemos — respondeu 26 finalmente.

— Ah, isso é encorajador.

Ela se sentou.

— É que a maioria dos parlamentares ainda não vê isso como algo importante. Estão mais preocupados com seguro-saúde, empregos, educação e economia. Simplesmente não entendem que, hoje, todas essas coisas dependem da internet. Minha mãe decidiu que precisávamos de um novo barracão para o jardim na semana passada e descobriu que o conselho sequer tem formulários de permissão de construção em papel! Não se pode conseguir uma lixeira de reciclagem, não se pode reclamar com os vizinhos, não se pode denunciar uma depressão no asfalto a não ser que se tenha a internet.

— Lembra-se que você disse uma vez que deveríamos cortar todos os parlamentares da internet por pirataria? Esmagar todos eles?

Ela riu com escárnio.

— É, mas não sei como conseguiríamos. Tenho certeza de que, quando

um parlamentar recebe um aviso de infração, pode muito bem fazê-lo desaparecer. Uma lei para eles, outra para nós. Aposto que também há muita chance de pais ricos pagarem uma pequena "multa" para impedir que tenham a internet cortada ou que os filhos acabem na cadeia.

— Fico pensando nisso sempre, no entanto. É como você falou: o motivo por terem aprovado isso é porque não pensam que o acesso à internet é algo como um direito. Eles acham que a internet toda é um sistema endeusado para baixar filmes de graça e pegar músicas sem ter de pagar por elas. Se ao menos pudéssemos mostrar a eles como é perder o acesso...

— Você está certo, mas é apenas um sonho. Um sonho bonito, mas, ainda assim, um sonho.

Mas eu não conseguia tirar aquilo da cabeça. Quando entrei no trem para Bath no dia seguinte, percebi que estava pensando em um vídeo no qual Seth Watson perde o acesso à internet. Tinha tanta coisa no conjunto de filmagens que Katarina me deu que serviria para aquilo. Eu já sabia que conseguiria mostrar Seth sendo reprovado na faculdade, perdendo o seguro-moradia, impedido de ajudar os filhos com o dever de casa e incapaz de produzir um filme. Ele amava fazer curtas engraçados em que interpretava um incompetente ou um tapado, e, depois que tive a ideia, o vídeo praticamente se montou sozinho.

Consegui fazer cerca de metade dos cortes mais brutos no ônibus, dando risadinhas malignas comigo mesmo conforme trabalhava, e logo estava na manifestação fazendo um discurso, que pareceu ir bem, mas eu não sabia o que tinha dito, pois só conseguia pensar em meu vídeo, meu vídeo, meu vídeo. Naquela noite eu ficaria na casa de algumas pessoas do *hackspace* local. *Hackspace* era um tipo de cooperativa tecnológica em que todos pagavam assinaturas para usar um monte de kits comuns bem fantásticos; cortadores a laser, impressoras em 3D e fresas e tornos controlados por computador. O *hackspace* ficava em uma propriedade

industrial antiga que me lembrava da casa de Aziz, e estava ainda mais abarrotada, porque tinha menos espaço e mais pessoas o utilizavam. Eles faziam a própria cerveja e era muito boa, e conversei educadamente pelo máximo de tempo que consegui.

Em certo momento, tive de dizer:

— Olhem, não quero ser grosseiro, mas tem um negócio que eu estou fazendo e não consigo tirar da cabeça, e só quero ficar ocupado com isso no meu laptop. Sei que é um comportamento horrível para um convidado, mas...

Os *hackers* reunidos se apressaram em dizer não, não, por favor, ocupe-se, amigo, se está na dimensão criativa, não nos deixe atrapalhar. É claro que eu deveria ter adivinhado que entenderiam (mais tarde, peguei-me lendo as regras do *hackspace* que alguém havia pregado no banheiro, e a terceira regra era "Se alguém está na zona criativa, não o atrapalhe"). (A segunda regra era "Se você não sabe usar alguma coisa, pergunte a alguém que sabe antes de tentar". E a regra número um era "Não pegue fogo". Esta me pareceu eminentemente importante.)

Trabalho, trabalho, trabalho. Desejei intensamente poder usar a internet e mandar e-mails para alguns dos outros fanáticos por Watson que conhecia para pedir conselhos e estava morto de vontade de mandar alguns dos clipes oficiais dos filmes clássicos de Seth — alguns dos quais eu tinha usado em dezenas de projetos antes, então sabia exatamente quantos segundos tinham e poderia até dar a marcação de tempo deles de cabeça.

Mas a restrição de trabalhar com nada mais do que as novas cenas significava que eu não podia usar meus atalhos preguiçosos de sempre. Precisava pensar em cada cena e corte, imaginar soluções realmente criativas. Era o melhor tipo de quebra-cabeça, algo para o qual eu estava treinando a vida inteira, na verdade.

Estar naquela zona de criatividade era estranho. Eu simplesmente não conseguia soltar o computador. Não ter acesso à internet na verdade

ajudou, pois significava que eu não poderia dar um Alt+Tab para sair da suíte de edição e verificar os e-mails ou ler tuítes ou murais de redes sociais ou a rede. Tinha de simplesmente abaixar a cabeça e editar, criar, aprimorar. Meu mundo se contraiu até não conter nada à exceção de mim e o computador, e, antes que me desse conta, o sol estava nascendo e meu telefone estava apitando, dizendo que estava na hora de acordar e ir à estação para seguir caminho para Cardiff. No entanto, eu ainda não tinha dormido, e, quando me levantei, minhas costas e quadris fizeram o ruído de um pacote de amendoim sendo esmagado. Meus punhos pareciam ter inchado até ficarem três vezes do tamanho normal, e, quando fui usar o banheiro para me lavar e escovar os dentes, vi que meu olhos pareciam ter mergulhado em molho chili.

Eu não me sentia mal, no entanto. Cansado, é claro. Mas sentia-me *incrível*. O vídeo estava entre meus melhores trabalhos, talvez o melhor. A parte mais sensacional era que estava exatamente como eu havia imaginado. Depois de anos e anos de tentativas, eu finalmente tinha conseguido fazer uma conexão entre aquilo que via quando fechava os olhos e aquilo que aparecia na minha tela. Senti como se tivesse ganhado algum tipo de superpoder psíquico. Sentia-me como se fosse um *deus*. Dormir? Hah! Eu podia dormir a caminho de Cardiff.

Minha família estava me esperando quando cheguei a Bradford: mamãe, papai e Cora de pé, desconfortáveis, ao lado das roletas do trem, e os vi antes que me vissem. Meus pais estavam mais velhos do que eu me lembrava, e o cabelo de papai tinha passado de escasso a inexistente, e os ombros de mamãe estavam encurvados, e a cabeça dela pendia um pouco para a frente, como se o pescoço não a conseguisse suportar. Os dois pareciam um pouco frágeis. Cora, por outro lado, parecia uma adulta, praticamente — era só dar as roupas certas e ela poderia se passar por alguém de 25 anos. Mas, apesar de tudo isso, eram definitivamente minha

família, e senti uma onda de afeição por eles assim que os vi. Durante um momento, resisti ao impulso de acenar desesperadamente para eles, depois cedi, embora isso tenha feito com que todas as outras pessoas na estação nos encarassem, então corri os últimos 20 metros até minha família e aproveitei um abraço quádruplo épico. Algo apertado em meu peito se soltou, e senti alguma coisa se desdobrar ali, um calor irradiante que só posso chamar de "volta ao lar".

Cora tinha acabado de terminar o ano escolar com as notas máximas de sempre — erguidas da lama ao longo do ano no qual ela tinha sido expulsa da internet. Papai estava trabalhando mais horas do que nunca, principalmente atendendo ao telefone para uma companhia de garantia de eletrodomésticos e agendando visitas de engenheiros para consertar máquinas de lavar malcomportadas. Não pagava tão bem quanto o emprego que ele tinha na fábrica, mas era mais dinheiro do que a família via havia anos, e não ter de me alimentar também fazia diferença (embora mamãe desse um soco no ombro de papai quando ele mencionava isso), então o apartamento estava ótimo. Havia um sofá novo, uma TV nova, um laptop novo para papai com um *headphone* de última geração e uma cadeira que parecia pertencer à cabine de um piloto de avião. E mamãe tinha uma nova máquina de exercícios que era parte da reabilitação para as pernas — tinha jogado fora a bengala, e, a não ser que você soubesse o que estava procurando, não a perceberia mancar.

— O que vai dizer amanhã, então, Trent? — perguntou mamãe enquanto seguíamos juntos no ônibus de volta para casa. Os rostos em volta tinham uma familiaridade esquisita; não eram pessoas que eu conhecia, mas deviam ser pessoas que eu tinha visto uma ou duas ou até dezenas de vezes ao longo dos anos. Parecia que eu podia passar dias em Londres sem ver um rosto conhecido fora do Diazero.

Dei de ombros.

— O mesmo de sempre, imagino. Costumava tentar dizer algo diferente

a cada lugar que ia, porque sabia que todos os discursos iam parar no YouTube e tal, e achava que ficaria estranho se eu dissesse o mesmo todas as vezes. Mas, de verdade, só há uma coisa a dizer: por que a RPI é terrível, por que achamos que podemos derrubá-la, como você pode ajudar. E, quando eu tentava dizer algo diferente todas as vezes, não conseguia praticar de verdade adequadamente, então cometia erros o tempo todo em vez de ficar melhor. Agora apenas digo basicamente a mesma coisa, e, se alguém vir dois discursos similares no YouTube, não me preocupo muito. Ninguém reclamou, de qualquer forma.

Papai sacudiu a cabeça.

— Filho, não leve a mal, mas jamais imaginei que fosse do tipo discursador. Acho divertida a ideia de haver pessoas que aparecem para ouvir você falar! — Ele sacudiu a cabeça de novo.

Escondi um sorriso.

— E quanto a Cora, então? Ela também vai discursar amanhã. — Não tinha sido ideia minha: os organizadores locais que estavam preparando a manifestação a tinham convidado separadamente, e, para dizer a verdade, eu estava meio temeroso que Cora me ofuscasse com sua inteligência. Mas, principalmente, estava encantado por minha irmãzinha fazer um discurso e eu poder ouvir.

Cora fingiu não ter ouvido e olhou pela janela, mas dava para ver que estava enrubescendo.

Papai sacudiu a mão.

— Ah, Cora. Bem, é claro que sempre imaginamos que Cora fosse se tornar algum tipo de política ou professora universitária ou uma inventora famosa ou algo assim. Mas Trent... — Ele abriu e fechou as mãos, como se estivesse tentando catar as palavras certas no ar superaquecido e levemente fedido do ônibus. — Bem, acho que estou tentando dizer que estamos orgulhosos demais de você, filho.

O jantar foi melhor do qualquer um que eu me lembrava de casa, e

todos assistimos à televisão juntos depois, e depois *disso* mostrei a Cora meu novo vídeo de Seth Watson, e ela afirmou que era meu melhor trabalho até então. Fui ao centro comunitário e joguei sinuca com alguns dos meus antigos amigos, que pareciam todos ter ficado mais jovens, embora minha família tivesse ficado mais velha. Estavam cheios de conversas sobre quem estava pegando quem e quem estava grávida e quem tinha sido preso por ficar bêbado em público ou crimes menores estúpidos. Fiz um verdadeiro esforço para não parecer distraído ou condescendente, mas não devo ter sido bom o suficiente, pois, em pouco tempo, eles estavam fazendo observações ácidas sobre como eu tinha "virado londrino" e ficara grande demais para Bradford. Fingi que isso não me incomodava, mas me deixou arrasado, e meu dia triunfante terminou comigo encarando, frustrado, o teto enquanto tentava dormir na antiga cama, pensando em coisas inteligentes e ofensivas que deveria ter dito a meus supostos amigos.

Cora falou antes de mim e, como esperado, foi muito boa. Tinha mudado a maquiagem e o cabelo e colocado o uniforme escolar e parecia anos mais nova do que na noite anterior. Isso tornou o discurso dela melhor, pois foi sobre ser estudante e tentar manter as notas altas, e como ela havia aprendido que compartilhar conhecimento era melhor para a sociedade do que trancafiá-lo.

— Antigamente, não tinham ciência, tinham alquimia. A alquimia era bem semelhante a ciência, exceto que cada alquimista guardava para si o que aprendia. — Ela fez uma careta sarcástica. — Os alquimistas eram sempre "eles", e espécimes particularmente lunáticos. — Aquilo arrancou risadas. — E isso significava que nenhum alquimista podia se beneficiar do que se havia aprendido. O que significava que cada alquimista descobria por conta própria, do modo mais difícil, que beber mercúrio era uma ideia terrível. — Aquilo arrancou risadas mais altas. — Como podem imaginar,

a alquimia não progrediu muito. — Aquilo arrancou ainda mais gargalhadas. Ela trabalhava o público como se fosse uma comediante, e com um *timing* brilhante. Eu mal conseguia acreditar que minha irmãzinha estava arrasando.

— Até que, um dia, tudo mudou. Algum alquimista decidiu que, em vez de manter os resultados em segredo, ele os publicaria e deixaria que os colegas criticassem os resultados. Temos uma palavra para esse tipo de publicação: chamamos de "ciência". E temos um nome para o período que se seguiu a essa inovação: Iluminismo.

"Durante centenas de anos, a raça humana sonhou com um mundo em que o conhecimento pudesse ser compartilhado universalmente, no qual cada ser humano no planeta pudesse ter acesso a um armazém de conhecimento. Porque conhecimento é poder, e conhecimento compartilhado é um superpoder. Agora, após séculos, temos ao nosso alcance a capacidade de realizar um de nossos sonhos mais bonitos.

"E, quem diria, algumas pessoas são tão idiotas e gananciosas e tapadas e ignorantes que acham que isso é uma *coisa ruim*. A maior biblioteca de conhecimento humano e criatividade jamais vista, jamais sonhada, e tudo que esses idiotas conseguem fazer é resmungar que não podem dar um jeito de ficar ricos se os jovens saírem por aí baixando música pop ruim sem pagar por ela. Eles acham que o poder da internet de facilitar o compartilhamento é um bug e estão dispostos a 'consertá-lo', independentemente de quantas vidas e futuros eles destruam nessa missão idiota.

"Posso ser apenas uma adolescente, posso não ser rica ou brilhante ou poderosa, mas eu *sei* que copiar é uma *característica*, não um bug. É brilhante, é incrível, e somente porque chegou a nós de forma tão gradual não estamos de joelhos maravilhados.

"Acho que eles vão fracassar no longo prazo. No longo prazo, entretanto, estaremos todos mortos. A questão para mim é quantas vidas

destruiremos antes de acordarmos e percebermos que o que temos vale a pena salvar... vale a pena celebrar?

"Temos uma chance de começar a fazer o tipo de mundo que é seguro para a internet e as pessoas que a adoram, as pessoas que a utilizam para trabalhar, para manter contato com as famílias, as pessoas que a utilizam para criar arte ou fazer ciência. Passei os últimos seis meses frequentando as audiências de meu parlamentar toda semana, falando a John Chester sobre todas as coisas maravilhosas para as quais podemos usar a internet e sobre quantas pessoas inocentes encaram a prisão ou a ruína porque um pequeno punhado de empresas gananciosas comprou lei miserável após lei miserável, até que fôssemos todos culpados e fosse apenas uma questão de tempo até que estivéssemos todos presos.

"Agora existe essa lei, vocês a conhecem, aquela que chamam de RIP-RPI. Um monte de gente que sabe mais sobre o governo do que eu me diz que tem chance de verdade de ser aprovada, de desfazer parte do mal que o Parlamento causou quando aprovou aquela lei maluca de Roubo de Propriedade Intelectual. Ela tem uma chance, caso vocês e as pessoas que conhecem se levantem das cadeiras e se encaminhem até as audiências com seus parlamentares, liguem para os gabinetes deles, escrevam uma carta para eles e digam a eles o que isso significa para vocês.

"Essas pessoas deveriam ser nossas representantes. Deveriam estar fazendo o que é bom para nós, e não para empresas cinematográficas norte-americanas gigantescas. Podemos obrigá-los a fazer o que é certo, mas somente se prestarmos atenção, o tempo todo, todos os dias, e avisarmos que estamos observando. Uma eleição se aproxima, e, se existe uma época em que pessoas como nós podem fazer a diferença, é logo antes das eleições. Talvez seu representante acredite que está em um 'assento seguro', do qual jamais será retirado, mas o segredinho sujo de assentos seguros é que o vencedor dessas posições costuma ser 'nenhum dos anteriores': quantidades enormes de eleitores simplesmente ficam em casa

em vez de empinarem o nariz e votarem pelo menor de dois males. Se você está chateado porque seus vizinhos perderam o acesso à internet e seus empregos, se está chateado porque jovens estão sendo presos, digam a eles: 'Eu vou às urnas quando chegar o dia e vou votar em qualquer um, não importa que seja um enorme desgraçado, que prometer sumir com esse negócio podre, estúpido, imundo e desonrado que chamamos de Lei do Roubo de Propriedade Intelectual!

Cora ganhara o público. Eles urravam em uníssono, um som tão feroz que fez minhas bolas encolherem. Meu *Deus*, minha irmã era uma oradora genial! Eu não fazia ideia. Sabia que ela fizera pequenos discursos na escola e tinha sido da sociedade de debate, mas aquilo... aquilo era como assistir a um mestre dos discursos.

E eu teria de subir após Cora!

Cambaleei por meu discurso do melhor jeito que pude. Fiquei grato por fazer um discurso que havia feito tantas vezes antes, pois teria me perdido se fosse diferente. Do modo como as coisas correram, eu poderia ter recitado as palavras dormindo, e aquela familiaridade me permitiu focar em dar ao público toda agitação que eu pude reunir, tentando alcançar o padrão que Cora estabelecera. Eles me aplaudiram, mas não como Cora. Depois de um momento de inveja, decidi que eu estava mais orgulhoso do que com inveja. Minha irmã! Quem diria que era tão brilhante? (Bem, eu dissera, é claro, mas não sabia que ela podia falar daquele jeito!)

Mamãe e papai nos levaram para comer comida indiana naquela noite, um lugar chique com um cardápio extenso que tinha páginas e páginas e uma carta de vinhos longa. Papai tinha uma expressão no rosto como se fosse algum tipo de milionário na cidade, e mamãe ficava estendendo o braço para nos dar tapinhas no ombro, na perna ou tocar nossas bochechas. Cora e eu éramos as estrelas da hora e podíamos sentir isso. Sorrisos largos por todo canto, e eu dormi como um bebê naquela noite,

levantando-me cedo para comer uma tigela de cereal com Cora antes de partir para pegar o ônibus para Londres — de volta a 26, de volta ao Diazero e de volta à nova vida.

Fazia um dia lindo no cemitério Kensal Green; a grama estava tão verde que parecia artificial, regada até a exuberância pela primavera molhada e deprimente. Havia flores frescas nos túmulos mais novos, e as famílias passeavam pelo cemitério com chapéus antimosquito de abas largas, o som de mosquitos pulverizados pontuando o dos carros em Hornton Street.

Apertei a mão de 26 e falei:

— Não entendo, por que Letitia vai se encontrar conosco aqui?

Vinte e seis apertou-a de volta.

— Como eu disse, não faço ideia. Mas ela insistiu, e pareceu importante. Não me incomoda, de toda forma; é bem mais legal estar aqui do que no gabinete dela, certo?

— É — respondi. — Mas tenho uma sensação esquisita quanto a isso. Por que não quis se encontrar conosco no gabinete?

Descobrimos rapidamente. Letitia estava bem onde dissera que estaria, em um banco perto de uma rua elevada atrás do crematório. Vestia um chapéu de sol com aba larga, óculos escuros e um vestido de verão, mas, apesar de tudo isso, não parecia que o sol estava brilhando para ela. Conforme nos aproximamos, pude ver os ombros encurvados de Letitia, a visão da mais pura derrota.

Ela deu tapinhas no banco, ao seu lado, e nós nos sentamos. Letitia não se incomodou com a formalidade e foi direto ao ponto.

— Antes de tudo, deixem-me dizer que acho que vocês dois têm sido *magníficos*. Quando conversei sobre isso com vocês pela primeira vez, jamais *sonhei* que conseguiriam, com seus amigos, levantar tanto apoio para minha lei. Têm todo o direito de estarem orgulhosos de si mesmos.

— Mas? — perguntei. Dava para ouvir o *mas* esperando para sair.

— Mas — falou Letitia. — Mas. Mas política é um negócio feio. Fiz uma série de reuniões desesperadas e ligações para diversos detentores de poder no meu partido e, bem, deixem-me dizer que tive sorte de não ter sido obrigada a retirar a lei como um todo. Mas eles deixaram muito, muito claro que todos os *whips* tinham sido instruídos pelos líderes do partido que minha lei não deveria ser aprovada, sob quaisquer circunstâncias. Acho que eu provavelmente serei expulsa do partido se votar a favor da RIP-RPI. Apesar disso, planejo fazê-lo, porque... bem, porque, piadas à parte, uma carreira política não deveria ser sinônimo de uma vida sem integridade.

Ficamos sentados ali, em um choque inerte.

— Não entendo — falou 26.

— Ela está dizendo que perdemos — disse eu. — Não importa o que fazemos. Não importa quantos eleitores gritem com seus parlamentares. Está decidido, está fechado. Está terminado. O Parlamento vai votar contra a lei dela. Fim da história.

— Mas achei que, com as eleições se aproximando...

Letitia pareceu sombria.

— A eleição só importa se alguns parlamentares votarem a favor da lei. Se todos os partidos votarem contra, não haverá ninguém contra quem votar nas eleições, porque não haverá ninguém em quem *votar*.

— Alguém os convenceu — falei. — Os grandes estúdios cinematográficos, ou talvez as gravadoras, ou talvez os desenvolvedores de videogames.

— Lobistas de todos os três, suspeito eu — disse Letitia. — Eles podem ser bem persuasivos. Meu palpite é que houve um punhado de festas muito boas e chiques ultimamente, o tipo de coisa que está cheio de estrelas de cinema e artistas pop e afins, e os parlamentares e suas famílias foram convidados, talvez fins de semana no campo onde as esposas podem frequentar o spa com uma estrela de cinema famosa enquanto os filhos

brincam na piscina com os músicos preferidos, e você sai para fumar charutos e jogar golfe com diretores de cinema lendários. O pessoal de conteúdo pode ser bem persuasivo de vez em quando. É a carta na manga deles, na verdade.

— Não tínhamos qualquer chance — falei. — Poderíamos muito bem ter ficado em casa. Que porcaria de desperdício.

Letitia afundou mais no banco.

— Sinto muito — disse ela. — Achei que poderiam vencer. Achei mesmo. Achei que meu partido, pelo menos, receberia de braços abertos a chance de se distanciar de uma legislação impopular pouco antes das eleições. Mas o simples fato é que eu estava sem munição e sem estratégia. Essas pessoas são muito, muito boas em jogar o jogo dos políticos. Melhor, acredito, do que jamais posso esperar ser. Sinto muito, muito mesmo por isso. Sei que deve partir o coração de vocês. — Letitia suspirou com um estremecer de ombros. — Certamente partiu o meu.

Nenhum de nós disse nada. Então 26 se levantou e falou:

— Bem, aí está. Para o inferno com tudo. O governo está à venda pelo lance mais alto. Sempre esteve, sempre estará. Não é de espantar que alguém sempre acabe atirando bombas. Não importa em quem você vote, a merda do governo sempre se intromete, não é?

Letitia parecia querer morrer. Eu sabia como ela se sentia. Eu estava dividido entre querer me sentar e confortá-la e querer sair correndo atrás de 26, que estava indo embora o mais rápido que podia sem começar a correr. Fui atrás de 26. É claro. Letitia era adulta, podia cuidar de si mesma. Vinte e seis e eu éramos um.

— Ei — falei, ao alcançá-la. Ela continuou andando rápido, a cabeça baixa, os braços balançando. — Ei — falei de novo. — Ei, 26. Vamos, vai ficar tudo bem. Você me explicou isso, lembra? Vamos aumentar as chances. As pessoas verão como é injusto, e mais delas se juntarão a nós da próxima vez. É horrível, claro, mas vai ficar melhor em algum momento.

Não podem colocar todos nós na cadeia, não é?

Ela parou e se virou para me encarar. Dei um passo para trás. Os lábios de 26 estavam afastados dos dentes, e ela chorava lágrimas de rímel que escorriam pelas bochechas em fios longos e pretos. Estava com os punhos cerrados e os braços esticados ao lado do corpo. Por um segundo, tive certeza de que ia me bater.

— Esqueça, Cecil. Apenas esqueça. Meu pai idiota estava certo. Isso é uma perda de tempo ridícula. Jamais, jamais mudaremos nada. As pessoas ricas e poderosas controlam *tudo,* e o mundo inteiro se inclina em favor delas. Fomos idiotas em sequer pensar, por um segundo, que tínhamos uma chance de mudar as coisas. Todas aquelas pessoas que acreditavam em nós e trabalharam conosco? Idiotas. Tão idiotas quanto nós. Vou para a universidade, manter a porcaria da cabeça abaixada, tirar uma porcaria de diploma e conseguir uma porcaria de emprego, ficar velha, morrer e apodrecer. Vamos encarar os fatos. Nenhum de nós é especial, nenhum de nós é um gênio. Somos apenas pessoas pequenas e temos sorte se os gigantes nos deixarem continuar vivendo e respirando.

Era pior do que levar um tapa.

— Vinte... — falei.

Mas ela já estava disparando. Virei de costas para o lugar onde Letitia estava sentada, mas ela também tinha ido embora. Vi que estava com as mãos trêmulas. Queria correr atrás de 26 e dizer que ela estava errada.

O problema era que eu achava mesmo que ela podia estar certa.

Pensei em ligar para Annika ou para um dos organizadores ou dos politizados que havia conhecido ao longo do caminho, mas em minha mente a conversa iria no máximo até "Perdemos, não faz diferença, podemos muito bem enterrar tudo" e terminaria.

Decidi ir para casa, deprimido o caminho inteiro, a agora familiar longa jornada por Londres até o Diazero. Era sexta-feira, e a votação da RIP-RPI

aconteceria na segunda-feira. Na terça-feira eu deveria ir a julgamento pelo montante de 78 milhões de libras em violações de direitos autorais.

Apesar de tudo isso, Londres parecia ignorar o fato de que tinha apenas alguns dias até que toda a esperança se perdesse. As ruas estavam cheias de gente que obviamente não dava a mínima para direitos autorais, para a RPI ou para qualquer coisa diferente de se embebedar e berrar a noite toda, vomitar o frango frito na sarjeta ou se agarrar irresponsavelmente com estranhos interessantes à porta de lojas fechadas.

Vinte e seis estava certa. Aquelas pessoas acordariam na terça-feira de manhã e veriam uma manchete difícil de entender sobre a derrota de uma lei da qual jamais tinham ouvido falar, então a ignorariam e voltariam a falar sobre quem tinha o vírus da febre do Nilo, quem fora terrível e quem fora o máximo no *Celebrity Gymnastics* e em quais boates encheriam a cara no fim de semana *seguinte*. E, se alguns de seus amigos fossem para a cadeia, se os pais perdessem o sustento, se os filhos não pudessem fazer arte ou conseguir uma educação, bem, o que se podia fazer a respeito? Apenas um acontecimento na vida, não é? Como terremotos e *tsunamis*.

Cão Raivoso e Chester tinham conseguido uma comida realmente incrível no Borough Market, e Jem decidira que era hora de um banquete. Ficara o dia todo na cozinha com Dodger, que convidara Rob. Chester levara Hester, a antiga amiga de 26 do Pêssego Confuso, e Aziz aparecera com três adolescentes mais ou menos da nossa idade que estavam ficando com ele e ajudando com uma quantidade enorme de mercadoria que carregara para casa, transformando-a em mercadoria vendável e repassando-a por uma pequena rede de encontro de motoristas para venda de objetos expostos nas malas dos carros que ele próprio havia organizado. Os adolescentes eram os típicos delinquentes de sarjeta, mas inteligentes e moderadamente sóbrios.

Eu tinha convidado 26, e ela tinha concordado em ir, mas, naturalmente, ambos havíamos nos esquecido disso, então cheguei em casa

quando Dodger estava servindo uma torta de carne enorme, recheada com fígado e coração e tripas e um molho marrom farto e fumegante e espesso como creme. A cobertura estava amarelo-dourado e se quebrava como pergaminho quando se cortava a torta, liberando primeiro uma onda de odor amanteigado e depois o cheiro das carnes de dentro.

— Sente-se, Cecil — disse Dodger. — E feche a boca, está deixando as moscas entrarem e a baba sair.

Algo a respeito de passar pela porta familiar e entrar em uma sala à luz de velas dominada por uma mesa enorme (tudo bem, era um monte de mesinhas bambas do pub colocadas lado a lado) cercada de amigos e amigos de amigos, tomando vinho, rindo e aquela enorme, linda e ridícula torta no meio de tudo — isso me fez pensar que talvez, apenas talvez, meus problemas poderiam se resolver. Por que não? Éramos os Jammie Dodgers e podíamos fazer qualquer coisa!

Tirei o casaco, fui até a cozinha e passei por Jem — resplandecente em um avental, trabalhando desesperadamente em cinco panelas borbulhantes em cima do enorme fogão — e lavei as mãos na pia. Ao voltar para a mesa, alguém havia me servido uma taça de vinho, e Dodger colocara no meu prato um pedaço enorme de torta. Jem irrompeu da cozinha carregando bandejas de pastinacas assadas, batatas fritas na gordura de pato, terrinas de molho branco e um pedaço enorme de pão preto de casca grossa, temperado com azeitonas e alcaparras. O pão fumegou quando Jem tirou fatias e as jogou para nós, e o ar se encheu com seu perfume. Havia potes com sal grosso e com azeite de oliva verde-escuro, e mergulhamos o pão no azeite, depois no sal e o mastigamos como chiclete, quente e gorduroso e salgado e tão fresco que quase queimava a boca.

Depois atacamos a torta e os vegetais e entornamos o vinho, e os braços se estendiam ao outro lado da mesa para encher os copos de todo mundo sempre que ficavam um pouquinho abaixo da marca. Não falamos sobre direitos autorais, edição de filmes ou sobre encontrar 78 milhões de libras

para pagar aos malucos dos estúdios cinematográficos. Em vez disso, fofocamos sobre amigos; Dodger contou histórias de eletrocussões quase mortais; Hester nos presenteou com histórias de excessos de drogas em uma festa que todos tínhamos perdido; Cão Raivoso tinha uma piada nova que inventara sobre três crianças que saem vagando em uma floresta cheia de assassinos seriais (seguia e seguia, ficando mais e mais engraçada, até chegar à frase principal: "Achei que *você* ia cortar a lenha!" e todos caímos de tanto rir); Aziz e seus minions explicaram o problema cabeludo com driver que estavam tendo em um monte de placas de som desautorizadas e os resolveram por conta própria conforme o descreviam, então comemoraram e se deram tapas nas costas; Chester tinha acabado de ler uma montanha de histórias em quadrinhos antigas, chamadas *Transmetropolitan*, que baixara e sobre as quais não parava de falar... Em outras palavras, era uma mesa incrível, cheia de discussões incríveis e animadas, e empilhada com comida deliciosa.

Era exatamente o tônico de que eu precisava, e duas horas depois, conforme raspávamos o final do pudim de banha animal doce, imerso em creme, mais uma vez me senti como se, talvez, o mundo não fosse um poço de merda incorrigível.

Ofereci-me para ser o escravo do café de Jem conforme ele coava café turco em cada uma de nossas xícaras, e, depois de estarmos todos alimentados, abrimos o cinto, tiramos os sapatos e ficamos deitados em colchões no chão ou no sofá, e Hester pegou o bandolim e tocou algumas canções folk irlandesas antigas cujas letras Chester conhecia, e uma das ajudantes de Aziz tinha uma flauta de latão, e ela tocou com Hester e as duas nos fizeram cantar uma versão de se estatelar de rir da música "The Rattlin' Bog", que era interminável, então chegamos ao último refrão que dizia: "o sorriso na pulga, a pulga na asa, a asa no pássaro, o pássaro no ovo, o ovo no ninho, o ninho na folha, a folha no graveto, o graveto no galho, o galho no ramo, o ramo na árvore, a árvore no buraco, o buraco

na terra, a terra no solo, o solo no pântano — o pântano no vale-ô!"

E então veio o silêncio.

— E aí, Cecil — falou Jem. — Vai nos contar o que fez você ficar tão deprimido ou vamos ter de arrancar de você na porrada?

Sacudi a cabeça.

— Não há nada errado, amigo, está tudo bem.

— Você não está enganando ninguém. Entrou aqui com uma expressão que parecia que sua família inteira tinha morrido em um acidente de carro. Então, fale. O que é? Vinte e seis está com raiva de você?

Sacudi a cabeça.

— E lá se vai minha carreira como um homem tranquilo, reservado e misterioso.

Aziz bateu no meu ombro.

— Cecil, você tem muitas virtudes, mas é tão fácil de ler quanto um livro. Jamais siga carreira como jogador de pôquer, esse é meu conselho.

Contei a eles. Não era como se Letitia tivesse pedido para guardar segredo, mas, ainda assim, não mencionei exatamente quem era o contato. Chester e Cão Raivoso sabiam que eu tinha uma ligação pessoal com Letitia, então provavelmente adivinhariam qual era a conexão, mas tive a sensação de que mencionar o nome de Letitia traria problemas para ela.

Hester sacudiu a cabeça.

— Que porcaria de confusão — disse ela. — Por isso você está tão arrasado.

— A pior parte é que isso me faz querer desistir. Quero dizer, eu sabia que seria difícil quando comecei, mas, enquanto pensava que era *possível* vencer, eu queria continuar. Agora nem mesmo posso lançar meu novo vídeo, ou acabaria na *cadeia* de verdade por violar a ordem do juiz.

Jem passou o dedo na cicatriz.

— Não vale a pena, amigo. É bom você ficar longe das garras de Sua Majestade, confie em mim.

— Bem, vamos ver, então — falou Dodger. Ele estava enrolando um baseado ao estilo Dodger, tão grande quanto um charuto, recheado de uma maconha tão forte que dava para sentir o cheiro pelas orelhas. — Estreia mundial e tal.

— Vá em frente, então — disse Aziz. Os demais assentiram.

Engraçado, senti vergonha. Tinha mostrado meus filmes para plateias de centenas de pessoas, colocado na internet para que milhões assistissem. Mas meu novo vídeo, feito com a filmagem de Seth que ninguém jamais tinha usado, parecia um pedaço de mim. Superei a timidez, peguei um laptop e encontrei um projetor na caixa de lixo eletrônico. Tínhamos limpado e pintado de branco uma parede e a usávamos sempre que fazíamos noites de cinema. O projetor entrou em foco, e dei início ao vídeo.

Três minutos e 18 segundos depois, desliguei o projetor. Ninguém disse uma palavra. Tive enjoo, uma sensação de queda, parecia que ia botar para fora aquela refeição incrível, pão, tripas e gordura e o creme e tudo mais. Então Jem falou:

— Do cacete, amigo.

— Uaau — concordou Chester. Então os acenos de cabeça vieram de todos os lados. Finalmente, Rob começou a aplaudir: *Clap*. *Clap*. *Clap*. Em um segundo, todos tinham se juntado a ele e estavam assobiando e comemorando e batendo os pés. Aziz me deu um soco nas costas, entre os ombros, e Hester me deu um abraço, e, sim, aquilo era tão bom quanto poderia ser. Algumas pessoas são ótimos artistas — acho que todos os meus amigos eram, de um jeito ou de outro —, mas é preciso um tipo especial de pessoal para ser um ótimo público. E eles eram.

Você já viu o vídeo, imagino. O que aconteceu a seguir garantiu que praticamente *todo mundo* o visse; e, mais, há videotecas inteiras de remixes dele, e se me perguntar, muitos desses são melhores do que

qualquer coisa que eu poderia ter criado. Mesmo assim, fiz aquela primeira edição e sentirei orgulho dela a vida inteira. Ainda que nunca faça mais nada com que alguém se importe, eu fiz *Pirata*.

E, como estou escrevendo essas aventuras e tentando contá-las da melhor e mais fiel maneira que posso, imagino que também deva incluir algumas palavras sobre *Pirata*.

O filme abre com Seth na melhor época da vida, uns 30 anos. Ele não é mais um adolescente de arrancar suspiros, nem um ator de vinte e poucos anos sendo escalado para papéis adolescentes cada vez mais improváveis. Nesse momento, ele fez quatro montagens de Shakespeare no Globe e estreou como diretor no filme *Vil. Legal.*, um enredo brutal sobre um burocrata do serviço internacional inglês que cinicamente desvia dinheiro e armas para o Exército de Resistência do Senhor, em Uganda, apesar das terríveis atrocidades que comete e do uso de trabalho infantil, porque os guerrilheiros prometem em troca acesso a uma rica reserva de columbita-tantalita para uma empresa da bolsa de Londres. Ele está com algumas rugas e alguns quilinhos a mais, mas é mais amado do que nunca. Garotas — adultas, mulheres casadas — se atiram nele. Os tabloides estão obcecados em saber quem Seth está pegando. Ele é sensacional e sabe disso.

Ah, ele com certeza sabe disso. A tomada de abertura tem Seth sentado atrás de uma escrivaninha, uma mesa humilde, muito amada e obviamente uma ferramenta de trabalho, não um símbolo de *status*. Ele está sorrindo para seu monitor com uma confiança suprema. Corte para esse monitor, onde inseri uma pequena janela do player VLC que mostra outro clipe de Seth, muito mais jovem, adolescente, se divertindo com meia dúzia de estrelinhas sem nome no set de algum filme. Fiz um truquezinho para que desse para ver o rosto dele refletido no monitor, uma expressão que não era tanto um riso discreto, mas também não era um sorriso largo no rosto. Era uma daquelas expressões desprevenidas, sem timidez, pelas quais Seth

era tão famoso, o rosto de alguém que se podia jurar que não fazia *ideia* de que havia uma câmera apontada para si. Mais um truque complicado, uma tomada em que o zoom se desfazia, de forma a olharmos por cima do ombro de Seth.

Quando o vídeo no monitor termina, ele se inclina para a frente e pega o mouse, e eu inseri o distinto navegador anônimo do Pirate Bay, com os efeitos de laser sendo disparado conforme pulveriza cada *tracker* e *cookie*; as animações divertidas do navegador saltando por todos os servidores *proxy* antes de furtar os tesouros mundiais de filmes, músicas e jogos. Refletida na tela, a expressão de Seth muda para uma de concentração intensa. Na caixa de busca, as palavras "Seth Watson". O mouse desliza até o botão BUSCAR. Mais cliques.

O interior da porta de Seth — a porta da casa no Soho em que ele viveu por 30 anos, um ícone do bairro, agora agraciado como itinerário do tour do disco azul. Seth segue até a porta, parecendo temeroso (cena de um curta de Halloween assustador que ele fez), e abre. Alguém do lado de fora. Não vemos quem é. Vemos apenas a tomada da reação de Seth, o medo se transformando em pavor, o pavor em terror, o terror em súplica abjeta e cheia de lágrimas. A cena era de comédia, mas, com a música certa e uma velocidade de quadros m-u-i-t-o lenta, parecia que ele estava se partindo por dentro. Eu sabia como era aquela sensação. Tinha passado por ela. Eu sabia exatamente como queria que Seth ficasse, e era assim que ele estava. Exatamente como eu me sentira.

Então vemos um Seth jovem, nem mesmo adolescente ainda, e ele está sozinho, encarando, perdido, os olhos vazios, em uma escola de tijolos, um lugar gigantesco que poderia muito bem ser uma fortaleza ou uma prisão.

Um Seth velho a seguir, carregando uma caixa de equipamentos de escritório para fora de um arranha-céu de vidro em algum lugar no distrito financeiro, o terno amassado, a camisa para fora da calça.

Outro Seth, deitado em uma cama de hospital, emaciado, um tubo

dentro do nariz. No assento ao lado da cama, o jovem Seth de novo. Os dedos no teclado. Uma tela. ACESSO À REDE SUSPENSO.

Agora o Seth original, um zoom abrindo a cena, revelando-o sentado no chão de uma cela sombria, minúscula. Ele está deprimido e arrasado e, muito lentamente, ergue a mão para esconder o rosto.

Uma batida prolongada, a luz muda e parece por um momento que vai ficar escuro, mas é apenas um *fade* falso. A cena se ilumina, a luz aumentando a partir das bordas da tela até virar um branco ofuscante. Uma silhueta perfeitamente preta e demarcada... *dança* naquela tela branca. Não, não é uma dança, é algum tipo de treino de boxe, mas tão gracioso, até surgirem os chutes e socos selvagens. A luz muda, e agora a silhueta é Seth de novo, o Seth adolescente fingindo lutar boxe, e o fundo se preenche com um set de filmagem, e Seth está girando e socando e se abaixando e vacilando.

Então, as primeiras palavras ditas no filme inteiro: Não. É. Justo. Mais socos e chutes — havia cerca de dez tomadas disso no vídeo que Katarina me deu, e usei todas, brincando com a iluminação e com a velocidade e cortando para a frente e para trás, de modo que Seth se tornasse frenético. Houve um momento enquanto eu estava cortando essa sequência em que pareceu que Seth e eu estávamos trabalhando juntos, através do tempo e do espaço; senti como se pudesse *ver* o que Seth estava tentando dizer com as expressões corporais e faciais, e eu estava ressaltando aquilo, *provocando* para que se revelasse, trazendo a intenção dele ao plano principal.

De volta a Seth na cama de hospital. Se você assistisse àquele clipe inteiro, seria apenas uma filmagem de Seth se recuperando depois de extrair uma pedra nos rins, mas ele realmente parecia prestes a morrer e tinha pedido que a esposa levasse uma câmera e a montasse ao pé da cama, para que ele pudesse testar expressões de luto e morte. Era isso que tornava Seth Seth: essa prática constante de seus talentos. Em uma cena,

ele *arrasara*, tanto que, quando se viu no monitor, começou a emitir um ruído de *iiih*. Era o rosto de alguém que estava com raiva e assustado e desenganado e sentindo dor... Era a mistura exata de sentimentos que eu tivera no dia em que apareceram e cortaram a internet da minha família. Assim que a vi, eu *soube* que era meu close. Deixei a cena piscar em uma série de cortes rápidos da dança do ódio, flick, flick, flick, mais e mais rápido como o zootrópio começando a girar, até tremeluzir com uma lâmpada fluorescente velha. Então mantive a cena congelada por pouco menos de um segundo e corte para a tela preta.

E foi isso.

— Cara — disse Chester. Ele andava assistindo muita animação americana ultimamente e ficava falando "cara" o tempo todo. — Caaaaara.

Rob deu uma risadinha. Tinha fumado demais do baseado especial de Dodger e estava deitado, como se desossado, no tapete em frente ao sofá.

— Acho que o que ele está tentando dizer é que esse vídeo precisa ser visto por mais gente.

Sacudi a cabeça.

— Bem, talvez depois do julgamento. Mas será tarde demais então, é claro. A votação terá terminado. Teremos perdido. E eu não ousaria lançá-lo antes do tribunal, ou acabaria na prisão; todo mundo foi bem claro a esse respeito. — Tomei um gole de vinho. — Nossa, queria poder colocar isso online esta noite.

— E se conseguíssemos que *outra pessoa* o pusesse na internet? — perguntou Jem.

Sacudi a cabeça.

— Acho que não funcionaria — falei. — Não receberia tanta atenção, e ninguém se interessaria por ele antes de segunda-feira.

Jem olhou para cima e para baixo, pensando tanto que dava para ouvir o cérebro dele zumbindo.

— E se conseguíssemos que todas as grandes emissoras o exibissem?

Fiz um ruído grosseiro.

— Bem, como estamos brincando de faz de conta, e se conseguíssemos mostrá-lo a todos os parlamentares?

Jem assentiu.

— É, esse era meu plano — disse ele. — E se exibirmos isso em algum lugar onde todos possam ver? Algum lugar que chegue a todos os noticiários na manhã seguinte? Algo que estará na página principal de todos os jornais de circulação gratuita e nos sites?

— Hã, sim, isso seria ótimo. Como propõe fazê-lo, Jem? — Eu estava cético, mas senti uma comichão por dentro. Jem estava sorrindo como louco e ainda não tinha fumado a maconha, então havia *algo* acontecendo naquela mente perturbada. Algo grande e maravilhoso.

— Lembra-se de quando Hester e sua patroa montaram aquele espetáculo brilhante no Highgate? Os projetores ao ar livre e tudo?

Assenti e senti-me um pouco desapontado. Sim, provavelmente poderíamos levar um monte de gente do Pêssego Confuso a algum parque e mostrar aquilo a eles, mas sabíamos que nossos murais estavam cheios de infiltrados que nos delatariam sob a lei do RPI, e, além disso, o que importava se nossa galera visse aquilo? Eles já estavam do nosso lado.

Jem percebeu minha expressão e ergueu as mãos.

— Ouça-me agora! E se você tivesse um projetor incrível, gigante, poderoso o suficiente para, digamos, pintar uma imagem na lateral de um prédio, a uns bons 500 metros de distância?

— Está me perguntando "e se" como "imagine que existisse uma coisa dessas" ou "eu tenho essa coisa"? — perguntei, e minha animação estava voltando, porque achei que sabia o que viria a seguir. Para início de conversa, os ajudantes de Aziz pareciam prestes a explodir, e Aziz estava assentindo pensativo.

Jem sacudiu as mãos.

— Essa é a pergunta errada. Imagine por um momento. Onde você exibiria seu pequeno *tour de force* se pudesse exibi-lo em algum lugar?

— Não sei. Hã. No Palácio de Buckingham?

Jem riu com escárnio.

— Seria visto apenas por um monte de turistas, amigo.

— No Tate? Do outro lado do rio? Tem umas paredes boas, grandes e brancas.

Jem assentiu.

— Ah, isso é bom. Não tinha pensado nisso. Mas pense maior, filho. O que mais há no rio? Algum lugar que os parlamentares estão fadados a ver?

Percebi que as outras pessoas na sala estavam entendendo, o que era frustrante. Hester gargalhou. Chester e Cão Raivoso gargalharam mais forte. Rob e Dodger urraram de rir. Aziz e os amigos batiam com os punhos nas coxas. Então, a resposta se iluminou para mim.

— Cruzes, Jem... o *Parlamento*?

— Agora você acertou!

Os Jammie Dodgers fizeram alguns truques *doidos* ao longo dos anos, mas nada tão grandioso quanto a noite em que tomamos a Câmara dos Comuns.

Não teria sido possível sem O Monstro, que era como Aziz e Cia. chamavam esse projetor incrível de 40 mil lumens que haviam tirado de uma caçamba nos fundos de um cinema que estava sendo desmontado em Battersea. Nenhum deles acreditava que aquela peça espantosa de um kit poderia funcionar — não até pesquisarem no Google e descobrirem que tinha sido desqualificada para uso dez anos antes, graças a um código de firmware que permitia que projetistas corruptos coletassem cópias impecáveis e inteiras de filmes recém-lançados. É claro que *eu* poderia ter contado a eles sobre aquilo: o NEC DCI Mark III era notório por ter sido

inteiramente comprometido dias após cada pacote de reparos, 28 vezes durante dois anos, antes de ter sido finalmente execrado, e, a partir de então, nenhum filme digital de respeito seria exibido por meio daquelas lentes poderosas.

Embora eu mal fosse um espermatozoide quando isso aconteceu, o cenário de lançamento de filmes no dia zero, com o qual eu havia crescido, ainda era nostálgico em relação a essa era de ouro, quando filmes novos surgiam online uma hora antes da estreia mundial, contrabandeados de dentro da sala de projeção por alguém que conhecia alguém que conhecia alguém. É claro que havia sempre sessões antes do vazamento cinematográfico — cópias que tinham sido enviadas antecipadamente a críticos e jurados de premiações —, sem falar de todas aquelas versões pré-release que vazavam das suítes de edição. Mas essas costumam ter marcas-d'água grandes, que diziam PROIBIDA A EXIBIÇÃO, ou eram cruas e inacabadas. O Mark III era o melhor amigo da pirataria nesses dias idos, e presumi que todas aquelas belezinhas tinham sido estripadas pelas peças, ou derretidas, ou decapitadas, e penduradas na parede do chefe da caça à pirataria da Motion Picture Association of America.

No entanto, lá estava ele, uma caixa enorme com uma lente tão grande quanto um prato de torta e uma tomada de segurança enorme, de 240 V.

— Puxa, mais energia do que um quarto cheio de lâmpadas ultravioleta — falou Aziz, observando o medidor de força preso à tomada da casa dele zumbir.

— Mas veja aquela imagem! — falei. Não conseguia me conter, saltando de um pé para outro. Tínhamos levado o projetor para o terraço do armazém de Aziz e focamos a imagem em um prédio baixo do outro lado da rua e após um descampado, a um bom quilômetro de distância. Àquela distância, a imagem tinha três andares, e mesmo dali parecia bizarramente *incrível*. Dei zoom nela com a câmera do celular, e, com a magnificação ao máximo, mal conseguia distinguir um minúsculo

granulado. O Mark III era superdimensionado, superengenhoso e superpoderoso, e, conforme Aziz girava o projetor na dolly que tínhamos montado no terraço, a imagem enorme deslizou vertiginosamente sobre várias paredes e janelas. Ergui a mão em frente a ele e fiz uma sombra de cachorrinho. Do outro lado da rua, mãos gigantes flutuaram na parede: Au! Au! Mas era mais como AU! AU!

— É claro que isso só vai funcionar se não nos importarmos em ir para a cadeia — disse Dodger. Ele tinha ficado bem sóbrio no caminho até lá, na traseira da Baleia Branca de Aziz, e fizera ruídos de apreciação de eletricista enquanto levávamos o equipamento para o terraço, usando um guincho e um guindaste que pareciam feitos de ferrugem e cocô de pássaro a princípio, mas não vacilaram um centímetro enquanto puxávamos as cordas como marinheiros.

Do chão abaixo, ouvi 26 gritando:

— Ei, crianças, parem de lançar seus fótons piratas por toda a loja!

— Como parece daí de baixo? — gritei.

— Como o Bat-Sinal — respondeu ela. — Mas de um jeito bom. Espere aí, vou subir!

E por isso, só por isso, eu amava minha namorada até os menores pedacinhos: ela fora para casa naquela tarde arrasada e deprimida, mas, quando liguei e pedi que largasse *tudo naquele momento* e arrastasse a bunda sensacional para a casa de Aziz, ela secou as lágrimas, pesquisou as rotas dos ônibus noturnos e caminhou metade da Inglaterra (bem, tudo bem, Londres) sem pensar duas vezes.

Aziz desligou o projetor, deixando tudo em uma escuridão repentina. Todos piscamos e esperamos que nossos olhos se ajustassem. Ouvi 26 lá embaixo, na escada íngreme de alumínio que subia até a claraboia. Ela assentiu cumprimentando a todos, então se aproximou de mim, passou o braço em volta da minha cintura e roçou o nariz no meu pescoço.

— Desculpe-me — sussurrou 26 em meu ouvido.

— Não tem problema — sussurrei de volta.

Dodger sacudiu a cabeça.

— Olhem, todos vocês, isso é bem incrível e tal, mas não estou disposto a ir para a cadeia. Talvez possa conseguir a energia, mas me mando antes de vocês o ligarem, pode ser?

— Qual é o problema? — perguntou 26.

Dodger bateu no Mark III.

— Esta coisa é um verdadeiro farol — respondeu ele. — Esses lunáticos querem projetá-los no Parlamento amanhã à noite, exibir o filme caseiro do seu homem na Câmara da Porra dos Comuns, mas a lei chegará até nós em segundos. Você mesma disse. Essa coisa é como um Bat-Sinal.

— Hum — falou 26. Era o "hum" que ela usava quando estava pensando de verdade em alguma coisa. — Algum de vocês sabe alguma coisa sobre rádios piratas?

Murmuramos palavras do tipo: *É, meio que. Já ouvi falar*.

— Costumava ser algo *enorme* — disse ela. — Isso foi em grande parte antes da internet, é claro. Eram pessoas totalmente loucas, na verdade, que subiam ao terraço de prédios e escondiam uma estação de transmissão resistente ao tempo lá em cima. Depois acrescentavam uma segunda antena, que deveria *receber* sinais de qualquer lugar que estivesse no campo visual do terraço.

Eu podia ver aonde aquilo chegaria.

— Eles redistribuíam o sinal de outro prédio! Era como um *relay*, certo?

Ela me deu alguns tapinhas na cabeça.

— Dessa forma, quando os agentes reguladores saíam para rastrear o sinal até o transmissor, encontravam apenas uma caixa no terraço que poderia estar recebendo sinal de qualquer um dos milhares e milhares de apartamentos. Eles tiravam a antena, e os radialistas apenas apontavam o pequeno transmissor para outra antena que já estava preparada.

— Ah — dissemos todos ao mesmo tempo.

— Ouçam essa fichinha cair — disse ela. — É um ruído delicioso, não é? Enfim, não sou especialista em óptica, mas *acabei* de escrever um trabalho de conceito A em física e acho que não deve ser absurdamente difícil fazer isso funcionar, principalmente se vocês não forem exigentes com a qualidade de imagem, só quiserem fazer um grande espetáculo sem serem jogados na cadeia, certo? Precisamos de alguns espelhos grandes e um bom monóculo ou, melhor ainda, um telescópio.

Aziz assentia tão vigorosamente que parecia que a cabeça dele ia cair.

— Tenho a coisa certa.

Jem tamborilou as mãos sobre o projetor.

— Vou começar a fazer o café — disse ele. — Quem quer?

Juntos, todos erguemos os braços e dissemos: "eu", e Jem respondeu: "certo" e desceu as escadas.

Apesar de ter sido uma noite curta de verão, o tempo pareceu se prolongar. Ao longo dos anos, Aziz tinha acumulado todo tipo de monóculo, lentes de câmeras SLR, de lente única, telescópios e outros equipamentos ópticos. Havia também um monte de coisinhas brilhantes, de espelhos retrovisores enormes destacáveis a antenas parabólicas cobertas com papel-alumínio. Os melhores resultados foram de um refletor parabólico liso da lanterna de um Range Rover velho e enferrujado que Aziz guardava nos fundos do armazém. Saíra do carro um pouco empoeirado, mas, depois que limpamos com um pano antiestático e alinhamos a abertura no lugar certo, conseguimos canalizar o feixe do Mark III por dentro de uma enorme lente Canon de telefotografia descartada, com o encaixe quebrado, e, através de um monóculo militar Minox, transformando-o em um projetor-lápis de alta resolução; daí em diante, podíamos projetá-lo a uns bons 100 ou 200 metros do refletor parabólico e girá-lo 90 graus, para um local a meio quilômetro de distância. É claro que a imagem final era muito mais distorcida, mas...

— Poderíamos conseguir quatro desses e nos espalhar em esconderijos

por toda a margem sul, montar o projetor do lado norte do rio e acertar o Parlamento diversas vezes, trocando o distribuidor sempre que ouvíssemos as sirenes — falei.

— Há apenas dois refletores no Range Rover — disse Aziz. — Mas tem um ferro-velho no fim da rua onde poderíamos conseguir mais alguns.

— Alinhar as aberturas àquela distância será complicado — falou Chester.

Em resposta, Cão Raivoso tirou uma caneta de laser do bolso da camisa.

— Que tal um ponto de laser? — perguntou ele. Acendeu o objeto e mirou o laser no refletor que havíamos montado no meio da rua da casa de Aziz. O feixe desviou perfeitamente e surgiu na lateral do prédio no qual estávamos testando o vídeo.

O sol estava nascendo naquele momento, e havia mais trânsito, e a luz do projetor era mais difícil de enxergar. Mas não importava. Aquilo *funcionaria*.

— E quanto aos circuitos fechados de câmeras? — perguntou Dodger.

— Chapéus — falou Jem. — Puxamos bem para baixo. Vestimos coisas anônimas, jeans e camisetas, esse tipo de coisa.

Dodger fez uma careta.

— Esqueça — disse ele. — Vão colocar suas fotos no noticiário da noite, chamar vocês de terroristas, alguém vai buscá-los no café da manhã. Estou fora.

— Desde quando você é um gatinho assustado? Achei que era valente e destemido, Dodge. — Jem e Dodger quase não brigavam mais, mas, quando brigavam, era como assistir a irmãos se atracando, aquela mesma rendição total, a mesma intensidade ligeira e assustadora.

Aziz ergueu as mãos.

— Calma — disse ele. — Calma, por favor. Jem, Dodger, tem algo que gostaríamos de mostrar a vocês. — Aziz assentiu para um de seus acólitos,

Brenda, que foi até uma prateleira e pegou um dos familiares chapéus pulverizadores de mosquito.

Dodger fez um ruído grosseiro.

— Essa coisa mal tem aba! Não adiantaria nada.

Aziz revirou os olhos.

— Não é um disfarce. Brenda?

Brenda tirou a boina que usava. Os cabelos pretos crespos dela saltaram como molas e formaram um halo. Brenda os enfiou dentro do chapéu de mosquito e sorriu.

— Observe — disse Aziz e ergueu o celular, de modo que a lente da câmera apontou para a ajudante.

Zap.

Um feixe instantâneo de luz verde se projetou do chapéu e perfurou diretamente as lentes. Ouviu-se um leve barulho de rachadura vindo do celular de Aziz, e a tela ficou escura. Ele jogou o aparelho em uma estação de trabalho que, no momento, percebi que estava cheia de celulares semiobsoletos levemente chamuscados.

— Tive a ideia dessas bolsas chiques antipaparazzi — disse Aziz. — Aquelas que detectam uma lente de câmera e detonam um flash antes que a câmera possa fotografar? As nêmesis dos fotógrafos de tabloides, elas são. Achei que provavelmente poderia usar a óptica de uma dessas coisas para encontrar circuitos fechados, qualquer coisa com uma câmera. Você coloca um desses enquanto caminha pela rua e qualquer coisa próxima o bastante para olhar direito para você será torrada antes que você chegue ao alcance dela. E mais, dá para se misturar bem usando esses trecos, já que todos têm um. Acho que não durarão muito, depois que a lei descobrir o que estamos fazendo, mas acredito que podemos muito bem usá-los para algo fabuloso enquanto temos a chance. Tenho oito prontos, deve ser o suficiente para uma equipe de projeção e quatro na rua para cuidar dos refletores. Com isso, devemos conseguir acender a Câmara dos Comuns por umas boas

duas ou três *horas* e ainda assim sairmos ilesos.

A boca de Dodger estava escancarada, os olhos arregalados. Jem deu-lhe um tapa de leve em uma das bochechas.

— Certo — falou Jem. — O que achou, Dodger, meu garoto?

Quando editei o "Não é justo", a princípio, inseri automaticamente minha linha de crédito de sempre, com a logomarca Cecil B DeVil, com o tridente e os chifres e as URLs. Removi isso, e revisei o arquivo com um editor hexadecimal, em busca de quaisquer números de série, chaves de usuário ou outro metadado que pudesse ser rastreado até mim. Só por segurança, passei o filme por um transcodificador online, aumentei a resolução do vídeo e do áudio um pouquinho e reduzi a resolução de novo. O arquivo resultante era levemente menos nítido (o que pouco importava, considerando o método de projeção que estávamos planejando usar), mas me senti melhor em relação à possibilidade de poder haver algum tipo de número de série furtivo ou outro software espião à espreita no arquivo.

Montamos diversas páginas rápidas e confusas para hospedá-lo, integrando o vídeo de cinco fontes diferentes, incluindo o ZeroKTube, mas usando também diversos YouTubes que os usuários poderiam acessar sem precisar instalar nenhum software. Mas a coisa realmente perspicaz foi que também integramos a página TheyWorkForYou, que rastreava o registro de votação de cada parlamentar na votação RIP-RPI que ocorreria. Como a votação ainda não tinha acontecido, a página só mostrava o código N/D na coluna de voto de cada parlamentar; mas, assim que eles lançassem o voto, estaria lá, buscável por código postal. Um link faria uma ligação ou enviaria um e-mail para o escritório do parlamentar, e um segundo link levaria à página que continha as plataformas de todos os concorrentes dos parlamentares nas eleições seguintes.

A mensagem não era sutil: "Estamos observando vocês. Mostraremos a todos os eleitores do país como vocês votaram nesta lei. Podem achar que

a reeleição será difícil se forem expulsos do partido por irem contra o *whip*, mas será igualmente difícil conseguir seu assento de volta se milhares de seus eleitores saírem de porta em porta explicando aos vizinhos como vocês os venderam na outra margem do rio."

Admito que não era muito diferente da mensagem que estávamos enviando o tempo inteiro, desde a primeira votação da RPI, mas os números tinham crescido de maneira constante, e com a cobertura de mídia de nosso projetor-grafite criativo esperávamos que pudessem levar aquilo um pouco mais a sério.

Vinte e seis e eu tiramos uma soneca juntos naquela tarde, no Diazero, enquanto Chester e Hester e Jem e Cão procuravam lugares; eles tinham feito um trabalho fantástico ao encontrar locações subterrâneas para os Cinemas Piratas originais, e achei que, entre as imagens de satélite do Google de telhados e um pouco de reconhecimento no chão, eles conseguiriam encontrar muitos terraços na margem sul com uma vista para a Câmara dos Comuns. Também procurariam na margem norte por locais que pudessem ter uma visão livre da parede leste, o que seria complicado, mas muito mais dramático. Aziz e os elfos estavam ocupados em colar encaixes pesados nos refletores das lâmpadas, para que pudessem ser encaixados ao que estivesse mais à mão e então cimentados no lugar certo depois de alinhados corretamente. Se fizéssemos tudo certo, cada equipe apareceria com coletes refletores, cones e essas coisas, colocaria o refletor no lugar, se certificaria de que estava funcionando, prenderia com uma boa cola adesiva e sumiria. A equipe do projetor acertaria cada refletor até que a lei aparecesse e o removesse — eles podiam simplesmente colocar um casaco sobre o refletor, é claro, mas talvez levasse algum tempo para pensar nessa estratégia, e, depois que a imagem ficasse escura, esperaríamos durante um tempo qualquer e passaríamos para outro projetor. A polícia jamais saberia se tinha conseguido pegar todos os lugares — e nós guardaríamos a última, uma tomada direta, para pouco

antes do amanhecer, horas depois da primeira projeção, quando os primeiros trabalhadores da manhã estivessem cruzando as pontes.

Era uma estratégia arriscada, mas Jem insistiu que era a melhor que tínhamos, a que causaria mais impacto. E, como ele manusearia o projetor, não podíamos exatamente dissuadi-lo. Jem garantiu que, assim que a imagem estivesse alinhada, ele sairia correndo e deixaria o vídeo passando sem supervisão, até que os idiotas e os funcionários menos importantes da polícia metropolitana os retirassem. Usaríamos luvas e limparíamos tudo com lenços de água sanitária, e os chapéus de laser cuidariam de qualquer câmera de circuito fechado.

Conforme isso percorria minha mente, tentei dormir no meio da tarde quente e ensolarada, um ventilador zumbindo e soprando sobre 26 e eu. Tentei me concentrar na respiração e no cheiro da pele de 26 atrás das orelhas e na covinha em seu queixo, mas meu cérebro idiota ficava voltando para o plano da noite e para todas as formas como poderia dar errado e o quanto exatamente era arriscado e quanto ficaria ainda mais arriscado se eu não dormisse... Eu ficaria tão lento e burro devido à privação do sono e, provavelmente, faria alguma trapalhada ridícula e nos poria a todos na cadeia. O que, é claro, me deixou ainda mais ansioso e ainda *menos* capaz de dormir, e assim por diante.

Mas, em certo momento, não importa mais o quanto você está machucado ou o quanto sua mente está acelerada, o sono chega e toma as rédeas, então, dormir foi o que fiz, e tive sonhos terríveis e ansiosos, nos quais eu estava procurando pela rodoviária de Bradford em todos os lugares, procurando minha mochila e o laptop no Hyde Park, depois procurando Jem em todos os pontos que ficávamos, procurando o Diazero, o qual parecia ter se mudado por vontade própria, depois procurando 26, depois os refletores parabólicos da lanterna do Range Rover — enquanto uma banda marcial barulhenta tocava ao fundo, tão alto que abafava todos os pensamentos, tornando mais e mais difícil pensar direito. Eu

estava praticamente chorando de frustração quando percebi que a banda marcial era meu despertador, uma homenagem a Bradford e sua história com fanfarras marciais, e estava na hora de sair da cama e cometer alguns crimes à sombra da noite.

Sacudi 26 até que acordasse, vesti as roupas e sacudi-a de novo, pois ela havia se enroscado de volta na cama e colocado o travesseiro na cabeça.

— Vamos, amor — falei. — Está na hora de ir salvar a Inglaterra.

— A Inglaterra que se ferre — disse 26 de debaixo do travesseiro.

— Hora de intimidar o Parlamento, então — disse eu.

— Está um pouco melhor — respondeu 26.

— Hora de sair e realizar o maior feito de cinematografia pirata que o mundo já viu, isso está mais ao gosto da madame?

— *Muito* melhor — respondeu ela. — Vamos, então, chega de enrolar. Vamos fazer isso!

* * *

Talvez a coisa mais simples a fazer aqui seja catalogar todas as formas como o plano deu *errado*. Porque, é claro, era aí que estava toda a animação — mas também porque o plano, quase totalmente, deu *certo*. O canteiro de obras que a equipe de reconhecimento encontrou era simplesmente *perfeito* para o projetor. Dodger conseguiu acessar a rede elétrica sem nem usar algum tipo de kit especial, e a rota que encontraram por cima de um andaime evitava todos os sensores vibratórios antiescalada. Uma vez no topo, usaram um dos muitos guinchos para subir o projetor e o instalaram em questão de minutos. Dos quatro outros lugares verificados para montar os refletores, dois eram incontestáveis: o primeiro, a seção de um estacionamento vertical cercada por cordas que era invisível da rua e da área do estacionamento, mas tinha vista direta para o Parlamento e o prédio do projetor. O segundo era uma escada de

pedestres de descida da ponte Embankment Rail — só foi preciso um pedaço de fita amarela de segurança e uma placa de "INTERDITADO – OBRAS – DESCULPEM O INCONVENIENTE" no topo e no fim da escada, para garantir que não teríamos companhia.

Os outros dois lugares eram... menos ideais.

O primeiro era no terraço do London Film Museum. A equipe de reconhecimento tinha descoberto uma escada de emergência durante uma visita diurna e adulterou a fechadura com um bolo de polímero modelável embrulhado em papel-alumínio, de forma a permanecer aberta, mas mesmo assim notificar o sistema de segurança de que estava trancada. A ideia era subir as escadas até o terraço, alinhar o refletor e sair — mas a porta abria no meio da área de turistas em frente à London Eye e ao London Aquarium. Difícil dizer o que seria pior: tentar se esgueirar para fora com montanhas de testemunhas ao redor em plena luz do dia ou se esgueirar para fora quando estava completamente deserto. Tudo bem, não é difícil dizer: seria definitivamente pior à noite.

Para pegar o lado leste do Parlamento, o melhor que conseguiram foi um local de obras temporárias no esgoto que tinham um banheiro provisório próprio; a cabine verde do banheiro químico tinha painéis removíveis abaixo da altura dos telhados dos prédios, e alguém que estivesse dentro da cabine poderia rebater a luz do projetor, mas seria por um triz, e a pessoa do lado de dentro não teria ideia se havia policiais, ou quantos, patrulhando enquanto o vídeo era exibido. Além disso, o pessoal do reconhecimento não tinha certeza se havia mastros, prateleiras ou suportes que pudessem ser utilizados para prender o refletor depois que ele fosse posicionado, permitindo que os conspiradores saíssem enquanto o espetáculo se desenrolava.

É claro que 26 nos voluntariou para esse local.

— Não gostaria que mais ninguém ficasse preso nesse lugar horrível — disse ela. — Não por causa da minha ideia.

— Com licença, mas vários de nós pensaram nessa ideia — respondi. — Todos juntos.

— Os refletores foram ideia minha — falou 26. — Caso encerrado.

Aziz e a Baleia Branca chegaram ao Diazero por volta das 19 horas, assim que o sol de verão começava a descer na linha do horizonte, enviando raios fustigantes a qualquer um que fosse idiota o bastante para olhar para oeste. Nós nos empilhamos na traseira da van e separamos as pilhas de kits. Estávamos usando as calças de obras mais empoeiradas e imundas dos dias de glória do Cinema Pirata, roupas de pedreiros de verdade, lambuzadas de poeira de gesso e todo tipo de lama e gosma. A galera de Aziz tinha outros planos, no entanto.

— Tirem as roupas — ordenou Brenda, com um sorriso maligno.

Antes que pudéssemos perguntar o que ela estava planejando, Brenda abriu um enorme saco de lixo preto e derramou uma montanha de roupas horrorosas de lembranças de Londres: camisetas que diziam "Bladdy Lanhdin" e "I LOVE LONDON" e "Norf London", com fotos de ônibus vermelhos de dois andares, de bandeiras nacionais, de Lorde Nelson sobre a coluna e de diversos membros da realeza de orelhas de abano. As bermudas tinham "London" estampado na bunda e bolsos enormes para todas as porcarias turísticas.

— Eca, vocês assaltaram um ônibus turístico? — perguntou Jem.

Brenda sacudiu a cabeça, e o colega dela, Lenny, falou:

— Encontramos na caçamba atrás do Day's Inn, próximo a Stansted, no dia seguinte ao fim de alguma conferência gigantesca sobre mercado editorial. Ainda estavam nas sacolas do encontro. Umas porcarias tão grandes que o pessoal da limpeza nem roubou. Não vai encontrar nada menos memorável para vestir por toda a cidade de Londres. Coloquem por baixo do que estão usando agora e, quando conseguirem, troquem de roupa. Coloquem a roupa que estava por cima dentro de uma dessas sacolas da conferência. — Ele cutucou uma pilha escorregadia de sacolas

baratas com a estampa "O FUTURO DOS LIVROS/EARL'S COURT/LONDRES" e as logomarcas de um monte de editoras. — Vocês vão parecer um bando de turistas aproveitando uma última noitada antes de voltar para Des Moines ou Atenas ou sei lá o quê.

— Ou como se tivéssemos assaltado um monte desses caras — disse Jem. — Acho que não passamos como forasteiros. Somos sofisticados demais, amigo.

Brenda e Lenny começaram a gargalhar, e, por um minuto, Jem pareceu tão afrontado que pensei: *Meu Deus, ele está falando sério*, mas então ele não conseguiu mais manter a expressão séria. Estávamos todos tão nervosos que gargalhamos daquilo tudo muito mais forte do que a piada merecia, e, quando tiramos as roupas, Aziz caiu em um buraco que nos jogou uns contra os outros, em uma pilha seminua que se contorcia, e houve tantos gritos e gargalhadas que foi um milagre a van não ter sido denunciada à polícia por alguém que achou que éramos vítimas de sequestro sendo carregadas para fora de Londres.

Os capacetes de segurança eram como velhos amigos, e consegui encontrar um que tinha sido meu preferido quando estávamos no período de maior atividade do Cinema Pirata. Havia um chapéu de mosquito modificado para cada um de nós, com pilhas sobressalentes. Era impossível saber que haviam sido modificados.

— Hackeamos apenas o firmware — explicou Brenda. — Depois que se consegue invadir o iniciador, só é preciso jogar seu próprio código no desgraçado e está feito.

Hester ficou intrigada.

— Onde fica o slot do drive? — perguntou ela, examinando o chapéu de perto em busca de uma entrada USB.

— Você vai adorar isso — respondeu Brenda. — Ele é óptico. Você literalmente *joga* o código, com luz pulsada, bem ali no sensor de trás.

— Está brincando.

— Faz um pouco de sentido, ainda que deturpado. Essa coisa tem tantos sensores ópticos, por que não usá-los para inserção de dados? Afinal, quantas vezes você vai precisar jogar os dados? As memórias só armazenam alguns megas; leva um minuto ou dois para reprogramar um, sob condições ideais.

— E quanto a condições não ideais? — perguntou Hester. — Digamos, quando alguém está caminhando na rua, e você está seguindo a pessoa a uma distância discreta?

Brenda esfregou as palmas das mãos.

— Gosto muito do modo como você pensa. Mas acho que não funcionaria. É preciso estar bem próximo e à sombra... Você se destacaria como um dedão inflamado. Mesmo assim, seria incrível, não? Disfarçadamente reprogramar cada uma dessas coisas em Londres para detonar os circuitos de câmeras fechados?

Vinte e seis levantou o dedo.

— Dá para usar os lasers nos chapéus para atirar em outros chapéus e reescrever o firmware deles? Como um vírus de chapéus de mosquito?

Brenda exibiu um olhar distante pensativo.

— Vamos combinar: se não estivermos na cadeia na semana que vem, pensamos em um jeito — respondeu ela.

Jem cobriu o rosto com as mãos.

— Vocês são malucos — disse ele. — Não de um jeito ruim, entendam, mas mesmo assim malucos. Achei que ocupar prédios e aperfeiçoar a ciência de pedir esmolas fossem hobbies esquisitos; mal sabia eu que acabaria sendo o *menos esquisito* neste grupinho.

Rob pigarreou.

— Acredito que essa honra é minha — disse ele.

Dodger apoiou a mão enorme sobre o ombro do colega.

— Não usaremos isso contra você, amigo.

Aquela viagem na traseira da van sem janelas, deslizando e fazendo

piadas, é um dos momentos mais memoráveis da minha vida. Estávamos no precipício entre o perigo e o sucesso, uma caixa cheia de possibilidades chacoalhando na direção do destino. Na traseira da Baleia Branca, o tempo pareceu se estender ao infinito, e eu estava sobrecarregado com sentimentos de amor verdadeiro por cada um de meus amigos. O que quer que acontecesse depois daquilo, já havíamos realizado algo incrível no minuto em que entramos na van.

E então a Baleia Branca parou no primeiro ponto: o canteiro de obras em que seria montado o projetor. Primeiro, paramos na esquina, para que Brenda saísse com um chapéu de mosquito adulterado e caminhasse pelo local, pulverizando quaisquer câmeras. Colocamos os capacetes e os coletes refletores, montamos cavaletes de interdição e carregamos o projetor para trás das grades de entrada. A equipe de reconhecimento já havia cortado a corrente mais cedo naquele mesmo dia, trabalhando rápida e eficientemente com a facilidade de anos de prática. Em um momento, estávamos todos de volta à van, exceto por Jem e Dodger, e seguindo na direção da ponte.

A cada parada, deixávamos mais passageiros, até que só havia 26 e eu na traseira. Quando reduzimos a velocidade até parar, ela me segurou pelos ombros e me agarrou tão intensamente que quase arrancou meus lábios. Era exatamente do que eu precisava naquele momento. Vinte e seis é uma mulher muito, muito inteligente.

Abrimos as portas, entramos na cabine do banheiro portátil e fechamos a porta. Ninguém passara por ali para pulverizar as câmeras do circuito fechado para nós, mas Aziz estacionara bem ao lado do banheiro, e nós nos escondemos nas portas da van e estávamos com os capacetes bem abaixados sobre a cabeça. Teria de funcionar.

Os ajudantes de Aziz tiraram celulares do enorme estoque de aparelhos semiquebrados da pilha: um para cada dupla e mais um para a equipe do projetor, e cada celular tinha cartões SIM pré-pagos em dinheiro. E cada

um fora programado com os números dos outros, listados na agenda como PROJETOR, PONTE, ESTACIONAMENTO, MUSEU e BANHEIRO. Assim que fechamos a porta do banheiro e a ventilação começou a girar, enviamos por mensagem de texto "1" para cada celular. Se fôssemos pegos ou tivéssemos qualquer outro problema, teria sido "0". O único outro código permitido era "9", que significava "abortar missão" — abandonar equipamento, trocar de roupa, *sair*.

Ninguém enviou "9" naquela noite, mas houve muitos "0".

0: A ponte. Chester e Cão Raivoso estavam começando a montar as coisas — carregar a barreira de interdição para o fim das escadas — quando deram com um monte de grafiteiros, sujeitos bem durões, com as cabeças raspadas e mochilas cheias de spray de várias cores e estênceis primorosamente cortados. O grupo presumiu (corretamente) que Cão Raivoso e Chester eram tão inofensivos quanto coelhinhos e (incorretamente) que os dois eram de fato empreiteiros enviados para fazer algo com a tão conveniente escada da ponte. Cão mandou o "0" enquanto Chester negociava com os quatro rapazes, explicando a eles que não os denunciaria à polícia nem nada, mas que não podia simplesmente dar o fora, não importava o quanto o grupo insistisse veementemente. Enquanto isso:

0: O terraço. Aquele era um plano maluco desde o início. Só porque o alarme não disparou quando a equipe de reconhecimento adulterou a fechadura com a massa de polímero não significava que não dispararia quando Lenny e Hester abrissem a porta. E disparou. Eles rapidamente recuaram para uma distância segura, montando a grade e sentando-se ao lado dela e tentando parecer tranquilos — ou pelos menos parecer com pedreiros que estavam ali vigiando uma extensão de rua qualquer enquanto esperavam que alguém surgisse com uma peça vital ou instruções ou qualquer coisa — tem muito disso em Londres. Depois de vinte minutos, nenhum segurança apareceu para investigar o alarme. Eles

decidiram que — incrivelmente — o alarme era apenas um sino que tocava naquela escada, longe dos ouvidos de qualquer pessoa que pudesse fazer alguma coisa a respeito, o equivalente em prédio a um daqueles alarmes de carro que toca por 20 minutos seguidos às 3 horas da manhã sem que ninguém que se importe de verdade se o carro está sendo roubado apareça para investigar. Àquela altura, eles se levantaram e *entraram de novo*, subiram as escadas, chegaram ao terraço e verificaram o campo visual do local do projetor, então enviaram o "1".

0: O estacionamento. Sim, até a porcaria do estacionamento, o local mais seguro, mais fácil, mais reservado que a equipe havia encontrado. O lugar era tão seguro que deixamos Rob lá sozinho, porque era o lugar perfeito, onde nada de ruim poderia acontecer. Então Rob simplesmente foi e jogou o maldito refletor na plataforma do quarto andar, onde ele ficaria, de modo que o aparelho mergulhou silenciosamente na noite quente e escura de verão e acertou o asfalto com um estampido que foi tudo menos silencioso. Então, sim. "0".

Está acompanhando? Zero por toda parte, da ponte, do terraço e do estacionamento; restava então... o banheiro.

Aí estávamos nós.

Em um mundo ideal, 26 teria ficado do lado de fora, na rua, e procurado o ponto vermelho da caneta de laser que haviam prendido acima da lente improvisada do Mark III, sinalizando para a equipe de projeção, guiando-a. Mas ainda estava muito movimentado do lado de fora de nosso pequeno esconderijo portátil; ficar do lado de fora com um celular grudado à cabeça, acompanhando um ponto vermelho e passando direções para o aparelho teria chamado atenção. Não queríamos nenhuma atenção.

Todos tínhamos concordado em minimizar as ligações. Ninguém sabia exatamente quanto tempo as baterias dos celulares antigos aguentariam, e parecia que, quanto mais deixássemos um registro digital que pudesse ser

rastreado até nós — por nossas vozes, digamos, possivelmente capturadas por qualquer tecnologia superespiã que o MI5 ou a polícia metropolitana estivesse usando em Londres —, mais arriscado seria. Então esperamos. Vinte e seis ficou de pé no vaso sanitário, um pé em cada lado do assento (eu não queria pensar em como seria se ela escorregasse e caísse no buraco — mas a tampa era tão frágil que nenhum de nós quis arriscar colocar o peso sobre ela). Fiquei de pé no chão, esticando o pescoço para cima para ver se o pontinho vermelho surgia no rosto de 26, o qual estava nivelado com a abertura. Nós dois torcemos para que não queimasse o olho dela, porque, bem, isso seria ruim.

E lá estava, no nariz dela.

— Seu nariz! — falei.

Vinte e seis puxou o refletor para cima e eu subi com dificuldade no assento, ao lado dela (quase derrubando 26 dentro do caldo imundo de lama e xixi e um líquido azul misterioso que se sacudia abaixo de nós) e olhei com atenção para a parede de tijolos salmão amarelados da Câmara dos Comuns, que agora estava cinza com a luz fraca do início da noite. Eu tinha um pequeno par de binóculos, mas você já tentou enxergar um ponto vermelho refletido agitando-se sobre uma parede a 90 metros de distância com um par de binóculos de ópera minúsculos? É *angustiantemente* difícil.

Mas consegui vê-lo.

— Bem ali — falei. Ainda não tínhamos encontrado nada em que prender o refletor, mas contávamos com a vantagem de que seríamos a última equipe a disparar, e da margem oposta àquela de todos os outros refletores, o que esperávamos que tornasse a resposta da polícia mais lenta. Dez ou 15 minutos e sairíamos. No entanto, agora seríamos os primeiros, e teríamos de manter a exibição pelo máximo de tempo possível. Eu não sabia o que estava acontecendo com meus amigos que dispararam os zeros, mas esperava que resolvessem rapidamente.

Mandei outro "1" para a equipe do projetor e prendi a respiração.

Expirei de uma só vez quando os quadros de abertura do meu lindo, maravilhoso e *perfeito* vídeo começaram a passar sobre a muralha de ameias da Câmara dos Comuns. Havíamos sobreposto um *QR Code* no canto direito superior do quadro, e ele mudava a cada 10 segundos; cada código de barras 2D se traduzia em uma URL de um espelho diferente do vídeo, com o TheyWorkForYou embutido. O pequeno player de vídeo a pilhas ligado ao projetor estava programado para exibir o filme, esperar um intervalo aleatório entre 10 e 200 segundos e exibi-lo novamente.

A primeira vez que passou, estiquei o pescoço por cima do bíceps trêmulo de 26 para ver se conseguia enxergar a reação do público. Ouvi algumas vozes animadas, e talvez a mudança de timbre dos ruídos do tráfego, mas não conseguia ter certeza. O vídeo parou, e nós, com muito, muito cuidado, mudamos de lugar, tentando não deixar que o refletor se mexesse infimamente. Não era tão pesado a princípio, mas, depois de segurá-lo no lugar enquanto contava *um hipopótamo, dois hipopótamos* até 43, senti os braços começarem a tremer. Agora era minha vez de ser quase jogado na sopa por 26 enquanto ela ficava na ponta dos pés para dar uma boa olhada no público. Como aquela era a segunda exibição, esperávamos que muito mais pessoas notassem, e notaram; dava para ouvir de onde eu estava.

— Estão parando o tráfego — falou 26. — Um bando inteiro de turistas, ao que parece, de pé no meio da rua, onde conseguem ver melhor.

— Algum deles está olhando para cá?

— Alguns, mas tenho quase certeza de que o feixe de luz está acima das cabeças deles, do modo como está apontado; não verão a luz, a não ser que subam em algum lugar. Ah, espere, alguém está mexendo em uma das cortinas na janela mais alta. Merda!

E foi quando a segunda exibição acabou.

Trocamos de lugar de novo, ambos tremendo. Estávamos sentindo cheiro de fragrância de merda odorizada com perfumes florais havia dez

minutos seguidos agora, e entre a tontura, a agitação e a estranha acústica plástica no banheiro portátil estávamos nervosos como gatos. Acrescentando a isso a perspectiva da descoberta e da prisão iminentes, é um milagre que nenhum de nós tenha tido um enfarto.

— Quantas vezes vamos fazer isso? — perguntei. Não queria ser o primeiro a dizer, mas estava claro que 26 era muito mais forte do que eu.

Ela deu de ombros muito sutilmente, mantendo o refletor imóvel.

— Até que outra pessoa esteja posicionada, acho. Não podemos parar até lá.

A não ser que sejamos pegos. Não falei isso. Não precisava. Era o que ambos estávamos pensando.

O vídeo começou de novo. Agora, não precisava olhar pela janela para saber que estava atraindo uma multidão. Dava para ouvi-la. E também a voz distinta de autoridades, policiais, dizendo às pessoas para seguirem adiante, o estalar de rádios policiais. Sirenes distantes. Eu estava no meio da troca com 26 quando o celular vibrou. Ela o tirou de meu bolso e o derrubou, então ambos tentamos segurá-lo conforme o aparelho caía no estrogonofe de merda fedido abaixo. Consegui dar um tapa no celular e jogá-lo no chão. Vinte e seis pegou-o enquanto eu tentava realinhar o refletor. Era da ponte: 1. Eles estavam prontos. Consegui alinhar o refletor de novo assim que o vídeo acabou, e trocamos depressa para as roupas de turistas, enfiando o colete refletor e as roupas de reparadores nas sacolas e colocando os chapéus de laser matadores de câmeras. Saímos do banheiro de mãos dadas, as palmas tão suadas que praticamente pingavam. Assim que cruzamos a porta, um policial gorducho colocou as mãos nos nossos ombros.

— Um minuto, por favor — disse ele, com aquela voz grossa e rouca que fazia meu coração parar de bater. Quatro palavras educadas, mas poderiam muito bem ter sido "E agora vocês morrem".

Engoli em seco e falei com a voz mais grossa e nortista que consegui,

arregalando os olhos:

— Com licença, policial! Só estamos aqui para o fim de semana e dissemos a mamãe e papai que os encontraríamos no Parlamento para pegar o ônibus e, bem, estávamos um pouco apertados e este foi o único banheiro que encontramos... Sei que foi errado, mas era uma situação desesperadora.

Ele semicerrou os olhos, ficou pensativo e, então, microscopicamente, a mão sobre meu ombro se afrouxou.

— Importa-se se eu olhar seus braços, rapaz?

Entendi naquele momento, mas fingi que não. Ele achou que estávamos injetando drogas dentro do banheiro. Estendi os braços, satisfeito, assim como 26.

— Dessa forma? — perguntei, carregando ainda mais no sotaque do norte, de modo que eu parecia um comediante de Yorkshire em uma pantomima. Mas o policial não se abalou.

Depois de olhar rapidamente para meus braços, ele disse:

— O McDonald's é sempre um lugar melhor para usar o banheiro se estiver muito apertado. É perigoso entrar em um local de obras, nunca se sabe o que está à espreita. Sem falar que vocês poderiam ser presos por invasão. Não me deixem pegá-los fazendo isso de novo, está bem?

O policial estava quase sorrindo por debaixo do bigode e ajustou o colete à prova de balas, passando o indicador pelo colarinho suado. Era uma noite quente, o que dava uma boa camuflagem para nossas caras rosadas de culpa.

— Sim, senhor — falei. Vinte e seis assentiu vigorosamente.

— Vão agora, encontrem seus pais e fiquem longe de problemas.

Saímos andando tão casualmente quanto conseguimos, e 26 sussurrou para mim:

— Achei que ele nos levaria no momento em que seu chapéu disparou.

— Meu chapéu? — Toquei a aba. Não tinha prestado muita atenção a

ele.

— Não reparou?

— Reparei em quê, 26?

— Ele detonou as câmeras do capacete, do bolso do peitoral e do colarinho do policial. Zap, zap, zap, assim que ele nos agarrou. Se piscasse teria perdido.

— Eu devo ter piscado — respondi, conforme minhas pernas viravam gelatina sob meu corpo. Não sei o que era mais assustador: a perspectiva de ter sido gravado pelas câmeras do policial ou a ideia do que teria acontecido se o policial tivesse notado que eu estava atirando lasers nele.
— Vamos — falei.

Somente quando chegamos à esquina da Bridge Street ousamos olhar para trás. A multidão reunida já tinha começado a se dispersar, mas pudemos ver que eram centenas de pessoas. E, mais importante, quando liguei o celular e verifiquei os logs dos servidores de nossas páginas de hospedagem do vídeo, percebi que tivemos 15 mil visualizações nos últimos 10 minutos — conforme as pessoas pegavam o *QR Code* e mandavam para os amigos, e assim por diante —, e estavam aumentando.

Nesse momento, o celular da missão vibrou de novo. Era o terraço, também transmitindo 1. Imaginei o que deveria estar acontecendo com Rob na garagem.

E, pelo visto, ele tinha sido preso.

Depois de derrubar o refletor e parti-lo em cacos, Rob percebeu que não tinha muito o que fazer. Então passou para o plano Z: ligou para o celular de Aziz do próprio celular e contou o que tinha acontecido. Aziz tinha pegado alguns refletores sobressalentes do ferro-velho, apenas por precaução. Estava estacionado em uma rua escura atrás do Borough Market e levou 15 minutos para voltar ao estacionamento. Estava prestes a subir a rampa quando viu o policial de motocicleta virar e começar a

seguir na direção de Rob.

Aziz continuou dirigindo. Pensou em ligar para Rob, mas a última coisa que queria era que Rob estivesse falando com ele ao telefone quando fosse preso. Além disso, Rob não era acrobata e não correria mais do que uma motocicleta nem saltaria da garagem para um telhado distante, então Aziz se dirigiu para longe, estacionou a van, tamborilou os dedos e xingou em voz baixa por um bom tempo.

Enquanto isso, o policial de motocicleta encontrara Rob, de pé, estupidamente, na zona fechada no quinto andar do estacionamento, suando em bicas devido à culpa, aguardando, inutilmente, que Aziz aparecesse. Felizmente para Rob, ele não estava com nada mais suspeito do que a muda de roupas e o chapéu de laser, mas parecia tão suspeito e deslocado que foi preso. Aziz ouviu as sirenes de novo, conforme um carro de polícia subia as rampas da garagem e saía com um Rob algemado no banco de trás, tentando se lembrar se alguém que ele conhecia tinha um bom advogado conforme era levado para trás das grades.

E, por falar em suor de culpa: a equipe de projeção estava consideravelmente nesse estado, e por que não estaria? Dodger tinha sido persuadido a deixar toda a maconha no Diazero, para o caso de serem pegos. Não tinha por que entregar aos policiais um caso fácil de porte de drogas para a folha de acusações. Mas teria sido muito útil. Para Dodger, principalmente — apesar de toda a pose de valentão, ele confessou a Jem que jamais havia sido preso e tinha pavor de acabar trancafiado. Por mais que a confissão fosse emocionante, Jem tinha outras coisas com que se preocupar, como girar o projetor gigantesco para alinhá-lo com as marcas que tinham sido raspadas na viga do prédio em construção sinalizando cada um dos locais.

Ao que parecia, o timer de repetição aleatória no projetor era meio que uma tortura para os coitados dos rapazes. Eles alinhavam a abertura, apertavam “ir” e esperavam, ansiosos, que o vídeo começasse. A cada

intervalo, observavam os arredores em busca de indicadores apontados, helicópteros policiais ou carros de esquadrões se aproximando — enquanto também usavam binóculos para observar o local do refletor e ver se os policiais estavam se aproximando dele. Tanto a equipe do terraço quando a da ponte conseguiram prender os refletores no local e dar o fora, mas Jem e Dodger estavam preocupados, e com razão, pois, se ainda estivessem projetando quando os policiais chegassem, poderiam utilizar o feixe de luz para saber qual era a posição do projetor.

Os policiais levaram uma *eternidade* para alcançar o terraço. Primeiro, eles claramente não sabiam do truque furtivo da escada e passaram muito tempo vasculhando dentro do prédio até chegarem ao topo, 16 homens grandes, com equipamento completo para manifestações, correndo como soldados, perseguindo fantasmas. Aquilo deveria ter arrancado umas risadas da equipe do projetor, mas eles estavam alternando olhadelas pelos binóculos com a tarefa desafiadora de alinhar o projetor com a ponte. Depois de fazerem isso, perceberam que tinham pelo menos uma hora de espera até poderem sair — eram apenas 22h30, e tínhamos planejado fazer a última projeção, do próprio projetor, às 5 horas da manhã, logo antes de o sol nascer.

Considerando que havia notícias do estacionamento (todos seguimos o plano e não ligamos para Rob, embora tenhamos passado a noite inteira imaginando se estava sendo interrogado e se abriria a boca e nos entregaria), os dois presumiram que só teriam a ponte, e depois mais nada até às 5 horas. Então esperaram e, para matar o tempo, verificaram Westminster com os binóculos e pelo celular. Estava fervilhando de gente, um manto de policiais, repórteres e londrinos notívagos que saíram para ver o espetáculo.

Nos 78 minutos em que puderam exibir o vídeo do refletor do terraço, as visitas às nossas páginas de chegada totalizaram mais de um milhão, e o filme misterioso estava na primeira página do site da BBC e surgia na Sky,

no *Guardian*, no *Mail* e até no *Metro*, o jornal gratuito que entregavam no metrô. Ironicamente, todos os sites de notícias tinham copiado o vídeo para seus servidores e passado-o por um programa de proteção DRM, o qual colocava um aviso de direitos autorais severo. Estaríamos todos morrendo de rir, se não estivéssemos nos cagando de medo ao pensar em Rob e no que ele poderia ou não estar contando aos policiais.

Às 0h39 eles chegaram à ponte. Os pichadores estavam dando os retoques finais no mural, o qual era realmente uma obra de arte — que começava na lateral da escada e terminava entrelaçada ao arco da construção, uma cena selvagem de cores psicodélicas, com todo tipo de feras perigosas espiando por detrás das folhas. Quando o ponto de laser vermelho começou a oscilar vacilante sobre o mural, eles tiveram certeza de que era a polícia, mas então viram Cão direcionando solenemente Chester e o refletor. Cão olhava para o Parlamento pelos binóculos e gritava:

— Mais alto, mais baixo, direita, direita, um pouco para a esquerda, mais alto, pare.

Os garotos do grafite quiseram saber o que estava acontecendo. Cão e Chester os ignoraram solenemente. Então, *wham*, a tigela prateada que Chester segurava começou a brilhar com um holofote, e, do outro lado do rio, o vídeo passou de novo nas paredes do Parlamento. Chester e Cão ocuparam-se com as fitas adesivas e os pedaços de madeira e pedra que haviam juntado, xingando conforme mexiam o refletor ao mesmo tempo em que tentavam fixá-lo ao lugar.

Agora os rapazes do grafite pareceram entender o que estava acontecendo e correram por todos os lados do lugar, juntando pedaços de lixo que poderiam ajudar a fixar o refletor, amontoando-se ao redor para dar sugestões "úteis" em tons de voz espantados. Com a ajuda do grupo — ou talvez apesar dela —, Cão e Chester prenderam o refletor antes do primeiro intervalo.

— E agora? — perguntou um dos pichadores, de 16 anos, cabelo verde, máscara no rosto, um macacão branco descartável manchado de tinta.

— Agora a gente dá o fora — respondeu Chester. — E vocês jamais nos viram, certo?

O pintor levou o indicador à lateral do nariz e gritou:

— Sumam, amigos! — E os garotos do grafite sumiram na noite.

— Certo — falou Chester. — Vamos nos juntar à multidão, então?

Eles trocaram para as roupas de turistas e foram embora, as axilas e as palmas das mãos molhadas, os corações acelerados e tudo o mais.

De acordo com o plano, deveríamos todos voltar ao Diazero quando acabássemos a nossa parte, mas Rob jamais deu notícias, então, até onde sabíamos, o Diazero podia estar lotado de homens de azul. Além disso — para dizer a verdade —, não conseguíamos, nenhum de nós, suportar a ideia de perder o espetáculo. Então, como cães retornando ao vômito, os criminosos idiotas voltaram à cena do crime. Quando Hester e Lenny apareceram do nosso lado com sorrisos envergonhados, soubemos que não éramos os únicos sem a disciplina de guerrilhas urbanas paramilitares pesadas. Aquela era nossa maior estreia, e queríamos estar lá. Por sorte, havia uma multidão gigantesca na qual nos perder. A Westminster Bridge estava entupida de espectadores boquiabertos, encarando o vídeo que se reprisava na lateral do Parlamento, erguendo os celulares para filmar ou pegar o *QR Code* e visitar o site.

— Como vocês foram, hein? — perguntou Hester, os olhos brilhando.

— Acho que nos saímos bem — respondi.

— Brilhantemente — confirmou 26. — E vocês?

Hester exibiu uma expressão de desdém absoluto.

— Nada de muito inquietante — falou ela. — Uma corridinha, no entanto, não é? — Ela indicou Lenny. — Esse daí podia conseguir uma medalha de ouro para a Grã-Bretanha nos 800 metros rasos. Um bom

velocista. Quase me deixou para trás.

Lenny fingiu não ouvir e prestou atenção ao celular.

— Onze milhões — disse ele.

— Nossa — exclamou Hester.

— Uau também — concordou 26. *Onze milhões* de acessos! Não eram nem 6 horas ainda! Quem diria que tantas pessoas estariam *acordadas* a esta hora!

Ficamos em silêncio conforme outra exibição do vídeo terminava, e a multidão se agitava ao redor do tráfego parado. Havia policiais em algum lugar próximo, assoprando apitos e dizendo às pessoas para circularem. Ninguém parecia ouvir ou se importar. As pessoas tinham fotografado o *QR Code* e chegado ao site e estavam lendo o resumo da história da RIP-RPI umas para as outras. Um carro oficial abriu caminho com dificuldade pela multidão. Alguém começou a entoar "Não é justo!" para ele, e a multidão se juntou. A atmosfera era como a de um parque de diversões, não havia irritação, mas não tinha como confundir o sentimento da multidão na questão da votação da manhã.

O carro usou a buzina para abrir caminho por uma floresta de braços que seguravam celulares; metade deles tirava fotos das janelas escurecidas e do motorista de expressão sombria; a outra metade estava mostrando o vídeo para quem quer que fosse o sujeito azarado no banco traseiro.

Conforme o carro virou na praça do Parlamento, a multidão gritou, e outra sessão do vídeo começou. O tráfego estava se intensificando na ponte, mas havia gente demais para caber na calçada ou sequer na pista mais próxima do vídeo — as duas vias no sentido leste estavam paradas, e as buzinas começaram a soar. Do outro lado do rio, dava para ver flashes das luzes de carros de polícia e ouvir o ruído das sirenes conforme eles procuravam o agora abandonado projetor.

— Então — falei, olhando para o celular da missão, o qual mostrava o "1" que a equipe do projetor havia enviado quando evacuou o lugar. —

Nada de Rob, hein?

Todos olharam para os sapatos.

— Preso — disse Hester. — Deve ter sido.

Nesse momento, Chester e Cão Raivoso nos alcançaram. Foram só abraços e tapinhas nas costas por todo lado enquanto o vídeo passava de novo, e não, eles também não sabiam nada de Rob.

Levou mais 45 minutos para que Jem e Dodger conseguissem chegar. O hálito e o rosto deles cheiravam a ovos e cogumelos fritos. Quando Jem foi me abraçar, falei:

— Seu desgraçado, você parou para tomar café!

Ele gargalhou, enfiou a mão na sacola e surgiu com uma embalagem de papel de sanduíches de bacon que pingavam gordura e foram distribuídos.

— Há uma lanchonete para os pedreiros fantástica do outro lado da rua de lá — disse ele.

— Você é o freguês mais legal de toda a cidade — falei.

— Você também não é tão ruim, filho — disse Jem e me deu um mata-leão amigável que me fez engasgar com o sanduíche de bacon. Terminei de engasgar bem no momento em que o vídeo foi cortado, no meio de uma cena. A multidão resmungou, e as pessoas começaram a se perguntar quando começaria de novo. Uma grande parte delas aparentemente acreditava que não passaria, e nos aproveitamos do êxodo geral para sair e encontrar um ônibus de volta para o Diazero.

Formávamos um grupo estranho, com os olhos brilhantes e os corpos trêmulos, a vestimenta turística e os chapéus. Mas Londres estava cheia de grupos estranhos como o nosso, e essa era a intenção, não era? Acho que ninguém olhou duas vezes para nós durante todo o caminho para casa.

— Nada de Rob, então? — perguntei, pela quinquagésima vez quando cruzamos a porta e nos jogamos em sofás, cadeiras, almofadas e tapetes. Jem atirou as calças de pedreiro amassadas na minha cabeça.

— Vou fazer chá — disse ele e foi para a cozinha antes que eu pudesse

retaliar.

Ficamos acordados apertando “atualizar” e ouvindo transmissões da Radio 4 pelo máximo de tempo que conseguimos. O contador de visualizações do vídeo tornou-se gradualmente frenético — às 9h30 chegara a 80 milhões, o que era mais do que a população da Grã-Bretanha, o que significava que ou as pessoas estavam assistindo mais de uma vez ou tínhamos estrangeiros conectados ou nossos contadores não eram confiáveis. Não importava, porque a) o número ainda subia vertiginosamente; e b) era um número *absurdamente* alto.

O que queríamos fazer de verdade era ouvir o que estava acontecendo no Parlamento, mas, exceto por alguns tuítes animadores de parlamentares a caminho do trabalho, era um mistério. Nenhum de nós tinha pensado em reservar assentos na galeria do Parlamento, e já havia quatro ônibus de viagem cheios de pessoas de outras cidades fazendo fila para se sentar quando fomos embora. Não ousamos ligar para Letitia, pois decidimos que não admitiríamos descaradamente para ela que tínhamos sido nós. E não ousamos ligar para Rob para o caso de algum sargento de dedos gordos estar de posse do celular dele no bolso das calças, esperando para atender e saber quem estava ligando para aquele cavalheiro que estava na cela deles.

O sono exigiu que passássemos um tempo com ele. Nem mesmo chegamos aos andares de cima. O grupo inteiro — até mesmo Aziz, que encostara a van pouco depois de chegarmos — acabou dormindo na sala de estar/salão do pub, as cortinas fechadas contra o dia ofuscante de primavera do lado de fora. O que nos acordou, é claro, foi Rob esmurrando a porta. Ele entrou com a bicicleta, parecendo espantosamente descansado e presunçoso para um homem que passara a noite sob custódia policial.

Depois de terminarmos de lhe dar tapas nas costas e abraços, e de

alguém ter posto uma xícara de chá nas mãos dele, Rob se sentou no sofá, cruzou os calcanhares à frente do corpo e falou:

— Vou dizer uma coisa: posso ser um verdadeiro desastrado quando se trata dos velhos refletores, mas sou a perfeição quando se trata de me fazer de burro para a polícia. Assim que fui preso, comecei a falar coisas do tipo qual era o problema, estava só tentando subir para dar uma olhada nas luzes sobre o Tâmisa, pois queria talvez fazer uma sessão de fotos lá algum dia. Usei uma linguagem bem esnobe, falando toda a baboseira de que me lembrava do ano que passei na escola de artes, e assim por diante. Eles tiraram meu DNA e clonaram meu SIM, presumo que todos tenham tido o bom-senso de descartar os seus? E se esqueceram de mim pelas oito horas seguintes. Então dormi como um bebê, certo? Meu advogado chegou e me tirou de lá às 9 horas em ponto, fui para casa tomar banho e trocar de roupa, algo que, sinceramente, vocês deveriam considerar fazer, sem ofensa. Parece que terei de pagar uma multa exorbitante de 50 libras, embora meu advogado tenha dito que está certo de que consegue anulá-la caso eu esteja disposto a pagar dez vezes o valor da multa para que ele defenda a causa. — Rob gargalhou como se fosse a coisa mais engraçada do mundo, e ele estava quase certo, àquela altura.

Eis como descobrimos que havíamos vencido: uma repórter do *Guardian* ligou para meu celular para perguntar como eu me sentia a respeito do resultado surpreendente da votação.

— Qual foi? — perguntei.

Ela gargalhou e disse que presumira que alguém teria me contado, é claro:

— Apenas 46 parlamentares se deram ao trabalho de aparecer, mas 24 desses votaram a favor da RIP-RPI, o que a torna a lei do país!

— Apenas 46 apareceram para trabalhar? — perguntei, e todos no pub olharam para mim. Cobri a entrada de voz do celular. — Vencemos —

disse eu, as pontas dos dedos e das orelhas formigando. O urro de meus amigos foi ensurdecedor; Jem atirou na lareira apagada o prato que segurava.

— Opa! — gritou ele quando o prato quebrou.

Quando consegui ouvir o telefone de novo, a moça do *Guardian* estava gargalhando como histérica.

— Sim, parece que a maioria dos parlamentares ouviu falar dos vídeos desta manhã... Você *sabe* sobre eles?

— Ouvi falar — respondi. Estava claro pelo modo como ela perguntou que estava certa de que eu estava por trás deles, mas eu não admitiria nada.

— Certo, tenho certeza de que ouviu. Enfim, ouviram falar do negócio dos vídeos e *então* ouviram seus eleitores, dizendo a eles que era melhor que não votassem contra a RIP-RPI. Mas, é claro, os *whips* tinham exigido que votassem. Por isso, a maioria deles resolveu o problema avisando que estava doente e ficando em casa. Praticamente não tinham quórum quando a pergunta foi feita, e a oradora atrasou a votação o máximo que pôde, acho que para que mais parlamentares chegassem, mas, com o total de 46, havia quórum para votação, então sua Letitia Clarke-Gifford fez a pergunta; e, ah, ela ouviu umas baixarias do líder do partido. Mas, quando chegou a hora de votar, 24 parlamentares aprovaram a RIP-RPI: oito do partido governante, dez da oposição e os seis independentes. E, agora, você conseguiu a lei pela qual vinha fazendo campanha. Então, agora que está atualizado, posso lhe fazer algumas perguntas?

Não tenho ideia do que contei a ela, mas pelo visto foi coerente o bastante para que ela montasse uns dois parágrafos de citações minhas que não fizeram parecer que eu estava me gabando da surra violenta que acabara de dar nos terríveis dinossauros do conteúdo, e foi exatamente isso que passei o resto da tarde fazendo.

Epílogo

Pode me processar/Obgd

O júri deliberou apenas por 45 minutos. Não fiquei surpreso — o caso dos dinossauros era sólido. Afinal de contas, eu era culpado. Tudo que pude dizer em minha defesa foi que pensei que era arte de verdade, e que Seth teria aprovado. Katarina até testemunhou e disse isso. Mas é claro que nem Seth nem os descendentes dele tinham o direito de aprovar meus filminhos, então eu era culpado.

O júri foi bondoso, no entanto: eles reduziram os danos a meros 8,5 milhões. O tribunal inteiro riu quando isso foi anunciado, e precisei esconder um sorriso. Roshan pareceu furioso e me deu um tapinha no ombro, mas o advogado dos dinossauros ficou ainda mais irritado quando as risadas se tornaram rompantes de gargalhadas. Gregory sussurrou algo a respeito de procedimentos de falência para mim, e eu apenas dei de ombros. É claro que eu iria à falência. Os dinossauros tinham gastado centenas de milhares de libras processando meu escalpo, e eu não gastara nada e agora declararia falência e ninguém me emprestaria dinheiro para uma hipoteca, o que ninguém faria de qualquer forma.

Além disso, tínhamos ganhado a batalha de verdade.

Era por isso que a multidão estava rindo. Todo mundo — o juiz, o júri,

os querelantes e seus *barristers* caros — sabia que a batalha de verdade tinha sido decidida duas semanas antes, no Parlamento, e não durante o julgamento longo, exaustivo e estupidamente entediante de direitos autorais. Tenho certeza de que algum lobista inteligente tinha decidido, lá atrás, que seria incrivelmente eficiente: primeiro, derrotariam a RIP-RPI; depois, conseguiriam um julgamento contra mim por milhões, então acrescentariam acusações criminais ao caldo e me colocariam na cadeia, e todos os horríveis piratas do país tremeriam aterrorizados diante do destino horrível que aguardava qualquer um que cruzasse o caminho dos poderosos Barões do Conteúdo.

Mas a RIP-RPI era lei, não haveria processo criminal, e a eleição aconteceria em três semanas, e sequer um parlamentar "degenerado" tinha sido expulso de seu partido. Letitia já havia prometido mais uma lei individual, caso fosse reeleita, que legalizaria a mixagem de vídeos. Ela me contou que metade dos poderosos do partido queria demiti-la e a outra metade queria que ela fosse a próxima primeira-ministra. De qualquer forma, os eleitores apareceram em hordas nas suas audiências para dizer como estavam felizes com a representante.

Acho que trabalharei na eleição. Aqui em Bow, nossa representante no Parlamento estava entre os que tiraram o dia de folga, o que é melhor do que ter votado contra nós. Talvez eu faça campanha a favor dela. Ou talvez vá para Bradford e ajude Cora a fazer campanha pelo pobre desgraçado cujo gabinete ela vem assombrando desde que saí de Londres.

— Você vai à noite de cinema de Hester? — perguntei a 26. Eu estava mandando mensagens de texto para ela o dia inteiro, mas não recebia resposta, então finalmente enchi o saco e liguei. Sabia que estava trabalhando na livraria, mas eu precisava saber para planejar as coisas com Chester e Cão, os quais tinham um filme cada na exibição que Hester recebera permissão de organizar em um centro comunitário em Brixton, onde ela morava.

— Não — disse 26, tensa.

— Você está bem?

Ela cobriu a entrada de voz, e ouvi-a ter uma conversa abafada com alguém.

— Só um segundo — falou 26, e ouvi quando ela foi para os fundos da loja e subiu as escadas que davam no estoque minúsculo e no banheiro. — Cecil — disse ela.

Dava para perceber pelo tom de voz que aquilo seria difícil. Tive aquela sensação de formigamento de novo, mas daquela vez não havia nada agradável relacionado a ela.

— Vinte e seis?

— Decidi para qual universidade vou — disse ela com a voz baixinha.

— Ah — respondi.

— A questão é que tive uma conversa com meu pai, o biológico, e ele me disse um monte de coisas que nunca tinha dito antes, sobre como se sentia terrível por ter me abandonado e como não me conhecer era o pior arrependimento da vida dele e...

Dava para ouvir que estava chorando. Desejei poder estar lá para abraçá-la.

Vinte e seis fungou.

— Desculpa. Desculpa. Está bem, certo, a questão é que acho que jamais superei a partida dele, jamais superei a sensação de rejeição. Quero dizer, tipo, eu *achei* que tivesse, mas, quando falei com ele...

— Então você vai para Glasgow?

— Não — falou 26. — Isso seria perto *demais*. Mas Edimburgo tem uma faculdade de direito incrível. E eu tinha mandado uma ficha de candidatura para eles, apenas como um tipo de plano B, e, bem, eles me aceitaram e...

— A Escócia não é tão longe assim — falei.

Ela emitiu um ruído de engasgo.

— É longe, Cec. Conheço um monte de garotas que se formaram no ano passado e foram estudar em lugares próximos, Reading ou Oxford, e nenhuma delas ficou com o namorado. Foi um desastre para todas elas.

— Nós somos diferentes...

— Todos acham que *eles* são diferentes.

— Mas você e eu, todas as coisas que fizemos, elas *são* diferentes... Alguma de suas amigas aprovou uma porcaria de lei antes de se mudar para a porra de Reading?

Vinte e seis riu baixinho.

— Eu sei, eu sei. Mas, Cecil, preciso fazer isso, você entende? Papai me ligou quando soube da RIP-RPI, me contou como estava orgulhoso de mim e contou todas essas coisas que eu esperei tanto tempo para ouvir e...

Vinte e seis não disse mais nada. Por dentro, eu queria gritar: *Ele* abandonou *você! Ele é* policial*! Faz* frio *na Escócia!* E também queria chorar: *Não me abandone*. Mas não disse nada disso.

— É claro que entendo — falei. — Claro que sim. — Engoli em seco algumas vezes. — Você vai à festa de Hester, então?

— Vá sem mim — respondeu 26. — Preciso contar isso a meus pais.

— Vejo você em breve, então?

— Claro — respondeu ela.

Mas não nos vimos. Algo aconteceu — crescer, vencer, o pai dela — qualquer coisa, e para mim foi o verão do coração partido. Havia muito trabalho a fazer, muita coisa para nos manter ocupados, mas não fiz outro filme até que o inverno finalmente chegou, e o sol começou a se pôr às 16 horas, e a chuva caía como mijo nos nossos pescoços sempre que saíamos de casa.

E, então, eu *fiz* um filme. E outro. E outro.

E, agora, preciso ir fazer outro.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela
Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Cinema Pirata

Página sobre o livro no Skoob:
http://www.skoob.com.br/livro/280263-cinema_pirata

Entrevista com o autor na Revista Galileu:
http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/1,,EMI329034-17770,00.html

Página sobre o livro no Goodreaders:
http://www.goodreads.com/book/show/13539171-pirate-cinema

Matéria sobre o livro na Infoescola:
http://www.infoescola.com/livros/cinema-pirata/

Resenha do livro:
http://www.vortexcultural.com.br/literatura/lancamento-do-livro-cinema-pirata-que-aborda-polemicas-sobre-o-download-ilegal/

Artigo sobre o autor na Wikipedia:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Cory_Doctorow

Perfil do autor no Twitter:
https://twitter.com/doctorow

Artigos sobre o autor no The Guardian:
http://www.guardian.co.uk/profile/corydoctorow

Súmário

Capa
Outras obras
Rosto
Créditos
Agradecimentos
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Colofon
Saiba mais